



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Altaci Corrêa Rubim

**O REORDENAMENTO POLÍTICO E CULTURAL DO POVO KOKAMA:
a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru**

Brasília - DF
2016

ALTACI CORRÊA RUBIM

O REORDENAMENTO POLÍTICO E CULTURAL DO POVO KOKAMA:

a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Política Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Enilde Faulstich

Brasília - DF
2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R896r Rubim, Altaci Corrêa
O reordenamento político e cultural do povo
Kokama: a reconquista da língua e do território além
das fronteiras entre o Brasil e o Peru / Altaci
Corrêa Rubim; orientador Enilde Leite de Jesus
Faulstich. -- Brasília, 2016.
324 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Política Linguística. 2. Língua Kokama. 3.
Vitalização. 4. Materiais Didáticos Pedagógicos
Kokama. 5. Estratégias de Vitalização da Língua Kokama
. I. Faulstich, Enilde Leite de Jesus, orient. II.
Título.

ALTACI CORRÊA RUBIM

O REORDENAMENTO POLÍTICO E CULTURAL DO POVO KOKAMA:

a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Enilde Faulstich - Orientadora -Presidente – (LIP/IL/UnB)

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida – Membro Externo – (PPGSCA-UFAM)

Prof^a. Dr^a. Rosa Vallejos Yopán – Membro Externo (UNM)

Prof^a. Dr^a. Flávia de Castro Alves – Membro Interno (LIP/IL/UnB)

Prof^a. Dr^a. Walkíria Neiva Praça – Membro Interno (LIP/IL/UnB)

Prof. Dr. Thiago Costa Chacon – Membro Interno (LIP/IL/UnB)

A Deus pela saúde, força e determinação.

Ao meu povo Kokama em nome dos Patriarcas Antonio Samias, Francisco G. Samias (*in memorian*), cuja última missão foi apoiar nosso trabalho na vitalização da língua Kokama juntamente com o atual patriarca Edney da Cunha Samias.

Aos meus pais Glorinha Corrêa da Silva e Francisco Pinto Rubim (*in memorian*), pois inspirada na luta, no amor, na força, no carinho, na integridade, na fé, que deles recebi, cheguei até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me restaurado a saúde na caminhada do doutorado e estar sempre comigo.

À minha orientadora, Professora Dr^a. Enilde Faulstich, que me acolheu e me incentivou no processo de autonomia de minha aprendizagem, fortalecendo a pesquisa na linha da política linguística e na construção de materiais didáticos para uma língua em vitalização.

Ao PNCSA, em nome do Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida pelo apoio em todos os momentos desta caminhada e pelo grandioso trabalho realizado com os povos tradicionais.

À FAPEAM por acreditar e incentivar a qualificação dos profissionais do Amazonas no âmbito de pesquisas que contribuem para as causas amazônicas.

À SEMED Manaus, por incentivar a qualificação dos profissionais de educação, por meio do Programa Qualifica.

Ao Prof. Dr. Aryon D. Rodrigues *in memoriam* pelo tempo que estive no LALLI e por todo o conhecimento adquirido em suas aulas.

À Prof^a. Dr^a. Ana Helena Rossi por todo incentivo de continuar esta caminhada e por sua importante contribuição na reflexão da elaboração da coletânea *Yawati Tinin*.

À Prof^a. Dr^a. Rosa Vallejos Yopán pela sensibilidade de apoiar o processo de vitalização Kokama no Brasil e pela correção dos materiais didáticos Kokama.

Ao FORMABIAP por me oportunizar o encontro com professores e discentes Kukama-Kukamiria do Peru.

Ao meu povo Kokama por estarmos juntos nessa caminhada de luta, de fortalecimento, conquistas e reconquistas.

À minha amada família Talita, Glorinha, Jacinta, Orígenes, João, Auxiliadora, Domingos Sávio, Jorgina, Caio Lucas, Francisca pelo carinho, oração e força que me fizeram forte nesse processo de formação.

Aos meus amigos Glademir Sales dos Santos, Marjorie Yamada, Vanessa Porto, Romy Guimarães Cabral, Claudina Azevedo Maximiano, Célia Rossi, Sisi Alves de Almeida e outros pela amizade e por compartilhar os momentos de alegria e de dificuldade dessa caminhada.

E a todos que direta e indiretamente contribuíram para o êxito deste trabalho.

“Los que confían en el Señor renovarán sus fuerzas, volarán como las águilas; correrán y no se fatigarán, caminarán y no se cansarán”. (Isaías, 40:31).

“Os que confiam no Senhor renovarão suas forças, voarão com asas como águias; correrão e não se cansarão, caminharão e não se fatigarão”. (Isaías 40: 31).

RESUMO

O conteúdo desta tese se insere na linha de pesquisa de Política Linguística, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), da Universidade de Brasília (UnB). O objeto de estudo é a língua Kokama. A meta da pesquisa é apresentar o reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru. O campo empírico é o povo Kokama além das fronteiras. Nesse reordenamento, os agentes sociais se reorganizam formando um movimento coletivo em prol da reafirmação da identidade, da reconquista, do território e da vitalização da língua. Nesse sentido, o principal objetivo foi analisar os diferentes processos de territorialização da língua Kokama na Amazônia e seus efeitos sobre as formas organizativas consolidadas, primordialmente sobre a língua, a partir de mobilizações étnicas do seu povo. A pesquisa de campo foi realizada em três etapas, nos períodos de 2013, 2014 e 2015 na Amazônia brasileira e peruana. A metodologia seguida considerou princípios de etnografia, segundo Almeida (2014), que retrata o mapeamento situacional, em vista de uma nova cartografia, que rompe com as formas de mapear os territórios realizados pela geografia; também Calvet (2007), Morello (2015) e Oliveira (2015) que assentam seus pensamentos na Política Linguística. Hinton (2007) nos direciona para o método de revitalização de línguas em perigo de extinção, pelo método denominado Mestre-Aprendiz e o de Vallejos Yopán e Yuyarima Chota (2002) nos forneceu ricas informações sobre a elaboração de materiais elaborados pelo Formabiap que focam a metodologia de ensino da língua Kokama como L2. Nessa perspectiva, essas metodologias nortearam a elaboração dos materiais didáticos da língua Kokama que consta nesta Tese bem como as decisões políticas tomadas. O resultado foi a criação da coletânea composta de três volumes, denominada de “Yawati Tinin”, de oito histórias em quadrinhos e dois livros paradidáticos. Além da proposta metodológica para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama, desenvolvemos um aplicativo para celular android denominado “Kokama Tradutor”. Os materiais produzidos nesta pesquisa preenchem parte da lacuna de uma política linguística voltada para uma língua em vitalização e ainda contribuem para incentivar outros povos a uma tomada de decisão em ter suas línguas de volta ao cotidiano, assim como chamar a atenção à falta de Políticas Linguísticas para línguas em perigo de extinção.

Palavras-chave: Política Linguística. Língua Kokama. Vitalização. Materiais Didáticos Pedagógicos Kokama. Estratégias de Vitalização da Língua Kokama.

IKUAKIRATUPA

Ajanka ikuatupakira Wikan Kumitsa Kokama, ajanka Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) Ikuu Uka Brasiliakuara. Aipuka Kumitsa mama katupe. Ajanka Kuatiaran Ikuatupa Kokama: Mutsapirika kuatiaran ya chira Yawati Tinin wepe, Yawati Tinin mukuika eay Yawati Tinin mutsapirika. Ajanka tsa kuatiaraka iminan imintsaranua, putsa kuatiaran imintsaraka: Karuara-ajan kakiri unikuara ya chirara Karuara unikuara kakiri tima ya umanu yapetsui ya uri tsa kakiri enemuki tuyukakuara yapetsui utsu unikuara yara kakiri yeai utsu; Kutipa-ajan tima ya kutipa era ya tsukuara tserakuara tima ya ikua ajan tima ya era tima yeai aikua tsukuara erakari tima ya aikua tsukuara; itsiwatsu yawatimuki-wepe itsiwatsu purara yawatiui, yaepe tana imintsaraka yapetsui itsiwatsu kumitsai: ima yawati, yapai tsanikaka. Yapai yapana, ta enemuki; Kururu waina-wepe kuarachi wepe waina yawachima uka awa kamatataraminu wepe uka awanu kamatataraminu; Puka waina-wepe kuarachi wepe waina yawachima wepe ritamakuara; Yawati Tinin-wepe kuarachi wepe waina tipiri ya ukakuara tima ya umi wepe yawati ya yuti (mukuika) iwirakuara; Kunumi umari eay yatsikira- tsa chikari kanatamuki penu ajanka kuara tsa umitsen, tsa umitsen animareminu tsaminu tsura ajan tsa chikari animareminu era penu ipurkaratsen. Amua mukuika kuatiaran ya chirara Ta/Etse Kumitsa Kokama eay wepe Kumitsatata kuatiaraka kumitsa Kokama. Aipuka penu ritama Kokama katupe, aipuka penu kumitsa Kokama kakiri. Aipuka yapai utsu wata yumitawarakanamuki yapai yumi ajan awakana eretse yapai ini mainani ini tuyuka. Ajan ini iwirati ini ipatsu, ini penu mata etse kakiritsen. Ya ini mainani ini tuyuka. Ini tuyuka awirana aruka umanuta. Ini ipatsu ini timata ini unikuara. Ini iwiramini, animareminu. Ajan awanu uri umanutatara ini tuyukakuara, ini mama, ini animareminu, nimare emete uparumanuta, ini animare upi ya tseta tuyuka.

Kokama Kumitsa: Wikan Kumitsa Kokama. Kumitsa Kokama. Aipuka penu kumitsa Kokama kakiri. Kuatiaran Ikuatupa Kokama. Amua ini ikua kuatiaraka kukamapu.

ABSTRACT

The content of this thesis is included in the Language Policy research line, developed in the Lexical and Terminological Studies Center (Lexterm Center), from the University of Brasilia (UnB). The object of study is the Kokama language. The goal of the research is to present the political and cultural reordering of Kokama people: the reconquest of the language and the territory beyond the borders between Brazil and Peru. The empirical field is Kokama people across borders. In this reordering, social actors organize themselves to form a collective movement for reaffirmation of identity, reconquest of the territory and vitalization of the language. In this sense, the main objective was to analyze the different processes of territorialization of Kokama language in the Amazon and its effects on the consolidated organizational forms primarily on the language, from ethnic mobilization of its people. The field research was carried out in three stages, in the periods 2013, 2014 and 2015 in the Brazilian and Peruvian Amazon. The methodology considered principles of ethnography, according to Almeida (2014), who depicts the situational mapping, in view of a new cartography, which breaks with the ways of mapping the territories held by geography; also Calvet (2007), Morello (2015) and Oliveira (2015) who based his thoughts on Language Policy. Hinton (2007) directs us to the language revitalization endangered method, by the method called Master-Apprentice; and that one by Vallejos Yopán and Yuyarimam Chota (2002) provided us with rich information about the preparation of materials prepared by Formabiap that focus on teaching methodology of Kokama language as a second Language (L2). From this perspective, these methodologies guided the preparation of teaching materials of Kokama language contained in this thesis and the political decisions taken. The result was the creation of the collection with three volumes, called "Yawati Tinín", with eight comic books and two paradidactic books. In addition to the methodological approach to Kokama language teaching and learning, we have developed an android mobile application called "Kokama translator". The materials produced in this research fill part of the gap of a language policy focused on a language in vitalization and also helps to encourage other people to a decision-making to have their languages back to daily life, as well as draw attention to the lack of Language Policy for languages in danger of extinction

Keywords: Language Policy. Kokama Language. Vitalization. Kokama Didactic and Pedagogical Materials. Kokama Language Vitalization strategies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa Povo Kokama - Brasil, Peru e Colômbia	28
Figura 2 – Mapa de localização geográfica do povo kukama-kukamiria na Amazônia Peruana, Brasileira e Colombiana	29
Figura 3 – Mapa de localização das comunidades Kukama-Kukamiria	42
Figura 4 – Apresentação do Projeto de elaboração dos materiais didáticos à comunidade e foto oficial da comunidade.....	50
Figura 5 – Lideranças da comunidade	51
Figura 6 – Portão da entrada da comunidade Nova Esperança Kokama.....	51
Figura 7 – Subida da comunidade e roça.....	51
Figura 8 – Escola Atawanã Kuarachi Kokama em terras particulares	54
Figura 9 – Escola Atawanã Kuarachi Kokama em 2013.....	55
Figura 10 – Aulas na Escola Atawanã Kuarachi Kokama.....	56
Figura 11 – Alunos Kokama em ensaio de dramatização na língua Kokama	56
Figura 12 – Comunidade na Escola Kokama	57
Figura 13 – Palestra no barracão da comunidade sobre câncer pelas enfermeiras do Cecon...	58
Figura 14 – Horta.....	58
Figura 15 – Comida típica Kokama.....	59
Figura 16 – Banana assada e pupeka de peixe.	59
Figura 17 – Sarapateu e takati	60
Figura 18 – Banana comprida: base da alimentação Kokama.....	60
Figura 19 – Arapata, biscoito, beju de lenço e cará.....	60
Figura 20 – Oficinas da língua	61
Figura 21 – Aldeia Nossa Senhora de Fátima Lago do Catuá, Tefé-AM.....	62
Figura 22 – Crianças Kokama dramatizando a história antiga do jovem Garça durante oficina na língua Kokama.....	62
Figura 23 – Oficina da Língua Kokama	63
Figura 24 – Cultura.....	63
Figura 25 – Casa Cultural Iwuratsu Nuan	65
Figura 26 – Oficina da Língua Kokama na escola Maria Pinto Pereira	66
Figura 27 – I Oficina Pedagógica em Tabatinga para os Professores Kokama de SAI	67
Figura 28 – Comunidade Monte Santo, São Paulo de Olivença-AM.....	68
Figura 29 – Professor Prudêncio e seus alunos de ensino de língua Kokama.....	69

Figura 30 – I Oficina Pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama	71
Figura 31 – I Oficina Pedagógica para o Ensino e aprendizagem da língua Kokama, no IFAM	71
Figura 32 – Família Kokama caracterizado com roupas tradicionais participando da oficina.	72
Figura 33 – Momento histórico do povo Kokama: a Kokação do atual patriarca.....	73
Figura 34 – Novo patriarca Kokama	74
Figura 35 – Participantes da I Oficina Pedagógica Para o Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama.....	75
Figura 36 – Mapa de línguas cooficiais no Brasil	87
Figura 37 – Mapa em forma de croqui da Associação dos índios Kokama residentes em Manaus - AKIM	97
Figura 38 – Mapa situacional Kokama da comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho	98
Figura 39 – Mapa situacional povos Kokama e Ticuna Benjamin Constant.....	99
Figura 40 – Comunidades Kokama de São Paulo de Olivença	100
Figura 41 – Oficinas na comunidade	103
Figura 42 – Lideranças Kokama da Comunidade com o livro da coletânea Yawati Tinin....	105
Figura 43 – Produtos Kokama	105
Figura 44 – Camisas e canecas Kokama	106
Figura 45 – Erapakatupa: Horta Comunitária	107
Figura 46 – Colheita de cará.....	111
Figura 47 – Tipos de zagaias Kokama rabo de arraia e outras.....	111
Figura 48 – Pescando com zagaia.....	112
Figura 49 – Pescaria com malhadeira/tarrafa	113
Figura 50 – Professor concertando a tarrafa de pescar peixe	113
Figura 51 – Tipos de tessume	114
Figura 52 – Grafismo de proteção da mulher	115
Figura 53 – Grafismos na roupa do patriarca	116
Figura 54 – Cerâmica e grafismo nas roupas	117
Figura 55 – Poster expresso no Facebook	117
Figura 56 – Patriarcas Kokama	118
Figura 57 – Logo da Federação Kokama	119
Figura 58 – Grafismo Kokama	120

Figura 59 - Mp4 como instrumento de ensino e aprendizagem da língua Kokama com crianças e jovens.....	138
Figura 60 – Boca de Ferro da comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-AM.....	139
Figura 61 – Dança Kokama na comunidade Nova Esperança.....	139
Figura 62 – Dança Kokama na comunidade Nova Esperança.....	140
Figura 63 – Placa na entrada da comunidade Nova Esperança	140
Figura 64 – Placa de bem-vindo da comunidade.....	141
Figura 65 – Nomes dos caminhos da comunidade: <i>Mutsana pe</i> ‘caminhos dos Remédios’; <i>Aturachama pe</i> ‘caminho da Envira’	141
Figura 66 – Placa da horta da comunidade <i>Erapakatupa</i> (Lugar Bonito).....	142
Figura 67 – Barracão da comunidade Ritama Uka Nuan	144
Figura 68 – Personagens da dramatização dahistória antiga da Lua e do Surgimento do homem Kokama.....	145
Figura 69 – Personagens da dramatização da história antiga da Lua	145
Figura 70 – Dramatização da história antiga da Lua.	146
Figura 71 – Personagens da história antiga do jovem Garça.....	147
Figura 72 – Personagens da história antiga de homens Kokama negro, branco e pardo e a comunidade.....	148
Figura 73 – Desenhos da bandeira da escola Atawanã Kuarachi Kokama	150
Figura 74 – Venda de produtos Kokama por membros da comunidade no evento da Semana dos Povos Indígenas	150
Figura 75 – Desenho do equipamento feminino de futebol Kokama.....	151
Figura 76 – Desenho do equipamento masculino de futebol Kokama	151
Figura 77 – Entrega da camisa de futebol Kokama ao cacique Hilário Pinto da Terra Indígena Kokama de São José.....	152
Figura 78 – Material didático pedagógico Kokama para o ensino e aprendizagem da língua Kokama.....	158
Figura 79 – Entrada da Comunidade FORMABIAP em Zungarococha.....	160
Figura 80 – Barracão Central e salas de aula no FORMABIAP em Zungarococha	161
Figura 81 – Campo de Futebol e os jogadores tocando tambores e flautas na comunidade de FORMABIAP em Zungarococha	161
Figura 82 – Professor Richard Ricopa Yaicate e alunos tocando tambores e flautas na comunidade de FORMABIAP em Zungarococha.....	162
Figura 83 – Comunidade de FORMABIAP em Zungarococha	162

Figura 84 – Museu Indígena Amazônico <i>El Ojo Verde</i>	163
Figura 85 – Estudantes Kokama enfrente o barracão central na comunidade de FORMABIAP	163
Figura 86 – Ricardo Tamani, especialista na língua Kokama	164
Figura 87 – Produção de máscaras	165
Figura 88 – Carnaval Kokama no FORMABIAP	165
Figura 89 – Competição de máscaras	165
Figura 90 – Máscaras de animais	166
Figura 91 – Tambor	168
Figura 92 – Desenhos para o material didático Kokama.....	170
Figura 93 – Homens na roça.....	171
Figura 94 – Desenhos do cotidiano Kokama, coletânea Yawati Tinin	173
Figura 95 – Animais, peixes e aves da Coletânea Yawati Tinin	174
Figura 96 – Desenho do cotidiano Kokama	175
Figura 97 – Desenho do cotidiano Kokama - Instrumentos de pesca	176
Figura 98 – Desenho do cotidiano Kokama - Animais do mato	178
Figura 99 – Desenho do cotidiano Kokama - Instrumentos de caça	178
Figura 100 – Professores Kokama do Brasil e do Peru na I Oficina Pedagógica	180
Figura 101 – Capa da HQK Yawati Tinin ‘Jabuti Branco’	193
Figura 102 – Desenho da história do macaco preto.....	193
Figura 103 – Capa do livro Yawati Tinin III.....	196
Figura 104 – Atividades vivenciadas no cotidiano do povo Kokama	197
Figura 105 – Atividades vivenciadas no cotidiano do povo Kokama	198
Figura 106 – Zagaias Kokama.....	200
Figura 107 – Atividades de Homens Kokama.....	201
Figura 108 – Ambientes Kokama.....	202
Figura 109 – Desenho de casa Kokama.....	203
Figura 110 – Desenho de crianças Kokama	204
Figura 111 – Desenho de mulheres trabalhadoras.....	210
Figura 112 – Desenhos de animais selvagens	211
Figura 113 – Desenhos de Ambientes Kokama.....	211
Figura 114 – Primeiro mundo Kokama	212
Figura 115 – Segundo mundo Kokama	213
Figura 116 –Terceiro mundo Kokama	213

Figura 117 – Quarto mundo Kokama	214
Figura 118 – Quinto mundo Kokama	215
Figura 119 – Capa do Breve Dicionário Analítico Castellano Tupi Del Peru (1989).....	216
Figura 120 – Segundo dicionário Kukama-Kukamiria produzido no Peru	217
Figura 121 – Capa da HQK O Veado e o Jabuti	224
Figura 122 – Parte da HQK O Veado e o Jabuti	226
Figura 123 – Capa da HQK Jovem Garça	226
Figura 124 – Capa da HQK Mulher Sapo	227
Figura 125 – Capa da HQK Lua verde	228
Figura 126 – Capa da HQK O Jabuti e o Veado	229
Figura 127 – Desenho da Coletânea Yawati Tinin.....	230
Figura 128 – Capa do livro didático Ta/Etse Kumitsa Kokama de animais, aves e peixes ...	231
Figura 129 – Desenho do livro Ta/etse kumitsa Kokama ‘Eu falo Kokama’	232
Figura 130 – Capa do livro Ta/Etse Kumitsa Kokama: frutas e coisas.....	235
Figura 131 – Formato aberto da coletânea <i>Yawati Tinin</i>	241
Figura 132 – Formato aberto da coletânea <i>Yawati Tinin</i>	242
Figura 133 – Formato aberto da coletânea <i>Yawati Tinin</i>	242
Figura 134 – Parte da HQK, Jovem Garça	243
Figura 135 – Material da coletânea <i>Yawati Tinin</i>	245
Figura 136 – Material da coletânea <i>Yawati Tinin</i>	245
Figura 137 – Grafismo Kokama do casco do jabuti e o Portão da comunidade com grafismos	246
Figura 138 – Abertura das lições.....	247
Figura 139 – Padrões gráficos	248
Figura 140 – Início e entrada das lições	248
Figura 141 – Fase de teste do material em 2012	249
Figura 142 – Testes estilo gráfico realizado em 2012	249
Figura 143 – Resultado final dos testes estilo gráfico realizado em 2012	250
Figura 144 – Padrões gráficos	251
Figura 145 – Padrões gráficos	251
Figura 146 – Material de apoio para o professor.....	252
Figura 147 – Cartões de vocabulário e história Kokama	252
Figura 148 – Cartão vocabulário	253
Figura 149 – Dimensão do cartão vocabulário.....	253

Figura 150 – Atividade da coletânea Yawati Tinin.....	254
Figura 151 – Jabuti para colorir.....	254
Figura 152 – Atividades de identificação de nomes de animais na língua Kokama	254
Figura 153 – Jogo de memória	255
Figura 154 – Cartão com vocabulário Kokama.....	256

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - I Oficina Pedagógica para o Ensino e Aprendizagem da língua Kokama	72
Quadro 2 - Palavras Pedagógicas	182
Quadro 3 - Expressões de estímulo para explorar a oralidade dos alunos	185
Quadro 4 - As festas sociais	188
Quadro 5 - Festas religiosas.....	188
Quadro 6 - Os rituais	189
Quadro 7 - Bebidas e comidas típicas	190
Quadro 8 - Gramática Kokama.....	195
Quadro 9 - Quadro de sentimentos expressos em Kokama	206
Quadro 10 - Oralidade	281
Quadro 11 - Ficha de acompanhamento do aluno por bimestre ou trimestre.....	281
Quadro 12 - Audição/Leitura e escrita	282
Quadro 13 - Ficha de acompanhamento do aluno- Audição/Leitura e escrita	282

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número aproximado de indígenas Kokama no Brasil e no Peru	78
Tabela 2 - Demandas Educacionais Kokama – De 2011 a 2015.....	79

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AM: Amazonas

ACIK: Associação das Comunidades Indígenas Kokama de São Paulo de Olivença

ACMATUYUCA: Associação dos Cocamas do Município de Amaturá

AIMWN: Associação do Igarapé do Manaca Wirawatsu Nuan

AIDSESEP: Asociación Interétnica de la Selva Peruana

AKIM: Associação dos Índios Kokama residentes em Manaus

AMARN: Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro

APPS: Applications ou aplicativos

CEF-04: Centro de Ensino Fundamental 4 de Brasília

CIMI: Conselho Missionário Indigenista

CIAMA- Companhia de Desenvolvimento do Estado do Amazonas

CT-INDL: Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística

COPIJU: Conselho dos Povos Indígenas de Jutai

CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CT-INDL: Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística

FORMABIAP: Programa de Formación de Maestros Bilíngües de la Amazonía Peruana

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

GEEI: Gerência de Educação Escolar Indígena

GPS: Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global)

HQK: História em Quadrinho Kokama

HD: Hard Disk

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFAM: Instituto Federal do Amazonas

INDL: Inventário Nacional da Diversidade Linguística

IPHAN: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

L2: Segunda língua

LK2: Língua Kokama como segunda língua

LV: Língua Vernacular

MAO: Manaus

MEC: Ministério de Educação e Cultura

MS: Mato Grosso do Sul

MEVA: Evangelical Mission of the Amazonian

OGCCIPK: Organização Geral das comunidades Indígenas do Povo Kokama

OIKAM: Organização Indígena Kokama do Amazonas

OGPTB: Organização Geral de Professores Ticuna Bilingue

OSV: Objeto, Sujeito, Verbo

PAIC: Projeto Acadêmico Indígena

PCSAN: Programa Conjunto de Segurança Alimentar e Nutricional

PL: Política Linguística

PNE: Plano Nacional de Educação

PNCSA: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

PNE: Plano Nacional de Educação

PPPIK: Projeto Político Pedagógico Indígena Kokama

PROIND: Programa de Formação de Professores Indígenas

PTKRKTT: Putuka Tapiya Kuraka Ritama Kokama Tawa Tini

PIDELKL2: Proposta de Instrumentos Diagnósticos para o Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama, como L2

PVC: *Polyvinyl chloride* ou Policloreto de polivinila

SAI: Santo Antonio do Içá

SEDUC: Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do ensino

SEMED: Secretaria Municipal de Educação

SECADI: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade Inclusão

SIL: Summer Institute of Linguistics

SPO: São Paulo de Olivença

SVO: Sujeito, Verbo, Objeto

UEA: Universidade do Estado do Amazonas

UFAM: Universidade Federal do Amazonas

UNA: Universidade Nacional de Educação

UnB: Universidade de Brasília

UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
Capítulo 1 – O POVO, A LÍNGUA E AS ESCOLAS KOKAMA NO AMAZONAS	27
1.1 O Povo Kokama contexto histórico.....	27
1.2 A Língua Kokama	37
1.2.1 Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana - FORMABIAP.....	39
1.2.2 Língua Kukama-Kukamiria.....	41
1.3 Processo de Territorialização da Língua Kokama no Amazonas	43
1.3.1 Comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho em Manaus-AM.....	50
1.3.2 Comunidade Kokama de Tefé	61
1.3.3 Comunidade Kokama de Tonantins	64
1.3.4 Comunidade Kokama de Santo Antonio do Içá	66
1.3.5 Comunidade Kokama de São Paulo de Olivença	68
1.3.6 Comunidade Kokama de Tabatinga	70
1.3.7 Demandas do povo Kokama no Brasil/Amazonas e no Peru	77
Capítulo 2 – REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA	82
2.1 Referencial Teórico	83
2.2 Metodologia.....	89
2.2.1 Fontes e dados	92
2.2.2 Critérios para recolha e organização dos dados.....	92
2.3 Cartografia Social como instrumento etnográfico.....	94
2.4 Passos dados e caminhos percorridos	102
2.5 Política de Identidade	108
2.6 Uma questão de reordenamento: vitalizar ou revitalizar a língua Kokama?.....	121
Capítulo 3 – PROCESSOS DE APRENDIZAGEM TRADICIONAL – MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O APRENDIZ DA LÍNGUA KOKAMA.....	126
3.1 Materiais Didáticos produzidos por professores Kokama no curso de formação de professores no Alto Solimões	127
3.2 A retomada da Língua Kokama no Amazonas.....	128
3.3 Ferramentas utilizadas para fortalecer o ensino da língua na comunidade: Talk kat-kumitsara mishu.....	136

3.4 Processos de territorialização da língua Kokama na comunidade Nova Esperança Kokama no ramal do Brasileirinho	140
3.5 Dramatizações das histórias antigas Kokama.....	144
3.6 O método Mestre-Aprendiz de Aprendizagem da Língua.....	152
3.7 Critérios para a elaboração de materiais didáticos indígenas	154
3.8 Materiais Didáticos Pedagógicos Kokama	157
3.9 Visita ao FORMABIAP	160
3.10 Os livros da coletânea <i>Yawati Tinin</i>	166
3.10.1 <i>Yawati Tinin I</i>	166
3.10.2 <i>Yawati Tinin II</i>	187
3.10.3 <i>Yawati Tinin III</i>	196
3.11 Dicionários Kokama.....	216
3.12 Histórias em Quadrinhos Kokama – HQK.....	221
3.13 Livro Didático Ta/Etse Kumitsa Kokama	230
3.14 Aplicativo para celular android “Kokama Tradutor”	236
Capítulo 4 – PROJETO GRÁFICO	240
4.1 O formato dos materiais didáticos <i>Yawati tinin</i>	240
4.2 Família Tipográfica	243
4.3 Paletas de cores.....	244
4.4 As ilustrações.....	245
4.5 Padrões Gráficos - Grafismos Kokama	246
4.6 Material de apoio ao professor	252
Capítulo 5 – PROPOSTA DE UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA KOKAMA COMO L2 NA AMAZÔNIA NO ÂMBITO DA (RE)VITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA KOKAMA	265
5.1 Bilinguismo	265
5.2 O bilinguismo oral e escrito	267
5.3 Língua e cultura.....	268
5.4 Proposta de uma abordagem metodológica para vitalização da língua Kokama no Brasil adaptada da metodologia do FORMABIAP para o ensino e aprendizagem da língua Kokama, como L2.....	270
5.5 <i>Tsetsu Kokama</i> - ‘Estrela Kokama’	275
5.6 Língua Kokama como L2	284

5.7 Perspectivas e desafios para o fortalecimento da Língua Kokama	292
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	296
REFERÊNCIAS	302
Apêndice A - PIDELKL2-I.....	309
Apêndice B – PIDELKL2-II.....	312
Apêndice C – PIDELKL2-III.....	315
APÊNDICE D- DVD – PROPOSTA DE UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA PARA VITALIZAÇÃO DA LÍNGUA KOKAMA: <i>TSETSU KOKAMA</i>/ESTRELA KOKAMA	318
APÊNDICE E- CD- MATERIAIS DIDÁTICOS KOKAMA: COLETÂNEA YAWATI TININ; HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E TA/ETSE KUMITSA KOKAMA	319

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de doutoramento em Linguística visa contribuir para o estabelecimento de uma Política Linguística do povo indígena Kokama, cuja língua se encontra em processo de vitalização. Nesse sentido, importa apresentar como possibilidade de análise os diferentes processos de territorialização da língua Kokama na Amazônia Brasileira e seus efeitos sobre as formas organizativas consolidadas, a partir de mobilizações étnicas, sob pontos de vista de políticas educativas e da etnografia.

A dinâmica dessa língua impulsiona as organizações do grupo linguístico Kokama a uma tomada de decisão frente à problemática de reconhecimento identitário do povo, bem como a reivindicação de suas demandas. Nessa perspectiva, o campo político da Tese aqui defendida, marca a relação com o Estado¹.

O espaço político conquistado pelo movimento Kokama pode representar o centro da produção, como se fosse uma linha de montagem do produto que chega ao final com a qualidade necessária de uma autodefinição política, elaborada pelos próprios agentes nos seus graus de estudo da língua (aprendizes, ouvintes, lembradores, falantes). Esse processo tem como procedimento uma relação com o passado, com os recursos naturais e com os demais artefatos.

As comunidades Kokama que acompanham o movimento de fortalecimento da língua tiveram suas expectativas renovadas em relação a uma formação específica para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama como Língua 2 (L2), essa conquista é significativa para os que estão em níveis distintos de língua, pois no Brasil há Kokama em diferentes fases de fortalecimento da língua. A formação contará com falantes plenos que tem a língua Kokama como L1, considerados os especialistas da língua e professores da língua Kokama níveis básico, intermediário e avançado. O objetivo é que haja a participação coletiva dos diversos grupos como: os ouvintes, lembradores e aprendizes. Assim, a política linguística para a vitalização da Língua Kokama traz a ideia de renovação, cujos objetivos se fundamentam no presente (renovado), destacando contextos diferentes e específicos de cada associação de falantes.

Por consequência, as mobilizações em torno da língua estão sintetizadas no autorreconhecimento de uma política de identidade, de uma política linguística e de uma política de reconhecimento. Nesse contexto, a luta pelo reconhecimento da autoestima se

¹ Departamento ou espaço de promoção da língua.

² BRASIL. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: set. 2014.

³ Fonte: <http://redelatinamerica.cartacapital.com.br/peru-reconhece-alfabeto-de-31-idiomas-indigenas/>. Acesso

expressa na atualização da língua Kokama e na produção dos materiais didáticos que têm como finalidade promover atitudes para motivar o ensino e a aprendizagem.

A presente Tese se fundamenta nos pressupostos da Política Linguística, que visa a mediar ações e conflitos em torno da língua. Em outras palavras, postula resolução de problemas e tomada de decisões políticas, que envolvem as línguas na interação com a sociedade. Portanto, A Política Linguística, doravante PL, encontra-se na ação que o Estado realiza em relação aos falantes de uma língua ou de muitas línguas. Isso significa dizer que Política Linguística é um dos caminhos por meio do qual as línguas em perigo de extinção possam ser fortalecidas para evitar o desaparecimento. No Brasil, a PL surgiu na década de 1960 com algumas iniciativas da diversidade linguística do país. A partir dos documentos oficiais, observamos que as iniciativas realizadas pelo Estado são poucas, tendo em vista que há uma ação dos próprios agentes sociais em frear o processo de desaparecimento dessas línguas.

Como o Brasil é um país formado por um mosaico de povos e línguas, sendo algumas estigmatizadas, é notória a constante ameaça do desaparecimento das línguas indígenas, o que motivou uma crescente mobilização desses povos, dando visibilidade ao plurilinguismo. Destacamos que o termo povo é conceituado com base no campo empírico, isto é, são pessoas que estão à margem da sociedade, lutando de maneira organizada para dar visibilidade às suas demandas (AGAMBEN, 2015).

No Brasil, as línguas indígenas começaram a ser resguardadas pelo poder público a partir da Constituição Federal de 1988, que menciona o respeito aos direitos linguísticos de povos e comunidades tradicionais no artigo 210. Além disso, assegura aos povos indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem no inciso 2º. Por fim, reconhece aos povos indígenas sua organização social, usos, costumes, línguas e tradições, conforme destaca o artigo 231.

A Lei de Diretrizes e Bases de Educação LDB², Lei 9394/96 nos artigos 77 e 78, também dispõe sobre a educação escolar indígena e determina que a atribuição de organizar a educação escolar indígena é da União, assim como a responsabilidade de assegurar proteção e respeito às culturas e modelos próprios de educação indígena.

Outra recente iniciativa ocorreu por meio da Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CT-INDL), aprovada na sede do IPHAN, em Brasília, no que diz respeito à inclusão das línguas Asurini do Trocará, Guarani Mbya e Talian no INDL. O INDL

² BRASIL. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: set. 2014.

foi instituído pelo Decreto nº 7387 de 2010, e se apresenta como um instrumento que contribui para a identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade formadores da sociedade brasileira.

A partir dessas iniciativas, podemos argumentar que o Estado, ao registrar línguas indígenas e de imigrantes, ratifica que o Brasil é um país multilíngue, entretanto, é pouco, diante das mais de duzentos e setenta línguas indígenas que há, além das línguas de imigração. As populações indígenas correm contra o tempo, organizam-se ou buscam se organizar para não deixar sua língua desaparecer. Exemplos de resistência, podemos citar as línguas cooficializadas indígenas de São Gabriel da Cachoeira com as línguas Baniwa, Tukano e Nheengatu além de outras mencionadas no decorrer deste trabalho.

Na verdade, a reivindicação para a cooficialização dessas línguas é uma forma de marcar uma existência diante do povo e da sociedade. Isso também ocorre em outros países, como no Peru³ onde foram reconhecidos 31 alfabetos de línguas indígenas existente no País. Com a finalidade de exigir a língua materna nos espaços oficiais, são de grande utilidade os meios virtuais, filmes, desenhos animados, aplicativos de celulares, pois isso contribui para manter a língua viva. Diante desse contexto, podemos elencar alguns exemplos de tomada de decisão dos povos de manter sua língua em atividade.

Primeiro, temos os desenhos animados realizados pelo povo *Huni Kuin*⁴ do Acre, que criou um jogo de vídeo-game sobre uma das histórias de seu povo. Segundo, o lançamento do navegador *Web Mozilla Firefox* na versão Guarani⁵, um projeto realizado pela Universidade Nacional de Assunção-UNA. O povo Guarani e a Secretaria de Política Linguística traduziram 45.000 palavras que formaram o léxico que se encontra na *WEB*.

O movimento das línguas territorializam num processo dinâmico e evocam para si uma autonomia para superar os espaços geográficos e as fronteiras formais. Nessa perspectiva, o povo Kokama luta para que sua língua não desapareça e que seja fortalecida sua cultura e identidade, além das fronteiras entre o Brasil e o Peru.

Tendo em vista essa problemática, o tema dessa Tese insere-se na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), da Universidade de Brasília-UnB, criado e coordenado pela professora.

³ Fonte: <http://redelatinamerica.cartacapital.com.br/peru-reconhece-alfabeto-de-31-idiomas-indigenas/>. Acesso 20 de julho de 2015.

⁴Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2016/01/tribo-indigena-no-acre-cria-game-sobre-sua-propria-historia-para-nao-deixar-morrer-sua-cultura/>. Acesso 1 março de 2016.

⁵Fonte: <http://www.ultimahora.com/aguaratata-la-version-guarani-del-buscador-firefox-ya-esta-disponible>. 2 de março de 2016.

Dr^a. Enilde Faulstich. A Tese a ser defendida é uma proposta de Política Linguística para vitalização da Língua Kokama, como L2, uma língua ameaçada de extinção.

Diante do exposto, propomos como o objeto de estudo a língua Kokama. Destacamos que essa língua suscita grandes discussões, isso porque no Brasil, até 1995, o Kokama/Omágua era classificado como uma língua Tupi-Guarani, e foi relacionado ao Tupinambá na classificação de Rodrigues (1985), no subconjunto III Melo (2000), mas classificada por Cabral (1995) como um “crioulo abrupto”. No entanto, no Peru, de forma consensual, linguistas, antropólogos e historiadores afirmam que a língua Kokama é do tronco Tupi, família Tupi - Guarani, conforme Vallejos (2010).

Dessa forma, esse trabalho justifica-se pela demanda do povo Kokama em reivindicar uma política linguística para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama desde o início da década de 1980. Além disso, a origem da proposta dessa Tese surgiu a partir da minha atuação como aluna do Programa de Mestrado em Sociedade e Cultura do Amazonas da Universidade Federal do Amazonas. Nesse período, essa demanda foi fortalecida, quando participava das oficinas de mapeamento situacional das comunidades Kokama do Amazonas. Na ocasião, as lideranças (parteiras, chefe de posto de saúde, secretários de educação indígena e outros), professores, kurakas⁶ e comunidade reivindicavam uma providência sobre as questões que envolviam território, saúde e educação.

Assim, o processo de amadurecimento dessa política ocorreu durante minha estada no curso de doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, sob a orientação da professora Dr^a. Enilde Faulstich. Nesse intervalo, fortalecemos nossa confiança na busca da criação de uma proposta de Política Linguística para o ensino e a aprendizagem da Língua Kokama em comunidades, escolas e centros culturais com a colaboração do povo Kokama das comunidades Nova Esperança; Grande Vitória; Mauzinho; Tefé; Jutaí; Tonantis; Santo Antônio do Içá; São Paulo de Olivença; Benjamim Constant; Tabatinga além dos Kokama do Peru.

Na sequência, apresentamos a estrutura organizacional da Tese, descrevendo cada capítulo. No capítulo 1, expomos a história do povo Kokama, mediante uma mostra dessa língua no Peru; a Língua Kukama-Kukamiria; os processos de territorialização da Língua Kokama- que vai além do espaço físico marcado pela geografia, a territorialização se dá no espaço que a identidade étnica produz; as comunidades Kokama do Amazonas; as Demandas do povo Kokama no Brasil/Amazonas e no Peru, bem como a língua e as demandas por

⁶ Conforme a fala dos Kokama, no cotidiano, a palavra conhecida para designar chefe, cacique é Kuraka.

escolas desse povo indígena no Amazonas. O objetivo é mostrar a história dos Kokama, suas culturas, língua, lutas e a sua visão social sistêmica com a natureza.

No capítulo 2, delineamos o referencial teórico, ao enfatizar a Política Linguística, base central da pesquisa. Nessa parte, também apresentamos a metodologia do trabalho e os processos que foram vivenciados na construção da proposta para vitalização⁷ de uma língua indígena ameaçada de extinção. A Cartografia como instrumento etnográfico e as políticas de identidade também estão no horizonte do capítulo, que versa também sobre a utilização dos termos vitalizar ou revitalizar a Língua Kokama.

No capítulo 3, apresentamos os processos de aprendizagem e materiais didáticos para o ensino da Língua Kokama, que teve como respaldo as bases legais, as quais nos permitiram conhecer as políticas de Estado para a questão do respeito à diversidade linguística e a retomada da Língua Kokama no estado do Amazonas. Tratamos também de delimitar as ferramentas utilizadas para o fortalecimento do ensino da língua na comunidade “Talk cat-kumitsara mishu” e dos processos de territorialização da língua Kokama na comunidade Nova Esperança Kokama, no ramal do Brasileirinho.

As dramatizações das histórias antigas Kokama, o método Mestre-Aprendiz de Aprendizagem da Língua e os critérios para a elaboração de materiais didáticos indígenas também são contemplados. Entre os materiais Didáticos Pedagógicos Kokama, destacamos: Visita ao Formabiap; Os livros da coletânea *Yawati Tinin*; Dicionários Kokama; Histórias em Quadrinhos Kokama HQK; Livro Didático Ta/Etse Kumitsa Kokama e **“Aplicativo para celular android “Kokama Tradutor”**.

Em seguida, abordamos os métodos de construção de materiais didáticos elaborados pelos próprios Kokama, com vista a revitalizar línguas em perigo de extinção (HINTON, 2007). Além desses, destacamos o projeto de diagramação dos materiais didáticos, bem como o aplicativo Kokama Tradutor, que visa a auxiliar os professores no exercício da vitalização da Língua Kokama.

No capítulo 4, apresentamos a elaboração dos materiais didáticos e pedagógicos para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama, ajustados aos processos de territorialização, principalmente das escolas e dos Centros Culturais e Espaços Culturais Educativos e também os materiais didáticos *Yawati Tinin*; Família Tipográfica; Paletas de cores, As ilustrações, Padrões Gráficos - Grafismos Kokama.

⁷ Aqui utilizamos vitalização em vez de revitalização por concordar com o movimento de vitalização da língua Kokama, que não considera a língua como morta para ser revitalizada e sim vitalizada, fortalecida para que não morra. Entretanto, algumas vezes utilizaremos o termo revitalizar por estar no suporte teórico de Hinton (2007).

No capítulo 5, o assunto central diz respeito a desafios e perspectivas para o ensino e aprendizagem da língua Kokama, o bilinguismo oral e escrito, língua e cultura, proposta de uma abordagem metodológica para vitalização da língua Kokama no Brasil adaptada da metodologia do programa Formação de Maestros Bilingues da Amazônia Peruana Formabiap para o ensino e aprendizagem da língua Kokama como L2; Tsetso Kokama – Estrela Kokama Essa estrela foi pensada para abordar as cinco partes que contribuirão para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama. Discutimos também a Língua Kokama como L2 e o que se espera da coletânea *Yawati Tinin* na dinâmica da oralidade e da escrita, pois a luta dos povos pelo fortalecimento de sua cultura, a reconquista de seu território é lutar pelo bem-viver⁸.

Por último, apresentamos as considerações finais, as referências bibliográficas e apêndices. Acrescentamos que as imagens das crianças foram desenhadas por Vanessa Porto exclusivamente para esta Tese, inspiradas pelas fotos de Tsachi e Kanata da comunidade Nova Esperança, KM-8, ramal-8 do Brasileirinhode/Puraquequara II/ Manaus-AM. O mapa das línguas cooficializadas no Brasil, que apresentamos no capítulo 2, foi reelaborado pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA, para os fins da tese.

⁸Não nos aprofundamos no conceito de bem- viver, mas significa uma vida fora do controle do pensamento colonizador que visa os territórios fora da natureza, como uma mercadoria. Por isso este tema surgiu com os indígenas andinos para expressar a luta dos povos pelo bem-viver. Seminário Internacional Quintas Urbanas “A luta dos povos pelo bem-viver contra o imperialismo”. <https://www.facebook.com/QuintasUrbanas/?fref=ts>. Acesso 26/11/2015.

CAPÍTULO 1 – O POVO, A LÍNGUA E AS ESCOLAS KOKAMA NO AMAZONAS

Este capítulo apresenta o contexto histórico do povo Kokama, a questão da língua, um breve panorama da língua Kokama no Brasil e no Peru; os processos de territorialização da língua Kokama no Amazonas e as demandas das escolas Kokama do Alto Solimões ao Baixo rio Negro. Os processos de territorialização cada vez ganham força e alcançam cada vez mais comunidades Kokama no Brasil e Peru. A língua Kukama-Kukamiria também vivencia o processo de revitalização. Apresenta uma política efetiva para valorização das línguas indígenas peruana, mesmo como uma L2. A etnografia realizada nas comunidades Kokama demonstra o quanto a cultura Kokama está viva.

Para fundamentar o panorama histórico exposto no capítulo, citamos as referências das autoridades que expõem pontos de vista político, no entorno da narrativa das épocas estudadas.

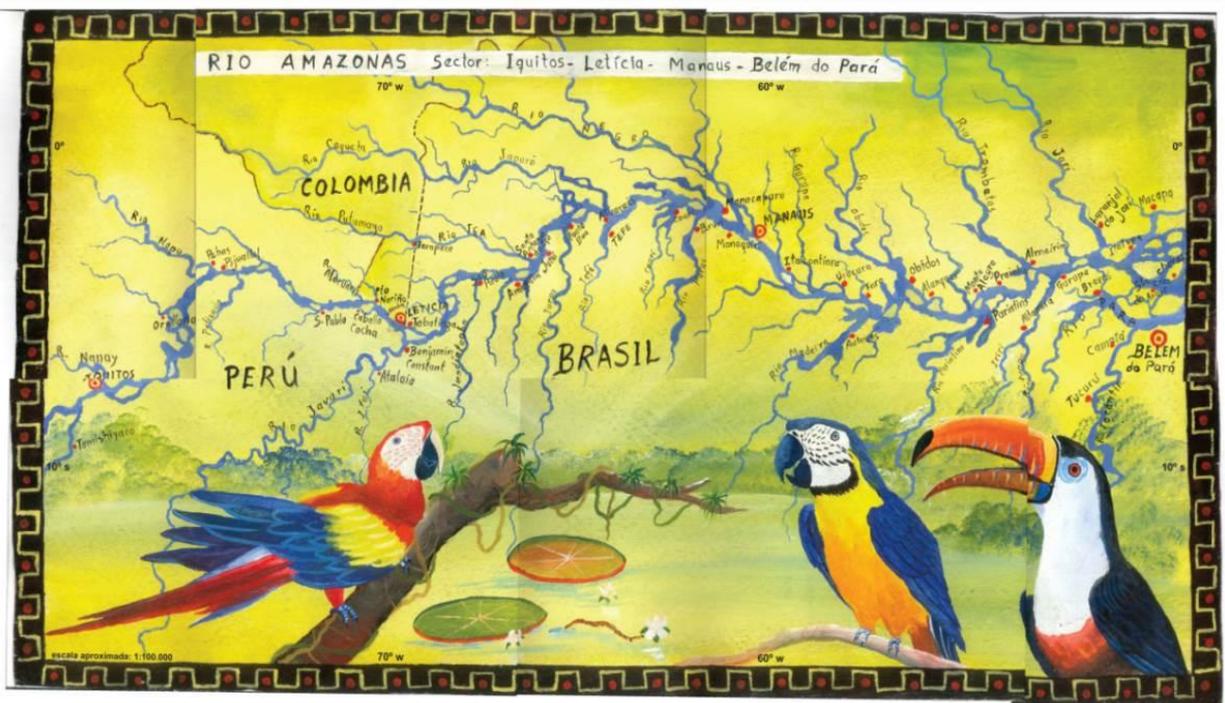
1.1 O Povo Kokama contexto histórico

No Brasil, especialmente na Amazônia, são poucos os falantes da Língua Kokama. O atlas das línguas em perigo de extinção aponta que a língua Kokama é uma das 190 línguas indígenas na lista de extinção (MOSELEY, 2010)⁹. Porém, o povo Kokama tem lutado contra esse processo de perda. Para Vallejos (2010, p. 28): “[...] apesar de haver aproximadamente 20.000 mil Kokama, a língua está seriamente ameaçada [...]”¹⁰, sendo que no Peru se encontra em perigo de extinção e no Brasil a situação é crítica, segundo o mapa da Unesco de línguas no mundo em perigo de extinção. Como vemos no mapa abaixo, que apresenta o povo Kokama no Peru, Colômbia e Brasil.

⁹ Moseley, Christopher (ed.). 2010. Atlas of the World's Languages in Danger, 3rd edn. Paris, UNESCO Publishing. Online version: <<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>>. Acesso em: 20 dez. 2013. O registro da língua Kokama no mapa de busca da Unesco, encontra-se como cocama-cocamilla (Brasil) e cocama-cocamilla (Peru).

¹⁰ “[...] Espite the fact that the KK population is estimated at 20,000, the KK language is severely endangered [...]” (VALLEJOS, 2010, p.28).

Figura 1 – Mapa Povo Kokama - Brasil, Peru e Colômbia



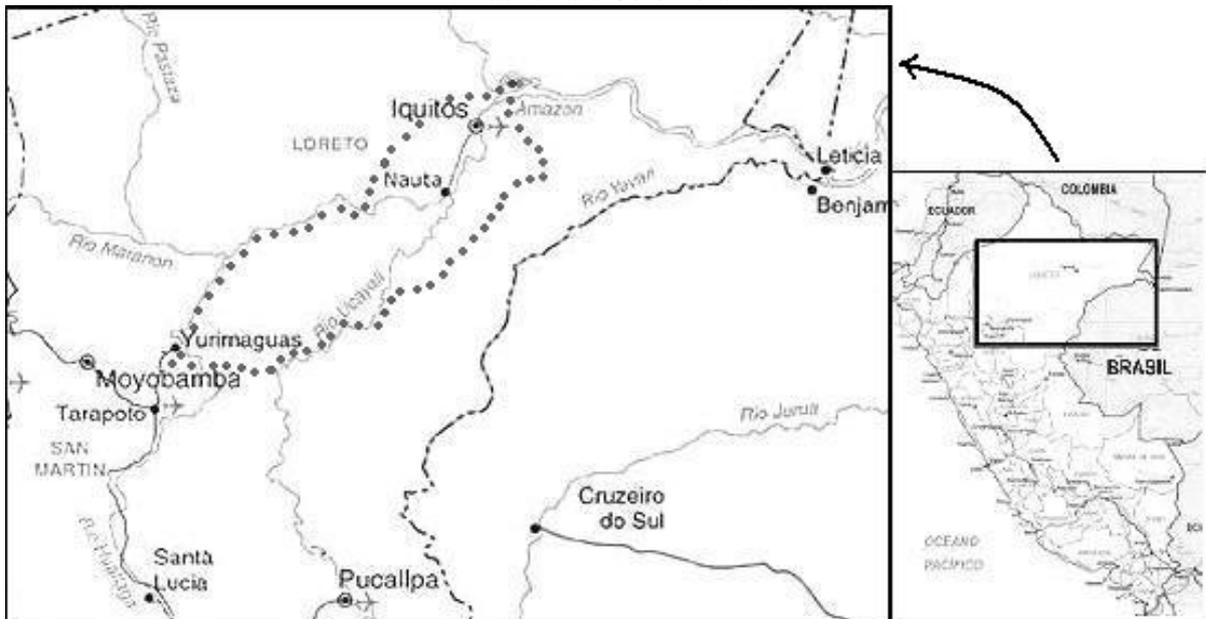
Fonte: Mapa produzido por Kokama em Letícia, Colômbia; outubro de 2014.

O povo Kokama vivia e vive ao longo das margens dos rios e atualmente nas cidades. Entretanto Freitas (2002, p. 28) afirma que:

As primeiras referências aos Kokama, fornecidas por exploradores e missionários nos séculos XVI e XVII, situam os seus principais assentamentos no médio e baixo rio Ucayali, afluente do Amazonas peruano. No século seguinte, os Kokama faziam parte da heterogênea população indígena que habitava a missão de São Joaquim dos Omáguas, estabelecida no baixo Ucayali. Em 1854, eles voltam a ser citados na cidade de Nauta, também localizado no baixo curso deste rio. Neste mesmo ano, são localizados no alto rio Purus, nele penetrando possivelmente devido à proximidade de suas cabeceiras com o médio Ucayali.

Há registros da história do povo Kokama realizados por cronistas, viajantes desde o século XVI. Várias fontes documentais retratam a história do contato deste povo com os colonizadores. Fatos ocorridos neste período são mencionados por pesquisadores que trabalham com este povo tanto no Brasil, quanto na Colômbia e Peru. A exemplo, temos os trabalhos dos pesquisadores brasileiros, Cabral (1995); Freitas (2002); Ramos (2004); Viegas (2010) e Almeida e Rubim (2012); do colombiano González (1999) e, no Peru, Ochoa (2002), Rivas (2003), Vallejo (2010) entre outros. Todos os autores ressaltam a história do contato dos colonizadores com as populações indígenas da Amazônia peruana, principalmente sobre o povo Kokama, como vemos na figura seguinte.

Figura 2 – Mapa de localização geográfica do povo kukama-kukamiria na Amazônia Peruana, Brasileira e Colombiana



Fonte: O Projeto de documentação Kukama-Kukamiria. Disponível em <<http://www.unm.edu/~rvallejos/documentationprojectkk.html>> acesso em jan.2015

Nessa perspectiva, uma das principais fontes consultadas é o registro de Carvajal¹¹, quando desceu pela primeira vez o Amazonas. No mesmo século, em 1541/1542, um dos membros da expedição de Francisco Orellana, o capitão Altamirano, descreveu o que ocorrera na viagem da expedição de Ursúa e Aguirre (1560/1561), relatando como se deu o contato com os povos indígenas que residiam à beira dos rios pelos exploradores em busca de alimento para sua tripulação, dentre os quais, havia os Kukama da foz do Ucayali (PORRO, 1992).

Os Kokama residiam às margens dos rios, conforme foi registrado pelos viajantes e cronistas, “como um povo que sempre buscou residir em áreas próximas aos rios” (FREITAS, 2002, p. 28). Nos dias atuais, Almeida e Rubim (2012, p. 68) comentam:

Os comentadores regionais relatam ainda hoje que os kokama constituíam um povo que vivia em constante movimento. Este processo de deslocamento do povo Kokama tem sido sempre explicado como atrelado a conflitos na busca de terras para plantio e de águas para o exercício da pesca.

Em 1616, “ocorreu uma divisão deste povo, um passou a se chamar Kukama e o outro Kukamiria” (RIVAS, 2003, p. 10)¹². No trabalho de Ochoa (2002) data o ocorrido em 1619¹³.

¹¹Francisco de Carvajal (1464 — 10 de abril de 1548) foi um oficial militar, conquistador e explorador espanhol, também conhecido como *o Demônio dos Andes*, devido à sua brutalidade e habilidade militar

¹² Em 1616, este pueblo se dividió en lós grupos Kukama y Kukamiria [...] (RIVAS, 2003, p.10).

¹³ “En 1.619 los Cocama se separaron en dos grupos: los Cocama y lós Cocamilla [...]” (OCHOA, 2002, p. 135).

Nesse sentido, “[...] ambos estabelecidos principalmente nas beiras dos grandes rios: o baixo Ucayali [...] se assentava os kokama devido à alta densidade demográfica [...] e o Baixo Huallaga, onde estavam o pequeno grupo de kokama [...]” (RIVAS, 2003, p.10-11)¹⁴. Assim os Kukama, em grande número, ficaram no baixo rio Ucayali e, no baixo rio Huallaga passou a habitar um pequeno grupo de Kukamiria.

A etnografia realizada pelos conquistadores Juan de Salinas e Pedro de Ursúa citada por Ochoa (2002, p. 186) mostra que:

Em las veredas de estos rios, El Ucayali y El Huallaga, estos dos grupos Tupi fueron descubierto por lós conquistadores españoles Juan de Salinas y por Pedro de Úrsua, respectivamente, y quienes lês llamaron “Piratas o Corsarios de lós rios” seguramente por su habilidad para surcar con las canoas y por su espíritu guerrero.

Por habitarem as margens dos rios Ucayali e Huallaga, o transporte fluvial era bastante intenso, em toda época do ano, e “[...] os Kukama – Kukamiria mantiveram o controle do comércio e da navegação pelo território da atual província do Alto Amazonas”¹⁵ (RIVAS, 2003, p. 11, tradução nossa). Os Kukama – Kukamiria, mesmo tendo se dividido e se estabelecido em diferentes locais, continuaram com a mesma cultura, com a diferença no número de pessoas em cada localidade.

Em 1632, a Companhia de Jesus - ordem jesuíta - teve permissão da coroa espanhola para levar o evangelho à região, “fundando a missão chamada de Marañón” (RIVAS, 2003, p.11, tradução nossa). Os religiosos entraram em contato com os indígenas das beiras dos principais rios descaracterizando suas culturas, tornando-os povos seguidores da fé dos respectivos religiosos. “A presença religiosa nas embarcações, além do papel de pacificar e amansar os nativos com a evangelização e catequização, também tinha a missão de relatar a expedição” (FREITAS, 2002, p. 24).

Rivas (2003) observa que, desde 1641, os Kukamiria foram obrigados a conviver com outros povos indígenas, ocasionando conflitos. Em 1644, devido às epidemias que ocorreram nas missões, eles se uniram a outros indígenas e foram se unir com os Kokama no baixo Ucayali, mas não por muito tempo, pois “[...] o padre Gaspar de Cugia dirigiu uma expedição

¹⁴ “[...] ambos estabelecidos principalmente em las ribeiras de dos grandes rios: el bajo Ucayali [...] se asentaba la denominada Cocama la grande por su alta densidad demográfica[...] y El bajo Huallaga, donde estava La pequeña Cocama” [...] (RIVAS, 2003, pp.10-11).

¹⁵ “[...] los Kukama-Kukamiria mantuvieron el control Del comercio y la navegación por el territorio de la actual província del Alto Amazonas [...]RIVAS, 2003, p.11, nossa tradução).

missionária que os reduziu e os entregou a outro padre chamado Bartolomé Pérez¹⁶ [...] *para mantê-los sob seu comando* (RIVAS, 2003, p.11, tradução nossa, grifo nosso).

Em 1649, o padre Bartolomé Pérez fundou o povoado missionário Santa Maria de Huallaga e, em 1653, fundou Santa Maria del Ucayali, considerada a “primeira redução Kukama que foi abandonada rapidamente por causa de uma peste¹⁷” (RIVAS, 2003, p.11, nossa tradução), uma doença não especificada pela autora. Em 1664, os Kukama e Kukamiria, junto com os Jeberos¹⁸, se revoltaram novamente contra os missionários da Companhia de Jesus, levando a cabo os padres Francisco de Figueroa e Tomás Maxano.

Em 1670, foi fundada Santiago de La Laguna, local oficial das missões Jesuítas em Marañón. Nas décadas seguintes, ocorreram inúmeras mudanças de localidade de la Laguna, seja por causa de doenças que assolavam as missões, seja pelas constantes erosões das beiras dos rios em que as missões eram instaladas. Em 1680, chegaram alguns indígenas sobreviventes de várias epidemias de varíola que mataram os Kukamiria de Santa Maria de Huallaga e que passaram a residir em bairros junto aos demais indígenas, juntamente com os Kukama (MARONI, 1988).

O Padre Samuel Fritz¹⁹ “chegou à sede das missões espanholas no Peru sendo nomeado, em 1704, Superior de todas as missões” (FREITAS, 2002, p.25). Logo realizou um trabalho com os Omáguas, levando o evangelho e colocando os indígenas catequizados em grandes aldeias desde o Napo ao rio Negro: “seu objetivo era pacificar os indígenas por meio da religião cristã e colocá-los a serviço da coroa espanhola” (FREITAS, 2002, p. 25).

O Padre Fritz foi quem observou que o povo “Omágwa e sua língua eram muito parecidos com o povo Kokama” (CABRAL, 1995, p. 224, tradução nossa). As observações feitas por Cabral (1995) também ressaltam o trabalho de Rodrigues (1984/1985) que propõe “a inclusão da língua Kokáma, Cocamilla e Omágwa no subgrupo III, na família linguística Tupi-Guarani” (CABRAL, 1995, p. 18, tradução nossa).

Os Kukama sempre fixaram residências próximas dos rios; esse foi um dos fatores que os ajudou a ter uma rápida adaptação à vida em povoados criados pelas missões Jesuítas,

¹⁶ [...] el padre Gaspar de Cugia, quien los redujo y entregó al padre Bartolomé Pérez [...] (RIVAS, 2003, p.11).

¹⁷ “[...] primera reducción kukama, que fue abandonada rápidamente a causa de una peste” (RIVAS, 2003, p.11).

¹⁸ Chebero, Xebero, Xihuila é uma língua da família huariapano falada hoje em dia no distrito de *Jebero*, Peru. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Língua_jebero>. Acesso em: 28 dez. 2013.

¹⁹ Samuel Fernandes Fritz (Trutnov, República Tcheca, 9 de abril de 1654 - Jeberos, Peru, 20 de março de 1725)¹ foi um padre missionário da Companhia de Jesus e cartógrafo a serviço da Espanha, tendo tido um papel fundamental na catequização de vários povos indígenas nas várzeas do alto rio Solimões, além de ter sido um dos grandes críticos à expansão portuguesa na região amazônica espanhola durante o século XVII. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_Fritz>. Acesso em: 30 dez. 2013.

sendo, muitas vezes, utilizados como mediadores nas relações com outros povos indígenas. Igualmente, realizavam vários trabalhos para as missões: eram “remadores por serem grandes canoeiros, construíam canoas e faziam expedições pelos rios em busca de carne e peixes para abastecer os povoados missionários²⁰” (URIARLE, 1986; MARONI, 1988; RIVAS, 2003, p.12, tradução nossa). Eram e são excelentes pescadores, remadores por dominarem conhecimentos dos seres das águas (RICOPA YAICATE, 2015)²¹.

O século XVIII (1735-1745) é marcado pela viagem científica de Charles-Marie de La Contamine, à América do Sul, ele relatou aos seus pares, o que encontrou na Região Amazônica, assim como em outras expedições. A visão etnocêntrica dos viajantes, em busca de riquezas, de conhecimentos da fauna e da flora desconsiderava a cultura dos povos autóctones que residiam nessa região. Passaram a ver o indígena como um ser exótico, sem alma, como a teoria criada pelo “sueco Linneu, em 1758, e mais tarde pelo alemão Blumenbach (1806) a partir da cor da pele, que influenciou as missões expedicionárias ao Novo mundo” (FREITAS, 2002, p. 26).

Em 1768, ocorreu a expulsão dos Jesuítas das missões de Maynas. Os povos indígenas que viviam nestes povoados passaram a ficar à mercê do Estado colonial espanhol. Rivas, (2003, p. 12) esclarece:

Desde entonces los pueblos misionales quedaron em manos de um Estado colonial español com poca presencia. Para remediar esta situación, y sobre todo para defender los limites fronterizos con la colonia portuguesa, la Provincia de Maynas, antes bajo el Virreynato de Santa Fe y de la Audiencia de Quito, fue transferida a la jurisdicción del Perú a comienzas del siglo XIX.

Este fato ocorreu em resposta ao pedido feito por Francisco de Requena²². Neste período, os Kukama-Kukamiria já tinham uma participação ativa e estavam integrados à sociedade regional, abastecendo o mercado com “peixes salgados, tartarugas, jabutis, tracajás²³” (RIVAS, 2003, p. 12) e outros. A emancipação do Peru ocasionou a transferência do domínio dos indígenas da coroa espanhola para a elite local, além de ocupar a Amazônia

²⁰ “[...] remeros por ser grandes canoeros, construian canoas y hacian expediciones por lós rios em busqueda de carne y peces para abster a lós pueblos misionales” (URIARLE, 1986; MARONI, 1988; RIVAS, 2003, p.12).

²¹ “Antigamente quando os Kukama-Kukamiria entravam em guerras com outros povos indígenas, os Kukama-Kukamiria enfrentavam seus inimigos com a ajuda dos seres da água” RICOPA YAICATE, Richard. Entrevista realizada na comunidade Zungarococha em FORMABIAP, Iquitos-Peru, abril 2015.

²² Francisco Policarpo Manuel Requena y Herrera -Militar espanhol que participou da Demarcación de los Límites Hispano-Lusos en la cuenca del Amazonas (s. XVIII). Su célebre *Informe al Rey de España*, fue decisivo en la anexión de la provincia de Maynas al virreinato del Perú, «desde el cual era más accesible y más fácil su gobierno». Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/Francisco_Requena> acesso em 28 dez. 2013.

²³ “[...] pescado salado, y mantega y carne de tortugas acuáticas [...]” (RIVAS, 2003, p. 12).

neste período, o que se deu por meio “[...] da extração de produtos naturais de acordo com a demanda internacional²⁴ [...]” (RIVAS, 2003, p. 12, tradução nossa). O povo Kukama-Kukamiria teve um papel importante como mediador entre os povos que utilizavam o comércio fluvial e as demandas do Estado. Rivas (2003, p. 12, tradução nossa²⁵) descreve que:

Então se converteram em pequenos comerciantes e como grandes canoeros percorriam os rios levando produtos cobiçados (espingarda, ferramentas, machado, anzol, tecidos, álcool e outros) as populações indígenas interfluviais, as quais recebiam alguns produtos naturais no mercado regional, como copal¹, tucum, breu e cera.

O comércio fluvial, conhecido como regatão, vendia espingarda, ferramentas, anzóis, tecidos, álcool e outros, um comércio feito pelos Kukama-Kukamiria que abastecem com o pescado o mercado regional até os dias atuais. Vale ressaltar que, durante o período de extração da borracha, ocorreu mais uma vez uma mudança nas bases da sociedade do povo Kukama-Kukamiria (muitas famílias saíram de suas localidades, de seus territórios e foram para lugares distantes) em busca de “[...] recoletar diretamente o apreciado látex [...]”²⁶ Rivas (2003, p.12), que vai do final do século XIX ao século XX.

Há evidências arqueológicas de que os Kokama chegaram ao Peru “[...] como ya sabemos, a Moyobamba, como reducto de una masiva migración procedente del Matogroso en época anterior a la conquista de la Amazonía, entre 1.539 e 1549²⁷” (OCHOA, 2002, p.185) século XVI e retorna ao Brasil descendo o rio saindo da Amazônia Peruana para a Amazônia Brasileira em meados do século XIX e no século XX, fugindo das pressões opressoras no Peru ou vindo em busca da extração do látex da borracha e de trabalho.

Nesse sentido, ao pensar os povos indígenas na atualidade considerando seus processos históricos, observamos o quanto são resistentes a tantas investidas contra sua cultura, identidade, língua e seus territórios. As narrativas feitas por esses viajantes, cronistas e naturalistas são importantes para conhecermos melhor o processo que cada povo utilizou para estar hoje no século XXI continuando sua luta de resistência.

O antropólogo Oliveira Filho (2008) relata que:

²⁴ [...] de la extracción de productos naturales de acuerdo a la demanda internacional (RUIZ, 2003, p.12).

²⁵ “Pronto se convirtieron em pequeños regatones, y como grandes canoeros recorrían los ríos llevando productos codiciados (escopeta, herramientas, hachas, anzuelos, telas, alcohol y otros) a los pobladores indígenas interfluviales, de los cuales recibían algún producto natural cotizado en el mercado regional o internacional, como copal, hamacas de chambira, brea y cera” (RUIZ, 2003, p. 12).

²⁶ “[...] recoletar directamente el apreciado látex [...]” (RUIZ, 2003, p. 12).

²⁷ “Como já sabemos, Moyobamba foi um reduto de migração massiva procedente do Mato Grosso em época anterior a conquista da Amazônia, entre 1.539 e 1549”, (OCHOA, 2002, p. 185).

[...] a exploração da Amazônia irá seguir as vias fluviais, privilegiando a atividade extrativista e tendo um caráter temporário, materializada nas expedições para a coleta das drogas do sertão, a pesca do peixe-boi e a captura da tartaruga. Em sua quase totalidade essa produção estava voltada para a exportação, não supondo necessariamente o estabelecimento no interior de praças-fortes e núcleos urbanos. A ocupação do interior ocorreu através da implantação de aldeamentos missionários, que correspondiam a unidades produtoras unicamente dependentes do trabalho indígena e, portanto, da aceitação por estes da conversão e da atuação dos agentes religiosos (OLIVEIRA FILHO, 2008, p. 20).

A busca por mais riqueza levou a Amazônia a ser explorada, onde os aldeamentos missionários recrutavam os povos indígenas para mão-de obra. Oliveira Filho (2008, p. 20) destaca que:

O fator econômico fundamental para a ocupação da Amazônia, tanto para as expedições extrativistas como para o estabelecimento de aldeamentos missionários, foi o trabalho indígena, chamado pelo padre Antonio Vieira de "ouro vermelho", sobre o qual se erigiu toda a riqueza da região. É na procura e no controle desse fator essencial de produção, para o qual não foi criada qualquer outra alternativa exitosa até a década de 1870, que colonos, religiosos e autoridades mantêm acirradas disputas e também estabelecem a composição entre seus interesses.

A situação dos povos indígenas a cada dia ficava mais difícil, pois os colonizadores tinham descoberto a forma de tirar as riquezas da Amazônia com uma mão-de-obra local. Diferente do negro, os índios passavam por um processo religioso primeiramente antes de se tornarem mão-de-obra, pois o índio “não podia ser objeto de escravidão, mas podia sofrer um "descimento", sendo deslocado de seu lugar de origem para outro de maneira a ali receber assistência religiosa” (OLIVEIRA FILHO, 2008, p. 20).

Nesse sentido, as políticas assimilacionistas são pensadas com o intuito de “civilizar” os indígenas, “uma nova política delineada para a região pelo Marquês de Pombal, transformando as aldeias em povoados e sedes de comarcas, encarregando de sua gestão as autoridades laicas” (OLIVEIRA FILHO, 2008, p. 21).

Essas medidas criaram o Diretório dos Índios, medida que criou um mito de o Brasil ser um país monolíngue com a imposição da língua portuguesa em detrimento às línguas indígenas que já existiam nesse país. Para Oliveira Filho (2008, p. 23):

Enquanto nas representações do passado o índio (retratado em seus primeiros contatos) era apresentado como um personagem (ainda que secundário) dos episódios mais significativos da formação da nacionalidade, o índio real, situado no contexto presente, passou a ser identificado como um ser primitivo, remetido aos estágios mais rudimentares da civilização.

Alguém com parca capacidade de adaptação ao mundo contemporâneo, demandando um olhar complacente, totalmente dependente de uma mediação tutelar e protetora.

Diante desse breve exposto, expusemos o processo civilizatório passado por muitos povos indígenas, o imaginário criado sobre os mesmos, que na atualidade resistem, lutam, reivindicam seus direitos por meio de suas organizações. A exemplo, temos o povo Kokama, que chega ao século XXI reivindicando todos os seus direitos por meio de suas organizações. Esse processo é visto em vários trabalhos de pesquisa.

A trajetória do povo Kokama é analisada na dissertação de mestrado de Freitas (2002) denominada “O povo Kokama: Um caso de reafirmação de identidade étnica”, da classificação feita pelos colonizadores ao seu reaparecimento no cenário nacional, que se inicia na década de 1980 no bojo das mobilizações sociais do movimento indígena. Nos anos 1990, dá-se a solidificação da passagem para a mobilização e autodefinição na luta por seus direitos.

Ramos (2004) busca dar visibilidade em sua dissertação de mestrado “As formas Kokama de estar na história: Etnicidade, Política e Narrativa” à visão do povo Kokama de Sapotal/Tabatinga-AM e seis grupos locais (São Domingos I, São Domingos II, São Sebastião, São Francisco, Bom Futuro de Nova União do Paraná do Jacapari/Tonantins - AM) em relação à forma como narram e vivem a história, de modo a fortalecer a sua etnicidade.

Rubim (2011), em sua dissertação de mestrado sobre “Identidade dos professores indígenas e novos processos de territorialização Manaus/AM”, teve como objetivo dar visibilidade às identidades coletivas da cidade, aos processos de reorganização social das comunidades indígenas que demarcam suas territorialidades específicas na cidade e as reivindicações por uma Escola Diferenciada, que represente a identidade do professor indígena e de sua respectiva comunidade, na qual estavam incluídos o professor Kokama de Manaus e a sua comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho.

Almeida e Rubim (2012) escreveram um artigo na revista Brasileira de Linguística Antropológica sobre “Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas”, com o objetivo de apresentar a mobilização do povo Kokama em prol de suas reivindicações em relação à sua reafirmação étnica, a conquista do Registro do Nascimento do Índio-Rani, a reconquista de seus territórios, o reconhecimento das escolas Kokama e, principalmente, a reconquista da língua com os Kokama de São Paulo de Olivença e Manaus.

Yamada e Porto (2013) no trabalho final de graduação apresentaram “*Yawati Tinin*-Elaboração de material didático bilíngue Kokama-português para comunidade indígena”. As

graduandas aceitaram o desafio de fazer a diagramação da coletânea *Yawati Tinin*, criando uma “interface gráfica do material didático *Yawati Tinin*, levando em conta a cultura e o cotidiano da comunidade Kokama Nova Esperança Kokama” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 16).

Rubim (2013), no I Simpósio Proind 2013²⁸, apresenta “A retomada da língua Kokama no Amazonas” apresentando os processos na elaboração dos materiais pedagógicos Kokama e as iniciativas de utilizar as tecnologias em prol do fortalecimento da língua Kokama.

Rubim (2013), no IV Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupi, apresentou o trabalho sobre “Fortalecimento das línguas indígenas”²⁹ com o objetivo de expor e discutir um projeto em desenvolvimento de fortalecimento da Língua e da cultura Kokama no Estado do Amazonas, mais especificamente na comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho, Manaus-AM.

Em 2014, a pesquisadora apresentou no *Décimo Séptimo Congreso Internacional De Humanidades, Palabra y Cultura en América Latina: herencias y Desafíos*, sobre “aspectos de política linguística na elaboração de materiais didáticos para a língua Kokama”, com uma proposta de elaboração de material didático para a língua Kokama em processo de vitalização ao longo do Amazonas, especificamente para a comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho (Manaus - AM).

E, em 2015, no *II Congreso de la Delegación Argentina De La Alfal y Vii Jornadas Internacionales de Investigación En Filología y Lingüística*, apresentou um trabalho sobre “Processos de vitalização de uma língua indígena: o caso da língua Kokama” sobre a autonomia de um povo em elaborar seus próprios materiais didáticos para além das fronteiras entre o Brasil e o Peru.

Dessa forma, este capítulo buscou apresentar a política linguística assentada nas concepções eruditas dos viajantes e o pensamento religioso que caracterizaram a produção de materiais didáticos da época. Este material religioso tenta trazer uma alternativa eufemística para amenizar a situação de domínio. A política pombalina centrada nas bases iluministas foi um divisor de águas para o extermínio de línguas e para a supremacia do português, uma separação clara.

²⁸ 1º Simpósio PROIND sobre Educação e Diversidades Amazônicas. Pedagogia Intercultural: seus sujeitos, suas identidades e processos educativos, 21, 22 a 23 de outubro de 2013 pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Manaus, Amazonas – Brasil.

²⁹ O IV Encontro Internacional Tupi foi realizado em Ji-Paraná nos dias 10 a 12 de dezembro de 2013.

Entretanto, atualmente os povos autóctones que tiveram suas línguas exterminadas, como Baré e Caixana procuram manter uma aproximação com a Língua Geral amazônica, como estratégia de definição e autodefinição.

1.2 A Língua Kokama

Quando os colonizadores chegaram à América, encontraram um mosaico de Línguas Indígenas. Esse mosaico mais tarde foi estudado por especialistas em línguas que buscaram sua classificação, de forma tipológica e genética. A classificação da língua Kokama é motivo de grandes debates até hoje; para alguns linguístas e pesquisadores, como “[...] Adam (1896); McQuown (1955); Loukotka 1968 [1935]; Rodrigues (1958; 1964); Lemle (1971)” (CABRAL, 1995, p.1) ; e Vallejos (2010), a língua é classificada como pertencente à família Tupi-Guarani; no entanto, para outros autores “o Kokama pode ter surgido de uma situação de contato, [...] chamado por Thomason e Kaufman (1988, p. 48) de crioulo abrupto” (CABRAL; RODRIGUES, 2003, p. 180).

A língua Kokama, desde suas primeiras transcrições, foi classificada como sendo uma língua da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi, como é mencionado na tese de Cabral (1995):

Kokama é uma das línguas nativas indígenas sul-americanas em ameaça de extinção nas próximas poucas gerações, uma língua que ainda é falada atualmente por aproximadamente por 2.000 indígenas que vivem no Peru. A língua Kokama é classificada como membro da família Tupi-Guarani (Adam, 1896; McQuown, 1955; Loukotka, 1968 [1935], Rodrigues 1958, 1964; Lemle, 1971, entre outros), uma das maiores e mais abrangentes famílias linguísticas da América do Sul, pertencente ao tronco Tupi (CABRAL, 1995, pp.1-2 - tradução nossa.)³⁰.

A afirmação da autora contempla pontos de vista de alguns teóricos sobre a classificação da origem da língua Kokama. Na sua tese de doutorado, Cabral (1995) refuta as afirmações, evidenciando que há controvérsias na aplicação do método histórico comparativo realizado por estes teóricos quando classificaram a língua. Ainda de acordo com a autora, o método não foi aplicado na sua totalidade, sendo feito até a metade, ocasionando assim, uma classificação que não condiz com um real resultado. Para que se obtivesse um resultado mais

³⁰ Kokama is one of the native South American Indian languages threatened with becoming extinct in the next few generations, one that is still spoken at the present time by approximately 2,000 Indians living in lowland Peru. Kokama has been classified as a member of the Tupi-Guarani family (Adam, 1896; McQuown, 1955; Loukotka, 1968 [1935], Rodrigues 1958, 1964; Lemle, 1971, among others), one of the largest and most widespread linguistic families of South America, which in turn belongs to the Tupian Stock.

legitimado, o mesmo deveria ser aplicado por inteiro, como nos mostra Cabral (1995, p. 4, tradução nossa):

[...] as classificações genéticas da língua Kokama propostas por outros linguistas históricos deixam de reconhecer essa possibilidade no que diz respeito a essa língua. Essas classificações são o resultado de uma aplicação parcial do Método Comparativo, que só funciona quando o Método é concebido integralmente, como um conjunto de procedimentos metodológicos inter-relacionados que correspondem à natureza de seu objeto de investigação³¹.

Nessa linha, a tese de doutorado de Cabral (1995) dá continuidade a uma pesquisa iniciada por Rodrigues (1984/1985), que inicialmente classificou a língua Kokama como sendo da família Tupí-Guaraní, especificamente dentro do subgrupo da língua Tupinambá, mas também observou que o Kokama possuía uma gramática muito diferente da das línguas Tupí-Guaraní em geral.

No estudo de Rodrigues (1984/1985), é levantada a hipótese de que a língua Kokama tem palavras e morfemas de origem Aruák, resultantes do ambiente em que a língua se originou. Além de empréstimos de provável origem Aruák, Cabral (1995) detectou “empréstimos provenientes de língua Pano, de variedades do Quechua, de construções análogas às existentes na Média Lengua, de empréstimos de línguas ainda não identificadas, além de empréstimos do Espanhol e do Português” (CABRAL; RODRIGUES, 2003, p. 180).

Com base nestes dados, Cabral (1995) afirma que um povo de origem Tupí-Guaraní, relacionado com o Tupinambá, teria sido compelido a ficar em vilas organizadas por missionários Jesuítas na Província de Maynas, onde teria ocorrido a etnogênese Kokama/Omágua após a chegada de novos povos. Segundo a autora, devido à necessidade de comunicação, não houve tempo suficiente para que esta língua de origem Tupi-Guarani fosse aprendida por completo, como vemos na citação de Mello (2000, p. 12): “Até 1995 o Kokama/Omágua havia sido classificado como uma língua Tupi-Guarani, e foi relacionado ao Tupinambá na classificação de Rodrigues (1985), no subconjunto III, mas Cabral (1995) a considera uma língua não classificável”.

³¹ [...] the genetic classifications of Kokama made by other historical linguists fail to acknowledge this possibility regarding Kokama. These classifications are the result of a partial application of the Comparative Method, which can only function when the Method is conceived as a whole, as a set of interrelated methodological procedures which correspond to the nature of their object of inquiry (CABRAL, 1995, p. 4).

Os processos de contato de línguas foram responsáveis pelo surgimento do Kokama /Omágua, uma língua proveniente do Tupi-Guarani, apesar de apresentar uma gramática bastante diferente da encontrada nas línguas dessa família. Nesse aspecto, Cabral e Rodrigues (2003, p. 180) discutem:

Embora cerca de 60% do seu vocabulário básico seja Tupi-Guarani, muito provavelmente de origem Tupinambá, a sua gramática é bastante diferente da gramática Tupi-Guarani, nem é identificável com as das gramáticas das famílias lingüísticas a que pertence as demais línguas que deixaram elementos no seu léxico (uma ou mais da família aruak, pelo menos uma da família pano, e o Quêchua.

No entanto, Vallejos (2010), em sua tese *A Grammar of Kokama-Kokamilla*, pesquisa realizada com os Kokama-Komamilla do Peru, refuta a hipótese de Cabral (1995) e demonstra que a língua Kokama é de origem Tupi-Guarani. Isso porque “Há um consenso entre antropólogos, linguístas, historiadores do Peru, de que a língua Kokama-Kokamilla é da família Tupi-Guarani”³², VALLEJOS, 2010, p.3, tradução nossa). Neste trabalho, a preocupação demanda uma política de vitalização da língua, assim sua classificação genética fica para uma discussão futura.

1.2.1 Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana - FORMABIAP

No encontro de cartografia, na Argentina, entre pesquisadores que trabalham no Programa de Formación de Maestros Bilingües de La Amazonía Peruana – FORMABIAP importantes decisões foram tomadas em favor da política da língua.

Esse Programa iniciou suas atividades em 1988 com base no convênio de cooperação entre o *Ministerio de Educación* através da *Dirección Regional de Educación Loreto*, o *Instituto Superior Pedagógico de Loreto* e a Associação Interétnica de Desenvolvimento da Selva Peruana.

Ao longo dos vinte anos de luta, o movimento indígena do Peru tem conseguido alcançar muitas conquistas importantes com a sua participação no sistema político nacional. Uma das conquistas mais importantes foi no campo educacional com as parcerias realizadas que deram andamento ao Programa de *Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana-FORMABIAP*.

³² “Second, there is a consensus among anthropologists and historians alike that the Kokama-Kokamilla and Omaguas living in Peru are descendent from the Tupí ethnic group” (VALLEJOS, 2010, p.3).

A metodologia utilizada pelo FORMABIAP tem a duração de cinco anos. Durante este período, os estudantes fazem atividades por meio de ciclos alternados. Nos primeiros anos, os estudantes aprendem as teorias metodológicas para trabalhar como pedagogos interculturais bilíngues em suas comunidades. Concomitantemente a essa formação, realizam pesquisas que os ajudam a conhecer melhor sua cultura durante os cinco anos de formação. Para isso, objetivos foram estruturados, como vemos a seguir, na citação do programa FORMABIAP, 2012³³, tradução nossa):

Os objetivos dos ciclos são: Desenvolver atitudes e capacitar o futuro professor para que possa desenhar propostas educativas de acordo com sua realidade sócio-ecológica, cultural e linguística de seu povo, tornando reflexiva e crítica os aportes de seus currículos pedagógicos. Os ciclos presenciais possuem os seguintes objetivos: 1. Propiciar que os estudantes se reapropriem de seus conhecimentos e práticas indígenas, aos quais não tiveram acesso nos anos escolares; 2. Recolher elementos necessários para sistematização dos conhecimentos dos povos indígenas. 3. Validar a proposta curricular primária e os materiais educativos elaborados através das práticas pedagógicas. 4. Manter e desenvolver um vínculo permanente com seu povo, a fim de que o futuro professor se comprometa a trabalhar com e para seu povo.

Esses objetivos são peculiares a programas de formação de professores indígenas que visam aproximar os conhecimentos empíricos aos conhecimentos científicos, para incentivar os futuros professores a assumir um compromisso com seu povo para que juntos possam conseguir atingir os objetivos esperados na escola, dentro de sua comunidade.

Essa formação atendeu jovens de 15 povos indígenas da Amazônia Peruana: Achuar, Awajun, Ashaninka, Nomatsiguenga, Bora, Kandoxi, Shawi, Kukama-Kukamiria, Wampis, Uitoto, Shipibo, Záparo, Shiwilu, Tikuna y Kichwa, e conta com um total de 162 egressos. Mas, a partir de 2000, devido a fatores financeiros, o FORMABIAP passou a limitar o número de alunos em seu programa; atualmente estão em formação somente Kukama-Kukamiria, Kichwa, Shawi y Shiwilu.

Nessa perspectiva, a formação de professores indígenas ajuda o futuro professor a trabalhar de forma contextualizada a língua e cultura de seus povos, como veremos adiante no trabalho realizado com a língua Kukama-Kukamiria.

A formação desses docentes também tem como resultado a elaboração de materiais didáticos produzidos pelos futuros professores, a comunidade e o FORMABIAP. Exemplos de alguns desses materiais didáticos são Sabidurías Del pueblo Kukama-Kukamiria. Série:

³³Disponível em: <www.FORMABIAP.org.br>. Acesso em: ago. 2012.

Visiones y Conocimientos Indígenas, Primera edición, Júlio, 2009; Visiones Kukama-Kukamiria em relación al bosque y La sociedad. Série: Visiones y Conocimientos Indígenas. Primera edición, Iquito-Peru, Júlio, 2009 y otros, além de um dicionário trilingue Kukama-Kukamiria, Espanhol e inglês. Atualmente lançado em Kukama-Kukamiria e Espanhol.

1.2.2 Língua Kukama-Kukamiria

O Povo Kukama-Kukamiria no Peru soma cerca de 20.000³⁴, entretanto há apenas 1.500 falantes idosos espalhados em pequenas aldeias³⁵. Em 2014, ocorreu um avanço importantíssimo no processo de revitalização da língua Kukama-Kukamiria, após dois grandes encontros em que se reuniram lideranças, linguístas, professores e interessados. Em março e junho deste ano, o Ministério de Cultura do Peru deu início a um programa de política linguística chamado “Vozes vivas”³⁶, que atenderá comunidades de “Santa Clara y Santo Tomás, del Bajo Nanay, cuenca del Amazonas, en Loreto”³⁷.

Este programa é uma ação conjunta com o programa Pensión 65, por meio do modelo “Saberes Productivos” do Ministério, que lançou o Programa “Vozes Vivas” para a língua Kukama-Kukamiria, além da documentação da língua Kukama-Kukamiria naquele país. É um trabalho coordenado por Rosa Vallejo e sua equipe de comunitários do povo Kukama-Kukamiria. Nesse sentido, podemos visualizar, no mapa que segue as comunidades que já foram visitadas onde ocorreu a pesquisa:

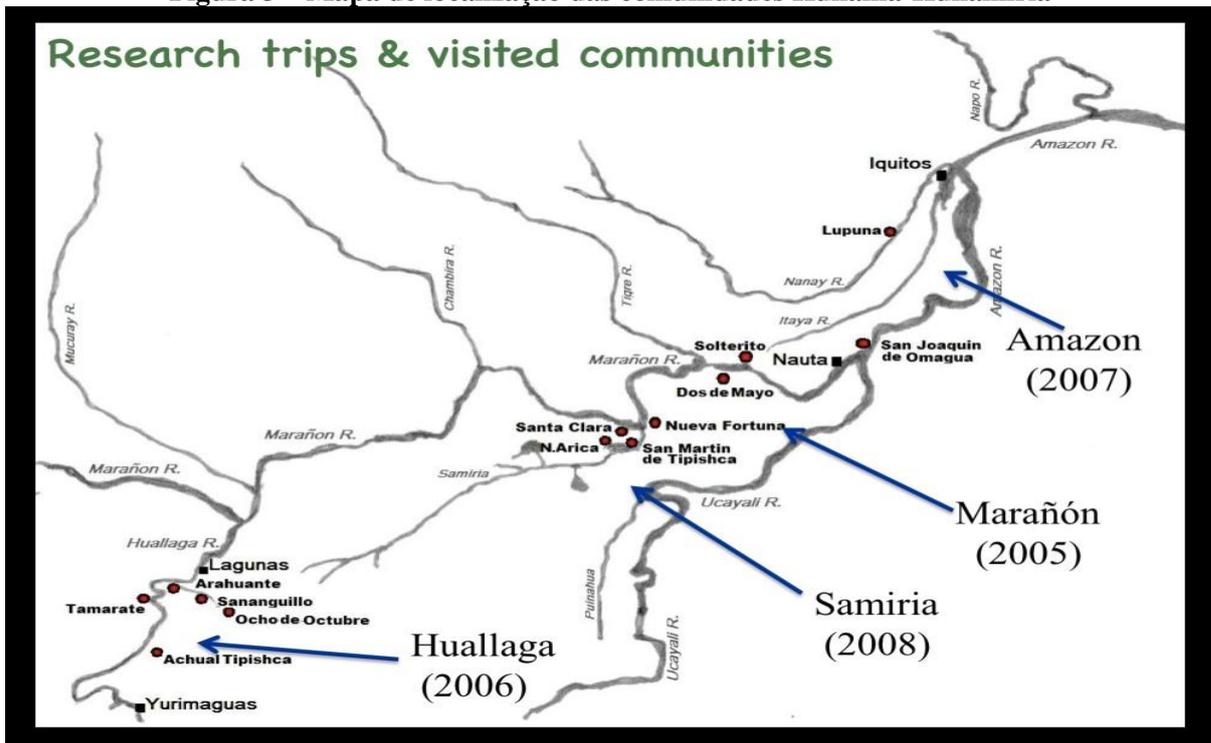
³⁴Segundo professor Richard Ricopa Yaicate, (2015) “esse número é crescente devido a valorização da identidade Kokama no Peru”. Novos dados são apresentados em um novo senso. Iquitos, abril, 2015.

³⁵O Projeto de documentação Kukama-Kukamiria. Disponível em <<http://www.unm.edu/~rvallejos/documentationprojectkk.html>> Acesso em 27 jan. 2015.

³⁶El Programa Voces Vivas se viene implementando ya en el distrito de Tupe, con la lengua jaqaru y se extenderá durante el presente año a cuatro lenguas más. La Ley de Lenguas Indígenas 29735, establece en su artículo 14, inciso 2 que “*Las lenguas originarias en peligro de extinción reciben atención prioritaria en los planes, programas y acciones públicas de planificación lingüística, orientados a rescatar dichas lenguas*”. <http://cultura.gob.pe/es/comunicacion/noticia/el-ministerio-de-cultura-inicia-la-revitalizacion-de-la-lengua-kukama-kukamiria>. Acesso 18 de agosto de 2014.

³⁷<http://cultura.gob.pe/es/comunicacion/noticia/el-ministerio-de-cultura-inicia-la-revitalizacion-de-la-lengua-kukama-kukamiria>. Acesso 18 de agosto de 2014.

Figura 3 – Mapa de localização das comunidades Kukama-Kukamiria



Fonte: O Projeto de documentação Kukama-Kukamiria³⁸.

À medida que o projeto de documentação da língua Kokama alcança as comunidades, notamos a possibilidade de encontrar mais falantes plenos dessa língua para documentar um acervo lexical que promova a vitalização. Nesse aspecto, o Projeto de documentação Kukama-Kukamiria divulga o seguinte resultado:

[...] 11 comunidades ao longo do Samiria, Nanay e rios Huallaga. Foram entrevistadas 30 palestrantes, sendo 14 mulheres e 16 homens. A faixa de idade dos consultores é 50-86 anos. Em uma comunidade que nos encontramos o palestrante mais jovem (26) que em termos estatísticos seria considerado um outlier. Levando-o para fora da amostra, a idade média dos consultores é de 69,4 anos³⁹.

Os Kukama-Kukamiria do Peru seguem fortalecendo a língua e a cultura com o apoio institucional de organizações governamental e não governamental.

No Brasil, em especial na Amazônia Brasileira, o movimento para fortalecer a língua Kokama é crescente. O processo de territorialização da língua Kokama no Amazonas expressa a importância de fortalecer a língua de herança e a reafirmação da identidade para este povo.

A identidade é “cristalizada no interior de um indivíduo, assim como pelas relações sociais e culturais no seio das quais ele/ela está engajado e que é levado a reproduzir ou a

³⁸<http://www.unm.edu/~rvallejos/documentationprojectkk.html>. Acesso 27/01/15.

³⁹Projeto de documentação Kukama-Kukamiria. Disponível em <http://www.unm.edu/~rvallejos/documentationprojectkk.html> acesso em 27 jan. 2015.

rejeitar” (GODELIER, 2012, p.53). Para Barth (2000), a identidade é do tipo organizacional, pois se diferencia no contato com outros grupos por meio de diacríticos culturais, e o grupo se autodefine. Muitas das vezes o diacrítico cultural diferenciador entre os grupos é a língua. Nessa perspectiva, a identidade do povo Kokama é fortalecida com o movimento em torno da língua num processo de territorialização.

1.3 Processo de Territorialização da Língua Kokama no Amazonas

O processo de territorialização possibilita a compreensão do campo empírico do povo Kokama, localizado às margens do rio Solimões e Baixo Rio Negro, a fim de dar visibilidade às comunidades Kokama.

Para Oliveira Filho (2004, p. 20), as categorias “[...] etnogênese de unidades socioculturais, que agregam diferentes etnias; constituição de mecanismos políticos, organizadores dos interesses coletivos; redefinição do controle social sobre os recursos naturais e a reelaboração das formas culturais e da relação com o passado [...]” corroboram para o entendimento de reorganização social, política, linguística e territorial dos povos indígenas do Brasil que ressignificam seus territórios geográficos e os transformam em “novos processos de territorialização” (ALMEIDA, 2008, p. 29).

Esses novos processos de territorialização resultam em “territorialidade específica”, referindo-se às relações peculiares que as unidades étnicas mantêm no processo de reelaboração sociocultural, “resultados de diferentes processos sociais de territorialização” (ALMEIDA, 2008, p. 29). Esse processo reúne raízes locais, novos laços de solidariedade, fatores político-organizativos, autodefinições coletivas, consciência ambiental e elementos distintivos de identidade coletiva⁴⁰.

A luta pela terra, pela educação, saúde e bem-viver são observados quando os agentes sociais se autodefinem e fortalecem suas culturas e tradições utilizando de seus diacríticos culturais para dar visibilidade às suas demandas, como é visto com o povo Kokama que dá visibilidade à vitalização da língua Kokama no Amazonas em escolas e Centros Culturais Kokama.

Nesta pesquisa, assumiremos o significado de processos de territorialização apresentado pelo antropólogo Oliveira Filho (2004), o qual nos faz refletir sobre a constituição do processo de uma sociedade segmentar, que passa a ser uma sociedade

⁴⁰A identidade coletiva, objetivada em movimento social, passa ter no fator linguístico um de seus mais destacados fundamentos sociais e de mobilização. Entretanto, não é a língua em si, se não a sua combinação com a ação organizada de defesa de direitos básicos que evidencia tal transformação. (ALMEIDA, 2007, p. 12).

centralizada, e sua incorporação dentro da situação colonial que ocasiona múltiplas relações entre a sociedade e o território em plano de existência sociocultural.

A consequência dessas múltiplas relações se apresenta num quadro que se caracteriza por aspectos de reorganização social que reflete os processos identitários que perpassaram o século XX e que está presente no século XXI. Nessa perspectiva, Oliveira Filho, seguindo a leitura de Fredrik Barth (2000), enfatiza o processo de autoafirmação étnica, correspondente à de todos os processos atuais. No caso do Brasil, o processo de autoafirmação étnica ganhou força depois da Constituição Federal de 1988.

Vale ressaltar que, ao citar Oliveira Filho (2004), estamos nos apoiando em seu aporte teórico para pensar os processos de territorialização vivenciados pelo povo Kokama no Amazonas, nos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Içá, Tonantins, Jutai, Fonte Boa, Tefé, Alvarães, Uarini, Japurá, Manaus e outros. Almeida (2008) nos ajuda a refletir sobre os processos de territorialidades específicas de cada comunidade que se agrupa nesses respectivos municípios, formando identidades coletivas para lutar, resistir e reivindicar direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988, como saúde, educação e a demarcação do território e a luta pelo bem-viver. A esse propósito, vale lembrar que, Almeida (2007, p. 11):

Neste sentido é que se pode asseverar que as línguas indígenas têm um significado novo nas pautas de reivindicação dos movimentos indígenas, uma vez que territorializam para além dos limites geográficos colocados oficialmente pela figura jurídica das terras indígenas.

É sabido que as comunidades indígenas Kokama, em terras indígenas e em cidades, estão em constante elaboração de suas tradições. Para Oliveira Filho (2004) os indígenas buscam manter uma relação com o passado resignificando a cultura presente, de maneira estão em constante reelaboração na relação com a cultura e com o passado. No caso dos indígenas Kokama, isso ocorre com frequência, como pode ser visto por meio de pesquisas realizadas pelos professores indígenas com os idosos falantes da língua Kokama. Os idosos são detentores de conhecimentos e memórias coletivas que ajudam o professor a aprender e a ensinar para seus alunos os conhecimentos da cultura por meio da língua.

Os idosos das comunidades são referência em relação aos conhecimentos tradicionais de seu povo. Os acontecimentos, muitas vezes, foram vivenciados por um determinado grupo, ou apenas por uma pessoa, mas, ao serem compartilhados, se tornam fenômeno coletivo em que o grupo toma para si, como se vivenciasse o acontecimento por tabela. A memória é

considerada fenômeno coletivo, geralmente são os mais idosos das comunidades que são os lembradores de acontecimentos, histórias, cantorias, remédios e outros elementos relacionados à cultura que contribuem significativamente para manutenção da visão social e cultural do povo; “acontecimentos [...], vividos por tabela”, ou seja, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer” (POLLACK, 1992, p. 2).

O processo vivenciado pelo povo Kokama em relação à língua foi e é observado por muitos povos do Brasil e do mundo, “o não falar não foi uma decisão, mas sim uma imposição. Essa imposição acompanhou todas as etapas do processo de territorialização linguística a que foram submetidos os diferentes povos indígenas” (SILVA, 2007, p.68). As ordens religiosas que impuseram uma nova cultura, uma nova língua, o português, e exterminaram muitas línguas no Brasil ou deixaram-nas em limitados territórios, a fim de fazê-las desaparecer.

Nessa perspectiva, o território para os povos indígenas de um modo geral, aqui para os Kokama, é tido como o espaço que no passado e no presente é marcado por resistências e conflitos, pois o significado de território vai além dos espaços demarcados pela geografia, como os locais sagrados, e como árvores sagradas, pois a lógica social que “alicerça a consolidação da língua são as relações sociais estabelecidas pelas pessoas” (SILVA, 2007, p.68) em seus diferentes ambientes.

Há uma estreita relação entre os indígenas, os recursos naturais e a natureza. Necessitam deles para se alimentar, para construir suas casas, produzir canoas e remos, assim como para elaborar remédios com plantas medicinais para cuidar das pessoas, animais doentes e com *kutipa*⁴¹ das aldeias. Com isso, os indígenas criam o ambiente propício para transmissão da cultura em diferentes espaços ocupados por eles, “o caso específico das línguas indígenas cuja territorialidade linguística é reconhecida pelos seus falantes, onde ela se reproduz e se produz, se estenderá até a cidade sem prejuízo desta” (SILVA, 2007, p.69).

⁴¹ Palavra de origem Kechua também falada pelo povo Kokama em várias comunidades. Entretanto na língua Kokama se chama Kanuparita, apenas os mais velhos conhecem esta palavra. É algo que penetra dentro do corpo de uma pessoa, deixando-a com mal-estar YAJAHUANKA. Sem *Kutipa*: concepções sobre saúde reprodutiva e sexualidade entre os descendentes Kukamas Kukamirias, Peru, 2009. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP, 2009. Tem a ver com a realidade dos mundos Kokama onde vivem os espíritos de animais, os seres que vivem dentro d'água, como os karuaras, como a ipira mama; a mãe das plantas ou até mesmo pessoas que atacam os espíritos das pessoas mais fracas. Os seres espirituais atacam as pessoas e as deixam com espírito fraco, isso é *Kutipa/Kanuparita*. Na cosmovisão do povo Kokama, o conceito de doença e saúde tem a ver com o equilíbrio dos mundos espiritual e material. O conflito entre os espíritos dos mundos do povo Kokama com o povo Kokama material, resulta num desequilíbrio da saúde desse povo. Quando se está com *kutipa* a pessoa fica com mal - estar e com tristeza, precisando dos *ikaros*-orações ou cantos que falam da mata, da natureza para ficarem curados.

Predomina na fala dos entrevistados e na posição das associações indígenas uma representação idealizada dos indígenas para explicar seus conflitos na questão do território. Afirmam que nasceram e aprenderam a respeitar os espíritos dos recursos naturais, sua língua, seus costumes e suas “tradições” numa relação de equilíbrio, pois os recursos naturais lhes dão aquilo de que necessitam para viver. Cuidamos de nossas matas, de nossos rios, lagos, dos peixes, das aves como nossas próprias casas, uma “[...] herencia tan importante que nos legaron nuestros antepasados la llamamos territorio”⁴² (RICOPA YAICATE, 2009, p. 96).

Nesse ambiente, todos ajudam-se mutuamente, compartilhando a comida, a bebida, a terra e o lago; são formas de transmissão da cultura no cotidiano das comunidades em que a língua muitas vezes em palavras soltas é ensinada. Apesar de haver alguns conflitos internos, todos se ajudam e procuram estar vivendo sempre juntos em comunidade. Para Bauman (2003), comunidade representa um local em que os agentes sociais se sentem acolhidos e protegidos, pois este sentimento na comunidade é aprendido, pela relação que têm com a natureza, pela atitude de proteção, de união e astúcia.

Nos trabalhos do Projeto Nova Cartografia da Amazônia-PNCSA, os espaços relacionais podem ser representados de muitas maneiras, emergindo como estratégias de elaboração de identidade coletiva, exemplificados nas comunidades Sateré-Mawé (PNCSA, 2009a)⁴³ e na AMARN (2009b)⁴⁴, e nas oficinas de mapas, realizadas com diferentes comunidades do povo Kokama, como na comunidade Bom Jardim, (2013)⁴⁵ e Associação das Comunidades Indígenas Kokama de São Paulo de Olivença-ACIK (2013)⁴⁶. Nessa perspectiva, lideranças indígenas, juntamente com suas comunidades, lutam por saúde, educação e, principalmente, pela demarcação de seus territórios. Assim, passam a se organizar e se reorganizar coletivamente pela escola ligada às associações, num espaço social que delimita suas territorialidades específicas, onde ocorre o resguardo do aspecto relacional das

⁴² “[...] herança tão importante deixada por nossos antepassados, um legado, chamado território” (YAICATE, 2009, p.96).

⁴³Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas nas cidades de Manaus, Manaquiri e Iranduba: processo de territorialização dos Sateré-Mawé. Fascículo 23. Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia. Agosto de 2008.

⁴⁴Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Associações Indígenas na Cidade de Manaus. Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro, Numiã Kura. Fascículo 24. Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia. Abril de 2009.

⁴⁵Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais: povos Kokama e Tikuna, Benjamin Constant-AM. Demarcação contra devastação, 2. Cordenação Geral Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Reginaldo Conceição da Silva...[et al]. Manaus: UEA, Edições, 2013.

⁴⁶Nova Cartografia Social da Amazônia: Movimento Kokama em São Paulo de Olivença. Cordenação Geral Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Altaci Corrêa Rubim e Glademir Sales dos Santos. Fascículo 41. Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos. Manaus: UEA, Edições, 2013.

estreitas vivências que os agentes sociais mantêm no seu cotidiano com as suas formas organizativas.

O campo empírico, neste caso, expressa as experiências da luta do povo Kokama para vitalizar sua língua por meio da educação escolar indígena dessas unidades associativas, que ocorrem em diferentes espaços sociais. Em alguns desses espaços foram realizadas oficinas de mapas, a partir das quais as lideranças indígenas elaboraram fascículos sobre as relações socioculturais. Essas ações têm mostrado que, antes de ser pensada a identidade do professor indígena e da escola indígena, há um novo processo de territorialização diferente da situação imposta pelos colonizadores, do qual faz parte aquela construção social da educação diferenciada em que a língua vitaliza a cultura nas escolas Kokama.

Esse modo de perceber etnográfico traz à tona questões pertinentes aos direitos de educação diferenciada e a busca do avivamento da língua Kokama como resultantes das formas organizativas das unidades étnicas. Preliminarmente, nesse contexto se faz necessário explicar territorialização e territorialidades específicas, a fim de situar a reflexão. Os principais aspectos relacionados por João Pacheco de Oliveira para definir processos de territorialização, aparecem na seguinte citação:

[...] a noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: i) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; ii) a constituição de mecanismos políticos especializados; iii) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; iv) a reelaboração da cultura e da relação com o passado (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 22).

Essas características do processo de territorialização ajudam a entender a dinâmica das relações dos agentes sociais. O campo pesquisado apresenta o “processo de reorganização social”, que vai além dos fatores expostos acima, esclarece novas maneiras de pensar os espaços de luta, de organização e reorganização coletiva em torno da vitalização da língua, como também como instrumento de defesa e reivindicação pelos seus direitos.

Nesse sentido, os conceitos de “territorialização” e “territorialidade” expressam as relações sociais no contexto colonial, cujo significado se aproxima mais da área da geografia. Todavia, esses mesmos aspectos podem ser vistos no “novo processo de territorialização”, que explica não a sujeição dos indígenas ao período colonial, mas a posição dos indígenas na situação política atual, dentro de um campo de conflito, em que a identidade é acionada como um sentimento de pertencimento à coletividade.

Esse novo processo desconstrói uma visão dogmática das dicotomias sociais, pois:

[...] Através desse processo peculiar de territorialização, verifica-se que expressões organizativas e formas de ocupação que são pensadas como intrínsecas à área rural despontam dentro do perímetro urbano, levando os estudiosos a relativizarem as dicotomias rural/urbano e nômade/sedentário na caracterização das chamadas ‘comunidades tradicionais’ e no reconhecimento de suas expressões identitárias (ALMEIDA, 2008, p. 87 *apud* RUBIM, 2011, p. 74).

A reflexão acima demonstra o que é observado nas relações sociais, culturais e econômicas mantidas pelos indígenas das aldeias com os indígenas da cidade na luta pelo reconhecimento das terras tradicionalmente ocupadas.

Nessa perspectiva, os povos indígenas que, no passado, enfrentavam os colonizadores para manterem seus territórios, agora realizam, nas mobilizações semelhantes, a partir da força política das identidades assumidas para vitalizar ou revitalizar suas línguas, ensino e saúde diferenciados.

A pesquisa realizada para elaboração do mapa situacional da comunidade Kokama do ramal do Brasileirinho km-8, ramal-08, Puraquequara II por meio do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA revelou o campo empírico da referida comunidade por meio de processos organizativos da retomada da língua em diferentes espaços da comunidade, além da escola, por meio de suas representações culturais, música, danças, bem como na forma do plantio das roças, das verduras e das plantas medicinais.

A visão política das línguas tem por objetivo realizar o mapeamento situacional dos movimentos sociais, como fez o PNCSA, que descreve as formas organizativas e destacou as identidades coletivas como a força organizativa das mobilizações sociais.

O resultado do mapeamento situacional são as descrições das partes de territórios que são significativos para o grupo trabalhado, “[...] inclui situações consideradas relevantes em suas lutas e suas práticas sociais cotidianas”, conforme ALVES (2013, p. 127). Há diferenças entre a nova cartografia social, também chamada de mapeamento situacional e a cartografia tradicional:

Numa tentativa de ruptura com as interpretações de pretensão geopolítica e reforçando o exercício das comparações, objetivamos a proposição de uma “nova cartografia social”, enquanto orientadora de práticas de pesquisa, distinguindo-se do sentido corrente do vocábulo “cartografia”. Em outras palavras a noção de cartografia social aqui não pode ser entendida como circunscrevendo-se a uma descrição de cartas geográficas ou a um traçado de mapas e seus pontos cardeais com vistas à defesa ou à apropriação de um território. Ao contrário de qualquer significação única, dicionarizada e fechada, a ideia de “nova” visa propiciar uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta, conectável em todas as suas dimensões, e voltada para múltiplas “experimentações” fundadas, sobretudo, num conhecimento mais

detido de realidades localizadas. A verificação *in loco* de situações empiricamente observáveis remete a relações de pesquisa entre os investigadores e os agentes sociais estudados, que no caso em pauta, do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, referem-se às comunidades tradicionais, cujos efeitos se manifestam, de maneira diferenciada, nos resultados obtidos. Esta descrição de pretensão plural compreende práticas de trabalho de campo e relações em planos sociais diversos, que envolvem múltiplos agentes, os quais contribuiriam à descrição com suas narrativas míticas, suas sequências cerimoniais, suas modalidades próprias de uso dos recursos naturais e seus atos e modos intrínsecos de percepção de categorias (tempo, espaço) e objetos (ALMEIDA, 2014, p. 21-22)⁴⁷.

A reflexão de Almeida (2014) ressalta que o mapeamento realizado por órgãos do governo não expressa o contexto vivenciado pelas populações tradicionais ou por grupos que lutam e reivindicam reconhecimento.

O caso da comunidade Kokama Nova Esperança do ramal do Brasileirinho passou por um processo de luta para o reconhecimento de seu território, da escola e do professor indígena. Nesse sentido, a língua conquistou espaço na comunidade por meio dos nomes de rua- “*Mutsanape*⁴⁸”, da escola- “*Ikuachiru Atawanã Kuarachii Kokama*⁴⁹”, do barracão “*Uka nuan*⁵⁰”, espaço de plantio de verduras “*Erapakatupa*⁵¹” e outros expostos em placas colocadas em toda a comunidade.

Na Amazônia Brasileira, as comunidades e aldeias Kokama fortalecem o ensino e aprendizagem da língua Kokama por meio da escola e Centros Culturais⁵². Os professores indígenas são contratados para desenvolver a língua e a cultura Kokama na escola.

Entretanto, ainda há poucos materiais didáticos e, apesar das dificuldades, os professores realizam as pesquisas em suas comunidades, ou solicitam materiais das comunidades mais próximas, ou da comunidade Kokama de Manaus e assim é o trabalho com a língua e a cultura Kokama na escola.

Em cada local, tem-se uma experiência de ensino e aprendizagem da língua, ou seja, ocorre o processo de territorialização da língua nas mais de 200 escolas Kokama no Amazonas. Em algumas dessas comunidades, foi feito o mapa situacional pelo PNCSA para localizar demandas das próprias comunidades.

⁴⁷ Actas de las Jornadas: Conocimientos Tradicionales de La Pan Amazonia AL Rio De La Plata. Apontamento para uma nova Descrição: “Uma abordagem Crítica sobre a politização da consciências das fronteiras da Amazônia ao Prata. <https://alfarcollectivo.files.wordpress.com/2014/07/actasjornada-panamazonia.pdf>.

⁴⁸ Caminho dos remédios.

⁴⁹ Escola Sol Kokama.

⁵⁰ Casarão ou Barracão.

⁵¹ Lugar Bonito”.

⁵² Os Centros Culturais são espaços dentro de uma comunidade ou aldeia indígena, onde ocorrem reuniões assembleias, rituais e outras diferentes práticas culturais, além do ensino e aprendizagem da língua.

Nesse sentido, “não é a língua em si, senão a sua combinação com a ação organizada de defesa de direitos básicos que evidencia tal transformação” (ALMEIDA, 2007, p.12) como força mobilizadora dos povos indígenas. Assim, apresentamos algumas das comunidades Kokama do Amazonas com seus respectivos municípios e as suas reorganizações no processo de vitalização da língua Kokama.

1.3.1 Comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho em Manaus-AM

No novo território desde meados de 2012, a comunidade fortalece sua força política por meio da Associação dos Índios Kokama de Manaus-Akim e juntamente com seus professores e comunidade tomam a iniciativa de criar seus próprios materiais didáticos para fortalecer a língua de seu povo. Assim, os professores apresentaram os projetos sobre os materiais didáticos pedagógicos para a comunidade.

Figura 4 – Apresentação do Projeto de elaboração dos materiais didáticos à comunidade e foto oficial da comunidade



Fotos: Emmanuel Farias Junior, 2013, e de Jardeline Santos, 2013, na apresentação do Projeto.

Nesse dia também ocorreu a gravação com os aprendizes da língua Kokama da comunidade, esses arquivos foram guardados para que futuramente possam ser apresentados à comunidade para que eles possam observar o progresso desse aprendizado. Ocorreu também oficina de ensino e aprendizagem da língua Kokama.

Em 2014, foram feitos novos registros, mas o computador da comunidade queimou e os dados foram perdidos. Em dezembro ocorreu oficina de ensino e aprendizagem da língua Kokama.

Em 2015, não houve oficina na comunidade, mas os professores foram convidados a participar da I Oficina Pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama no município de Tabatinga-AM.

Figura 5 – Lideranças da comunidade



Da esquerda para direita: Kuraka Carlos Cezar, vive-Kuraka ao centro prof. Orígenes e, em seguida, D. Ofélia, anciã e a professora Altaci. **Foto:** Altaci Rubim e Laura S. Rubim de Souza, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM, 2014.

Os Kokama construíram um portão na entrada da comunidade com seus desenhos e grafismos expressos de diferentes formas. Observam-se as marcas da identidade Kokama em seus desenhos e grafismos.

Figura 6 – Portão da entrada da comunidade Nova Esperança Kokama



Foto: Jacinta Corrêa Rubim, abril de 2014.

Depois do portão, há uma subida na entrada da comunidade que chega até a roça que se localiza no centro da comunidade.

Figura 7 – Subida da comunidade e roça.



Foto: Altaci Corrêa Rubim, 2013. Comunidade Nova Esperança, Manaus-AM.

Em 2005, os Kokama passaram a reivindicar uma educação diferenciada em Manaus. A escola Atawanã Kuarachi Kokama é resultado dessa reivindicação. Antes da contratação do professor indígena para a comunidade, as aulas de cultura e da língua eram ministradas pelo coordenador Sebastião Castilho Gomes, um Kokama que, nos finais de semana, fazia reunião com a comunidade e lá contava histórias antigas, histórias e falava um pouco da língua para os Kokama que participavam dessas aulas.

No dia 28 de outubro de 2006, a comunidade Nova Esperança Kokama se reuniu em assembléia para discutir o início do processo de revitalização da Língua Kokama em Manaus. Nessa reunião estiveram presentes: Ana Délia (Pastoral Indigenista), Dote (CIMI), Idenório (CIMI) e a comunidade Kokama. O então coordenador Sebastião Castilho Gomes ressaltou a união para a conquista dos benefícios para a comunidade.

O coordenador ressaltou também que a reivindicação escolar diferenciada feita pela comunidade tinha sido aceita pela prefeitura e que o professor Orígenes Corrêa Rubim Kokama seria contratado para continuar seu trabalho de revitalização da Língua com a colaboração da professora Altaci Corrêa Rubim e com o acompanhamento do Pe. Ronaldo Macdonell, linguísta do Conselho Missionário Indigenista-CIMI.

Nessa mesma reunião, foi escolhido o nome da escola. A comunidade sugeriu três nomes: Atawanã Sabugo Kokama, nome em homenagem ao coordenador Sebastião, e Atawanã Kuarachi Kokama.

Francisco Maricaua Kokama sugeriu este último nome, uma vez que, em Kokama, Kuarachi significa sol e ele nasce todos os dias, como ocorreria com a escola Kokama de Manaus, que todos os dias nasceriam com o brilho e a energia do sol para ajudar a fortalecer a identidade do povo Kokama. Finalmente, foi sugerido o nome Atawanã Toyare Kokama em homenagem a D. Inaura Kokama, senhora participante do movimento Kokama de Manaus.

Por unanimidade foi escolhido Atawanã Kuarachi Kokama. Assim, nascia uma escola Kokama diferenciada nesse município. A partir de então, a comunidade se organizou e todos construíram mesas e cadeiras para as crianças e, para jovens e adultos estudarem nos finais de semana. No final de 2006, um forte temporal destruiu o espaço físico da escola e o professor passou a ministrar suas aulas debaixo das árvores. Depois de um tempo, a comunidade reconstruiu outro barracão para reuniões, assembléia e para a escola.

Um professor Kokama foi contratado pela Secretaria Municipal de Educação, em março de 2007, o qual, no ano seguinte, passou a morar na comunidade. Sua prática educativa passou a ser subsidiada pelos assessores do Núcleo de Educação Escolar Indígena da Secretaria Municipal de Educação-SEMED. Desde então, o professor desenvolve pesquisa

para subsidiar os projetos da comunidade. No final de cada ano, é realizada uma “Mostra de trabalhos pedagógicos” na SEMED, em que o professor Kokama também leva seu trabalho para ser apresentado como resultado do que foi desenvolvido durante o ano na comunidade.

Em 2010, porém, ocorreu a mudança da equipe técnica e os trabalhos pedagógicos foram redimensionados. As ideologias da escola regular tornaram-se presentes com a atuação da nova equipe técnica, ocasionando muitos conflitos. Em 2011, foi discutido o processo de construção do Projeto Político Pedagógico da escola Kokama. É sabido “que o processo é lento, mas gradativamente e a passos firmes estamos construindo nosso projeto de futuro com a nossa escola” diz o professor Orígenes Corrêa Rubim em dezembro de 2011.

Em 2012, concretizou-se, em Manaus, a criação da categoria professor e da instituição escola indígena pelo Decreto nº 1394/11. No mesmo ano, ocorreu o primeiro processo seletivo para a contratação dos professores indígenas de Manaus, pelo edital nº 02/2012. O resultado desse processo seletivo foi a contratação de 23 professores indígenas, dos quais dois professores Kokama, Orígenes Corrêa Rubim, da comunidade Nova Esperança do ramal do Brasileirinho, km-08; ramal-08 e Francisco Maricaua, da comunidade Kokama localizada na rua Lábrea no bairro da Grande Vitória.

Atualmente, a SEMED realizou um processo seletivo, edital nº 3853/2016, em que participaram 30 professores indígenas. Entretanto, os professores indígenas de Manaus reivindicam a realização de um concurso público para efetivá-los.

As observações empíricas apontam para a perspectiva da construção de uma identidade coletiva e para a referência de um novo campo de relações e percepções, em que o “tipo organizacional” (BARTH, 2000, p. 175) promove um movimento da unidade afetiva para uma unidade política de mobilização ou de uma “existência atomizada para uma existência coletiva” (ALMEIDA, 2008, p.118). Em 2013 e 2014, a comunidade conquista um novo território e reconstrói seu barracão ‘*Uka Nuan*’, dá nomes aos caminhos da comunidade ‘*Aturachama pe*’ caminho da envireira e ‘*Mutsana pe*’ caminho dos remédios, planta roça de macaxeira, mandioca e banana, além de plantar verduras, legumes, e recebe o nome na língua Kokama de ‘*Erapaka tupa*’ lugar bonito e dá nome também em Kokama para o local em que é feita a plantação de ervas medicinais chamado ‘*Yatima mutsana tupa*’; toda essa plantação é para consumo e para a comunidade.

Na escola *Atawanã Kuarachi Kokama* as aulas começaram debaixo das árvores, depois foi feito um barracão coberto por lona, e todas as vezes que chovia o vento levava a lona e todas às vezes a comunidade colocava de volta. De 2009 a 2012, a comunidade conseguiu construir um pequeno barracão para o professor ministrar as aulas.

Figura 8 – Escola Atawanã Kuarachi Kokama em terras particulares



Foto: Altaci Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM, 2009.

Com problemas internos, a comunidade saiu desta terra particular e foi para uma terra doada por um parente Kokama, uma das primeiras iniciativas foi reconstruir as casas e as escolas.

Em meados de 2012, a comunidade sai de um sítio e vai habitar uma nova terra, um lote pequeno para o número de famílias, mas com muito jeito conseguiram colocar todos na mesma terra, no ramal do Brasileirinho. As Terras Indígenas Kokama na Amazônia brasileira se encontram no interior do estado sendo umas demarcadas, outras em processo de demarcação e há aquelas que reivindicam ainda o reconhecimento. Nas cidades do Amazonas não há demarcação de Terra Indígena, há apenas um caso, onde a prefeitura demarcou uma terra que foi a Terra Indígena Beija Flor, uma aldeia de identidades coletivas Satare- Mawaé, Tukano, Baré entre outras no município de Rio Preto da Eva-AM. O interessante que o instrumento de reivindicação utilizado por essas lideranças para exigir a demarcação de seu território foi o mapeamento situacional que veremos no capítulo II no item 2.4.

Em 3 de dezembro de 2005 as reuniões e assembleias Kokama passaram a ser no sítio Nova Esperança no ramal 8, do Brasileirinho, km-8, Puraquequara II num terreno particular de uma parenta Kokama. O povo se reuniu e realizou uma assembleia para criar uma coordenação que foi chamada de Coordenação Indígena Kokama de Manaus-Cikom, cujo coordenador foi o próprio cacique Sebastião Castilho Gomes e seu vice Francisco Maricaua. No mesmo período, a comunidade escolhe como professor indígena o Sr. Orígenes Corrêa Rubim, que passou a exercer a docência neste período até os dias de hoje, para os indígenas

Kokama da comunidade Nova Esperança. A “dona” da terra cedeu o sítio para os Kokama fazerem seus barracões, mas não deu a terra o que dificultou a entrada de benefícios para a comunidade. Por não terem terra, perderam uma escola Kokama financiada pelo MEC, de certa forma a notícia suscitou muitas discussões.

Em 2010 a comunidade se reuniu e escolheu um novo cacique e criou uma nova associação a Associação Kokama Indígena de Manaus-AKIM. Em 20 de junho de 2012, a comunidade Kokáma Nova Esperança do Brasileirinho, após alguns conflitos saiu da terra particular e migrou para uma terra no mesmo ramal, uma terra doada pelo seu Júlio Kokama. Este senhor tinha uma terra e decidiu doar para a associação para que o povo tivesse suas reivindicações aceitas e os benefícios chegassem para todos. A comunidade retirou suas casas de farinha, de moradia, suas roças, plantações e a escola. A comunidade encontrou uma nova terra e recomeçou novamente a caminhar. Reconstruiu suas casas, os barracões, a escola entre outros espaços. A escola está funcionando com 2 professores que ensinam a língua e a cultura Kokama; 46 alunos em dois turnos. Há 150 Kokama Associados.

Figura 9 – Escola Atawanã Kuarachi Kokama em 2013



Da esquerda para direita: escola Atawanã Kuarachi Kokama;ao centro, a aluna Laura construindo o cartaz do alfabeto Kokama e, à direita, alunos apresentando seus trabalhos na língua kokama.

Foto: Altaci Rubim, 2013.

Mesmo próximo da cidade de Manaus, as crianças estão sempre em contato com a natureza. A escola tem um papel muito importante nessa relação, assim como os anciãos da comunidade que estão sempre presentes apoiando o professor.

Figura 10 – Aulas na Escola Atawanã Kuarachi Kokama



Da esquerda para direita: crianças Kokama na aula com a presença do tatu, ao centro o professor e as crianças em uma aula sobre animais na língua Kokama e, à direita, a apresentação de uma recita na língua Kokama pela aluna Jaqueline e sua avó.

Foto: Altaci Rubim, 2013.

A escola desenvolve projetos para o ensino e aprendizagem da língua Kokama assessorados pela Gerência de Educação Escolar Indígena de Manaus. No final de cada ano, é realizada uma apresentação de todos os trabalhos desenvolvidos nas comunidades indígenas de Manaus em que há professores contratados pela SEMED, denominada atualmente de Mostra de Trabalhos Pedagógicos, que se encontra em sua VIII edição.

No Início da GEEI, as “Mostras de Trabalhos Pedagógicas” eram realizadas para chamar a atenção da sociedade para a presença indígena na cidade, mas atualmente as amostras estão sendo realizadas de comunidade em comunidade. No fim da apresentação de cada amostra, é escolhida uma comunidade indígena para que no ano seguinte ocorra o encontro.

Devido a alguns problemas de moradias de famílias Kokama, a comunidade cedeu a escola para ficarem por algum tempo. Nesse sentido, a escola passou a funcionar no barracão da comunidade.

Figura 11 – Alunos Kokama em ensaio de dramatização na língua Kokama



Foto: Altaci Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM, 2014.

O povo vivencia sua cultura no cotidiano, a comunidade está sempre envolvida nos trabalhos desenvolvidos na escola. Na contação de histórias pelos anciãos, na produção da bebida.

Figura 12 – Comunidade na Escola Kokama



Dona Ofélia com sarapateu no casco do jabuti e com as garrafas de pororoça-bebida Kokama; à direita dona Ofélia e seu esposo Pedro Marinho com os alunos da escola, contação de histórias.

Foto: Altaci Rubim, 2013.

Geralmente são os idosos que contam as histórias Kokama, mas na escola elas são dramatizadas. No barracão da comunidade, ocorrem várias atividades sociais da comunidade, como as assembléias, reuniões, a escola, palestras, atividades sobre a saúde da comunidade. A ilustração abaixo exemplifica as enfermeiras do Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas-CECON que foram realizar palestras sobre o câncer para a comunidade.

Figura 13 – Palestra no barracão da comunidade sobre câncer pelas enfermeiras do Cecon



Foto: Jardeline Costa, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM, 2015.

Essas ações contribuem para que a comunidade, principalmente as mulheres, tenham acesso à consulta e tratamento no CECON. A comunidade sempre faz plantação de roça, de horta. Na pequena terra eles escolhem um cantinho e fazem a sua plantação, como pimenta, cebolinha, couve e outros.

Figura 14 – Horta



Professor na sua horta próximo de sua casa. À direita, árvore de pimenta.

Foto: Altaci Rubim, 2010.

Essas plantações também servem para utilização na festa da kumilança Kokama, a festa foi criada para ter um dia especial das comidas típicas Kokama, uma vez que, morando próximo à grande cidade de Manaus, não têm a oportunidade de comerem as diferentes

comidas e bebidas Kokama diariamente. Até porque há comida em que os ingredientes são buscados nas aldeias de base, os Kokama de SAI buscam seus ingredientes na T.I São José/São Gabriel e os outros Kokama buscam seus ingredientes em T.I de seus respectivos municípios.

Festa da kumilança – Comida típica Kokama, apresentamos algumas delas.

Figura 15 – Comida típica Kokama



À esquerda, José Cajueiro com a cabeça do pirarucu e, à, direita bejus.

Foto:Altaci Rubim, 2014.

A exemplo temos a banana comprida, banana costela de boi que se come assada com peixes, com café, com chá. Serve para fazer remédio quando a pessoa está fraca com diarreia, chamada de ‘chapu’, faz-se takati-banana amassada com toucinho, banha ou manteiga e outros. O sarapatéu também é feito com a banana, além de bebidas, como a pororoka; come-se banana com carne de caça; a pupunha, o cará, a fruta pão com que se faz a caissuma e come cozida com peixes, carnes e outros.

Figura 16 – Banana assada e pupeka de peixe.



Foto: Jacinta Rubim Moreira, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM, 2014.

Figura 17 – Sarapateu e takati



Foto: Jacinta Rubim Moreira, 2014.

Figura 18 – Banana comprida: base da alimentação Kokama



Banana comprida madura e verde

Caldo de peixe com banana.

Foto: Jacinta Rubim Moreira, 2014.

Arapata também conhecida como pé de moleque, beju de lenço e cará - feito da goma, da massa da mandioca; o cará come-se cozido. A kumilança é uma festa que os Kokama comemoram suas vidas nas aldeias de base.

Figura 19 – Arapata, biscoito, beju de lenço e cará.



Foto: Jacinta Rubim Moreira, 2014.

A comunidade Nova Esperança de Manaus tornou-se o ponto de encontro de professores que buscam materiais didáticos Kokama e mais conhecimento sobre a língua de seu povo. Abaixo, professores Kokama que participaram das oficinas da língua de outras comunidades.

Figura 20 – Oficinas da língua



À esquerda, prof. Prudencio Maurício, prof. Altaci Rubim e prof. Orígenes Rubim; ao centro e à direita o prof. Prudencio Maurício e o prof. Roberval Panduro.

Foto: Jacinta Rubim Moreira, 2013.

A oficina da língua Kokama em Manaus oportuniza troca de experiências entre os aprendizes da língua Kokama. Assim, a comunidade Kokama de Manaus, por meio da escola se organiza e se reorganiza lembrando suas histórias antigas, seus costumes e suas tradições, fortalecendo a língua e identidade de seu povo. No decorrer deste trabalho, voltaremos a falar da comunidade Nova Esperança de Manaus para dar visibilidade aos processos que fortalecem a cultura deste povo. Outras comunidades Kokama no Amazonas também passam por este processo.

1.3.2 Comunidade Kokama de Tefé

O movimento de fortalecimento da língua e da cultura Kokama na cidade de Tefé-AM é retomado por Gleison Martins, 28 anos, estudante universitário desde 2010 da UEA, por Silvanei de Souza Castilho, estudante/pesquisadora da linguagem e da cultura Kokama, e por Lupecio Leocadio, Formado em Magistério Indígena e estudante do Curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado do Amazonas em Tefé/AM – CEST/UEA. Este professor atua como professor bilingue e professor da EJA na Aldeia Barreira da Missão de Baixo.

Figura 21 – Aldeia Nossa Senhora de Fátima Lago do Catuá, Tefé-AM



Foto: Gleison Martins, agosto de 2013.

Figura 22 – Crianças Kokama dramatizando a história antiga do jovem Garça durante oficina na língua Kokama



Foto: Gleison Martins, agosto de 2013.

Em 2012, juntamente com as lideranças Kokama do médio Solimões, o professor Gleison e os caciques das comunidades Kokama reivindicaram da prefeitura de Tefé a contratação de professores Kokama para o ensino da língua e da cultura Kokama em escolas Kokama. Após muitas lutas a prefeitura aceitou contratar o professor para trabalhar ‘Língua e Cultura Kokama’.

Apesar de haver cinco aldeias Kokama, como Nova Jerusalém – situada no Igarapé Açu no Rio Tefé Nova Esperança; Barreira de Baixo – situada à margem direita do Rio Solimões; Boará – situada à margem esquerda do Rio Solimões; Porto Praia – situada à margem direita do Rio Solimões e Nossa Senhora de Fátima – situada no lago do Catuá; o professor trabalha apenas nas aldeias mais próximas, mas ainda há escolas em que não há o ensino da língua Kokama. Para um dos professores:

Decidi continuar com o processo de revitalização não só em minha aldeia mas nas outras aldeias kokama também, mas no outro ano vou ajudar outra comunidade, esse ano está previsto organizarmos um encontro pedagógico

voltado para revitalização da cultura e da língua de nosso povo, estamos trabalhando nisso (MARTINS, 2013)⁵³.

É preciso observar que Nossa Senhora de Fátima - situada no lago do Catuá, foi a primeira aldeia a receber o processo de revitalização da língua e da cultura Kokama em Tefé.

Pela manhã o Tuxaua Senhor Alvino levou a mim e a professora Silvanei e fomos apresentadas ao gestor da escola, Professor Sildo Basto, e tivemos o primeiro contato com as crianças, onde fizemos uma breve aula relâmpago de língua kokama e apresentamos a musica mima de autoria da professora Altaci Rubim, as crianças de primeira aprenderam (MARTINS, 2013)⁵⁴.

A oficina realizada nessa comunidade foi de suma importância para contagiar as crianças com músicas e dramatizações na língua Kokama.

Figura 23 – Oficina da Língua Kokama



Foto: Gleison Martins, 2013. Aldeia Nossa Senhora de Fátima Lago do Catuá, Tefé-AM.

Figura 24 – Cultura



Foto: Gleison Martins, 2013. Aldeia Nossa Senhora de Fátima Lago do Catuá, Tefé-AM.

⁵³ MARTINS, Gleison. Entrevista realizada via internet. Enviada por e-mail em julho de 2013.

⁵⁴ MARTINS, Gleison. Entrevista realizada via internet. Enviada por e-mail em julho de 2013.

A cultura Kokama é muito forte, o fazer a farinha, a caça, a pesca estão sempre presentes no cotidiano da comunidade. O trabalho de fortalecimento da língua e da cultura Kokama está sendo vista por todos, principalmente por outros povos que habitam a região do médio Solimões no Amazonas.

1.3.3 Comunidade Kokama de Tonantins

Figura 25 - Kokama de Tonantins



Foto: Alcemir Cobos, abril de 2014. Comunidade Kokama no Bairro São José Cordeiro em Tonantins - AM.

As comunidades Kokama de Tonantins foram as mais recentes que entraram no movimento de fortalecimento da língua e da cultura Kokama. Em 2011, foi enviado um *kit* de materiais didáticos Kokama, dvd's e cd's, para que os professores distribuíssem aos demais parentes, porém, o material não chegou ao seu destino.

Com o curso intercultural de Pedagogia ofertado, em 2013, pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA para 52 municípios do estado do Amazonas renovaram-se as informações de fortalecimento da língua e da cultura Kokama.

Assim, em 2014, os professores indígenas de Tonantins receberam a formação por meio do Piraiawara. Entre os professores que estão em formação, há 10 professores Kokama, sendo 4 homens e 6 mulheres. O curso, com duração de 4 anos, será realizado em etapas de dois meses por semestre. Nessa formação, também há a reivindicação para formação específica da língua Kokama, pois os professores e comunidade Kokama estão se instrumentalizando para ter a língua Kokama nas escolas das comunidades.

Figura 26 – Festa Kokama



Foto: Professor Alcemir Cobos⁵⁵, Tonantins-AM, 2015. Festa Kokama na comemoração do dia do índio, dança da Confraternização Kokama e uma das frutas silvestre da Amazônia “Mapati”.

O município de Tonantins, assim como todo o Alto Solimões possuem uma rica flora, fauna, peixes de todas as espécies, lagos grandes e pequenos, aves, animais e outros que contribuem para alimentação e sustentabilidade das aldeias e cidades. O mapati é uma das frutas muito apreciadas pelo povo Kokama, assim como pupunhas, bananas e outros. Essas e outras frutas são levadas ao barracão para serem servidas durante as festas, reuniões ou demais eventos, além de servir de alimento para o povo. As festas, as reuniões, assembleias e aulas da língua Kokama ocorrem no barracão da comunidade. Esta comunidade Kokama se encontra na sede do município de Tonantins no bairro José Cordeiro, mas há mais comunidades e aldeias Kokama com T.I Kokama.

Figura 25 – Casa Cultural Iwuratsu Nuan



Crianças Kokama estudando a língua de seu povo no barracão da comunidade Garapé do Manaca.

Foto: Professor Alcemir Cobos, Tonantins-AM, 2015.

⁵⁵www.facebook.com/photo.php?fbid. Acesso 22 de dezembro de 2015.

Vale ressaltar que o ensino e aprendizagem da língua Kokama ocorre no barracão da comunidade aos sábados pelo professor Alcimar Cobos porque durante a semana as crianças estudam em escola regular. Nestas comunidades realizam a festa do pirarucu, pesca manejada de um dos maiores peixes da Amazônia que é o pirarucu e agora também as tartarugas entraram também no processo onde serão manejadas pelos agentes sociais. Este projeto de manejo de lagos, que envolvem 350 famílias e 45 comunidades e vem desde 2009, conta com o apoio do Projeto de Desenvolvimento Regional do Estado do Amazonas para zona Franca verde⁵⁶. Este projeto envolve famílias Kokama e não Kokama, implementado pela Companhia de Desenvolvimento do Estado do Amazonas-CIAMA.

Figura 28 – Festa do Pirarucu



Foto: Professor Alcimir Cobos, Tonantins-AM, 2013. Manejo na criação de tartarugas na Festa do Pirarucu.

1.3.4 Comunidade Kokama de Santo Antonio do Içá

Figura 26 – Oficina da Língua Kokama na escola Maria Pinto Pereira



Oficina da Língua kokama com professores Kokama na Escola Indígena Maria Pinto Pereira, participantes professores das comunidades de São José, São Gabriel e Terra Preta.

Foto: Ester Suelem Rubim Gomes, Terra Indígena do São José, Kokama em Santo Antonio do Içá-AM.

⁵⁶ WWW.ciama.am.gov.br. Acesso 23 de dezembro de 2015.

O trabalho realizado na escola Maria Pinto Pereira sobre a língua Kokama é referência em Santo Antonio do Içá. Todas as comunidades Kokama deste município são conhecedoras que nessa escola há um trabalho realizado com a língua Kokama, segundo d. Maria Kokama, mãe de crianças Kokama, “os pais das crianças Kokama que querem que o filho aprenda a língua devem matriculá-los nessa escola”⁵⁷. Há trabalhos desenvolvidos pelos professores com a língua Kokama desde as séries iniciais.

Figura 27 – I Oficina Pedagógica em Tabatinga para os Professores Kokama de SAI



Fotos: Ester Suelem Rubim Gomes. Comunidade São José em Santo Antonio do Içá-AM, 2015.

Na cidade de Santo Antonio do Içá-AM, há 26 escolas municipais indígenas Kokama, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, de 2012. O fortalecimento da Língua e da cultura Kokama ocorre no cotidiano da comunidade, principalmente na escola municipal indígena Maria Pinto Pereira, por meio de professores que ensinam a língua Kokama com o acompanhamento dos idosos falantes da comunidade.

Em 2011, houve um concurso⁵⁸ específico para professores indígenas com vagas para professores Kokama deste município. Vale ressaltar que o descontentamento dos professores que ensinam a língua Kokama é grande, pois há muitas horas para o ensino da língua portuguesa e pouco tempo na escola para o ensino da língua Kokama.

⁵⁷Entrevista realizada na T.I de São José na escola Maria Pinto Pereira. Em agosto de 2015.

⁵⁸Edital de processo seletivo para emprego público, Nº 002/2011 DE 20 DE SETEMBRO DE 2011. Retirado do site da prefeitura de Santo Antonio do Içá. Disponível em <<http://www.pmsai.am.gov.br/v1/index.php>> acesso 21 dez. 2012.

1.3.5 Comunidade Kokama de São Paulo de Olivença

Figura 28 – Comunidade Monte Santo, São Paulo de Olivença-AM



À esquerda, treinamento com GPS das lideranças; ao centro e à direita, construção do Mapeamento situacional das comunidades Kokama de São Paulo de Olivença. **Fonte:** Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, comunidade Monte Santo – São Paulo de Olivença-AM, 2010.

As comunidades indígenas Kokama de São Paulo de Olivença – SPO, por meio da Associação das comunidades Indígena Kokama de São Paulo de Olivença – ACIK reivindicou do MEC o reconhecimento de todas as escolas municipais situadas em comunidades Kokama como escolas indígenas.

Foram reconhecidas nove escolas, as quais trabalham o fortalecimento da língua e da cultura Kokama, mas ainda não houve concurso público municipal para professores indígenas com vagas para Kokama. Até então, o município atendeu e realizou um processo seletivo⁵⁹ para contratação de professores indígenas de SPO com vagas para professores Kokama. Em 2013, iniciou-se a discussão para que a Língua Kokama se tornasse uma disciplina obrigatória no currículo das escolas Kokama de SPO.

Desde 2014, a língua Kokama encontra-se em processo de aprovação pelo Conselho Estadual de Educação para que se torne uma disciplina obrigatória nas escolas Kokama de SPO. A Escola Indígena Kokama União do Saber ‘Yatyry Ikuá’, situada à Avenida João Joaquim de Santana s/nº, Bairro União na Comunidade São Francisco e Monte Santo, a vinte minutos do Município de São Paulo de Olivença, é a escola em que a língua Kokama é ensinada para mais de 300 alunos.

⁵⁹ Edital de processo seletivo simplificado nº 001/2013 em São Paulo de Olivença. Disponível em <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/prefeitura-de-sao-paulo-de-olivenca-am-572-vagas>> acesso 1 jun.2014.

Figura 29 – Professor Prudêncio e seus alunos de ensino de língua Kokama



Foto: Prudêncio Maurício, São Paulo de Olivença, 2013.

A língua Kokama também é ensinada por meio de projetos desenvolvidos nas escolas municipais indígenas Kokama Onésimo dos Santos Gomes, comunidade Bom Sucesso, Gilberto Mestrinho na comunidade Santa Rita do Well e na escola Edson Pereira Arcanjo, na comunidade da Colônia. As demais comunidades Kokama do Amazonas estão realizando o processo de fortalecimento linguístico mais lentamente e reivindicam também materiais didáticos para o ensino da língua nas escolas, enquanto os professores indígenas têm contrato temporário.

Um dos resultados do processo de territorialização da língua Kokama foi o reconhecimento das escolas regulares em escolas Kokama em território Kokama. Para Silva (2007), a territorialidade linguística é de conhecimento de seus falantes, local em que a língua se atualiza num processo de elaboração e reelaboração, alcança diversos locais das comunidades até as cidades.

Atualmente, as línguas que conseguiram sobreviver estão vivenciando o processo de territorialização muitas vezes em locais que não são seus territórios, mas territorializam nos espaços que os agentes sociais se encontram, como na casa alugada na cidade, no quarto alugado, nas ocupações, em assembleias produzidas por organizações governamental e não governamental, a língua territorializa quando ela é utilizada como instrumento de identidade étnica. Nessa perspectiva, o quadro abaixo apresenta as demandas das escolas Kokama no

Amazonas, como conquista para a efetivação de uma política para uma educação específica, diferenciada, bilingue, como é ratificada a partir da CF/1988.

Vale ressaltar que o número de escolas rurais em comunidades Kokama tem diminuído. O reconhecimento das escolas rurais em escolas Kokama é uma demanda da comunidade que busca o reconhecimento do Ministério da Educação para que seja fortalecida a educação indígena escolar diferenciada, assim como os benefícios.

Em novembro de 2015, ocorreu o “I Encontro de Falantes da Língua Materna Indígena Kokama” na comunidade de Santa Maria em São Paulo de Olivença. O evento também homenageou o cacique Felisberto Maurício, falante da língua Kokama. Seu Felisberto um dos anciãos que contam a história antiga da “Mulher Sapo”, que também foi transformada em HQK, registrada pela graduanda Kokama Laura S. Rubim de Souza em SPO, como parte do Projeto Paic/Indígena com a colaboração do PNCSA.

Nesse sentido, há uma grande contribuição dos Kokama de SPO no fortalecimento da língua Kokama. Entretanto, ocorrem problemas de comunicação de outros municípios com ele, devido à internet e ao celular quase não funcionar. Por isso, eles ficam sabendo dos eventos em relação à língua depois de ter acontecido.

1.3.6 Comunidade Kokama de Tabatinga

Figura 33 – Porto de Tabatinga-AM



Fotos: Altaci Corrêa Rubim, Tabatinga, agosto de 2015.

Em Tabatinga, o movimento Kokama, desde a década de 1980, esteve presente, por meio dos patriarcas e outras lideranças, como seu Cristovinho Kokama, que teve sua vida engajada na luta para o reconhecimento da língua, da identidade, sustentabilidade, escola e do território.

Em 2015 a Putuka Tapiya Kuraka Ritama Kokama Tawa Tini/Associação Indígena dos Caciques do Povo Kokama do Município de Tabatinga-AM e o Centro LEXTERM/PPGL/UnB, por meio da pesquisadora Altaci Kokama e do professor Richard Ricopa Yaicate, FORMABIAP/Peru, realizaram a “I Oficina pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama”.

Figura 30 – I Oficina Pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama



Foto: Altaci Corrêa Rubim, IFAM – Campus Tabatinga-AM, 2015.

Foi realizada a oficina nos dias 7 e 8 de agosto de 2015 no auditório do Instituto Federal do Amazonas-IFAM, Campus Tabatinga, com a participação de lideranças, caciques, professores, pajés, kuraka e comunidade do povo Kokama do Brasil, Peru e Colômbia.

Figura 31 – I Oficina Pedagógica para o Ensino e aprendizagem da língua Kokama, no IFAM



Composição da mesa: da esquerda para direita, o patriarca Kokama Edney Samias, a coordenadora da FUNAI Tabatinga, Mislene Mendes, o professor do Peru Kokama, Richard Ricopa Yaicate e outras lideranças. Na segunda foto, o artesão Raimundo Kokama.

Foto: Altaci Corrêa Rubim, 2015.

Quadro 1 - I Oficina Pedagógica para o Ensino e Aprendizagem da língua Kokama

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Criar a Federação Kokama-TWRK; - Realizar a Kokação do atual patriarca Kokama durante o evento diante dos Kokama do Peru, Colômbia e Brasil; - Conhecer o ensino básico da língua Kokama (Pronomes na fala do homem e na fala da mulher) e o emprego de casos na língua Kokama: rupe, ka, tsui, marcas de tempo e outros); - Socializar materiais didáticos para o ensino e aprendizagem da língua Kokama do Brasil e do Peru; - Estimular os professores e aprendizes da Língua Kokama a produzirem seus próprios materiais didáticos (organização social da sala de aula na língua Kokama);
Participantes	<p>Brasil – 59 participantes, sendo que 19 foram professores e outros eram a comunidade de pais, lideranças, pajé, jovens e algumas crianças;</p> <p>Colômbia- 14 participantes, dos quais 11 Kokama, 1 pajé kokama; 1 do povo Ticuna e 1 do povo Bora.</p> <p>Peru- 5 participantes, sendo 2 professores e 3 aprendizes da língua Kokama.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ouvintes não indígenas: 23. - Ouvintes indígenas de outras etnias: 6.
Total de Participantes	107 participantes

A abertura foi feita pelo patriarca do Movimento Kokama Edney da Cunha Samias, em seguida a coordenadora da FUNAI, Sr^a. Mislene Mendes, povo Ticuna, falou da importância do evento para o povo Kokama e declarou que a FUNAI Tabatinga estaria sempre pronta para apoiar.

Figura 32 – Família Kokama caracterizado com roupas tradicionais participando da oficina



Foto: Altaci Corrêa Rubim. Tabatinga-AM, 2015.

Assim, a mesa foi composta pelas autoridades tradicionais, a saber, pajés, caciques, professores que ministraram o curso: Altaci Corrêa Rubim, Kokama do Brasil e Richard Ricopa Yaicate, Kukama do Peru, e autoridades institucionais, como a coordenadora da Funai/Tabatinga, o prefeito em exercício, antropólogo e professor da Ufam, José Maria Trajano, e também autoridades eclesiásticas.

Os discursos se direcionaram para o fortalecimento da união entre o povo Kokama no Brasil, Peru e Colômbia em prol de fortalecer sua língua, sua identidade Kokama e sua luta em melhoria da vida de seu povo.

Ocorreu a kokação do patriarca e a homenagem aos patriarcas do Movimento Kokama Antonio Samias, em memória e Francisco Guerra Samias, em memória. O atual patriarca Edney da Cunha Samias foi tradicionalmente consagrado o patriarca do povo Kokama em ato tradicional e solene pelos anciãos e pela esposa do Sr. Finado Francisco Samias. Edney da Cunha Samias, de joelho, recebe o koká, a roupa tradicional de guerra e de festa, como os colares que eram do antigo patriarca. Dona Iraci falou: “este Koka que estou colocando em sua cabeça eu faço porque Francisco pediu para que ficasse com você, porque confiava em você, porque você tem que levar essa luta em frente, a luta dele e de seu pai”⁶⁰.

Figura 33 – Momento histórico do povo Kokama: a Kokação do atual patriarca



Foto: Altaci Corrêa Rubim. IFAM, Tabatinga-AM, 2015.

Este momento foi dirigido por Glades Ramires, presidente da Associação dos Caciques de Tabatinga. Em prantos de alegria e saudades, anciãos e pajés rememoraram a luta dos patriarcas, Francisco Guerras Samias, pelo seu povo e sua partida para o mundo espiritual. Em seguida o cerimonial faz a leitura da história de vida dos patriarcas. Todos bateram palmas e foram para a kumilança.

⁶⁰ Fala de dona Iraci durante a cerimônia de Kokação do atual patriarca. Ifam-Capus Tabatinga-AM em agosto de 2015.

Figura 34 – Novo patriarca Kokama**Foto:** Altaci Corrêa Rubim. IFAM, Tabatinga-AM, 2015.

A primeira parte do evento foi encerrada com o discurso do novo patriarca Kokama falando em Kokama e em português. Seu discurso ressaltou a importância do respeito à cultura e tradição Kokama, da união dos Kokama para conquistas de suas lutas, no fortalecimento da língua Kokama com a parceria dos parentes Kokama do Peru, da Colômbia.

A segunda parte do evento iniciou-se com a apresentação do prof. Richard Ricopa Yaicate, FORMABIAP, sobre o processo de revitalização da língua do Peru. Os Kukama-Kukamiria levaram 30 anos para entrarem em consenso para a escrita do Kokama. O FORMABIAP existe há 25 anos, então, antes do FORMABIAP, não era de consenso a escrita que utilizavam. Professor explicou e exemplificou as palavras com a escrita Kukama-Kukamiria no Peru, oficializada em maio de 2015.

Em seguida a professora Altaci Corrêa Rubim, doutoranda em linguística pela universidade de Brasília, apresentou os materiais que estão em processo de elaboração, sendo parte de sua tese de doutorado.

Figura 35 – Participantes da I Oficina Pedagógica Para o Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama



À esquerda, Sr^a. Maria Kokama, professora Altaci, o patriarca Edney Samias e o professor Richard do Peru; à direita, os participantes da oficina.

Foto: Jardeline Santos, auditório do IFAM, Tabatinga-AM, 2015.

Após estas apresentações, iniciou-se a elaboração do material didático Ta/Etse Kumitsa Kokama que quer dizer ‘Eu falo Kokama’. Fruto da coleta de dados de Kokama no Brasil e Peru e trabalhado durante a I Oficina de material didático e pedagógico para o ensino e aprendizagem da língua Kokama. Tema: Palavras Pedagógicas para o ensino e aprendizagem da língua Kokama.

Foi de suma importância este material, pois foi trabalhada a oralidade da língua de modo pedagógico; os professores Kokama pediram para o professor Richard repetir várias vezes para que eles pudessem diferenciar os sons na fala, eles tiraram suas dúvidas e gravaram as aulas.

Depois a atenção voltou-se para o livro de animais, aves e peixes, também chamado, Ta/Etse kumitsa Kokama. Os professores Richard e Altaci, juntos, explicaram o significado da estrutura da língua Kokama, das marcas na língua Kokama que se encontram no livro Ta/Etse kumitsa Kokama. Foram corrigidas 3 páginas do material e as demais foram deixadas para o dia 8/08/2015. Os professores estavam entusiasmados para a continuação da oficina.

No último dia da oficina, houve a continuação do trabalho de elaboração do material didático Ta/ Etse kumitsa Kokama: animaru, wira, ipirakana- ‘Eu falo Kokama: animais, aves e peixes’. Em cada gravura apresentada desses animais foram criados pequenos textos que falam da alimentação, onde moram e tamanho desses animais.

Os professores explicavam cada caso da língua Kokama, como as partículas *nua* (para algo grande que não pode medir: água, areia); *tua* (palavra para indicar respeito: Papa tua: Deus; nanin-enfatizar algo, como churananin-criancinha, que surgiam no texto). Foi falado primeiramente em Kokama, depois em Castelhana e em seguida em português.

Os professores explicaram como se dá a tradução literal das palavras que estão sendo incorporadas ao vocabulário Kokama, como:

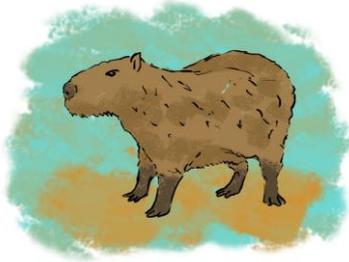
– a tradução de microfone: maripu kumitsa eretsepan, esta é a tradução pelo uso. A tradução literal da palavra microfone – churananin pun=ipun churananin-ipun-som; churananin=pequeno.

– Câmara fotográfica= maripu tsanata=mari-pu=coisa; tsanata=imagem-tradução, pelo uso. As traduções da língua Kokama, realizadas pelo FORMABIAP se dá pela forma de sua utilidade e pela estrutura gramatical. A tradução literal é quando a estrutura lexical não equivale ao conceito de uso e organização gramatical.

Nas oficinas, foram discutidas os elementos que compunham o livro “Ta/Etse kumitsa Kokama”.

Também foram exploradas as falas masculina e feminina. O livro está baseado apenas na fala masculina, mas durante a oficina foram discutidas as diferenças da fala do homem e da mulher. Exemplo: ***Ikian chirara capiwara. Ra eyu yanamata.*** (Fala masculina).

.. .. . *apiwara. Ya eyu yanamata.* (Fala feminina).



Capiwara – Capivara

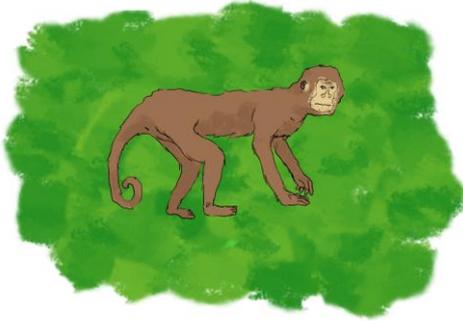
Esta é uma capivara. Ela come capim. Ela toma banho no lago. Sua carne é gostosa. Depois de observar a diferença da fala do homem e da mulher, foram acrescentadas mais frases na figura da capivara, a pedido dos professores. Então ficou assim:

Ikian chirara capiwara. Ra eyu yanamata. Ra yatsuka ipatsukuara. Chapunin ra tsu. (Fala masculina).

Ajan chirara capiwara. Ya eyu yanamata. Ya yatsuka ipatsukuara. Chapunin ya tsu. (Fala feminina).

Os materiais da oficina foram pré-elaborados para serem trabalhados durante dois dias de trabalho. Assim foram apreciados, explorados e aprovados para serem desenvolvidos nas escolas Kokama. Outro exemplo:

Miara



Miara yapana iwira tsakamiari. Ra eyu panara pitanin. (Fala masculina).

Miara yapana iwira tsakamiari. Ya eyu panara pitanin. (Fala feminina).

Macaco

O macaco corre sobre os galhos das árvores. Ele come banana madura.

Nesse exemplo, assim como em todos os materiais, sempre foram exploradas as falas masculina e feminina. Nesse caso, uma marca presente na fala ou na frase, uma marca da ação, assim como para indicar algo sobre. Exemplo:

Miara yapana iwira tsakamiari- ‘O macaco corre sobre os galhos das árvores’. Neste caso indica algo sobre, mas em outro exemplo dado na oficina, *Ta umi ari* ‘Eu estou vendo’, indica ação.

Foram discutidas nas oficinas mais de quinze marcas, como: *Ari, ka, kuara, tsuin, iya, watsu, kira, tua, nanin, nua, miri, tun* e outros.

Assim, foram sendo elaborados os materiais didáticos pedagógicos “*Ta/ Etse Kumitsa Kokama*”, além das palavras pedagógicas que foram apresentadas para o ensino e aprendizagem da língua Kokama. Dessa maneira, foram muito proveitosas as oficinas, pois a demanda de professores presentes nas oficinas de Tonantis, Santo Antonio do Içá, Manaus, Tabatinga, Benjamin Constant foi grande. Outros que não puderam estar presentes solicitaram materiais, enviaram suas petições, como o município de Jutaí, onde há uma grande demanda à espera desses materiais didáticos.

1.3.7 Demandas do povo Kokama no Brasil/Amazonas e no Peru

No Brasil e no Peru, as organizações indígenas reivindicam o quantitativo real da população Kokama que não aparece nos dados dos órgãos oficiais do governo, como no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no Brasil, e no Instituto Nacional de Estatística e

Informática no Peru. É sabido que o número é maior de Kokama em ambos os países, seja pelo fato de novas crianças terem nascido, seja pelo processo de autodefinição de famílias Kokama que se identificam. Hoje se sentem mais valorizadas por uma legislação que as apóia. O processo de autodefinição tem estimulado a redefinição de territorialidades específicas das minorias étnicas de todos os lugares da região Norte e do interior do Amazonas. (ALMEIDA, 2008).

Há um acréscimo de indígenas não somente Kokama, mas de outras etnias no Amazonas. Tomando como parâmetro os dados das organizações Kokama tanto do Brasil quanto do Peru e os órgãos oficiais, temos:

Tabela 1 - Número aproximado de indígenas Kokama no Brasil e no Peru

Brasil – OGCCIPK⁶¹	Peru/INEI⁶²	Peru/AIDSESEP⁶³	IBGE⁶⁴ Brasil
Ano: 2008	Ano: 2007	Ano: 2010	Ano: 2010
Indígenas 15.000	Indígenas 11.307	Indígenas 20.000	Indígenas 11.274

Fonte: Dados Peru: Vallejos (2010, p. 13); Dados Brasil: Rubim (2014, p. 116) e IBGE (2010).

Vale ressaltar que não estão incluídas na contagem da OGCCIPK as organizações Kokama do médio Solimões que incluem os municípios de Coari, Tefé, Juruá, Anamá, Manaus e os Kokama que estão fora das aldeias. No Peru estudos recentes, como o de Grádez (2014), apresenta o dado atualizado da AIDSESEP, 40.000 Kukama-Kukamiria.

Uma questão que se destaca é a dificuldade de identificação dos indígenas de um modo geral, que ainda sofrem o processo da visão etnocêntrica das pessoas que realizam os censos, até mesmo com educadores que preenchem o Censo escolar que ainda vêem o indígena, como no passado, sem roupa e com o corpo pintado⁶⁵ de grafismos em área tradicionalmente ocupada. Apesar de haver a lei 11.645/2008, que obriga as instituições de ensino a desenvolver a temática indígena e afrobrasileira nas escolas, esse tipo de conceito ainda permanece.

⁶¹Organização Geraldos Caciques das Comunidades Indígena do Povo Kokama.

1.1.1 ⁶²Instituto Nacional de Estadística e Informática, <http://www.inei.gob.pe/>.

1.1.2 ⁶³Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana.

⁶⁴http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf.

⁶⁵OLIVEIRA, João Pacheco de. Os instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades de trabalho do antropólogo em laudos periciais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998a, p. 269-308. Nesta obra, Oliveira analisa o dois pontos de vista do que seja índio: um representado pelo senso comum, retrabalhado pelos aparato de poder, e o outro construído pelas organizações indígenas, com conceito fundamentado juridicamente.

Durante o período que estive fazendo o doutorado, tive a oportunidade de realizar um estudo com uma professora de artes da escola CEF-04 do Paranoá-DF sobre essa lei. O resultado do projeto “Contação de Histórias Indígenas” está relatado no artigo “A questão indígena em contexto escolar: língua, arte e história”, (no prelo). Para ressaltar essa questão e sensibilizar os discentes para esta diversidade, tão falada, foram realizadas oficinas com os próprios indígenas, o contato com os próprios personagens das histórias, vistas de fora estereotipadas nos livros didáticos. Isso ocasionou espanto, curiosidade e desmistificação de muitos preconceitos.

As contações de histórias indígenas também são realizadas nas escolas Kokama que buscam fortalecer em seus discentes a identidade, por esse meio e pelo ensino da língua e de outras práticas culturais. Abaixo apresentamos o número de professores e alunos Kokama matriculados em escolas e centros culturais.

Apresentamos no quadro abaixo as demandas das escolas Kokama no Amazonas: o número de escolas Kokama em cada município, o número de alunos matriculados e de professores Kokama.

Tabela 2 - Demandas Educacionais Kokama – De 2011 a 2015⁶⁶

MUNICÍPIOS	ESCOLAS	Nº DE ALUNOS	Nº DE PROFESSOR
Tabatinga	7	1.095	58
Benjamin Constant	X	X	X
São Paulo de Olivença	9	560	23
Amaturá	Xx	Xx	xx
Santo Antonio do Içá	26	757	26
Tonantins	13	490	37
Jutaí	31	1.076	31
Fonte Boa	11	550	29
Coari	Xxx	Xxx	xxx
Tefé	5	445	4
Anamã	1 C.C	25	1
Alvarães	xxx	Xxx	1
Japurá	xxx	Xxx	xxx
Uarini	xxx	xxx	xxx
Manaus	2 C.C	60	2
Total	105	5.058	211

Fonte: Dados das Secretarias Municipais de Educação dos municípios do Estado do Amazonas, 2011/2014. C.C-Centro Cultural/Espaço Cultural Educativo.

x- Em Benjamin Constant há 11 comunidades Kokama, mas todas as escolas dessas comunidades são reconhecidas pelos órgãos competentes como escolas rurais (até o momento desta pesquisa).

⁶⁶ Os dados foram coletados no período que atuei como gerente de Educação Escolar Indígena na Universidade do Amazonas- UEA em visita aos municípios em que ocorria o curso de Formação de Professores Indígenas-PROIND em 2011.

xx- Não consegui obter as informações das Secretarias Municipais das respectivas escolas, mas há comunidades Kokama nesses municípios que trabalham no ensino da Língua Kokama.

xxx- Sem informação em relação ao ensino e aprendizagem da língua Kokama, mas há comunidades Kokama nesses locais.

Nessa perspectiva, conforme os dados, o quantitativo aproximado das demandas de escola, professor e alunos Kokama no Amazonas, é de mais de 105 escolas, com mais de 5.058 alunos e mais de 211 professores Kokama, dados registrados pelas Secretarias Municipais dos respectivos municípios. Mas há perspectiva do aumento desses números, pois ocorre a discussão para que todas as escolas Kokama no Amazonas sejam reconhecidas como escolas indígenas.

As escolas e Centros Culturais/Espaço Cultural Educativo que ensinam a língua Kokama, como apresentado anteriormente, são iniciativas das próprias comunidades em reivindicar o ensino da língua para seus filhos. Entretanto, faltam materiais didáticos elaborados no Brasil, pois a maioria dos materiais didáticos vem do Peru. Assim, para que o processo de vitalização da língua, por meio da escola, seja concretizado é necessário que os materiais já produzidos, bem como os que estão em processo de elaboração, cheguem a essas comunidades, pois há poucos falantes Kokama no Amazonas.

O que foi dito com relação ao processo de territorialização da língua Kokama serve para demonstrar como a língua chega às comunidades por meio das escolas e Centros Culturais/Espaço Cultural Educativo e resulta da reivindicação de suas lideranças e organizações. Isso justifica a criação de uma proposta de política linguística para nossas escolas que, cada vez mais, necessitam de uma política específica para o ensino da língua. Para Calvet (2007) o Estado tem o papel de contribuir para a criação e a implementação de uma política linguística. Entretanto, não significa que os povos indígenas não possam ter iniciativas, pois é importante que os grupos organizativos possam também promover uma política linguística para seu povo, por meio de reuniões, encontros e assembleias com objetivos para uma intervenção linguística.

Não faltam desafios para realizar essas ações em comunidades linguísticas que querem implementar uma política de manutenção, fortalecimento ou de revitalização de línguas indígenas. O povo Kokama está em processo de organização de uma grande assembleia para tratar da demanda da língua Kokama, como a escolha da escrita Kokama e o rumo da vitalização da língua nas escolas e Centros Culturais das comunidades. As interferências na questão da língua, seja pelo estado, seja por missionários ou linguistas, acarretam ao longo do tempo conflitos muitas vezes velados, mas existentes dentro das comunidades afetadas. São

formas diferentes de escrever a língua, a demarcação de conquistas de territórios linguísticos em detrimento das reais condições de trato que a língua e seu povo necessitam.

É nesse contexto que o povo Kokama vivencia um novo tempo de afirmação e reafirmação da identidade, por meio da territorialização da língua que cada vez mais ocupa os espaços das escolas e das comunidades, fortalecendo a vitalização da língua Kokama e aumentando a demanda por materiais didáticos específicos para este povo. Dessa forma, os passos percorridos para realização dessa pesquisa seguem descritos de forma a possibilitar a visualização desse trabalho desenvolvido em prol de aproximar os conhecimentos produzidos na academia e os anseios de um povo.

CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Este capítulo aborda as bases teóricas e metodológicas que sustentam a pesquisa em relação à Política Linguística que, cada vez mais, conquista espaço no âmbito dos estudos linguísticos na América latina e em outras partes do mundo. Entretanto, no Brasil, considerado um país com uma grande diversidade linguística, a temática da política linguística é ainda recente.

O órgão oficial do governo no Brasil indica um número cada vez maior de línguas em nosso país, como o senso do IBGE (2010) apresenta cerca de 280 línguas.⁶⁷ Cada comunidade se encontra em diferentes estágios de proficiência de sua língua e busca uma política efetiva para a problemática das línguas em questão.

Nesse sentido, tem ocorrido um aumento no processo de reivindicação dos movimentos sociais, como “a diversificação de suas pautas, o crescimento das questões étnicas, regionais, de fronteiras, culturais, tornaram muito mais visível que o Brasil é um país constituído por mais de 200 comunidades linguísticas diferentes [...]” (CALVET, 2007, p. 8). Esse movimento ocorre em várias partes do mundo, dando visibilidade “às línguas faladas por pequenos contingentes populacionais⁶⁸ que habitam territórios com línguas oficializadas” (FAULSTICH, 2001, p.107).

O aumento dessas demandas, visto como uma forma de vitalizar línguas indígenas, leva o Estado a repensar o processo de uma política específica para esses povos, pois “o crescimento desses movimentos sociais e a reação do Estado a essas reivindicações vão tornando dia a dia mais claro o âmbito das responsabilidades das políticas linguísticas” (CALVET, 2007, p. 8).

Este capítulo também trata do referencial e metodologia adotada para recolha de dados e análise do *corpus* da pesquisa e o método de revitalização de línguas em processo de extinção de Hinton (2007). O capítulo inclui um item que trata especificamente da Cartografia como instrumento etnográfico para dar legitimidade à pesquisa diante do povo Kokama e os passos percorridos realizados neste trabalho.

⁶⁷Em 1986, Rodrigues em seu artigo “As línguas indígenas” afirma que as línguas indígenas existentes no Brasil somavam cerca de mais de mil línguas antes da chegada dos colonizadores a este país.

⁶⁸Servem de exemplo o mirandês, língua falada em Miranda do Douro, ao norte de Portugal; o ladino, falado nas províncias de Bolzano, Trento e Beluno, na Itália; o corso falado na ilha de Córsega, entre outros.

2.1 Referencial Teórico

No Brasil, houve um processo rápido de domínio político pelos colonizadores que tiveram como principal instrumento de dominação a igreja para que todos os povos existentes neste país fossem levados a abandonar suas línguas, suas culturas e suas tradições. Nesse sentido “é preciso dizer que língua e poder andam juntos, pois vivemos em sociedade e esta se organiza sob políticas” (FAULSTICH, 2001, p. 107).

De igual modo, no decorrer dos tempos, a questão da problemática linguística das línguas sempre encontraram pessoas predispostas a interferir (CALVET, 2007), todavia os conceitos de política linguística e planejamento linguístico são recentes. Calvet classifica política linguística como “determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade” e planejamento linguístico “sua implementação” (CALVET, 2007, p. 12).

Nesse sentido, a política linguística na visão de Calvet (2007) é objeto da sociolinguística, mas Faulstich (2006) em seu artigo sobre A Dinâmica do Plurilinguismo na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa-CPLP ressalta que a política linguística ultrapassa as fronteiras nacionais. Como exemplo, a autora apresenta a realidade de países em que a Língua Portuguesa é falada, existe uma política linguística em curso, mas apresentam culturas diferentes.

Em continuidade, apresentaremos brevemente conceitos que envolvem as línguas do Brasil e as ações de políticas linguísticas. Assim, “reprimir as línguas nativas e demais práticas culturais tornou-se um instrumento decisivo para o funcionamento econômico do sistema agrário-exportador, ancorado em grandes plantações monocultoras [...]”⁶⁹ (ALMEIDA; RUBIM, 2012, p. 68). A escola tornou-se o local de extermínio de línguas e culturas que após declínio da política pombalina foi assumida por religiosos Almeida; Rubim (2012).

A escola para indígenas, mantida como instrumento da ação colonizadora, voltou a ser implementada por ordens religiosas, após o declínio da política pombalina.

O Brasil é um país plurilíngue, mas pouco tem sido feito para a manutenção, revitalização ou fortalecimento linguístico das mais de duzentas línguas existentes no país.

⁶⁹A uniformidade linguística em torno da língua portuguesa nas grandes plantações de cana-de-açúcar e algodão parece ter sido um severo mecanismo de controle sobre os trabalhadores escravos. Sua aplicação ocorreu pela dispersão de escravos de diferentes etnias por diferentes fazendas, evitando agrupamentos de membros de uma mesma etnia, que faziam uso de uma mesma língua, numa mesma unidade de produção. Para maiores informações consulte-se: Almeida, A.W.B. de - “Os movimentos indígenas e a autoconsciência cultural” in Almeida, A.W.B. de (org) – Terra das Línguas-Lei municipal de oficialização de línguas indígenas. São Gabriel da Cachoeira. Manaus, UFAM. 2007.

Entretanto, há algumas iniciativas efetivas em relação à política de valorização e promoção de algumas línguas brasileiras diferentes do português, amparadas por Leis, Pareceres e Decretos, expostos na Constituição Federal (1988), LDB (1996), Resolução 03 (1999), Plano Nacional de Educação-PNE (2014) e outros.

O caso do Alto Rio Negro⁷⁰ merece atenção por ser a região mais plurilíngue do continente americano, com mais de 23 diferentes línguas indígenas de cinco troncos linguísticos diferentes: Tupi (Nheẽgatu), Tukano Oriental (Tukano, Tuyuka, Desana, Wanano, Piratapuya, etc.), Aruak (Baniwa, Kuripako, Tariano, Werekena) e Maku (Nadëb, Daw, Yuhup, Hupda), Yanomami, além do Português e do Espanhol. A cooficialização das três línguas, Nheengatu, Tukano e Baniwa, igualando-as ao português, beneficia os cidadãos indígenas de São Gabriel da Cachoeira, entretanto, sua implementação está longe do que fora estabelecido em Lei 210/2006.

Recente iniciativa ocorreu por meio da Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística-CT-INDL, a inclusão das línguas Asurini do Trocará, Guarani Mbya e Talian no INDL em 2014, na sede do IPHAN, em Brasília.

O INDL, instituído pelo Decreto nº 7387 de 2010⁷¹, tornou-se um instrumento importante na identificação e valorização das línguas existentes no Brasil. É, pois:

[...] um instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Objetiva contribuir na promoção da diversidade linguística no Brasil, apoiando iniciativas de preservação promovidas pelas comunidades linguísticas⁷².

Esse instrumento é uma política linguística recente que demonstra em seus artigos, uma preocupação com a diversidade linguística do país.

Os arts. 5 e 6 determinam que as línguas inventariadas farão jus a ação de valorização e promoção por parte do poder público e que os Estados, o Distrito Federal e os municípios serão informados pelo Ministério da Cultura, em caso de inventário de alguma língua em seu território, para que possam promover políticas públicas de reconhecimento e valorização. (FREIRE, 2014, p. 382).

⁷⁰Licenciatura Indígena: Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável. Disponível em <http://www.ensinosuperiorindigena.ufam.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12&Itemid=16>. Acesso em: 15 set. 2014.

⁷¹<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm>. Acesso em: 28 fev. 2016.

⁷²<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

É uma Política Linguística atual, como afirma Freire (2014). Em Roraima, as Línguas indígenas: Makuxi e Wapichana também resultam da reivindicação do povo para cooficializá-las. Desde 2012, a proposta vem sendo discutida com as lideranças e professores de línguas da Região da Serra da Lua. Nessa perspectiva, a câmara de vereadores do Bonfim aprovou a Lei 21/2014⁷³ que cooficializa as línguas Macuxi e Wapichana no município⁷⁴.

Outra iniciativa, realizada por ações desenvolvidas pelo governo Federal para incentivar a valorização das línguas indígenas no Brasil, é ‘Ação Saberes Indígenas na escola’ com a parceria do Instituto Federal de Roraima⁷⁵, que vem somar com o projeto de cooficialização da Língua Wapixana, incentivando os indígenas deste povo a falar sua língua e formando professores com esse objetivo.

A “Ação Saberes Indígenas na Escola” é um projeto realizado pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED em Manaus, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade Inclusão - SECADI, do Ministério da Educação-MEC, e Universidade Federal do Amazonas-UFAM. No final dessa formação, os professores indígenas produzirão materiais didáticos específicos para o ensino e aprendizagem da língua de seus respectivos povos.

Recentemente, o colegiado do Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas-UFAM aprovou a escrita e defesa de mestrado e doutorado na língua Tukano no Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social⁷⁶.

⁷³Como registra o Projeto de Lei Nº 01/2012 que aqui transcrevemos: Projeto de Lei Nº 01/2012. Dispõe sobre a co-oficialização das Línguas Macuxi e Wapichana no município de Bonfim, estado de Roraima.

O Prefeito do município de Bonfim: FAÇO saber a todos que a Câmara Municipal de Bonfim, estado de Roraima decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. Fica estabelecido que o município de Bonfim, estado de Roraima reafirma o artigo 13 da Constituição de 1988, no qual a Língua Portuguesa é o idioma oficial da República Federal do Brasil, e passa a ter como línguas co-oficiais as línguas Macuxi e Wapichana.

Art. 2º. O status de língua co-oficial concedido por esse objeto, obriga o município:

§1º. A ter nos estabelecimentos públicos tradutores Português/Macuxi/Português e Português/Wapichana/Português e assim garantir o atendimento à população monolíngue nas línguas co-oficiais.

§2º. A incentivar e apoiar o aprendizado e uso das línguas co-oficiais em todas as escolas e espaços destinados ao ensino.

§3º. Todas as propagandas institucionais serão produzidas obrigatoriamente em Língua Portuguesa, em Macuxi e Wapichana.

Art. 3º. Os atos administrativos e documentos oriundos destes bem como as campanhas institucionais devem ser produzidos em Língua Portuguesa e traduzidos em todas as línguas co-oficiais.

Art. 4º. Em nenhum caso, alguém pode ser discriminado por razão da língua oficial ou co-oficial que use.

Art. 5º. Revogadas as disposições em contrário.

Art. 6º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeito do Município de Bonfim

⁷⁴Maria Edna de Brito. Divisão de Educação Indígena/DGI. SEED - Boa Vista – Roraima. Mestranda em Educação - PPGE - UNIVALI - Itajaí/SC. Retirado do grupo de: eeinacional@googlegroups.com

⁷⁵Rede Nacional de Educação Escolar Indígena dos Grupos do Google. Acesso em: 25 mar. 2015.

⁷⁶ Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/educacao-alunos-tukano-escrevem-dissertacao-de-mestrado-da-ufam-na-lingua-da-etnia/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

A partir de 2002, após a cooficialização das três línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira-AM, mais de quinze municípios do estado brasileiros também criaram leis municipais de cooficialização de línguas indígenas e de imigração.

Vale ressaltar que o panorama de cooficialização de línguas no Brasil, até o momento, encontra-se assim:

Nheengatu, baniwa e tukano em São Gabriel, no Amazonas; guarani, em Tacuru, no Mato Grosso do Sul; akwê xerente, em Tonantínia; macuxi e wapichana, em Bonfim e Cantá, em Roraima; pomerano, em Santa Maria de Jeribá, Domingo Martins, Pancas, Laranja da Terra e Vila Pavão, no Espírito Santo e em Ganguçu no Rio Grande do Sul; Talian, em Serafina Corrêa e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul; hunsrückisch, em Antonio Carlos, Santa Catarina e Santa Maria do Herval, no Rio Grande do Sul e alemão, em Pomerode, Santa Catarina (MORELLO, 2015, p. 9).

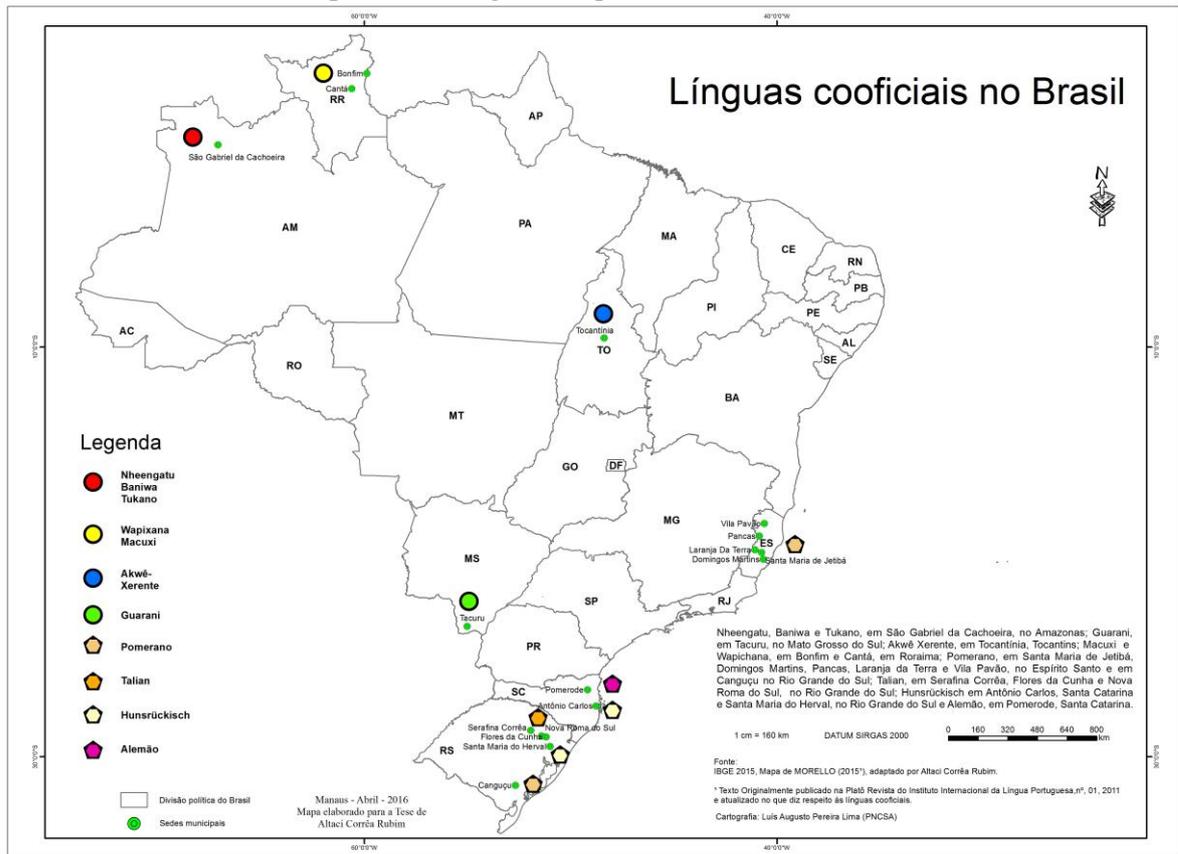
É de suma importância observar que há mais municípios plurilíngues que ainda não oficializaram ou cooficializaram as línguas que existem nesses locais que historicamente tem somente o português como língua oficial. Porém desde 2002, o Brasil passou a aceitar o uso de outra língua de uso no território nacional. A língua brasileira de sinais (LIBRAS) por meio da Lei 10.436 do ano de 2002 passa a ser reconhecida como a segunda língua do país.

A partir de 2002, “11 (onze) diferentes línguas em 16 (dezesesseis) municípios” (MORELLO, 2015, p.82) cooficializaram línguas em estados brasileiros, como veremos no mapa a seguir. Nesse sentido, Oliveira (2015) diferencia oficialização de língua de cooficialização. Tomamos como exemplo, o Talian, uma língua de migração que está em processo de cooficialização no município de Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul.

A cooficialização de uma língua significa colocá-la no mesmo *status* que a língua dominante, enquanto a oficialização é o reconhecimento da língua diante da sociedade para que seus falantes tenham a perspectiva de se expressarem na língua “ou tratar de aspectos da sua vida civil e que possam utilizar suas línguas para a produção do conhecimento de que necessitam para as suas vidas [...]”. (OLIVEIRA, 2015, p. 26-27).

Tendo o mapa de MORELLO (2015) por base, elaboramos um novo desenho sinalizado por GPS, das cidades e municípios que apresentam línguas cooficializadas. É importante destacar que o mapa original mostrava a descrição, sem a localização referenciada, o que para o processo de ensino com base nos grupos linguísticos é imprescindível. No intuito dos leitores melhor compreenderem os espaços das línguas cooficializadas este trabalho dispõe o mapa em tamanho ampliado.

Figura 36 – Mapa de línguas cooficiais no Brasil



Fonte: Mapa de MORELLO⁷⁷ (2015), adaptado por Altaci Corrêa Rubim.

As línguas indígenas e de imigração, que estão cada vez mais fortalecidas pela cooficialização, contribuem para uma política efetiva de valorização dos direitos linguísticos.

As ações de implementação das línguas cooficializadas ainda constituem um desafio, pois é preciso que a luta que se faz para cooficializar uma língua deva ser também para implementá-la. O que temos visto, a exemplo de São Gabriel da Cachoeira, é a falta de cumprimento do que é determinado juridicamente para que essas línguas ocupem o mesmo destaque que a língua portuguesa. Entretanto, os indígenas abriram caminhos para outras línguas brasileiras, de forma que os direitos de comunidades linguísticas fossem respeitados.

Vale ressaltar que as oficializações são municipais, pois segundo Oliveira (2015) o quantitativo de falantes de línguas indígenas não é suficiente para uma oficialização Federal:

O projeto de oficialização iniciou pelo caso das línguas indígenas e pela opção pelo nível municipal, porque não há nenhuma língua indígena com número de falantes elevado, com ocupação territorial em área tal e com força política suficiente para garantir uma oficialização em nível Federal (como já é o caso em países como o Paraguai, a Bolívia, a Guatemala, etc.) e nem

⁷⁷Texto Originalmente publicado na Platô Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, nº 01, 2011 e atualizado no que diz respeito às línguas cooficiais.

estadual (como nos casos da Espanha e suas ‘regiões autônomas, ou do Quebec canadense) (OLIVEIRA, 2015, p. 27).

A população indígena, em nível municipal, é parte significativa de cidadãos de um município, local em que muitas línguas são faladas ou silenciadas, mas a reivindicação de valorização a uma língua pode ser feita por uma comunidade ou por um grupo de falantes de suas línguas. Uma iniciativa é a “Oficina de “Tupi-Guarani”, no Rio Grande do Norte”, que surge pela necessidade de fortalecer a cultura do povo dessa região por ter suas línguas dizimadas pelo colonizador⁷⁸.

Serve para ilustrar essa discussão o que observa Camacho (2013) quando apresenta alguns casos sobre essa questão. A língua Basca é um dos exemplos de questões que envolvem identidade, nacionalidade e política. É observado que são questões políticas que definem a língua que deve prevalecer em um país.

Nesse sentido, os povos vêm de forma crescente e coletiva reivindicando, de forma pacífica ou com um alto grau de resistência, a autonomia do povo e do seu território. As demandas dos povos ou de grupos estão relacionadas para responder a problemática interna dos povos “e não a interesses ligados a outros grupos sociais além de seus vizinhos próximos” (CAMACHO, 2013, p. 242).

Isso nos remete a uma questão de fronteiras políticas, pois para muitos povos essas delimitações territoriais geográficas e políticas são ignoradas, uma vez que, para povos que moram em locais de fronteiras, como Kokama, Guarani e outros, ao atravessar o rio de canoa, ou a ponte, ou a rua entre esses países não há fronteira geograficamente demarcada pelo Estado, principalmente em relação à língua indígena.

O trabalho realizado na vitalização da língua com os Kokama do Brasil e do Peru tem um movimento crescente de fortalecimento linguístico em ambos os países e com pouquíssima intensidade na Colômbia. “Apesar de se identificarem com base em conceitos totalmente distintos, nacionalidade e grupos étnicos são construtos teóricos que devem ser vistos como pontos de um *continuum*” (CAMACHO, 2013, p. 242).

A língua Kokama, com sua ortografia encontrada no Brasil e no Peru, rompe as fronteiras geográficas e políticas para fortalecer o processo de vitalização da língua do povo Kokama por meio dos materiais didáticos pedagógicos produzidos em ambos os países.

É preciso admitir que a morte de uma língua vem sendo algo comum ao longo da história da humanidade. Hinton (2013a) observa que língua não oficial, não utilizada na

⁷⁸<<http://radioyande.com/default.php?>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

educação, no comércio e em outros meios é língua ameaçada. Autores como Dorian (1973), pesquisam a diferença entre falantes jovens e falantes idosos do dialeto Gaelic escocês, e Campbell;Muntzel (1989) estudam línguas lenca e cacaopera de El Salvador, línguas que deixaram de ser faladas por ações de repressão, consideradas como mortas.

Chamamos atenção para a situação da língua Kokama que foi considerada uma língua em profundo grau de obsolescência, como foi apresentado na dissertação “Natureza e direções das mudanças linguísticas observadas entre os últimos falantes do kokáma nativos do Brasil” Viegas (2010).

Porém, pesquisas posteriores feitas por estudantes de graduação do curso de Formação de professores Indígenas do Alto Solimões apresentaram mais falantes do Kokama no Brasil em diferentes partes do Amazonas. Dessa forma, atualmente estes trabalhos vêm dar visibilidade ao esforço que o povo faz para continuar a fortalecer o ensino e aprendizagem da língua.

É fato que, quando um povo assume o protagonismo do fortalecimento de sua língua, é porque está claro para ele que “A escolha da língua é parte dos direitos dos indígenas à sua terra, autonomia e autodeterminação cultural e econômica⁷⁹” (HINTON, 2013a, p. 4). Na metodologia a seguir, apresentamos como um trabalho coletivo, que se origina dentro das aldeias de base do povo Kokama no Brasil e Peru, caminha na direção do reordenamento da língua.

2.2 Metodologia

A metodologia utilizada na pesquisa é qualitativa de cunho etnográfico em que o Mapeamento Situacional da Cartografia Social da Amazônia foi utilizado pelo povo Kokama de alguns municípios do Estado do Amazonas para dar visibilidade aos seus territórios, segundo o seu próprio olhar. Almeida (2014) rompe com a cartografia tradicional ao propor uma construção coletiva do mapa do território de povos tradicionais, por exemplo, o povo Kokama em São Paulo de Olivença e Nova Esperança em Manaus. A etnografia nos possibilitou a descrição das vivências culturais do povo Kokama do Amazonas em fortalecer sua identidade. (ver 2.3).

O caminho que estamos propondo para o processo de fortalecimento da língua Kokama é de uma política linguística baseada na elaboração de materiais didáticos

⁷⁹ “Language choice is part of the right of indigenous peoples to their own land, to autonomy, and to cultural and economic self-determination” (HINTON, 2013a, p.04).

contextualizados, que respeita a visão social de ensino e aprendizagem do povo Kokama, uma vez que sua língua é trabalhada especificamente na escola e nas comunidades Kokama do Amazonas como uma segunda língua⁸⁰.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados são gravações de áudio, vídeo e fotografia das comunidades Kokama, câmera digital, câmera fotográfica, celular android, gravador de voz, HD externo, caderno de campo e outros. O próprio povo Kokama de diversos lugares do Amazonas enviou-nos entrevistas, atas de reunião, vídeos e fotografias do processo que estão vivenciando com a língua para dar visibilidade e somar com o processo de fortalecimento da língua Kokama em sua comunidade.

O material da coletânea ‘*Yawati Tinin*’ Jabuti Branco foi inspirado na história do jabuti, animal muito apreciado da culinária Kokama, e também considerado ‘mima’ animal doméstico deste povo. Cada comunidade do povo Kokama conhece contos, histórias e histórias antigas que envolvem o jabuti. As histórias contextualizadas constam do material didático de acordo com o cotidiano do povo Kokama.

A coletânea de três volumes foi pensada para facilitar o ensino e a aprendizagem da língua Kokama. Para isso há o diálogo com o método de revitalização de línguas Mestre-Aprendiz (HINTON, 2007). No próximo item, apresentamos o método. (Ver 3.6). Nesse sentido utilizamos dois métodos, um para a pesquisa da Tese, ancorada na cartografia como instrumento etnográfico fundamentado em Almeida (2014) e outro para a metodologia de revitalização de língua fundamento em Hinton (2007), Vallejos Yopán e Yuyarima Chota (2002) em relação ao ensino e aprendizagem da língua Kokama como L2. (ver 5.4). Ambas contribuem para a vitalizar ou revitalizar línguas.

Outro material elaborado são as Histórias em Quadrinhos Kokama-HQK, como desdobramento das histórias antigas coletados do povo Kokama, tanto no Brasil quanto no Peru. Os materiais didáticos produzidos focalizam o cotidiano do povo Kokama, de forma que a língua seja vista intrinsecamente relacionada à cultura por meio da visão social do povo.

Os materiais paradidáticos possibilitarão aos professores uma alternativa de materiais didáticos pedagógicos no ensino e aprendizagem da língua. Também o vídeo com o sábio falando em Kokama os desenhos do cotidiano Kokama e do aplicativo para celular android, “Kokama Tradutor”, contribuirão significativamente para esse processo de vitalização da língua indígena ameaçada de extinção.

⁸⁰Essa questão é estudada no Capítulo V da tese.

O conjunto de ações foi pensado para que todas essas medidas ficassem o mais próximo da realidade do povo, assim como a diagramação do material e as escolhas que envolveram todo o processo de elaboração dessa proposta de uma política linguística para a língua Kokama. Por isso a escolha da apresentação gráfica levou em consideração os aspectos culturais desse povo.

Atualmente, o povo Kokama fortalece a língua em diferentes comunidades Kokama no Amazonas, onde a situação da aprendizagem da língua se desenvolve em diferentes espaços educativos. Assim, a necessidade de orientar o ensino e aprendizagem da língua Kokama, a fim de inter-relacionar as diferentes realidades sociais, políticas e históricas de cada comunidade é uma realidade.

Há necessidade de uma Política Linguística Kokama, como ferramenta que possibilite a análise da língua Kokama em contextos reais e diversos. Nesse contexto, estarão em pauta a cooficialização da escrita Kokama, a questão ortográfica, a produção de materiais didáticos e a formação de professores.

Este projeto de pesquisa é, além disto, resultado da demanda do povo Kokama em reivindicar o processo de avivamento da língua Kokama no Amazonas. É sabido que, desde meados da década de 80, o movimento de fortalecimento da língua e da cultura Kokama se iniciou, mas foi retomado 20 anos depois com o processo de formação de professores Kokama no Alto Solimões e em Manaus em 2005.

Desde então, os professores Kokama iniciaram um processo de criação de materiais didáticos para o ensino e aprendizado da língua Kokama no Brasil, uma vez que os materiais didáticos utilizados provinham do Peru, elaborados pelo Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana-FORMABIAP conjuntamente com professores indígenas Kokama; pelo Summer Institute of Linguistics-SIL (1956-1957) com aproximadamente 10 cartilhas, Gramática Cocama-Lecciones para El aprendizaje del idioma Cocama, Norma Faust (Instituto Lingüístico de Verano, edição (1ª-1972, 2ª-1978 e 3ª-2008), Diccionario analítico castellano-tupi del Peru/sección cocama, Lucas Espinosa Pérez (C.E.T.A, 1989). O povo Kokama não se limita a questão de fronteiras, portanto, os materiais didáticos produzidos no Peru são muito bem aceitos pelos Kokama que estão no Brasil.

Assim sendo, para esta pesquisa de doutoramento, coletamos dados e formamos um *corpus* de materiais didáticos pedagógicos produzidos pelo FORMABIAP e pelos professores Kokama do Peru, composto de histórias antigas, brincadeiras, músicas, adivinhações e contos, assim como pelos falantes Kokama do Solimões na cidade de São Paulo de Olivença no Brasil. Analisamos os materiais didáticos produzidos no Brasil e no Peru e os comparamos

em busca de mapear as variedades existentes da fala Kokama. Foram identificados, assim, igualmente, os falantes, ouvintes, lembradores e aprendizes desta língua.

Foi aplicado um teste na comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileiro com os materiais didáticos pedagógicos, a fim de se observar a aceitabilidade do material pelas crianças, se seu conteúdo era autoexplicativo, assim como averiguar a questão da ortografia utilizada para a escrita da língua pelas crianças. Por meio da análise dos dados, foi construída uma proposta metodológica para o ensino da língua Kokama que também poderá servir para projetos de vitalização de outras línguas indígenas no Brasil que se encontra em situação semelhante.

2.2.1 Fontes e dados

Foram fonte de pesquisa dos léxicos coletados 2 (dois) falantes Kokama de São Paulo de Olivença-AM⁸¹; 3 (três) falantes de Santo Antonio do Içá-AM⁸² e do Peru⁸³, assim como ouvintes, lembradores e aprendizes em Manaus, pois, durante as realizações das oficinas do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, realizamos a coleta do *corpus* e em viagens pela Amazônia peruana e brasileira em oficinas da língua Kokama, uma rica fonte para a produção dos livros didáticos produzidos em Manaus. Também são fontes de dados os materiais produzidos pelo FORMABIAP para professores Kokama, como livros didáticos bilíngue Kokama/ Espanhol, dicionário bilíngue Kokama/Espanhol; gramática Kokama de Norma Faust (1972), dicionário Kokama/Castelhano de Lucas Espinosa (1989) e de Vallejos Yopán e Amías Murayari (2015), além de artigos, teses, livros publicados por pesquisadores do FORMABIAP e de pesquisadores brasileiros que enfocam a questão linguística e cultural do povo Kokama.

2.2.2 Critérios para recolha e organização dos dados

A coleta dos léxicos ocorreu durante a oficina de mapas do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA em 2010 e 2013 e em viagens pela Amazônia brasileira e peruana em 2014 e 2015, durante oficinas da língua Kokama. Foram feitas entrevistas com os falantes Kokama, dando-lhes liberdade para falar sobre as demandas sociais que enfrentam em suas comunidades. Estas entrevistas foram transcritas na ortografia e traduzidas. Além disso, contos elaborados na comunidade Kokama de Nova Jordânia/SPO foram traduzidos

⁸¹Sr. Anísio Morais e Sr. Felisberto Maurício, Kokama no Brasil.

⁸²Sr. Pedro Pereira, 90a, Marcina Pinto, 90a e João Chota, 96a Kokama no Brasil.

⁸³Sr. Ricardo Augusto Tamani, Kukama-Kukamiria no Peru.

pela estudante Kokama de PAIC-Indígena/UEA no período de 2013-2014. Os léxicos foram elaborados a partir desses corpora textuais. A recolha e a organização dos dados foram realizadas por meio de gravações que enfocavam o contexto do cotidiano Kokama, expresso na comunicação dos falantes, ouvintes, lembradores e aprendizes da língua Kokama.

Num primeiro momento, os textos selecionados para a aplicação dos testes na escola em Manaus foram elaborados na comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho. Como nesta comunidade todos são aprendizes da língua Kokama, coletamos uma história do cotidiano Kokama local para inserir no material didático, visto que o material didático foi pensado especificamente para a comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho-Manaus de modo a contextualizar e valorizar os saberes tradicionais da comunidade. Assim, foi escolhida uma história que havia ocorrido recentemente na comunidade para ser a ligação entre os três volumes do *Yawati Tinin*, (Jabuti Branco). O Jabuti Branco foi escolhido como apresentador de todos os três volumes. No “*Yawati Tinin I*” os conteúdos, as imagens e desenhos e atividades do cotidiano foram escolhidos com o intuito de que pessoas da comunidade se identificassem dentro do material didático.

Num segundo momento, por edital do MEC⁸⁴ para elaboração de materiais didáticos para escolas indígenas em 2013, foi decidido em reunião com a comunidade, atendendo a reivindicações das lideranças e professores Kokama do Amazonas, incluir as mais de 105 escolas Kokama para receber o material. Então, foram redimensionadas algumas atividades para abranger os Kokama do Amazonas. Com isso, a escolha do jabuti foi muito relevante, pois representa uma figura mítica, central do imaginário Kokama, já que é utilizado na culinária, na medicina e em curas espirituais. Além disso, o Jabuti é o ‘mima’ (animal doméstico) tradicional que, inclusive, passa a fazer parte da família, como membro.

A narrativa faz a ligação do material entre os Kokama do Amazonas, uma vez que a história ocorrida com o jabuti, na comunidade Nova Esperança do ramal do Brasileirinho, é comum em outras comunidades Kokama do Amazonas, além do que cada comunidade do povo Kokama conhece contos, histórias antigas e atuais que envolvem o jabuti, o que proporciona uma abertura para que o material seja contextualizado nas respectivas comunidades.

Nessa dimensão, fizemos o levantamento dos dados, recolhendo as falas na língua Kokama que representassem a visão social dos Kokama para que constasse no livro, com a

⁸⁴Edital de Convocação, nº 1 de junho de 2014. O presente edital fomenta a publicação e distribuição de materiais didáticos e para-didáticos indígenas por meio da seleção de projetos. Diário da União, Seção 3. Nº108, sexta-feira, 7 de junho de 2013.

meta de possibilitar aos aprendizes desenvolver habilidades para falar a língua: desenvolver a consciência fonológica, observando os sons que há em sua comunidade com descrição auditiva, que diferencie o som de sua língua materna; realizar a descrição visual, para que o aprendiz reconheça formas iguais, tamanhos, cores, objetos, desenhos; desenvolver a comunicação auditiva para diferenciar sons de animais, tambor, motor e outros; desenvolver a comunicação visual de, por exemplo, um pau preso numa árvore no caminho para indicar a direção certa; uma vara alta ou bóia no rio significa que há uma malhadeira e outros. Para o povo Kukama-Kukamiria no Brasil, chamado de Kokama “Educar para iya eran é deixar-se levar pelo coração”.

Desse modo, procuramos apresentar uma proposta para vitalizar a língua Kokama que seja capaz de conduzir o aprendiz a seguir seu coração no aprendizado da língua num processo de aprendizagem autônoma, como: identificar nomes e adquirir vocabulário; falar frases curtas; fazer descrição de aves e partes do corpo; escrever pequenos textos, por em prática diálogos, produzir textos. Nesse sentido, elegemos alguns temas que constam no livro: instrumentos de caça e pesca; o plantio da roça; formas de pescar; formas de caçar; narrativas; confecção de desenhos da vida Kokama; música; conhecendo nossas histórias e outros que se misturam nesses conteúdos específicos.

2.3 Cartografia Social como instrumento etnográfico

O presente projeto de doutorado tem como um dos objetivos gerais analisar os diferentes processos de territorialização da língua Kokama na Amazônia e seus efeitos sobre as formas organizativas consolidadas, a partir de mobilizações étnicas, sob o ponto de vista da etnografia. Assim sendo, tomamos como instrumento etnográfico o mapeamento situacional do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - PNCSA. O Pncsa tem por objetivo realizar o mapeamento situacional dos movimentos sociais, descrevendo suas formas organizativas e destacando as identidades coletivas como a força organizativa das mobilizações sociais.

O resultado do mapeamento situacional são as descrições das partes de territórios que são significativos para o grupo, “[...] inclui situações consideradas relevantes em suas lutas e suas práticas sociais cotidianas” ALVES (2013, p. 127). O Mapeamento Situacional, por meio da Nova Cartografia Social da Amazônia, tem por meta:

[...] de ruptura com as interpretações de pretensão geopolítica e reforçando o exercício das comparações, objetivamos a proposição de uma “nova cartografia social”, enquanto orientadora de práticas de pesquisa, distinguindo-se do sentido corrente do vocábulo “cartografia”. Em outras

palavras a noção de cartografia social aqui não pode ser entendida como circunscrevendo-se a uma descrição de cartas geográficas ou a um traçado de mapas e seus pontos cardeais com vistas à defesa ou à apropriação de um território. Ao contrário de qualquer significação única, dicionarizada e fechada, a ideia de “nova” visa propiciar uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta, conectável em todas as suas dimensões, e voltada para múltiplas “experimentações” fundadas, sobretudo, num conhecimento mais detido de realidades localizadas. A verificação *in loco* de situações empiricamente observáveis remete a relações de pesquisa entre os investigadores e os agentes sociais estudados, que no caso em pauta, do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, referem-se às comunidades tradicionais, cujos efeitos se manifestam, de maneira diferenciada, nos resultados obtidos (ALMEIDA, 2014, p. 21-22).

Esse tipo de mapeamento expressa a visão política territorial dos movimentos sociais, além de construir relações que são mantidas durante e após as pesquisas com os movimentos sociais e o Pncca. Para isso, a pesquisa é subsidiada por objetivos específicos, quais sejam: 1) Identificar, sob o ponto de vista da etnografia, os elementos históricos e identitários de afirmação da língua Kokama; 2) Descrever a relevância da língua Kokama face às políticas públicas e face aos processos de reconhecimento da identidade e autodefinição; 3) Elaborar materiais destinados especificamente ao ensino da língua Kokama como L2 e 4) Descrever o processo de avivamento da língua Kokama no Brasil, Colômbia e Peru. Isso tudo se inclui numa política linguística construída por esse povo para avivar sua língua.

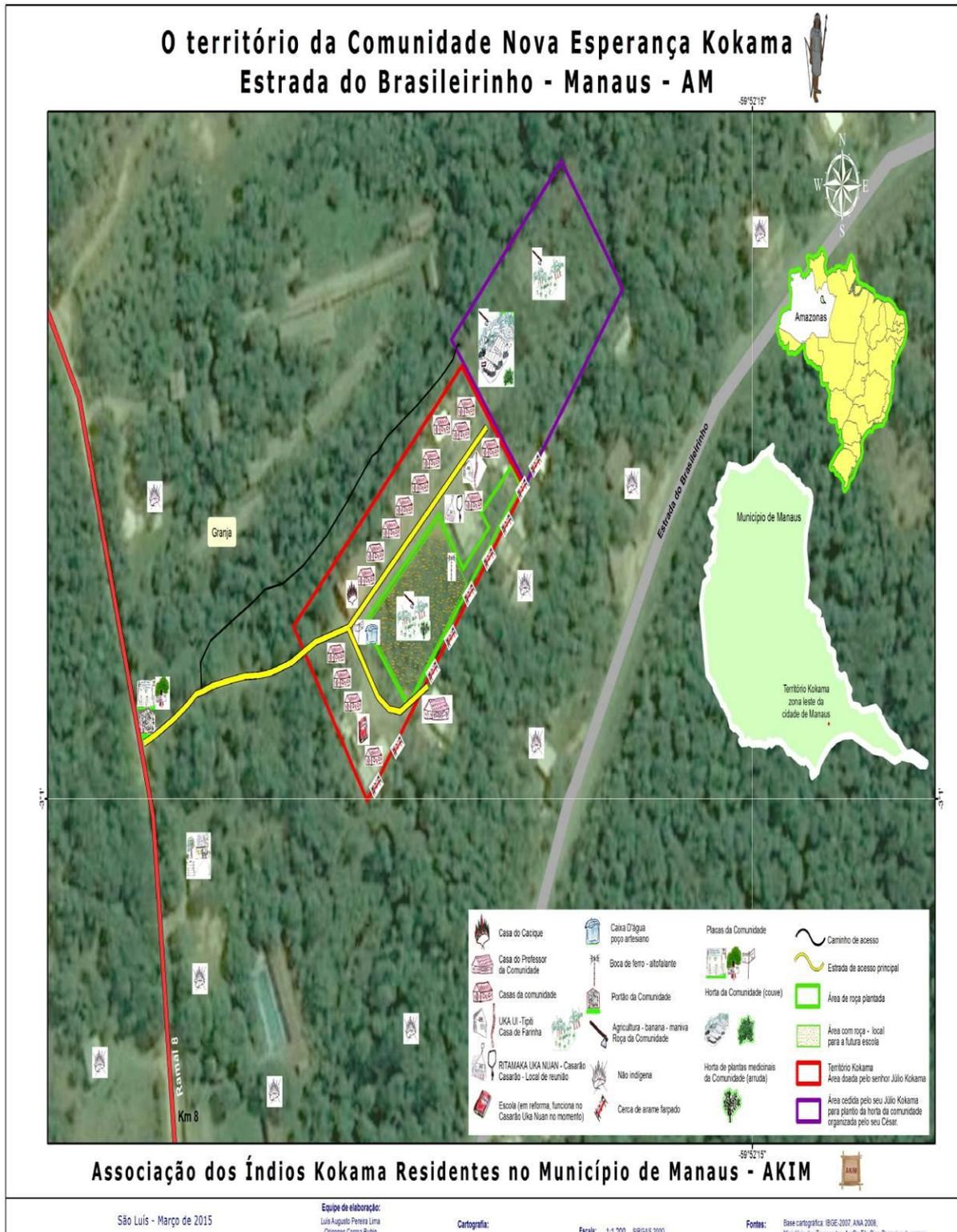
Esses objetivos foram alcançados por meio das descrições etnográficas, realizadas pelos mapeamentos do Mapa Situacional do Pncca. Tais mapeamentos, como podemos observar a seguir, descrevem a visão social dos povos tradicionais. Neste caso, a do povo Kokama, que, ao redesenhar seus territórios, apresentam suas pautas de reivindicações e sua forma de expressar sua resistência étnica diante da sociedade nacional. A exemplo, apresentamos, mais adiante, o Mapa Situacional da Comunidade Kokama do ramal do Brasileirinho.

Esta comunidade no processo de vitalização da língua Kokama nomeou os nomes dos caminhos da comunidade e colocou placas sinalizando os nomes das ruas, da roça, da horta, do barracão, escreveu “Bem-vindo” na entrada da comunidade em Kokama, português, espanhol e inglês. Na escola, as crianças aprendem a cantar em Kokama, contar histórias, fazer grafismos, desenhar, colorir, a falar em Kokama. A comunidade faz suas festas e comemorações dramatizando histórias antigas e cantando as músicas em Kokama.

A reorganização e o processo de territorialização da língua do povo Kokama em Manaus está expressa no mapa situacional a seguir, primeiro da Comunidade Kokama Nova Esperança em Manaus-AM, mapa apresentado na forma de croqui e o mapa situacional; em

seguida, o Mapa Situacional do Povo Kokama de Benjamin Constant e das comunidades Kokama de São Paulo de Olivença, locais das oficinas realizadas para elaboração do mapa.

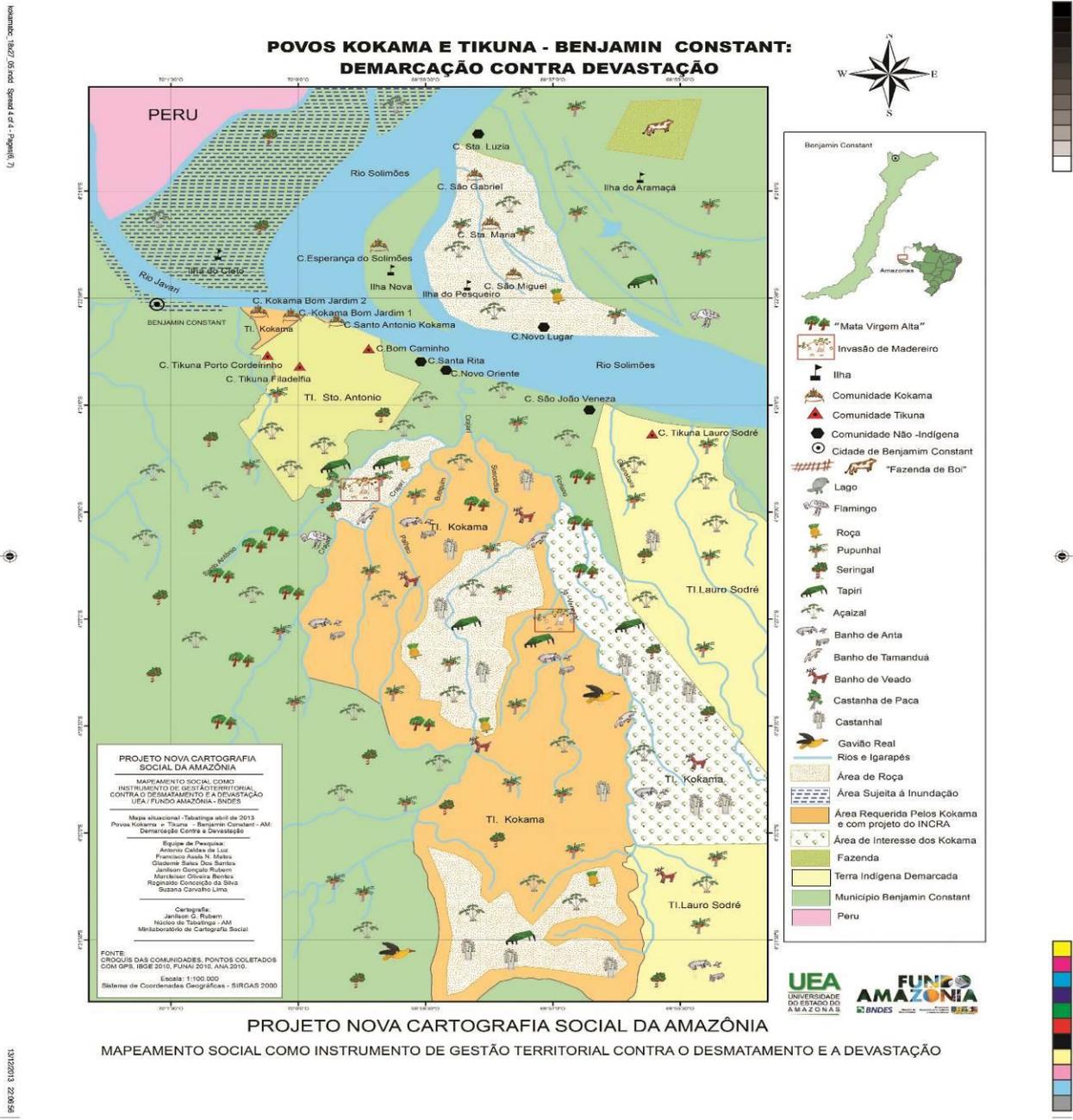
Figura 38 – Mapa situacional Kokama da comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho



Fonte: Associação dos índios Kokama residentes em Manaus – AKIM.

O mapa situacional das comunidades Kokama e Ticuna de Benjamin Constant:

Figura 39 – Mapa situacional povos Kokama e Ticuna Benjamin Constant



Fonte: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. UEA, Manaus-AM, Edições, 2013.

Mapa situacional das comunidades Kokama de São Paulo de Olivença:

Figura 40 – Comunidades Kokama de São Paulo de Olivença



Fonte: Nova Cartografia Social da Amazônia: Movimento Kokama em São Paulo de Olivença. Cordenção Geral Alfredo Wagner Berno de Almeida; UEA, Manaus-AM, 2013.

Analisando esses Mapas Situacionais, podemos visualizar os processos de territorialização da língua Kokama em diferentes comunidades no processo de vitalização da língua. Nos Mapas expostos, apresentam-se por meio de desenhos a realidade do povo em que a língua é vista nas placas que estão por toda a comunidade, além dos locais considerados de uso coletivo, como barracão, casa religiosa, locais de plantação e outros.

Assim, os recursos naturais das comunidades expressam sua sustentabilidade e sua forma de ver e ocupar os espaços demonstrados pela cartografia como um instrumento etnográfico que ajuda a “descrever de maneira detida, através de relações de entrevista e de técnicas de observação direta dos fatos, a vida social de povos, [...] considerados à margem da cena política, mas que revelam consciência de suas fronteiras e dos meios de descrevê-las” (ALMEIDA, 2014, p. 22). Para Almeida (2014), a consciência de suas fronteiras expressa o encontro da autoconsciência de seus territórios e de sua autodefinição utilizada pelos agentes sociais nas suas reivindicações diante do Estado.

Essas duas vertentes corroboram para romper com a classificação identitária e de território feita historicamente pela sociedade ao longo dos mais de quinhentos e quatorze anos de luta e resistência. Essa consciência de suas fronteiras é expressa de forma coletiva.

Os processos de territorialização da língua Kokama contribuem para a vitalização da língua Kokama que produz um efeito na autoestima dos Kokama e ganha força dentro de associações, organização e Federação. Esse processo contribui para a reivindicação da transformação de escolas rurais em escolas Kokama, assim como outras demandas do povo.

Produzem uma reivindicação de formação específica na língua Kokama, a exemplo o projeto em processo de elaboração “Projeto de Licenciatura Intercultural da Língua Kokama” pela Associação Indígena dos Caciques do Povo Kokama de Tabatinga-PTKRKTT com o apoio de Associação dos Índios Kokama Residentes em Manaus-AKIM do Amazonas; Conselho dos Povos Indígenas de Jutai-COPIJU do Amazonas; Organização Indígena Kokama do Amazonas - OIKAM em Santo Antonio do Içá - AM; Associação do Igarapé do Manaca Wirawatsu Nuan – AIMWN em Tonantins - AM entre outros.

Esta reivindicação conta com o apoio de professores Kokama presentes na “I Oficina de Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama” realizada em Tabatinga: Alcemir Cobos Pinto/Tonantins-AM; Anselmo Rodrigues Samias-Sapotal-Tabatinga-AM; Antonio Curico Balieiro/Tauaru-Tabatinga-AM; Altaci Corrêa Rubim/Nova Esperança/Manaus-AM; Rita Cristina Rodrigues Felipe/Sapotal-Tabatinga - AM; Eleri Tenazor Tananta/Belém do Solimões-Tabatinga - AM; Esmeralda da Silva Souza-Sapotal-Tabatinga - AM; Edinay Moraes Panouro/Comunidade Kokama Grande Vitória-Manaus - AM; Eptácio Braz dos Reis-Tonantins - AM; Francisco Braga Maricaua- Comunidade Kokama Grande Vitória-Manaus-AM;Inocência Silva Arimuia- PTKRKTT/Tabatinga-AM; Jardeline dos Santos Costa- Nova Esperança/Manaus -AM; José Marinho/Benjamin Constant - AM; Luiz Carlos Rodrigo Curico/T.da Paz-Tabatinga; Marlene Cuesta Telles - PTKRKTT/Tabatinga - AM; Orígenes Corrêa Rubim/Nova Esperança/Manaus - AM; Richard Ricopa Yaicate-

FORMABIAP-Zungarococha-Peru; Rita Cristina Rodrigues Felipe/Sapotat/Tabatinga-AM; Ritte Rodrigues Nunes/Jutimã/Tabatinga-AM; Rudimar Carvalho da Silva/Tauaru/Tabatinga-AM. Também participaram lideranças, como Edney da Cunha Samias (Patriarca do Movimento Kokama); Mauro (Pajé) Brasil; Pajé René Moreno (Pajé) Colômbia.

Esses processos estimulam ainda mais a criação de material didático Kokama no Brasil e Peru onde a língua vitaliza a cultura para além das fronteiras. No decorrer deste trabalho é possível observar os processos de territorialização da língua Kokama e seus efeitos sobre as formas organizativas dos agentes sociais desse povo.

Em continuidade descrevemos os passos percorridos por esta pesquisa, um trabalho que se inicia na comunidade Kokama Nova Esperança em Manaus.

2.4 Passos dados e caminhos percorridos

Em assembléias e reuniões sobre a vitalização da língua Kokama desde 2005, começamos o processo de reflexão sobre os caminhos que seguiríamos para ter de volta a língua Kokama no cotidiano da comunidade Nova Esperança em Manaus. Segundo D'Angelis (2000), as comunidades devem ter consciência da importância da língua indígena, se querem falar ou não “a língua que receberam como uma herança preciosa de seus antepassados” (D'ANGELIS, 2000, p. 1).

A comunidade Kokama do ramal do Brasileirinho fez uma reunião extraordinária para tratar do assunto sobre o ensino e aprendizagem da Língua de seu povo. Nessa reunião foi ressaltada a importância do Projeto Político Pedagógico Indígena Kokama para a comunidade, o projeto de elaboração dos materiais didáticos, a partir do cotidiano da comunidade e o curso de “Introdução da Língua e da Cultura Kokáma”, que foi oferecido pela Universidade de Brasília para os Kokama de Manaus, de São Paulo de Olivença e Tabatinga. Esse curso foi um projeto piloto que proporcionou a verificação do aprendizado da Língua Kokáma via internet.

Estiveram presentes cerca de 30 pessoas, das quais 20 fizeram sua inscrição. Os inscritos foram crianças, jovens e adultos que estudaram dentro da própria comunidade na internet da casa do professor. Apenas uma jovem está no processo de aprendizagem da Língua Kokama desde 2005, os demais são iniciantes na questão do aprendizado da Língua. Dos que estavam presentes, alguns se manifestaram sobre a importância desses projetos para a comunidade. Realizamos gravações com todos que foram inscritos. Todo ano fazemos novas

gravações para verificarmos como está o processo do ensino e aprendizagem da Língua Kokama.

Assim, com esse projeto piloto sobre o ensino e aprendizagem da língua Kokama, foi possível criar uma proposta de política linguística para o ensino da Língua Kokama, primeiramente para Manaus.

Desde 2005, são realizadas oficinas na língua Kokama nessa comunidade, que se iniciaram com o linguista do CIMI e foram até 2010, depois passaram a ser ministradas por Altaci Kokama, pois o padre Ronaldo Macdonnell⁸⁵ deixou o Brasil. A comunidade se reorganizou e passou a fortalecer e priorizar o aprendizado da língua na comunidade. Assim, com o apoio de instituições, como da Secretaria Municipal de Educação de Manaus - SEMED e do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - PNCSA entre outros.

O referido padre e linguista retornou a Manaus e ministrou a oficina sobre a língua Kokama em dezembro de 2015 na comunidade Nova Esperança Kokama de Manaus - AM.

Figura 41 – Oficinas na comunidade



Padre Ronaldo, linguista do CIMI em uma de suas oficinas na comunidade.

Foto: Altaci Corrêa Rubim. Comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-AM, 2013.

Por outro lado, as articulações para a participação dos professores Kokama do Alto e do médio Solimões começavam a surtir efeito. O movimento de São Paulo de Olivença não conseguiu êxito na solicitação de auxílio para a viagem, mas vieram, por conta própria, dois professores de SPO, Prudêncio dos Santos Maurício, 40 anos, e Roberval Pereira Simão, 37

⁸⁵O linguista do CIMI, padre Ronaldo Macdonell desde 2005 realizava oficina de revitalização de línguas indígenas com os povos indígenas residentes em Manaus-AM. Mas no final de 2010 voltou ao Canadá. Vindo esporadicamente ao Amazonas desde então, como em 2013 e 2015. Todas as vezes que regressa ao Brasil realiza oficina da língua Kokama na comunidade.

anos. Os de Santo Antonio do Içá e Jutaí não puderam participar da oficina por falta de ajuda financeira.

A preparação de material seguiu a orientação: 1) envio das histórias antigas para os grupos formados na pré-oficina, para que pudessem se preparar para dramatizar no dia das oficinas; 2) escolhas das músicas e dos DVD's que seriam utilizados; 3) fichas coloridas feitas em cartolina para trabalhar a formação de sílabas. Assim fomos construindo materiais para realização da oficina.

Essas oficinas também foram preparativos para o curso de “Introdução à Língua e à Cultura”, um curso ministrado via internet pela Universidade de Brasília. A oficina do mês de dezembro foi realizada com sucesso, pois tivemos a participação, no primeiro dia, de 33 jovens e adultos, no segundo 44 adultos e 11 crianças; e no terceiro dia foi acordado que a oficina seria realizada apenas com os professores indígenas e alguns adolescentes da comunidade, num total de nove.

Na ementa da oficina foram colados conteúdos que ajudaram no ensino e aprendizado da língua e da cultura: músicas, cumprimentos, diferença da fala feminina para fala masculina, apresentação de vídeos de outras comunidades, partes do rosto e do corpo, cores, numerais, pronomes, verbos, substantivos, adjetivos, entre outros, finalizando com monólogos, em que cada participante faria uma breve apresentação utilizando a língua e dramatizações em grupos sobre as histórias antigas, além de socialização dos materiais didáticos que estão sendo produzidos para o aprendizado da língua e da Cultura.

A oficina de dezembro foi muito dinâmica; alcançamos os objetivos de fortalecer as falas masculina e feminina, conseguimos trabalhar com substantivos, verbos, adjetivos, ouvimos e assistimos CD's e DVD's, fizemos monólogos, diálogos e dramatizações, repetimos, repetimos e repetimos muitas vezes a estrutura da língua SVO/ OSV em cartazes. Com a participação de crianças, jovens e adultos, tudo foi registrado por meio de câmera digital e fotográfica. Observamos que, como aprendizes da língua Kokama, a influência do português é grande. Requer uma atenção especial nos próximos trabalhos que faremos na comunidade.

Tivemos a participação dos professores Kokama de São Paulo de Olivença, o professor Prudêncio dos Santos Maurício e Roberval Pereira Simão, aos quais entregamos os instrumentos de rádio artesanal para que pudessem trabalhar o ensino da língua por meio do rádio. O professor Prudêncio nos relatou que a UNESCO está realizando oficinas de

utilização de rádio com os jovens da comunidade, “isso será de grande ajuda no funcionamento da rádio, segundo” (MAURICIO, 2012)⁸⁶.

No final da oficina, apresentamos o material didático sistematizado para a comunidade e lideranças da comunidade. Após a apresentação, tivemos a idéia de colocar as imagens dos grafismos e do jabuti em camisas e em outros produtos para venda.

Figura 42 – Lideranças Kokama da Comunidade com o livro da coletânea Yawati Tinin



Da esquerda para a direita: professor Orígenes Corrêa Rubim; na segunda foto Jason Marinho vice-cacique, ao centro Carlos Cezar Santos, cacique e a direita o professor Orígenes; na terceira foto p vice cacique Jason Marinho e a quarta foto Carlos Cezar Santos, cacique.

Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM, 2013.

Nessa perspectiva, o material didático ultrapassou a barreira da escola e teve um desdobramento que está ajudando a comunidade em sua sustentabilidade.

Figura 43 – Produtos Kokama



⁸⁶ MAURÍCIO, Prudêncio. Entrevista realizada na comunidade Kokama Nova Esperança do Ramal do Brasileirinho, 2012.

Fonte: Acervo, Altaci Corrêa Rubim, camisetas, squeezes, canecas, bolsa, squeezes. Manaus, dezembro de 2013.

É observado que todo e qualquer processo de fortalecimento de uma língua não está dissociado da sustentabilidade de seu povo.

Figura 44 – Camisas e canecas Kokama



Foto: Altaci Rubim, 2013.

A busca para vitalizar a língua no cotidiano da comunidade de Manaus, leva-a a utilizar as novas tecnologias, como o uso do computador, dos DVD's (material de apoio aos professores), CD's (músicas tradicionais) e animação por meio de um aplicativo de celular chamado "talking cat", que possibilitou uma gravação na língua de músicas, palavras, números e também o aplicativo para celular "Kokama Tradutor".

Ainda no mês de março (2013) a comunidade recebeu o projeto "embalando na rede" da Secretaria Municipal de Educação-SEMED/Manaus que propôs uma parceria com a comunidade de ceder os computadores e a internet para a comunidade. Em contrapartida, a comunidade daria o local para a instalação do laboratório.

Outro projeto que chegou à comunidade é o da "horta", atividade já desenvolvida pelos agentes sociais da comunidade em pequena escala roça e horta e que agora recebe o incentivo da Secretaria Municipal de Educação-SEMED/Manaus com ajuda da compra das sementes, adubos e de acompanhamento técnico. A comunidade conta com uma colaboradora graduada em agroecologia que ajudou no acompanhamento do plantio em média escala de cebola, cheiro-verde, chicória, roça e outros que serão vendidos para a merenda das crianças, e o excedente será da comunidade. A comunidade não utiliza agrotóxico nas plantações.

Figura 45 – Erapakatupa: Horta Comunitária



‘Erapakatupa’ lugar bonito foi o nome dado ao local em que são plantadas as verduras.

Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM. 2014.

Em Manaus, os professores indígenas contratados pela SEMED, incluindo os professores Kokama, realizam uma formação de Professores da rede municipal de educação. Esta formação é para professores indígenas que atuam em escolas e espaços culturais onde há alunos indígenas. A formação oferece a alfabetização bilíngue.

Nessas unidades de ensino, o estudante indígena aprende a língua portuguesa e a elaborar materiais didáticos pedagógicos na língua de seu povo. Estão participando 22 professores da Secretaria Municipal de Educação - SEMED que atendem mais de 439 estudantes de quatro escolas indígenas e 19 Espaços Culturais da prefeitura. A formação faz parte da ‘Ação Saberes Indígenas na Escola’, realizada pela SEMED, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade Inclusão - SECADI, do Ministério da Educação - MEC, e Universidade Federal do Amazonas - UFAM. No final dessa formação, os professores indígenas produzirão materiais didáticos específicos para o ensino e aprendizagem da língua de seus respectivos povos.

Em 2014 e 2015, ocorreram oficinas da língua Kokama na escola Maria Pinto Pereira, Terra Indígena São José em SAI-AM e oficina do Pncsa com o Povo Kambeba de SPO-AM na elaboração do fascículo que dá visibilidade às questões do povo Kambeba. Foram oportunidades de estar participando direta e indiretamente do processo de territorialização da língua.

Em 2015, na Amazônia peruana, houve um intercâmbio sobre a língua Kokama no FORMABIAP, localizado na comunidade de Zungarococha-Iquitos-Peru em abril deste ano. Na oportunidade, desenvolvemos experiências sobre vitalização da Kokama do Brasil e da língua Kukama-Kukamiria com estudantes, professores e sábios deste povo.

Fizemos a revisão da tradução dos materiais didáticos e diálogo com os coordenadores do Programa. Desse modo, vivenciamos o ensino tradicional da língua por meio da cultura,

pois aprende-se a língua falando de histórias antigas, de histórias atuais de conhecimento sobre plantas medicinais, sobre como fazer um remédio natural, como pescar, como preparar uma comida e outros. Com esse esforço, entendemos que a língua está-se revitalizando na Amazônia brasileira e peruana de tal maneira que os Kokama da Colômbia já manifestaram interesse em participar das oficinas de vitalização da língua.

2.5 Política de Identidade

Como a maioria dos movimentos sociais, o movimento indígena organizado cada vez mais articula suas reivindicações, em suas pautas na questão do território, da saúde, da educação, da sustentabilidade, a questão da língua e do bem-viver. Utilizam suas línguas e seus diacríticos culturais para marcar a diferença. “Les langues sont des symboles d’identité; ils sont utilisées par leurs locuteurs pour marquer leurs identités. Les individus s’en servent aussi pour catégoriser leurs pairs em fonction de la langue qu’ils parlent”, (BYRAM, 2006, p. 5)⁸⁷.

Num país carregado de desigualdades, as línguas faladas por índios, imigrantes, surdos ainda não é significativamente valorizada, mas as políticas linguísticas que estão sendo apropriadas por estes grupos, constituem uma estratégia de resistência diante de um sistema dominante.

Em primeiro lugar enfatizamos o fato de que grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores; consequentemente, têm como característica organizar as interações entre as pessoas. Tentamos relacionar outras características dos grupos étnicos a essa característica básica. (BARTH, 2000, p. 27).

Isso é observado nas relações interétnicas e na sua manutenção, pois a identidade é autodefinida pelos grupos em que a cultura é a maneira de descrever o comportamento humano Barth (2000). As formas de falar, de ter uma língua do seu povo, a maneira de viver e de conviver, de pensar suas vivências históricas que diferenciam um povo do outro e ao mesmo tempo trazem admiração, expressam a visão política e social de cada povo, de cada comunidade, de cada grupo.

Há de se pensar nas concepções de suas teorias sobre a origem de tudo, do sol, da chuva, dos seres que regem a natureza, os quais estão intrinsecamente ligados; essas e outras

⁸⁷ As línguas são símbolos de identidade; elas são utilizadas por seus falantes para marcar suas identidades. Os indivíduos se utilizam também para caracterizar seus pares em função da língua as quais falam. [Nossa tradução].

formas de pensar dão origem a várias visões de mundo. Essas concepções também são conhecidas pela arte, pela música, pelos cantos de cura “ikaros”, pelas histórias antigas em suas formas de comunicação, são formas em que as manifestações culturais se apresentam.

As culturas e línguas, apesar de estarmos utilizando separadamente, estão intrinsecamente ligadas, são frutos de uma herança que resistiu e resiste até os dias atuais. Teóricos como Sapir-Worf levantaram a hipótese de que o pensamento humano é influenciado pela língua do falante, de fato, ela é a lupa pela qual o indivíduo concebe o mundo.

A língua é uma das formas de marcar a diferença Byram (2006), elas fortalecem a identidade de um povo para as mobilizações que cada vez mais ganham força em suas reivindicações. Cultura “é mais do que descrever o comportamento humano” (BARTH, 2000, p. 25). É mais do que sentir, ver, acreditar, pensar, pois para cada povo indígena, isso incluem muitas relações visíveis e invisíveis; individual e coletiva, em tudo há uma relação, como uma teia (GEERTZ, 1989).

As culturas e as línguas fortalecem o espírito da identidade, quando há uma política de valorização das mesmas. Elas passam por um processo de elaboração e reelaboração, de criação e recriação. Durante as oficinas de mapas do Pnca em Santo Antonio do Içá em 2013, observamos o povo Kaixana reivindicando a língua nheengatu, como pertencente a seu povo e que esta deveria ser ensinada na escola. Assim como os Kokama de SPO, elaborando um mapa de suas comunidades para resistir ao avanço da cidade em suas terras.

Durante muito tempo o povo Kokama do Amazonas ficou às franjas dos Ticunas Almeida e Rubim (2012) e Freitas (2002).

O conflito com o povo tikuna, historicamente descrito, assume outra configuração. Novas dinâmicas na relação entre estes povos, que estão em constante colaboração no campo político das organizações indígenas no Alto Solimões, apontam para um futuro de ações conjuntas. Esta visão prospectiva, que emerge hoje com bastante força nas relações entre estes dois povos, rompe com o passado de profundas desigualdades e redesenha novas fronteiras políticas, que concorrem para a persistência de tais identidades coletivas, num futuro de autonomia e de coexistência linguística (ALMEIDA; RUBIM, 2012, p. 79).

É sabido que os conflitos interétnicos ocorrem, as etnias com maior população estão sempre sendo mais priorizadas que outras, mas os Kokama, por meio de suas associações e conjuntamente com Kambeba, Kaixana e outros estão cada vez mais fazendo valer seus direitos. “A concepção de etnicidade está além de definição de culturas específicas e,

portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionadas conforme o interesse dos indivíduos em questão. Assim como o momento histórico que estão inseridos” (LUVIZZOTO, 2009, pp. 29-30).

As definições de identidade são questões muito debatidas pelas ciências sociais. Aqui não nos deteremos a discutir esses conceitos, pois nosso foco está em frisar que as identidades são acionadas dependendo da necessidade que o grupo social tem. A identidade é algo que está dentro de cada indivíduo, construída a partir das relações sociais e culturais que o cerca podendo ser assumida ou não, “a identidade social de cada indivíduo, é ao mesmo tempo, uma e múltipla por causa do número das relações que mantemos com os outros” (GODELIER, 2012, p. 53).

Os Kokama nunca deixaram de ser Kokama, pois as políticas integracionistas, os fez desenvolver uma estratégia de resistência. Como já apresentado, tanto os Kokama do Brasil, quanto os Kokama do Peru iniciaram uma batalha para reafirmarem sua identidade diante da sociedade nacional, mas suas práticas sociais e culturais não deixaram de ser praticadas.

O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parece ser, em termos analíticos, de duas ordens diferentes: sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade; trata-se frequentemente de características tais como vestimenta, língua, forma das casas ou estilo geral de vida; e orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas (BARTH, 2000, p. 32).

Para compreender a identidade étnica do povo Kokama, é preciso interpretar os dois sentidos do que seja “índio”, salientado por Oliveira Filho (2004) e o que está elaborado pelo discurso jurídico (SHIRAIISHI NETO, 2007), com plenos direitos específicos, e elaborado historicamente pelo processo civilizatório e refletido no senso comum.

O conflito entre essas duas noções se configura como contraposição ao imaginário ocidental do “índio genérico”, efetuado pelo fenômeno da identidade, que destaca o modo como as pessoas se relacionam, se abrigam e se identificam entre si, conferindo um modo de os agentes sociais determinarem sua representação mental.

Assim, os Kokama na atualidade vivenciam sua etnicidade, por meio da política de identidade expressa nas diferentes formas de conceberem o mundo, pautada no movimento de reivindicação dos territórios, de saúde e educação diferenciada, sustentabilidade e do bem-viver. Dessa forma, apresentamos um pouco mais da cultura Kokama.

A forma de plantar e colher:

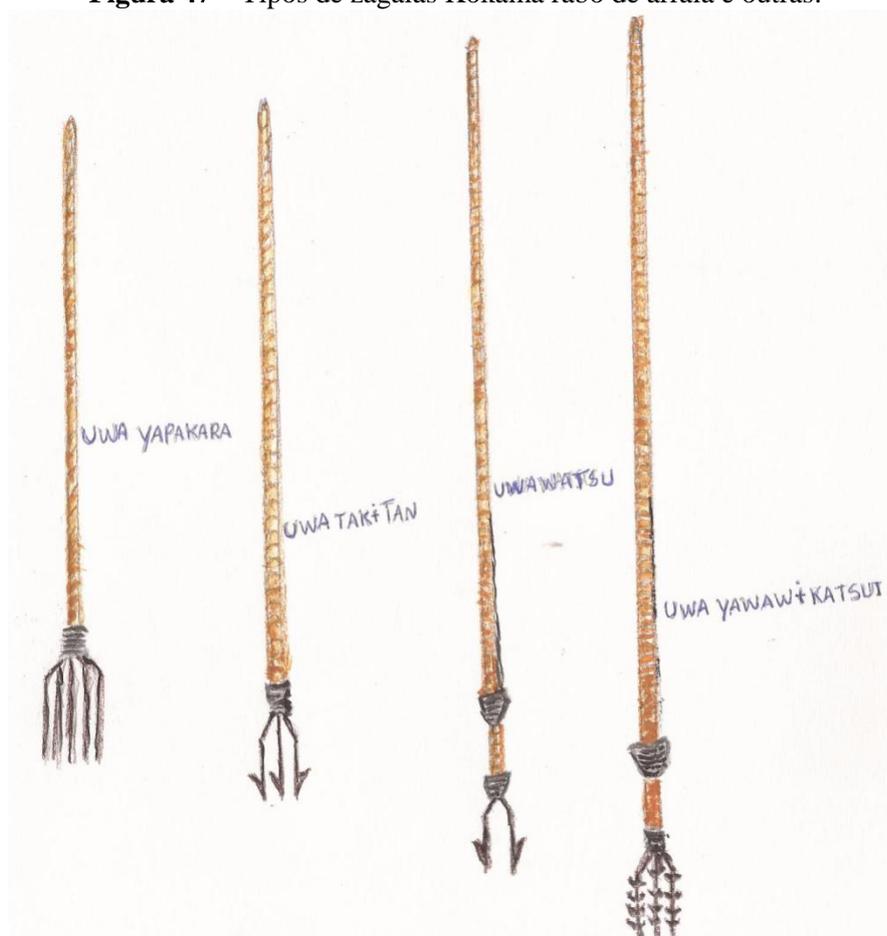
Figura 46 – Colheita de cará



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Santo Antonio do Içá-AM, 2015.

Há tempos, os Kokama sempre foram bons caçadores e pescadores, para tanto desenvolveram muitas técnicas de caça e de pesca, como veremos abaixo.

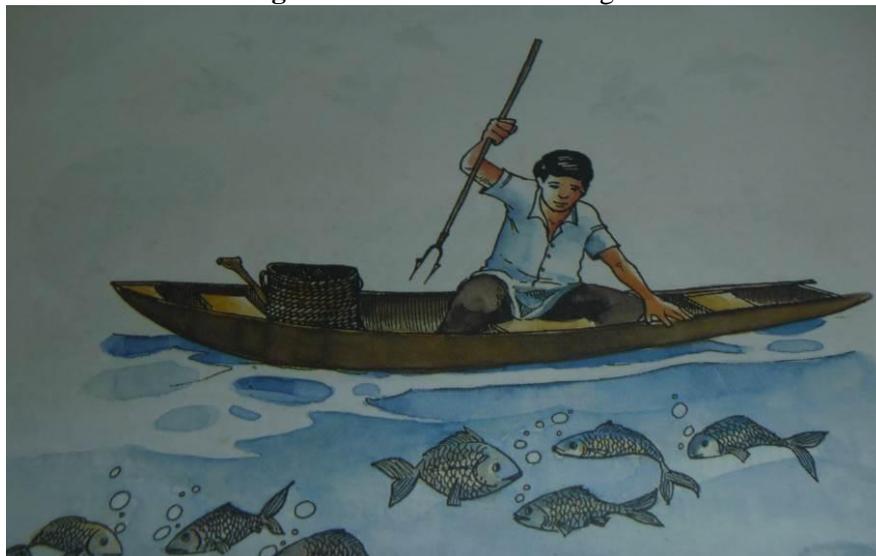
Figura 47 – Tipos de zagaias Kokama rabo de arraia e outras.



Fonte: Desenho Altaci Corrêa Rubim, 2015. Também encontrado no livro

‘Uwaritata los Kukama-Kukamiria y su bosque’ (2003, p. 26)⁸⁸.

Figura 48 – Pescando com zagaia



Fonte: O livro Kukama-Kukamiria: Chunaki (PEREIRA MURAYARI ; VALLEJOS YOPÁN, 1999, p. 22).

Esses desenhos apresentam as formas de pescar no cotidiano do povo kukama-kukamiria no Peru, ilustrado por Jaime Choclote Martínez e desenhado e diagramado por Gredna Landolt Pardo, Rosa Vallejos e Roxana Wong Arévalo uma forma didática de ensinar a cultura.

Nas formas de pescar com tarrafa e malhadeira:

⁸⁸ RIVAS, Roxani R. Ruiz. **Uwarita:** Los Kukama-Kukamiria y su bosque. Série: Um instrumento, Um mundo. Trampas de caza de los pueblos indígenas amazónicos. FORMABIAP. Instituto Superior Pedagógico Público “Loreto”/Asociación Interétnica de la Selva Peruana-AIDSESP, Iquitos, 2003.

Figura 49 – Pescaria com malhadeira/tarrafa



Fonte: O livro Kukama-Kukamiria: Chunaki (PEREIRA MURAYARI ; VALLEJOS YOPÁN, 1999, p. 28).

Os Kokama pescam de dia e de noite. Há tempo que saem de madrugada para faxiar⁸⁹, para isso estão sempre cuidando de seus instrumentos de pesca, como a tarrafa que o professor está consertando.

Figura 50 – Professor consertando a tarrafa de pescar peixe

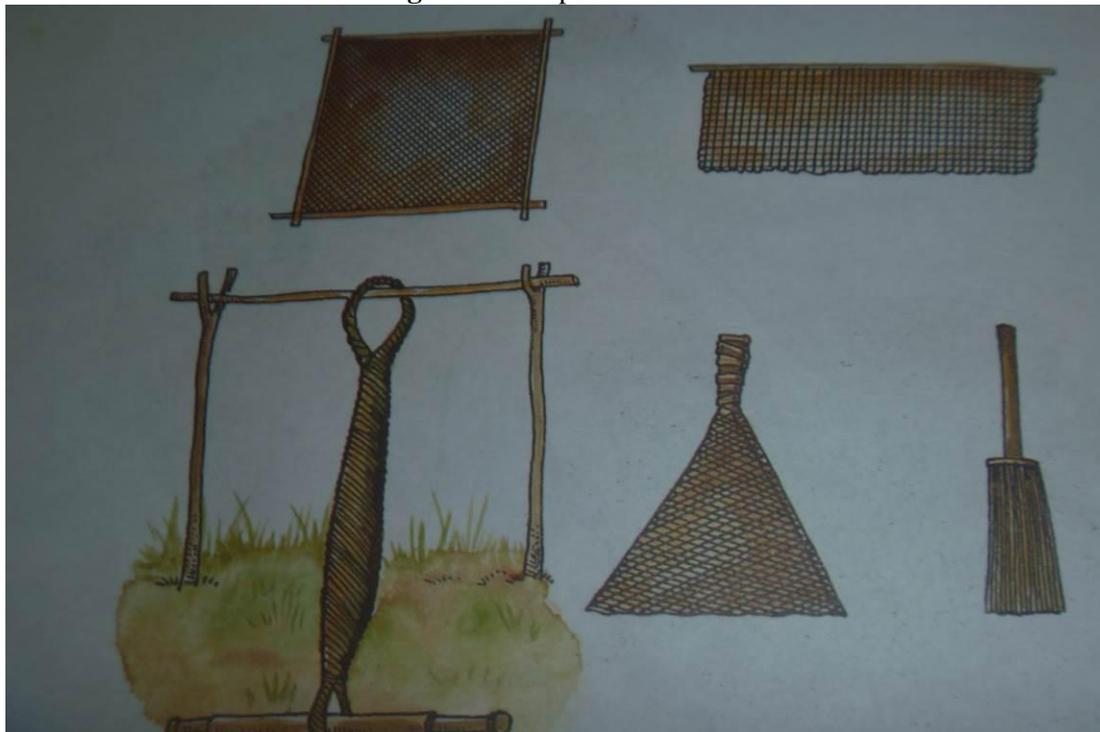


Foto: Jardeline Santos, comunidade Nova Esperança, 2015.

⁸⁹ Faxiar – é uma pescaria realizada quando o rio está seco ou começando a secar. Essa pescaria depende da posição da lua, pois os pescadores saem para pescar quando a lua deixa de refletir no rio, uma vez que é a luz da poronga, da lanterna, da lamparina que atrai os peixes. Quando a lua está refletindo sua luz no rio fica muito difícil pegar peixes. Então, se a lua desaparece nove da noite, os pescadores saem para pescar nove horas da noite, se a lua desaparecer às dez horas da noite, os pescadores saem para pescar às dez horas da noite e ficam pescando até umas quatro horas da manhã. Muitos pescadores gostam de faxiar porque os peixes ficam expostos com as nadadeiras de fora no baixo.

O cuidado com os instrumentos de trabalho constitui sempre um dever que os Kokama gostam de praticar, por isso seus instrumentos estão sempre preparados para o serviço. Isso é uma forma de refletir a cultura desse povo em toda sua prática social. Nas formas de fazer tessume:

Figura 51 – Tipos de tessume



Fonte: O livro Kukama-Kukamiria: Chunaki ((PEREIRA MURAYARI ; VALLEJOS YOPÁN, 1999, p. 18).

Os tessumes são instrumentos utilizados no preparo da farinha de mandioca, de macaxeira. O tipiti espreme a massa, o abano abana o fogo, a vassoura varre, as peneiras servem para peneirar a massa que vai ser feita a farinha, conforme é a forma da peneira sai o formato da farinha: graúda, miúda, com muito fiapo, com pouco fiapo, sem fiapo.

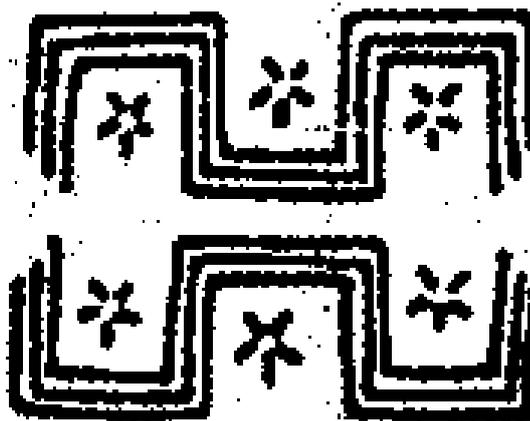
Além dos tessumes, os Kokama possuem vários grafismos que são muitos significativos para eles.

Nos grafismos:

Algo muito importante da identidade Kokama, há poucos registros de tais diacríticos, mas tanto no Peru quanto no Brasil, de alguma forma, muitos deles mantiveram-se nas memórias dos idosos e atualmente são utilizados como pintura corporal, pinturas de roupas, portões, cerâmicas, para ilustrar livros e outros. Como dizia Darcy Ribeiro em seu livro, Confissões a “função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para expressão de sua cultura, é criar beleza” (RIBEIRO, 1999, p.160). Esses dois primeiros

grafismos são utilizados no Peru e na comunidade Nova Esperança em Manaus-AM. Nesse sentido cada povo tem sua forma de expressar a sua visão de mundo, uma estética peculiar e dessa maneira ao fazê-la encanta outras culturas, como os ticunas, assurini e outros. Aqui apresentaremos alguns grafismos Kokama utilizados na atualidade.

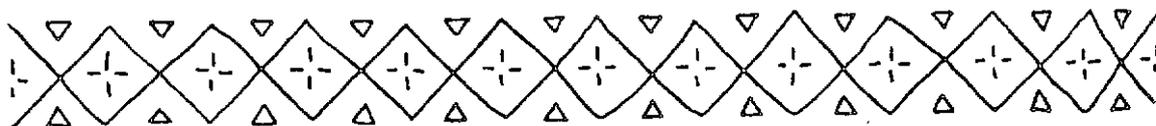
Figura 52 – Grafismo de proteção da mulher



Fonte: O livro Kukama-Kukamiria: Relato de origen del pueblo Kukama-Kukamiria (2003, p. 5)⁹⁰.

Este é um grafismo utilizado no rosto de mulher quando vai à mata para ficar protegida, principalmente dos espíritos da mata.

Figura 57 – Grafismo Kukama-Kukamiria.



Fonte: O livro Kukama-Kukamiria: Chunaki (PEREIRA MURAYARI ; VALLEJOS YOPÁN, 1999, p. 5).

Este grafismo representa as terras altas e as terras baixas do povo Kokama. Geralmente são colocados nas roupas, cerâmica, cartazes, livros e outros.

Os grafismos a seguir são descritos pelos patriarcas Kokama. Eles utilizam em suas roupas, também é visto em cerâmicas, nas roupas tradicionais, logomarca das associações, cartazes, pôster e outros. Há grafismos como gancho, zig zag e outros registrados ao longo da história do povo Kokama (FREITAS, 2002), mas, atualmente, esses grafismos foram

⁹⁰ PARA recordar la vida: Relatos de origen del Pueblo Kukama-Kukamiria. Programa de Formación de Maestros Bilíngües de la Amazonía Peruana – FORMABIAP/AIDSESEP/ISPPL. Série: *Visiones y conocimientos Indígenas*. Primera edición, Outubro, 2003, Iquitos, Peru.

reelaborados formando outros grafismos e os que ainda não tinham sido, de alguma forma, registrados, agora estão expressos por meio dos conhecimentos dos patriarcas. “A cerâmica Kokama mostrava grandes semelhanças com a Omágua, na técnica de fabricação, morfologia e decoração. Os motivos ornamentais mais frequentes são: onda, o gancho, a cruz, combinação de ondas e ganchos, linhas quebradas, o zig-zag, o triângulo, flores” (FREITAS, 2002, p. 69).

A técnica utilizada para pintar o corpo com o grafismo é utilizar o jenipapo verde. Dele se retira o sumo e tira-se a cor negra; do urucum, de onde se retira a cor vermelha. O desenho pode ser feito de carvão, com pincel, com capim ou com o dedo. Depois da aplicação não pode molhar ou mexer até secar. A tinta do jenipapo demora 15 dias aproximadamente para sair, mas se o jenipapo for preparado de outra forma demora menos tempo.

Figura 53 – Grafismos na roupa do patriarca



Foto: Altaci Rubim, auditório do IFAM de Tabatinga-AM (2015).

Na roupa e nas cerâmicas, são utilizadas técnicas diferenciadas para extrair as tintas naturais para fazer os grafismos nesses objetos.

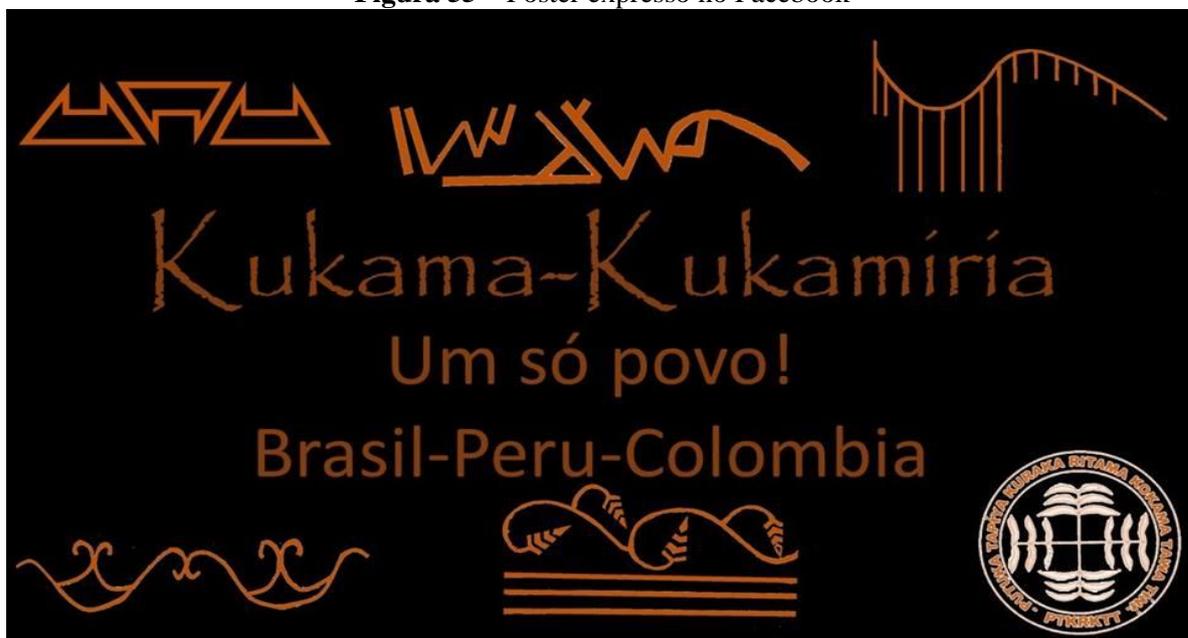
Figura 54 – Cerâmica e grafismo nas roupas



Foto: Edney Samias, Tabatinga-AM (2015).

Os grafismos que têm pontas triangulares ou quadradas são símbolos de guerra, são armas e equipamentos “usados nas guerras que ocorreram em milênios, e nas reuniões de interesse da comunidade, são guerras também” (SAMIAS, 2015)⁹¹.

Figura 55 – Poster exposto no Facebook



Fonte: Edney Samias, Tabatinga-AM, 2015⁹².

Nas cerimônias, festas e rituais são utilizados também diferentes grafismos, “já os redondos ou pontas circulares são de festas, nascimento, casamento, pelação do menino de 7

⁹¹Entrevista realizada com o patriarca Edney da Cunha Samias via e-mail, em novembro de 2015.

⁹² Kukama-Kukamíria. Poster exposto no Facebook, 2015 Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10153249401103111&set=a.10153249365573111&type=3&theater>>. Acesso em: out. 2015.

anos, falecimento, colheita, fartura” (SAMIAS, 2015)⁹³. Os Kokama do Peru também fazem as mesmas celebrações e festas.

La ceremonia del corte de pelo sí es festejada aún. Al niño se le dejan crecer los cabellos desde su nacimiento. Al cumplir dos años, se le atan mechones de pelo con cintas de diversos colores, cada uno de los cuales le corresponde a un distinto padrino que tiene que pagar una contribución por cortarlo. El padrino principal paga una suma mayor. La cantidad reunida es entregada a los padres del niño para que atiendan sus necesidades. Luego, todos los asistentes danzan y brindan con chicha de yuca (masato) por los padres y por el niño. Estas celebraciones marcarían el destete de la madre y la capacidad del infante de dejar los brazos maternos y poder movilizarse por sí mismo, pues “ya sabe caminar”, en zonas andinas también se pueden observar este tipo de celebraciones y tendrían la misma connotación que en los cocamas (GRÁNDEZ, 2014, p. 60).

Essas festas e celebrações são registradas pelos professores Kokama em formação do FORMABIAP, “Viniu Kuarachi” (Natal); “Tiutsu Umanu Kuarachi” (Páscoa); “Tsupaykana westa” (Carnaval); “Tsankuan Kuarachi” (São João); “Maytsankarakana kuarachi” (dia dos finados) e outros.

Os grafismos quadrados são as cabeças dos cavalos, “nossos pais ancestrais domesticavam cavalos selvagens e também usavam embarcação grande para levar os cavalos”⁹⁴. Nas imagens abaixo, estão os três patriarcas Kokama Antonio Samias, Francisco Guerras Samias e Edney da Cunha Samias, o grafisco é chamado de cabeça do cavalo.

Figura 56 – Patriarcas Kokama



Fonte: Edney Samias, Tabatinga-AM (2015).

⁹³Entrevista realizada com o patriarca Edney da Cunha Samias via e-mail, em novembro de 2015.

⁹⁴Entrevista realizada com Edney da Cunha Samias em outubro de 2015, via Facebook.

Os grafismos que possuem várias flechas cruzadas das penas, “na verdade é uma arma em forma do sinal mais (+) com lâmina de metal rústica, osso ou pedra amolada”⁹⁵. Para registrar um percurso histórico dos Kokama, descreveremos, brevemente, um perfil de personalidades da comunidade. Foram patriarcas Kokama, Antonio Januário Samias, pai Benjamin Samias, mãe Sofia Januário, falecido em 1995, reconquistou a terra Kokama de Sapotal, diante da hegemonia do povo Ticuna, por um laudo linguístico e antropológico.

Os grafismos também são expressos nas logos das organizações Kokama do Amazonas.

Figura 57 – Logo da Federação Kokama



Fonte: Edney Samias, Tabatinga-AM (2015).

Todos os grafismos Kokama aqui apresentados são usados na atualidade como marca identitária, assim como os diacríticos culturais que marcam a diferença desse povo, como está explícito na logo da Federação Kokama.

⁹⁵Entrevista realizada com Edney da Cunha Samias em outubro de 2015, via Facebook.

Figura 58 – Grafismo Kokama



Foto: Jardeline Costa, 2014. Portão da comunidade com os grafismos Kokama. À direita, grafismo Kokama do casco do jabuti (YAMADA; PORTO, 2013, p. 67).

No povo Kokama se observa várias práticas culturais e religiosas. As práticas culturais estão na forma de caçar aves (Wirayatseta) e animais como podem ser vistos nos materiais didáticos Kokama na coleção Yawati Tinin. A prática religiosa possui uma forte relação com o cristianismo, tendo em vista a influência que ocorreu anos atrás por meio da evangelização. Por isso, cantam músicas em português e em Kokama em suas celebrações, curam seus filhos com rezas e cantos que são feitos pelo pajé ou rezador. Eles rezam e recitam versículos na língua Kokama e o nome de seu Deus é falado em Kokama como Tata Deus ou Tata Yara ou Papa Tua. Há ainda outras formas de expressões da cultura que muitas vezes estão apenas na memória ou já escrita sendo repassada de geração em geração.

Os Kokama, por serem exímios caçadores e pescadores, segundo Rivas (2004)⁹⁶, têm um herói ancestral chamado “Ini Yara” que significa nosso dono. Ele é representado por um pescador que corre os rios em canoas ou balsa.

A memória do povo Kokama guarda muitas histórias antigas, como a de “Mui watsu”, a cobra grande que, segundo seu Pedro Pereira (SAI).

Era uma mulher que fazia muito mal para as pessoas, tinha muita inveja. Um dia o paé resolveu punir ela (puni-la) para ela nunca mais fazer mal a ninguém, então jogou ela no rio para morrer, mas havia também um pajé mal que morava na água, este pajé não (a) deixou ela morrer. O pajé tomou ela como esposa e tiveram um filho, uma cobra, como castigo ele não pararia de

A⁹⁶Disponível em: <Bdpi.cultura.gob.pe/pueblo/kukama-kukamiria>. Acesso em: out. 2015.

crescer. Cresceu tanto, que criou asa e voou para o céu. Virou arco-íris. Por isso que as crianças não podem pegar a chuvisco quando o arco-íris está no céu, porque é a urina da cobra grande que faz criar muitas feridas na cabeça das crianças (PEREIRA⁹⁷, 2014).

Os Kokama sofreram um etnocídio, mas conseguiram manter em suas memórias sua identidade Kokama e reapareceram a partir da década de 1980, Freitas (2002). Atualmente a cultura é fortalecida, sendo repassada para nova geração, os conhecimentos tradicionais de forma oral, escrita, visual, com tecnologias da educação.

Algumas histórias são lembradas por meio de contação de histórias, por dramatizações, como o Karuara (uma das histórias escolhidas para HQ), gente da água ou espírito da água. FREITAS (2002) em sua dissertação de mestrado denominou Karawara.

Assim, a língua e a cultura Kokama estão se fortalecendo a cada dia, “com a implantação de seis territórios etnoeducacionais, previstos pelo Decreto Federal nº 6.861/2009, em quase 50 municípios do interior do Estado, o ensino da língua materna de diversas etnias deve ganhar novo fôlego” (COSTA, 2010. p. 2/C).

A Política Linguística anda a passos lentos, mas há iniciativas que a cada política que surge há uma esperança no fortalecimento das línguas indígenas que estão em perigo de extinção.

2.6 Uma questão de reordenamento: vitalizar ou revitalizar a língua Kokama?

Pensar nestes dois termos e fazer uma separação corresponde a uma reflexão acerca da vida e da vida de uma língua, decisão política de um povo. O que para muitos pesquisadores é simples de falar e categorizar, para o contexto desta pesquisa significa fazer uma leitura empírica de uma situação localizada, o que nos faz pensar nos dois termos, para diferenciar um do outro, embora os Kokama, na atualidade, utilizem o termo vitalização de sua língua e não revitalização.

Preliminarmente, interpretamos da tradição filosófica o termo *vitalismo*, entendido como “toda teoria filosófica para la vida”; o conceito de vida, que se pauta na biologia, destaca o papel do corpo, a natureza, a força e a luta pela subsistência. Esta forma de sentir a necessidade está-se contrapondo ao racionalismo.

Se, de um lado, o vitalismo, carrega a noção biológica, sentido do corpo, natureza, luta pela subsistência, por outro, há uma outra que tem sentido histórico, conjunto de experiências humanas dada pelo tempo.

⁹⁷Sr. Pedro Pereira. Entrevista realizada em Santo Antonio do Içá em 2014.

Desta perspectiva, o campo empírico promove o encontro da luta pela subsistência de uma unidade organizativa de caráter étnico e a capacidade de pensar coletivamente, considerando esse conjunto de experiência em torno de uma língua, que se apresenta como algo vital da composição de um povo, fragmentado pela história de dominação.

O sentido que os Kokama exprimem na sua forma organizativa, em torno da língua, é vitalizar, dar força e vigor a sua dinâmica de existência, concepção que corresponde ao sentido até mesmo dicionarizado, quanto ao termo *vitalização* - segundo dicionário Houaiss; Villar (2009) “ato ou efeito de vitalizar; vitalizar- dar força ou mais força; vigor ou vitalidade”. É sabido que, há mais de 20 anos no Brasil, o povo Kokama luta para evitar o desaparecimento da língua, porém a língua Kokama precisa estar em constante vitalização, pois corre perigo de extinção.

O que dissemos acima significa que a língua foi enfraquecida deixando de ocupar espaço de comunicação na comunidade. Para constatar este fato apresentamos uma das formas de enfraquecimento do processo de vitalização de uma língua, em que o perigo de extinção corresponde ao fato de não existir política específica para publicação de materiais que deem vida a ela:

Entre os itens escolhidos pela UNESCO para colocar as línguas na classificação de em perigo, estão, por exemplo, a quantidade de material didático produzido para o ensino ou a falta de uma literatura na língua, e portanto somente esses dois itens já explicam a presença de todas as línguas indígenas brasileiras entre as que estão em perigo. O reconhecimento disso pelas autoridades brasileiras não é questão de boa vontade, precisa ser uma política que ofereça um ambiente propício para a valorização da diversidade (COSTA, 2013, p. 116).

Atualmente a língua Kokama encontra-se em diferentes tipos de níveis. Há falantes plenos que tem o Kokama como L1-10 (dez) falantes, localizados em Tabatinga, São Paulo de Olivença e Santo Antonio do Içá. Há ouvintes que são pessoas que convivem com falantes Kokama de L1, mas não aprenderam a língua apenas entendem. São aproximadamente 30 (trinta) ouvintes localizados no alto Solimões, conforme dados observados em visita a campo. Há os lembradores, que são pessoas que lembram palavras soltas da língua Kokama, como nomes de animais; partes do corpo. Há outros, mais de 50, que afirmam que seus avós falavam Kokama. Há aprendizes que têm a língua Kokama como L2; é o grau que tem o maior número. Esses aprendizes estão em todo o Amazonas, mas principalmente na região do alto Solimões, médio Solimões e baixo Amazonas.

Campbell e Muntzel (1989) que trabalham com morte e obsolescência de línguas, apontam características e classificação das fases de declínio e desaparecimento da língua, como: Morte súbita/abrupta⁹⁸, ocorre quando os falantes sofrem alguma catástrofe e morrem, assim a língua desaparece com seus falantes. Morte radical⁹⁹, que ocorre quando os falantes sofrem pressões políticas e sociais e deixam de falar a língua para se defender. Morte gradual¹⁰⁰, que ocorre quando a língua falada entra em contato com língua de maior valor social e gradativamente a língua menos ou não valorizada é substituída pela língua dominante. Morte de baixo para cima¹⁰¹ em que em contextos diferenciados a língua deixa de ser falada na família e fica restrita a cerimônias e rituais.

Se seguirmos o que dizem Campbell; Muntzel (1989), os lembradores nunca foram competentes na língua, mas guardam em suas memórias palavras isoladas e expressões em frases. Servem de exemplo as línguas mesoamericana Lenca, Lenca Salvadorenho, que tinham alguns lembradores, embora ninguém com mais de meia dúzia de palavras para falar, mas havia uma falante como L1 da língua, mas que não era fluente há muito tempo.

Neste sentido o léxico pode ter ficado limitado, mas a fonologia ficou intacta com pouco ou nenhum desvio. A gramática em grande parte será como de um nativo fluente, no entanto a produção real é caracterizada por frases muito simples.

Os processos de mudança em línguas em perigo de extinção prevê que a sua estrutura é muito susceptível de sofrer uma certa quantidade de variação, e em todos componentes em que fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e léxico. Essa situação podem ocorrer em línguas que estão desaparecendo (CAMPBELL; MUNTZEL, 1989, p. 186)¹⁰².

⁹⁸ "*Sudden death*" - The case where a language abruptly disappears because almost all of its speakers suddenly die or are killed (e.g. Tasmanian) leaves, by definition, no obsolescing state to investigate structurally, and is therefore outside our examination. (CAMPBELL e MUNTZEL, 1989, p. 182-183).

⁹⁹ "*Radical death*". "Radical language death" is like "sudden death" in that language loss is rapid and usually due to severe political repression, often with genocide, to the extent that speakers stop speaking the language out of self defense, a survival strategy. (CAMPBELL; MUNTZEL, 1989, p. 183).

¹⁰⁰ "*Gradual death*". Most cases in the literature on dying languages deal with gradual death, the loss of a language due to gradual shift to the dominant language in language-contact situations. Such situations have an intermediate stage of bilingualism in which the dominant language comes to be employed by an ever increasing number of individuals in a growing number of contexts where the subordinate language was formerly used. (CAMPBELL; MUNTZEL, 1989, p. 185).

¹⁰¹ "*Bottom-to-top death*". "*Bottom-to-top death*". Another kind of language death in which the repertoire of stylistic registers suffers attrition from the bottom up has been dubbed the "latinate pattern"; here "the language is lost first in contexts of family intimacy and hangs on only in elevated ritual contexts" (Hill 1980). We have no pattern-perfect examples of this type; however, two come close. Our principal Chiapanec informant recalled a memorized Chiapanec religious text, called an *alabanza* ('hymn of praise'). (CAMPBELL; MUNTZEL, 1989, p. 185).

¹⁰² The most obvious prediction one can make about dying languages is that their structure is very likely to undergo a certain amount of change, and in all components at that: phonological, morphological, syntactic, semantic, and lexical. (CAMPBELL; MUNTZEL, 1989, p. 186).

A língua Kokama além das fronteiras, mesmo em perigo de extinção, procura preservar sua gramática, fonologia, morfologia, sintaxe e léxico, como pode ser visto no projeto de documentação da língua Kokama no Peru. Entretanto, nesse processo de vitalização a língua é atualizada gradativamente, pois procurou e procura evitar empréstimos. No Peru, segundo Vallejos (2014)¹⁰³ no projeto de documentação da língua Kokama, até o momento foram documentados 30 falantes da língua Kukama-kukamiria, at com faixa etária de 50 e 86 anos.

Durante o período de documentação, em uma comunidade, foi encontrado um falante L1 da língua Kukama-Kukamiria de 26 anos. No Brasil, temos apenas dez falantes plenos da Língua Kokama, como L1; os outros estão, como ouvintes, lembradores e aprendizes. O povo Kokama do Brasil e do Peru vitaliza a língua Kokama para fortalecer a cultura.

Há uma junção de esforços que tem avançado na direção da construção de alternativas à morte de línguas. Essa somatória de esforços é satisfatória para diminuir ou mesmo estancar o fenômeno da morte de línguas no Brasil. Esses esforços advêm dos próprios indígenas, que há séculos lutam pelos seus direitos, em parcerias com os indigenistas, estudiosos e/ou ativistas, que trabalham em prol dos direitos das comunidades (COSTA, 2013, p. 118).

A língua vitaliza a cultura Kokama além das fronteiras. Viegas ressalta a questão do fortalecimento da língua Kokama visto como “reavivamento”, “reconquista”, “revitalização”, “resgate” ou “retomada” (VIEGAS, 2014, p. 22), atualmente é utilizado o termo vitalização. O termo revitalização segundo dicionário Houaiss; Villar (2009), é “ação, processo ou efeito de revitalizar”; revitalizar nova vida ou novo vigor.

A língua Kokama não desapareceu no Brasil, e nem no Peru, porém corre risco de extinção, necessitando de força para ser cada vez mais fortalecida. Exemplos de revitalização de línguas encontram-se no livro de Hinton (2007):

Muitas pessoas quando encaram com mais seriedade a revitalização da língua, fazem um esforço para descobrir materiais disponíveis e copiá-los. Pode haver publicações na sua língua e pode haver material inédito, incluindo notas de campo originais, arquivadas em museus universitários. Também pode haver fitas gravadas na sua língua e, talvez mesmo, antigas fotografias de pessoas de sua comunidade (HINTON, 2007, p. 112).

O tratamento utilizado para retomada de uma língua em perigo de extinção, é por meio da revitalização, pois se busca frear esse desaparecimento, a partir de posse de materiais sobre

¹⁰³ Disponível em: <<http://www.unm.edu/~rvallejos/documentationprojectkk.html>>. Acesso: 10 de maio de 2015.

a língua, como gravações, anotações e quando ainda há falantes da língua, utilização da metodologia Mestre-Aprendiz, Hinton (2007).

Exemplos da utilização do termo revitalização são de povos que almejam recuperar a língua, onde não há mais falantes, às vezes nem registros. Outros exemplos ocorrem quando há iniciativas externas de um povo para salvar uma língua em perigo de extinção. Os falantes donos da língua não a querem ou não reconhecem este perigo, então a preocupação é toda externa. Estes são casos de revitalização.

Como exemplo, citamos o povo da comunidade Tupinambá que busca reconhecimento e luta para revitalizar a língua Tupi/Tupinamba do sul e do extremo sul da Bahia, que depois de sua autoidentificação como Tupinambá tiveram uma tomada de decisão em voltar a falar a língua de seus ancestrais. Na pesquisa desenvolvida por Costa (2013) há evidências que a partir de uma decisão política do grupo foi determinado que seria falada pelo povo, o Tupi, uma das línguas indígenas mais conhecida do Brasil. É importante destacar que essa não foi uma decisão acadêmica, mas sim do povo.

Assim, o povo Kokama tomou a decisão de chamar de vitalização o processo vivenciado no fortalecimento da língua. Cada nova iniciativa no processo de vitalização da língua Kokama é uma gota no fortalecimento da língua Kokama em que o povo e as Políticas Linguísticas juntos poderão realizar ações nessa direção.

A seguir, no capítulo III apresentamos as iniciativas para vitalização desta língua, que podem ser inspiradoras para outros povos que estão com suas línguas em processo de vitalização ou revitalização.

CAPÍTULO 3 – PROCESSOS DE APRENDIZAGEM TRADICIONAL – MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O APRENDIZ DA LÍNGUA KOKAMA

A escrita chega às comunidades indígenas como uma política forte contra a cultura desses povos. Entretanto, a partir da Constituição Federal de 1988, o significado das escolas como instrumento de dominação mudou para uma educação escolar diferenciada, uma escola em que o povo tivesse autonomia de gerir seu funcionamento e utilizá-la como instrumento de fortalecimento de sua cultura.

Ocorreu uma forte reivindicação de formação de professores e de produção de materiais didáticos específicos. A reivindicação de formação de professores foi e é uma das mais atendidas pelos governos estaduais e municipais.

A formação superior é atendida pelo Governo Federal por meio das Universidades Federais com os Prolind¹⁰⁴ cujo objetivo está em apoiar projetos de curso de formação intercultural dos professores indígenas. Nessa perspectiva, os professores são incentivados a realizar atividades que valorizam a língua materna e conseqüentemente a trabalhar com elaboração de material didático na língua da comunidade atendida. Em relação à produção de materiais didáticos para escolas indígenas, são poucos os povos atendidos, comparados aos números de falantes de línguas indígenas. Geralmente esses materiais didáticos pedagógicos são cartilhas de alfabetização, narrativas e livro de leituras como aponta D'Angelis (2005).

Há muitas línguas que estão em processo de manutenção de sua vitalidade. Nesse sentido, os materiais didáticos pedagógicos Kokama são pensados para serem trabalhados com várias faixas etária, inspirados no método de revitalização de línguas de Hinton (2007), que aponta ainda a grande expectativa na relação que o professor deve estabelecer por meio de parcerias com os idosos de sua comunidade para trabalhar com os diversos materiais.

Nesse capítulo apresentamos os materiais didáticos pedagógicos Kokama, uma proposta para a vitalização de uma língua indígena, elaborados pelos próprios Kokama envolvidos no processo de fortalecimento linguístico desse povo, em especial a comunidade Kokama Nova Esperança do ramal do Brasileirinho em Manaus-Am. Um povo cuja alfabetização é feita na língua Portuguesa e a língua Kokama é ensinada como L2.

Os critérios utilizados para a elaboração do projeto dos materiais didáticos estão ancorados nas bases legais da educação do MEC. Nessa perspectiva, nesse primeiro momento apresentamos o léxico e a ortografia contidos no material didático, em relação à ortografia ainda não há um consenso pelo povo, mas a maioria dos professores que ensinam a língua

¹⁰⁴ Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas.

utilizam a escrita, que o povo denominou escrita tradicional do Kokama, escrita advinda do Peru.

As 64 organizações regionais do Peru com 2.000 comunidades pertencentes a 64 povos indígenas cooficializaram as primeiras línguas indígenas do Peru. No primeiro semestre de 2015, os kukama-kukamiria do Peru chegaram a um consenso em relação à escrita. O alfabeto Kukama-Kukamiria: Segundo, o professor Richard¹⁰⁵, foram necessários 30 anos para que o povo chegasse a um consenso sobre a escrita da língua.

As outras escritas feitas por religiosos, como SIL, padre Lucas Espinosa, linguista, como Norma Faust, levaram em consideração o castelhano na pronúncia da língua e eles agora escolheram uma escrita que representa a língua de seu povo em suas particularidades, respeitando a cosmovisão dos falantes.

No Brasil, ainda se faz necessária uma assembleia para uma decisão coletiva da escrita no Brasil. Mas estamos utilizando a escrita considerada tradicional para os Kokama do Brasil, estaremos apresentando algumas variações linguísticas encontradas nesse processo de elaboração dos materiais.

Neste capítulo, também serão apresentados os materiais já existentes produzidos pelos próprios professores para o ensino e aprendizagem dos alunos, assim como os materiais em processo de elaboração, como a coletânea *Yawati Tinin I, II e III*, as HQK, os paradidáticos *Ta/Etse Kumitsa Kokama* e o aplicativo para celular *android Kokama Tradutor*, além dos materiais utilizados pelos professores Kokama no Brasil produzido pelo FORMABIAP do Peru.

3.1 Materiais Didáticos produzidos por professores Kokama no curso de formação de professores no Alto Solimões

Os materiais didáticos produzidos por professores Kokama no curso de formação de professores no Alto Solimões durante o curso de formação de professores indígenas no Alto Solimões, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas e pela Organização Geral de Professores Ticuna Bilingue-OGPTB, foram:

- 1) Produção de um CD: Gravação de músicas tradicionais dos Kokáma realizada no *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* pela Profa. Cabral em 2006. O cantador do grupo faleceu em julho de 2009, sendo ele um dos últimos falantes nativos do Kokama do Brasil.

¹⁰⁵Richard Ricopa Yaicate-Comunicação oral na 1ª Oficina de ensino e aprendizagem da língua Kokama em Tabatinga-AM, no Instituto Federal do Amazonas-IFAM em 07/08/2015.

- 2) Tradução: GRAMÁTICA KOKAMA, traduzida e adaptada por Norma Faust (publicada em Série Lingüística Peruana, nº 6, 1972). Tradução e Adaptação para o português: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Chandra Wood Viegas. Supervisão: Aryon Dall’Igna Rodrigues. 2009.
- 3) Produção de um vídeo: Vídeo “Língua Kokama”, produzido pelos graduandos Kokama na VI Etapa do curso, com direção de Chandra Wood Viegas, editado por Jorge D. Pennington: www.tvnavegar.com.br.
- 4) Produção de um DVD interativo: *Material de apoio para professores Kokáma: Makatipa na utsu?*. Laboratório de Línguas Indígenas, Programa de Pós-Graduação em Linguística-UnB. Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões-UEA, 2009. Volume 1.

Esses materiais foram enviados para alguns professores Kokama no Amazonas por meio do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Como resultado, trouxeram a discussão sobre a nova escrita Kokama no Brasil.

Desde o término do curso de formação dos professores indígenas no Alto Solimões, iniciou-se a elaboração de materiais didáticos Kokama pelos próprios professores Kokama formados no curso. No município de Benjamin Constant, a cartilha chamada de “*Kwatiaran Kumira Kokama I*”, Complemento Básico para o ensino da Língua Kokama produzido pelo professor Washington Gerome foi amplamente divulgado, mas sem publicação.

Esse material foi resultado de pesquisa feita pelo professor junto aos falantes Kokama, assim como materiais em processo de elaboração em Santo Antonio do Içá e Tabatinga. Também foram elaborados a coletânea “*Yawati Tinin I, II e III*”, por Altaci Corrêa Rubim e Orígenes Corrêa Rubim na Comunidade Nova Esperança do ramal do Brasileirinho em Manaus; o livro de “Contos Kokama¹⁰⁶” é resultado de pesquisa realizada no município de São Paulo de Olivença, por meio do projeto PAIC-Indígena/UEA da graduanda Kokama, Laura Sheine Rubim de Souza, e as “Histórias em Quadrinhos” das histórias antigas Kokama, material produzido por Altaci Corrêa Rubim.

3.2 A retomada da Língua Kokama no Amazonas

Nas histórias dos povos que habitaram e habitam este planeta sempre houve perdas e desaparecimentos de línguas, muitas nunca registradas:

¹⁰⁶Livro de Contos Kokama: Um Reencontro de Gerações para a Revitalização de uma Língua Indígena. Pesquisa realizada em São Paulo de Olivença, 2013-2014.

Este não é o único período da história em que ocorre uma grande perda de línguas. No passado tem-se a previsão de que existiam pequenas comunidades linguisticamente distantes e que existia em torno de 15.000 línguas. Todavia, mesmo essas línguas foram massivamente perdidas. A distribuição das famílias lingüísticas modernas está em conflito neste cenário. Isso significa que centenas e talvez milhões de línguas foram substituídas no curso da expansão de algumas línguas que subsequentemente diferenciaram-se para formar as famílias modernas, incluindo o Indo-europeu¹⁰⁷ (ASH; FERMINO; HALE, 2013, p.19, nossa tradução).

Pensar um planejamento lingüístico para uma língua em processo de fortalecimento é um desafio. Há muitos livros que ressaltam os diferentes níveis de planejamento lingüístico na sociedade. O livro Green Book sobre política lingüística vem apresentar as formas que o governo trata esta temática.

Quando o PL acontece da Esfera Federal para as comunidades locais, certamente o impacto acarreta muitas perdas, o PL não consegue obter o resultado esperado, “muitas vezes este PL ocorre sem uma consulta adequada às comunidades indígenas diretamente afetadas por essas políticas”¹⁰⁸ (HINTON, 2013b, p. 51), fato exemplificado em comunidades indígenas nos Estados Unidos.

O fato de não ser levado em consideração à consulta prévia das comunidades é um indício de PL não é eficaz. O Green Book apresenta “o planejamento lingüístico baseado na comunidade – “language planning from the bottom up” (HORNBERGER, 1977); dos passos necessários para o PL e alguns componentes para o bom PL” (HINTON, 2013b, p. 51). Nesse sentido Hinton (2013b) elenca cinco passos relevantes para se fazer um PL, estes passos estão expostos abaixo:

- 1- Os processos reflexivos e pesquisas envolvidos no PL ajudam a comunidade a estabelecer metas razoáveis e realistas e ajudam a encontrar melhor método efetivo e estratégia mais eficazes para atingir estes objetivos.
- 2- Auxiliam a comunidade a manter a visão das metas a longo-prazo e manter-se no cenário em que esses vários projetos ocorrem.
- 3- O PL garante um caminho mais seguro para os membros da comunidade, em vez dos membros externos como governo, escolas públicas etc, permaneçam à frente de suas políticas lingüísticas. Agentes externos podem ser importantes

¹⁰⁷ This is not the only time in history when massive loss of language has occurred. From studies of linguistic diversity in modern hunting and gathering, it is reason-able to suppose that between 100,000 and 10,000 years ago, the inhabitable world came to be fully occupied by small, linguistically distinct communities speaking well over 15,000 languages. The modern distribution of language families is strongly at odds with this Picture, however. In the modern period, large regions are now occupied by language families whose time-depth is as little as 5000 yeras or less. This means that hundreds, even thousands, of languages were replaced in the course of the expansion of a few languages which subsequently differentiated to form the established modern families, including Indo-European (ASH; FERMINO; HALE, 2013, p. 19).

¹⁰⁸ [...] sometimes take place without adequate consultation with the indigenous communities whom these policies might affect. (HINTON, 2013b, p.51).

componentes no processo de RL e podem ajudar o planejamento linguístico, mas não devem ser estes os únicos a determinar o futuro da língua. 4- O PL pode ajudar a coordenar os esforços discrepantes e conflitivos entre as diferentes pessoas e grupos. 5- Um bom PL ajuda a prevenir ou reduzir os conflitos e rivalidades que podem crescer em torno da língua e reduzir a efetividade dos esforços de revitalização¹⁰⁹ (HINTON, 2013b, p. 51, tradução nossa).

Quando pensamos no PL da Língua Kokama na comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho, o principal objetivo em dois anos foi darmos um salto na aprendizagem da língua Kokama na referida comunidade, pois o diagnóstico sobre a situação da língua Kokama nessa comunidade foi bastante preocupante. O único falante da língua da comunidade voltou para sua comunidade no interior do Amazonas. Entretanto, a comunidade priorizou o ensino e aprendizagem da língua no Centro Cultural.

Os professores desta comunidade já eram aprendizes da língua desde 2005, então após a saída do falante passaram a priorizar as gravações da língua, a gramática, CDs, DVDs e livros didáticos produzidos por professores Kokama do Peru. Assim, o desafio da retomada da língua Kokama nesta comunidade começou.

O item 1 (um) dos passos de Hinton (2013b) foi de extrema relevância para nos reunirmos e decidirmos como seria o fortalecimento da língua na comunidade. Nessa perspectiva professores e comunidade entraram em parceria na elaboração de materiais didáticos, coletânea de livros, HQK, animação no celular *Talk Cate* o aplicativo para celular que se transformaram em ferramentas no processo de revitalização da língua.

O item 2 (dois) nos ajudou a manter o foco nos objetivos dos projetos desenvolvidos na escola em parceria com a Secretaria Municipal de Educação-SEMED, Manaus, como Plantas Medicinais, Tessume, Danças Kokama, Músicas, Grafismos e outros.

O item 3 (três) de todos os itens, o que causou grande conflito no PL. Nós sempre tivemos clareza de como queríamos fortalecer a língua Kokama. Até um determinado momento conseguimos andar junto com nossos parceiros, mas chegou um momento em que essas parcerias foram repensadas para que o futuro de nossa língua ficasse em nossas mãos.

¹⁰⁹ 1.The thought processes and research involved in language planning help a community establish reasonable and realistic goals and help find the most effective methods and strategies of reaching those goals. 2. Language planning helps a community keep na eye on long-term goals and the “big Picture” in which various projectstake place. 3. Community-based language planning is a way of making sure that the community, rather than outside agencies such as governments, public schools, and so on, stays in charge of its own language policy. Outside agents may be na important componet in language revitalization and may even help in language planning, but they should not be the ones to determine the future of the language. 4. Language planning can help to coordinate what might otherwise be disparate or conflicting efforts by different people and groups. 5. Good language planning can help to prefont or reduce factionalism and rivalry that might otherwise arise around language and reduce the effectiveness of revitalization efforts (HINTON, 2013b, p. 51).

E atualmente assumimos o rumo e a direção do fortalecimento linguístico da forma que os Kokama almejam. Ter a língua de volta ao cotidiano significa ter a língua nas sinalizações nos caminhos da comunidade e dos lugares importantes por meio de placas; músicas Kokama tocadas na boca de ferro da comunidade; música cantada pelo coral Kokama; dramatizações de histórias e História antigas Kokama; Dança Kokamae outros.

O 4 (quarto) item vem nos ajudar na questão de conflitos internos em relação à escrita da língua criados por pessoas externas. A perspectiva é resolver a questão em uma grande assembleia Kokama, “pois ou o grupo é gestor de sua língua ou sofre o impacto de quem está gestando”¹¹⁰.

O item 5 (cinco) nos leva a refletir sobre o grande desafio que temos, entretanto, a comunidade Nova Esperança em Manaus tem se fortalecido nesse sentido, amenizando possíveis conflitos internos. Vale ressaltar que ao longo do rio Solimões as comunidades Kokama enfrentam esses desafios sem ter tido a oportunidade de fazer PL.

Cada comunidade busca de sua maneira fortalecer a língua Kokama em escolas e Centros Culturais Kokama sem visualizar resultados para o alcance do principal objetivo de vitalizar a língua.

Nessa perspectiva, quem faz um planejamento Linguístico?

Pode ser feito por uma comunidade, escola, sala de aula, família ou qualquer pessoa pela sua própria língua. Em geral, é a comunidade e isso fará parte de um programa escolar. Qualquer pessoa e todos podem fazer um PL, mas geralmente forma-se um comitê responsável pela tarefa, formalmente ou informalmente designado para tal. Forma-se um comitê linguístico com pessoas da comunidade que tenham interesse, senso de responsabilidade em relação à RL; [...] essas mesmas pessoas irão requerer os financiamentos para o programa, ensinar a língua entre outros; tudo irá depender das particularidades de cada comunidade. [...] O comitê encontrará mais efetividade se a participação da comunidade for encorajada em cada passo ao longo do caminho¹¹¹ (HINTON, 2013b, pp. 51-52, tradução nossa).

Nessa parte do PL não obtivemos financiamento para o programa especificamente, mas conseguimos a contratação do professor pela SEMED/Manaus e os materiais didáticos

¹¹⁰OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Comunicação oral no I Encontro Nacional de Municípios Plurilingues na UFSC, Santa Catarina (2015).

¹¹¹ Language planning can be done by a community, a school, classroom, a family, or even an individual for his or her own language learning. We Will assume here that a community is doing the planning, but many of the steps and components would also be part of a school language plan.

Anyone and everyone can do language planning; it can Just be done by interested people or t town hall meetings. [...]. These people may well be the same people who Will apply for grants, teach the language, and so on. In some communities the committee may consist of elders, with perhaps some younger prime movers joining in who have na interest in and knowledge of language revitalization. [...] The committee will find itself most effective if community participation is encouraged every step of the way (HINTON, 2013b, pp. 51-52).

produzidos em parte foram financiados pelos envolvidos no processo. O PL está sempre sendo reformulado, sendo reavaliado pelos professores e pela comunidade.

Tipos de Planejamento:

O PL busca de diferentes maneiras atingir seus objetivos propostos, “Hornberger lista 4 tipos de planejamento linguístico e duas approaches (1997, 7). Approaches: 2 abordagens de planejamentos: 1) Política Linguística; 2) Planejamento de cultura/cultivacional. Dentro dessas 2 abordagens, Hornberger identifica 4 tipos de PL” (HINTON, 2013b, p. 52).

(1) Planejamento de Status sobre os usos da língua. Pode incluir objetivos em longo prazo, envolvendo a manutenção e a revitalização. Por exemplo: estabelecer o objetivo de que a língua em questão seja utilizada nas comunicações diárias, na abordagem cultivacional; já na abordagem política, o corpo de planejamento pode considerar, por exemplo, quando a língua local pode ser proclamada uma língua oficial na comunidade [...] (2) Planejamento de Aquisição sobre os usuários da linguagem. No âmbito da abordagem cultivacional, este tipo de planejamento envolve a manutenção ou reaquisição da língua pelos membros da comunidade. Como a língua será ensinada e para quem? Decisões sobre quando deve ser um programa linguístico para crianças e/ou adultos e famílias e quais métodos utilizar para ensinar a língua. No âmbito da abordagem política, este programa pode estatuir políticas sobre a aquisição da linguagem no trabalho, qual será a língua de instrução na escola entre outras. (3) Planejamento de *corpus* sobre a língua em si mesma. Modernização da língua, criação de novo vocabulário ou desenvolvimento de novos gêneros que abarquem as necessidades da comunicação moderna. O investimento das autoridades de comitês de modernização fica no âmbito da política de planejamento; já o trabalho em si, de desenvolver novo vocabulário, fica no âmbito do planejamento cultivacional. (Ver exemplos do Hualapai e do Hawaiian). (4) Escrevendo sobre os sistemas de escrita. Planejamento cultivacional pode incluir o modelo e reforma dos sistemas de escrita, e planejamento político pode incluir a sanção oficial de um sistema particular de escrita¹¹² (HINTON, 2013b, p. 52, tradução nossa).

¹¹² (1) *Status planning*, about the uses of language/The possible *cultivation* goals of status planning would include long-term goals involving maintenance and revitalization. For example, setting up the goal of having the language become the main language of daily communication within the community would count as status planning. In the *policy* approach, the planning body might consider; for example, whether the local language should be proclaimed the official language of the community. [...]. (2) *Acquisition planning*, about users of the language. Under the cultivation approach, this kind of planning involves the maintenance or reacquisition of the language by members of the community. How will the language be taught, and to whom? Decisions about whether there should be a school-based language program and/or programs to teach adults and families and about what methods will be used to teach the language fall under this type. Under policy, this program might state policies about language acquisition at work, what the language of instruction will be at school and so on. [...]. (3) *Corpus planning*, about language itself. Here planning might include modernization of the language – the creation of new vocabulary or the development of new genres to fit modern communicative needs. For example, the Hualapai schools have developed (written) genres of poetry. Traditionally the Hualapai had stories and songs that exhibited many poetic elements, but the actual writing of poetry did not exist until it was developed in the schools. Hawaiians established the Lexicon Committee to develop and authorize new vocabulary to fit the needs of the classroom in language immersion schools (chapter 13). The investment of authority in this committee is an example of policy planning. Their work in developing new vocabulary is

A comunidade Kokama Nova Esperança, por não seguir um PL específico, como citado acima, buscou um PL que viesse atender as suas demandas na retomada da Língua. Nesse sentido, aspectos dos PL citados acima são seguidos pela comunidade.

Etapas do Planejamento:

Pessoas motivadas, catalisadoras, iniciam as atividades, recrutamento, envolvem a comunidade; formam-se os comitês e realizam-se reuniões comunitárias.

A comunidade Nova Esperança Kokama do ramal do Brasileirinho em 2005, com a liderança que organizou os kokama em Manaus Sebastião Castilho Gomes e Francisco Maricaua juntamente com Orígenes Corrêa Rubim e Altaci Corrêa Rubim, professores Kokama, foram os primeiros a reivindicar a questão da revitalização da língua Kokama em Manaus na Gerência de Educação Escolar Indígena-SEMED e para o Conselho Missionário Indigenista-Cimi.

O linguista do CIMI, padre Ronald Macdonnel, foi o primeiro a atender a reivindicação do povo Kokama realizando oficina da língua Kokama em Manaus. Suas oficinas deram frutos, produção de cartilha durante as oficinas e estimularam os professores Kokama a produzirem seus próprios materiais, por meio da inspiração de materiais didáticos pedagógicos dos professores Kukama-Kukamiria do Peru.

A partir de então, professores e comunidade passaram a se reunir para o ensino e aprendizagem da língua Kokama. Em 2007, Orígenes Corrêa Rubim é contratado pela GEEI/SEMED, edital nº 02/2012¹¹³ publicado no Diário Oficial do Município no dia 31 de maio, para ser o professor da comunidade, a professora Altaci Corrêa Rubim, desde 2005, foi convidada para trabalhar na GEEI, como assessora das escolas indígenas em Manaus.

Nesse sentido, os materiais didáticos que tínhamos nos limitavam; então, passamos, a utilizar a pedagogia de projetos para trabalhar língua e cultura com objetivos claros e com perspectiva de visualização do produto trabalhado, como observado por Hinton:

O que você pretende realizar? Você pretende reverter o deslocamento da língua para que ela se torne a língua principal de comunicação na comunidade? Tem-se o objetivo de desenvolver novos falantes fluentes?

cultivation planning. (4) *Writing*, Hornberger's final category, about writing systems. Cultivation planning would include the design and reform of writing systems, and policy planning would include the official sanction of a particular writing systems. The Cochiti developed a policy that their language not be written at all (HINTON, 2013b, p. 52).

¹¹³Disponível em <<http://SEMED.manaus.am.gov.br/pmm-abre-processo-seletivo-para-contratacao-de-professor-indigena>> acesso em out. 2015.

Talvez o objetivo seja simplesmente fazer com que as crianças apreciem a língua e ensinem algo sobre ela; ou somente documentar a língua; ou desenvolver um dicionário; os objetivos podem ser sublimes ou pequenos. Se eles são sublimes, devem-se desenvolver pequenos objetivos para executar o grande objetivo; pensar em ambos os objetivos de curto e longo prazo e como os de curto prazo ajudarão a atingir os de longo prazo. Os objetivos devem ser revisto quando se souber quais os recursos disponíveis, pois objetivos e recursos estão entrelaçados e um acaba por ser o feedback/retorno do outro. A configuração de tais objetivos deve realizar-se em uma reunião da comunidade, onde os membros da comunidade são chamados a expressarem seus ideais em relação ao futuro da comunidade, com ênfase na língua, mas não deixando de fora outros aspectos da vida que podem ser relevantes para a língua. Essas ideias podem ser colocadas por meio de um debate¹¹⁴ (HINTON, 2013b, p. 53, tradução nossa).

Os objetivos são de suma importância dentro do PL, pois todos podem ser reformulados dependendo da necessidade e da avaliação do grupo ou da comunidade. Quando iniciamos o processo de fortalecimento da língua, não aplicamos um questionário, mas gravamos em vídeo os membros da comunidade falando o porquê querem aprender a língua de seu povo. Baseados nas respostas foram desenvolvidos muitos projetos visando ensinar e aprender a língua e a cultura Kokama na cidade de Manaus.

Em projetos sobre plantas medicinais, tessume, instrumentos musicais, danças, músicas, histórias antigas e outros, semestralmente são desenvolvidos projetos. No final do ano acontece a “Amostra de trabalhos pedagógicos de professores indígenas”, quando professores de diferentes povos se reúnem para socializar as experiências realizadas com os projetos desenvolvidos em suas comunidades.

[...] hoje pra comunidade tudo porque no primeiro ano trabalhamos com a revitalização das ervas medicinais que curam; no segundo ano na revitalização da dança; no terceiro ano com a língua materna; esse ano trabalhamos com revitalização das comidas típicas do nosso povo que é onde vai ser realizado agora dia 28 e estamos muito preocupados, ao mesmo

¹¹⁴ What do you want to accomplish? Do you have an overall goal of reversing language shift so that the language becomes the main language of communication in the community? (Such a goal may take generations to accomplish.) Or perhaps the goal is really something else, such as the maintenance of traditional religion or lifeways, with language as a means to that end. Do you have the goal of developing new fluent speakers? Perhaps the goal is simply to make children appreciate their language and teach them something about it. Perhaps the goal is instead to document the language – to videotape the elders or developed a dictionary. Goals may be lofty or small. If they are lofty, you Will need to developed smaller objectives to carry out the larger goal. Think about both short-term and long-term goals and about how short-term goals Will help reach the long-term goals. (You may have to redo your goals when you find out what your resources are. Resources and goals are intertwined and feed back on each other.)

Brandt and Ayoungman suggest that the first stage of goal setting is something they call “futuring,” which should take place in a community meeting. Here the members of the community are asked to consider na Express their ideals for the future of the community, with na emphasis on language, but not leaving out other aspects of life which may ultimately be relevant to language. The ideas can be brought out through brainstorming, (HINTON, 2013b, p.53).

tempo ansioso porque queremos ver todos reunidos compartilhando o que é nosso, o que é de nossa cultura, as vezes eu conversando com as senhoras sobre o processo da preparação das comidas típicas e elas me dizem(não professor o senhor não pode saber agora, isso vai ser surpresa isso aqui eu só vou explicar depois que estiver pronto, porque a cultura da culinária Kokama isso é um segredo que vem passando de hereditário de família por família de pai pra filho e cada uma quer preservar porque não pode ser expandido pra outras pessoas justamente porque isso é muito fácil e aí as pessoas adquirem esse conhecimento e começar fazer é vendas com esse tipo de comida, por está razão a gente tem as pessoas que tem isso é quase como segredo é guardado pra si; falando do prato típico Kokama chamado *fani*), só vai sair no dia que for ser feito, eu vou ta direto com eles aqui como fazer, como é feito, qual é o preparativo tudo isso nós vamos ta atento pra essas coisas, Isso é Educação do povo Kokama. (RUBIM, Orígenes Corrêa. Entrevista cedida pelo professor Indígena em 23 de julho de 2010, na comunidade Nova Esperança) (RUBIM, 2011, pp.103-104).

Desde 2012, é feita uma avaliação (gravada em vídeo) de como está sendo o processo de ensino e aprendizagem da língua Kokama na comunidade, um dos desafios observado na comunidade no ensino e aprendizagem é a frequente saída e entrada de famílias na comunidade, mas a comunidade e os professores não desanimam.

Um dos parceiros desse processo é a Gerência de Educação Escolar Indígena-GEEI/SEMED/Manaus/AM; contratou os professores Kokama e assessores que visitam e de certa maneira assessoram a comunidade pedagogicamente; temos a contribuição da linguista da Língua Kokama do Peru Rosa Vallejo/FORMABIAP; Altaci Corrêa Rubim, professora Kokama, doutoranda em Linguística/PPGL/UnB, elaboradora dos livros didáticos Kokama no Brasil coletivamente e individual; Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UFAM/UEA que nos apóia nas viagens e pesquisa sobre a língua Kokama.

O PL é importante porque “implica a observância de etapas. Essas etapas incluem desde o diagnóstico e definição de metas e objetivos até ações que serão implementadas e avaliações das diversas fases” (GONÇALVES, 2009, p. 2016) do processo de revitalização de uma língua indígena.

Hinton (2013b) chama a atenção para a importância de um “pré-planejamento”, a verificação da situação real da língua. A avaliação diagnóstica revelou que não havia nessa comunidade falantes plenos da língua, mas apenas aprendizes, e que estes eram professores da comunidade. A língua era falada apenas no espaço do Centro Cultural, por meio de músicas tradicionais, infantis, por projetos direcionados, como já citados acima.

Os aprendizes da língua: crianças, jovens e adultos. A língua está sendo falada para cumprimentos e saudações e de diferentes formas como será exemplificado abaixo.

3.3 Ferramentas utilizadas para fortalecer o ensino da língua na comunidade: Talk cat-kumitsara mishu

Figura 64 - Tom, o gato falante



Tom, o gato falante¹¹⁵. A acessibilidade da tecnologia do celular nos deu a ideia de transformar o gato falante em gato falante em língua Kokama.

Em 2005, quando se iniciou o processo de reivindicação de escola indígena Kokama em Manaus, comecei a pensar nas estratégias para vitalizar a língua Kokama com as crianças. No início, fiz uma espécie de história em quadrinhos com “História antiga de passagem dos Jovens Kokama”, contada por Sebastião Castilho Gomes. Na época não tinha tanta experiência com projetos e não consegui apoio para dar andamento ao projeto.

Em 2007, acreditando sempre no lúdico e nas tecnologias para o ensino da língua Kokama, criei um cenário com bonecos de massinha contando uma história do cotidiano Kokama, mas o rapaz que me indicaram para fazer a animação cobrava quinhentos reais a hora e mais uma vez não foi possível continuar com o projeto.

Durante todas essas dificuldades, ficou acalentado o sonho de implementação desse projeto, mas em 2013, com o avanço da tecnologia dos celulares, observei no celular de minha sobrinha Laura Sheine Rubim de Souza que o aplicativo “Talking cat” do seu celular nos possibilitava dar continuidade ao sonho de animação no ensino da língua Kokama.

Por enquanto, estamos diversificando as músicas em Kokama nos desenhos animados do aplicativo do celular com sistema *Android*. A música “MiMA” foi criada em 2010 com o

¹¹⁵Descrição: Tom é seu gato de estimação, que responde ao seu toque e repete tudo o que você diz com voz engraçada.

objetivo de ensinar a língua para as crianças Kokama e esta música estará no livro ‘YAWATI TININ I’.

O vídeo é ótimo, além de ajudar a expandir e difundir a língua kokama, quando meu marido trouxe o vídeo e colocou para assistirmos eu e minha caçula nos divertimos muito além de comentarmos que essa era uma ótima ferramenta para difusão de nossa língua entre as crianças e adolescente e até mesmo entre os alunos. Vamos nos apropriar mais de ferramentas como essa para difusão de nossa cultura, breve sairá um vídeo do miniteatro sobre lendas de nosso povo. P.S – Adoramos a musiquinha é ótima (CASTILHO, 2013¹¹⁶).

Mima

Animal doméstico

Por Altaci Corrêa Rubim

Atawari có, có, có mima, mima, mima

‘Galinha có, có, có animal doméstico, animal doméstico, animal doméstico’.

Uruma qua, qua, qua mima, mima, mima

‘Pato qua, qua, qua animal doméstico, animal doméstico, animal doméstico’.

Mima atawari, mima uruma (tupapenan)

‘Galinha animal doméstico, pato animal doméstico (repetir)’.

Waka mu, mu, um mima, mima, mima

‘Vaca mu, mu, mu, mu animal doméstico, animal doméstico, animal doméstico’.

Mishu, miau, miau, miau mima, mima, mima.

‘Gato miau, miau, miau animal doméstico, animal doméstico, animal doméstico’.

mima waka, mima mishu (tupapenan)

‘Vaca animal doméstico, gato animal doméstico (repetir)’.

Kuchi cro, cro, cro mima, mima, mima

‘Porco cro, cro, cro animal doméstico, animal doméstico, animal doméstico’.

Yawara au, au, au mima, mima, mima.

‘Cachorro au, au, au animal doméstico, animal doméstico, animal doméstico’.

mima kuchi, mama yawara (tupapenan).

‘Porco animal doméstico, cahorro animal doméstico (repetir)’.

A ferramenta utilizada foi muito bem aceita pelos Kokama no Amazonas, assim como a música e a animação, “aqui em Tabatinga as crianças amam e cantam esta música e gostam do gatinho” Glades Ramires, Tabatinga, AM, 2015¹¹⁷. O celular android também nos possibilitou criar o Kokama Tradutor que será especificado no próximo capítulo.

A língua Kokama gravada e socilaizada em Mp4 têm contribuído para atingir os mais jovens da comunidade. Em 2013, entregamos aos jovens e ao professor da comunidade Nova Esperança Kokama de Manaus um MP4 com gravações na língua Kokama. No mesmo período nascia Ayla, também conhecida como Kiki. Entregamos para sua mãe um MP4 para

¹¹⁶CASTILHO, Silvaney. Entrevista enviada por e-mail em 2013.

¹¹⁷Entrevista realizada em agosto de 2015 em Tabatinga-AM.

que ela pudesse colocar para Kiki ouvir enquanto dormia. Depois de um ano e seis meses a Kiki começou a falar e suas primeiras palavras foram em Kokama.

Figura 59 - Mp4 como instrumento de ensino e aprendizagem da língua Kokama com crianças e jovens



Foto: Caio Lucas Rodrigues de Souza, Comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2015).

Os pais ficaram admirados com ela. Atualmente tem dois anos, fala mais Kokama do que português. O processo da língua portuguesa é forte, mas estamos produzindo mais materiais didáticos para que ela continue seu processo de aprendizado na língua Kokama.

Outros exemplos são crianças Kokama que estão no interior do Amazonas em que os avós falam Kokama e estão ensinando aos seus netos, isso temos observado em Santo Antonio do Içá na família do Sr. Pedro Pereira e Sr^a. Marcina Pereira. A música que faz seu neto dormir é em Kokama é *amana turi mutsapirika kuarachi tima aiukua*. ‘Tomara que chova três dias sem parar’, cantando falando com seu netinho a língua Kokama é fortalecida. O neto dela já entende o que ela fala, responde em Kokama para ela.

As experiências com os jovens que receberam o Mp3, hoje em qualquer lugar que vão se apresentar, falam em Kokama primeiramente, como em escolas e em eventos da comunidade. O professor continua incentivando o fortalecimento da língua kokama na comunidade.

A Boca de Ferro/Alto falante é um instrumento eletrônico utilizado pelas comunidades indígenas e ribeirinhas para levar informações, avisos e outros para seus pares. As comunidades em sua maioria possuem uma “Boca de ferro”, ou seja, um alto falante que serve para manter a comunidade informada dos eventos que ocorrem nas comunidades e em seu entorno. Geralmente, no início da manhã de sábado e domingo as músicas Kokama são tocadas pela “Boca de ferro”, há saudações na língua Kokama, e áudios que são colocados para que a comunidade ouça histórias contadas na língua.

Esta comunidade está empenhada em manter viva a cultura Kokama e fortalecer a língua de seu povo. Há iniciativas de elaboração de materiais didáticos; gravação de músicas tradicionais, religiosas e para crianças; placas com indicação de boas vindas em língua Kokama, nomes de ruas, das hortas, da roça, do barracão e outros.

Figura 60 – Boca de Ferro da comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-AM



Foto: Jardeline Santos, outubro (2015).

A comunidade também pratica as danças tradicionais com a participação de anciãos, crianças, jovens e adultos da comunidade. De Manaus a Tabatinga o povo Kokama do Brasil faz uso dessa prática cultural.

Figura 61 – Dança Kokama na comunidade Nova Esperança



Foto: Jardeline Santos, Manaus (2013).

As danças da comunidade são práticas tradicionais Kokama estimulam e fortalecem a cultura na cidade. Assim como a territorialização da língua sinalizada nos principais ambientes da comunidade.

Figura 62 – Dança Kokama na comunidade Nova Esperança



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-AM (2013).

3.4 Processos de territorialização da língua Kokama na comunidade Nova Esperança Kokama no ramal do Brasileirinho

A língua Kokama vitaliza a cultura e em diversas comunidades desse povo faz seu processo de territorialização, ocupando os espaços significativos da comunidade. A exemplo, temos a comunidade do Brasileirinho em Manaus. Em uma assembleia na comunidade, foi decidido sinalizar a comunidade com nomes em Kokama, assim foram escolhidos nomes dos caminhos, criar placas de entrada colocando na língua Kokama bem-vindo; em português, espanhol e em inglês. Além do barracão e do nome do lugar da horta.

Figura 63 – Placa na entrada da comunidade Nova Esperança



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM (2013).

A entrada da comunidade está bem sinalizada com aspectos culturais da cultura, como desenhos, grafismos e placas que situam a diferença da comunidade no ramal do Brasileirinho, Puraquequara II. Para Silva (2007) a territorialidade linguística ocorre quando os falantes reconhecem na sua produção ou reprodução da língua em espaços e as relações culturais são estabelecidas.

Figura 64 – Placa de bem-vindo da comunidade



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM (2013).

A saudação em quatro línguas, primeiro em Kokama para reafirmar a identidade do povo, segunda língua de saudação em português, porque estão no Brasil, a terceira saudação em espanhol porque o povo Kokama se encontra no Peru e a quarta tradução em inglês, pelo fato dos turistas ingleses estarem, uma vez ou outra fazendo reportagem na comunidade.

Os caminhos da comunidade também foram nomeados com placas de identificação na língua Kokama, assim como outros espaços de usufruto da comunidade.

Figura 65 – Nomes dos caminhos da comunidade: *Mutsana pe* ‘caminhos dos Remédios’; *Aturachama pe* ‘caminho da Envira’



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM (2013).

Na comunidade há dois caminhos, o do remédio e o caminho da envira. Ambos foram nomeados com placas na língua Kokama.

A comunidade Kokama Nova Esperança de Manaus realiza muitas plantações, a exemplo temos a plantação da horta da comunidade.

Figura 66 – Placa da horta da comunidade *Erapakatupa* (Lugar Bonito)



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM (2013).

“Nosso adubo aqui é esterco de galinha com paú e a terra preta. Não tem nada de outro adubo químico na terra. Então tudo isso dá trabalho, gera suor, gera renda” (Kuraka Carlos Cezar Santos)¹¹⁸.

Os demarcadores étnicos, como a produção do artesanato, da plantação de sementes, razão pela qual fazem aproximar o aspecto cultural do econômico, sendo indispensável para a não dispersão dos agentes da “comunidade”, deixam explícito que os vínculos afetivos e históricos, na relação com o passado, são retrabalhados num contexto atual. De acordo com a fala do cacique, “houve a necessidades de sentar e estudar projetos para manter as famílias na comunidade”.

Partindo do diálogo entre as famílias, a relação com os recursos naturais teve um desdobramento, de forma que do cultivo individual passou-se ao cultivo em pequena escala. Assim, foram organizados vários espaços de terra para cuidar da roça, da horta, das plantas frutíferas e plantas medicinais, da criação de galinhas, bem como da apicultura, a partir de oito casas de reprodução do mel, que ficam no extremo da mata primária.

Os aspectos que integram a elaboração do território, provenientes dessa dinâmica racional e afetiva, “são conjunto de pressupostos de significado relacional, o qual se opõe à

¹¹⁸Entrevista realizada na comunidade Nova Esperança em Manaus-AM, 2013.

concepção funcional-culturalista e impõe à observação empírica atenção para o contexto e práxis dos agentes sociais” (BARTH, 2000, p. 130).

As leras para o plantio das verduras são feitas de PVC e cobertas por plásticos materiais e irrigadas com a água do poço artesiano da comunidade. Nesse sentido, a comunidade possui 11 leras de couve, 243 pés de pimenta de cheiro que estão em processo de crescimento.

As outras verduras, como cheiro verde, chicória, são plantadas em pouca escala. Os produtos de plantio da horta da comunidade chamada de *Erapaka tupa*¹¹⁹ são comercializados para as escolas da Prefeitura Municipal de Manaus por meio da Secretaria Municipal de Educação -SEMED, para a feira do produtor, mas é considerada atravessador pelo cacique da comunidade e para compradores que vão até a comunidade comprar verduras sem agrotóxicos.

Toda a comunidade é envolvida num trabalho coletivo em que a escola reforça as atividades de cunho de ensino e aprendizagem da língua e da cultura Kokama por meio do conhecimento do cultivo da terra como o plantio da *Erapaka tupa* ‘horta’, *kuka* ‘roça’, *jatyma mutsana tupa*¹²⁰ ‘plantas medicinais’ e outras, assim como os trabalhos realizados com os grafismos que expressam a relação do povo com a natureza. Na comunidade Kokama da cidade de Manaus, a escola é o espaço em que os conhecimentos culturais são reelaborados de forma a reafirmar a identidade étnica das crianças, jovens, adultos e idosos da comunidade.

Por sua vez, a comunidade Kokama do ramal do Brasileirinho se organiza e reorganiza no território de Manaus por meio de parcerias para o trabalho de plantio de verduras sem agrotóxicos, com professores e estagiários do curso de Agroecologia do Instituto Federal de Educação - Ifam. A parceria corrobora os conhecimentos tradicionais e acadêmicos, utilizados em prol da sustentabilidade dessa comunidade, que almeja ser modelo de comunidade sustentável para as demais comunidades indígenas de Manaus.

O barracão da comunidade é um local que toda comunidade Kokama tem para realizar seus eventos.

¹¹⁹Língua Kokama, no português ‘lugar bonito’.

¹²⁰Yatima mutsana tupa, escrita tradicional.

Figura 67 – Barracão da comunidade Ritama Uka Nuan



Da esquerda para a direita: Placa do barracão da comunidade “Ritama Uka Nuan”; barracão da comunidade; no Peru os Kukama-kukamiria chamam “Ukatupa” lugar da casa.

Foto: Altaci Corrêa Rubim e Emmanuel Farias Júnior e Jardeline Santos, 2013.

O barracão da comunidade é o local onde ocorrem as reuniões, assembleias, missas, cultos, rituais, danças, festas, aulas, oficinas, vacinação, palestras entre outras atividades sociais da comunidade. Todo mês a comunidade reúne-se em assembléia para tratar sobre questões relacionadas às suas demandas, como a sustentabilidade, moradia, educação, cacicado, benefícios e outros.

Os Kokama de dentro da comunidade e do entorno estão sempre presentes e aproveitam as reuniões para também visitar os parentes.

3.5 Dramatizações das histórias antigas Kokama

As dramatizações são momentos em que a toda a comunidade se reúne por famílias para rememorar algumas histórias antigas de seu povo. Todos de alguma forma buscam se caracterizar para transmitir os ensinamentos vivenciados nas histórias antigas.

Ao rememorar as histórias antigas, os Kokama fortalecem a língua e a cultura na comunidade. Vale ressaltar que os processos de territorialização possibilitam a compreensão da forma como o povo Kokama se organiza e reorganiza para manter a cultura e vitalizar a língua, “resultado de diferentes processos sociais de territorialização (ALMEIDA, 2008, p.29). Para Oliveira Filho (2004), há uma nova definição do controle social, onde ocorrem as formas culturais reelaboradas, assim como a relação com o passado.

Figura 68 – Personagens da dramatização da história antiga da Lua e do Surgimento do homem Kokama



Foto: Rosemberg Moreira, Comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2013).

As famílias levam semanas se preparando para este momento; quem não participou diretamente, indiretamente contribuiu, seja por meio da confecção das roupas ou de materiais utilizados na dramatização. Todos estão envolvidos, crianças, jovens, adultos, idosos e simpatizantes da causa indígena.

Figura 69 – Personagens da dramatização da história antiga da Lua



Fotos: Altaci Corrêa Rubim, Comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2013).

Nas dramatizações, primeiramente se dá a leitura da narrativa, em seguida se inicia a dramatização. Na história antiga da Lua¹²¹, os participantes fizeram um minka¹²² para produzirem os materiais da apresentação, assim como as roupas. Cada um escolhe o grafismo que gostaria que ficasse em sua roupa, o que foi feito.

¹²¹Dramatização inspirada no livro produzido pelo Programa de Formación de Maestros Bilingues de La Amazonia Peruana-FORMABIAP/AIDSESEP/ISSP, Loreto. Compilación y dibujos: Roberto Carlos Cabudivo, Iquitos-Peru, octubre, 2003. Traduzido po Kokama no Brasil- Altaci Corrêa Rubim, 2012.

¹²²Trabalho coletivo. O povo Kokama trabalha sempre em ajuri ou minka. Estão sempre trabalhando coletivamente, exemplo em construção de casas, no preparo, plantio e colheita da roça, assim como em atividades acima citada.

Figura 70 – Dramatização da história antiga da Lua.



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Comunidade Nova Esperança, Manaus-AM, 2013

A história é a seguinte: Há muito tempo, em um povo vivia uma família muito unida, que tinha apenas uma filha de seis anos e não podia ter mais filhos. Então aconteceu que a mulher engravidou novamente, o homem e a mulher ficaram muito felizes. A mãe queria que a criança fosse homem e o pai também queria que fosse menino para brincar com sua irmã.

O casal estava muito ansioso com a chegada da criança e decidiu saber o sexo do bebê com o doutor do mato (pajé). Depois de fumar um cachimbo e conversar com mãe da mata, tocou na mulher na cabeça e depois na barriga demorando bastante tocando a barriga. Novamente preparou outro cachimbo. Fumou por alguns minutos e logo com uma cara séria olhou para o casal e disse: é homem. Não digo mais nada.

O marido agradeceu mostrando uma enorme alegria e voltaram para sua casa. Desde esse dia iniciaram a preparação para o dia do nascimento. Passaram a procurar um nome para o futuro kokama e os dois concordaram que o nome do menino seria Lua.

No dia do nascimento, fizeram uma grande festa e convidaram todos os familiares. Foram três dias de festas.

Passou o tempo. O menino cresceu, o pai passava mais tempo com ele e lhe ensinava de tudo: pescar, caçar, fazer gaiolas e todo ensinamento que um menino poderia receber para ser um Kokama.

Passaram-se muitos anos e o jovem completou 19 anos. E sua irmã completou 25 anos. Os dois eram solteiros. Uma noite, um jovem apareceu na cama de sua irmã em silêncio, sem conversar. Entretanto, a irmã não reconheceu quem era porque estava muito escuro.

Amanheceu o dia e ninguém sabia nada do que tinha acontecido. Depois de uma semana, o jovem voltou outra vez a visitar a irmã. Mas a irmã não o reconheceu.

A filha contou para a mãe e ela disse para a filha não se preocupar, porque ela estaria escondida perto da menina. Na noite seguinte, o jovem voltou a atacar. Os pais não sabiam

mais o que fazer e tiveram uma brilhante ideia e falaram para a filha: - filha, prepara um balde de jenipapo ralado e esconde debaixo de sua cama, quando ele vier você joga na cara dele. E de manhã o jovem seria descoberto porque estaria com a cara preta.

Na noite seguinte a filha dormiu esperando a chegada do jovem. O homem não demorou muito e chegou. Procurou entrar na cama, mas foi pego de surpresa, pois a mulher jogou o jenipapo em sua cara. O jovem saiu correndo.

Quando amanheceu, eles esperavam ver alguém com a cara preta. Lua não levantava de sua cama. Sua mãe achou estranho, pensou que ele estava doente. Sua mãe chamou sua filha e pediu para ela ver seu irmão que estava na cama. A moça obedeceu e foi. Lua estava com uma parte do rosto manchado. Quando sua irmã o chamou logo levantou. E saiu correndo para a mata e sua irmã não sabia o que fazer, porque o viu de cara manchada de preto. Foi quando sua mãe falou que era Lua que estava com a cara pintada e era quem atacava sua filha.

Lua correu para a mata e subiu na maior árvore da mata e por ela pegou um cipó e subiu para o céu. E nunca mais voltou e passou a iluminar as noites, mas com vergonha. Assim, nas noites que se vê a lua bem redonda, se nota uma mancha no fundo. Fala-se que é a mancha do jenipapo que sua irmã jogou nele, quando ele foi visitá-la.

A História antiga do Jovem Garça¹²³ é uma das histórias antigas do povo Kokama mais rememoradas por meio de dramatizações. É a seguinte. Antigamente existia um homem que vivia na beira do rio, com sua esposa e suas duas filhas solteiras. Era uma família solitária. Certo dia apareceu um jovem para viver com eles. Seu nome era Garça. Este rapaz chegou e passou a viver muito tempo com a família. Era um excelente pescador, de modo que o senhor o casou com uma de suas filhas.

Figura 71 – Personagens da história antiga do jovem Garça



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM, 2013.

¹²³Dramatização inspirada no livro produzido pelo Programa de Formación de Maestros Bilingües de La Amazonia Peruana-FORMABIAP/AIDSESEP/ISSP, Loreto. Sabidurías Del pueblo kukama-kukamiria. Série: Visiones y Conocimientos Indígenas, Primera edición, Julio, 2009. Traduzida por Altaci Corrêa Rubim, Washington Gerome, Chandra W. Viegas durante a formação de professores indígenas no Alto Solimões, 2010. 2ª Tradução Altaci Corrêa Rubim, Lexterm/PPGL/UnB, 2015.

Quando seus sogros queriam levá-lo para a roça lhe diziam: “Garça, vamos para a roça”. Mas ele não queria responder e por isso sua sogra lhe dizia, “Garça, vá pescar agora!”. O jovem Garça saltava de alegria dizendo: muito bom, muito bom. Já estou indo.

Este jovem quando vinha da pescaria trazia peixes tão bonitos que enchiam os olhos, mas não tinha anzóis nem flechas. Em uma ocasião seu sogro o seguiu lentamente por trás das árvores. O jovem foi para frente de uma moita (monte de cipós misturados com árvores pequenas e capim) e começou a se transformar. Seu sogro estava olhando, e arregalando os olhos via o jovem Garça se transformar em uma imensa garça. Seu sogro se aproximou e disse a ele: Não é pessoa, agora vá e não volte nunca mais. Não é pessoa, agora vá e não volte nunca mais!

A garça fugiu de vergonha.

– É por isso que não se pode cercar uma garça, pois ela voa porque tem muita vergonha quando pensa que seu sogro veio buscá-la.

A História antiga da origem de Homens Kokama negro, branco e pardo¹²⁴ também foi dramatizada. A história é a seguinte.

No início do povo kokama não existia o homem, todos eram animais e seres. Todos foram cuidados pelo Deus Kokama. Um dia, o deus Kokama, de tanto andar pela terra cuidando de seus animais, pensou: minhas crias são muitas e não posso cuidar, farei um homem para que cuide de todos. Ele queria fazer um homem perfeito, então começou a amassar o barro e formou um homem, nisso sua fogueira estava acesa e colocou para assar.

Figura 72 – Personagens da história antiga de homens Kokama negro, branco e pardo e a comunidade.



Foto: Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2013).

¹²⁴Dramatização inspirada no livro produzido pelo Programa de Formación de Maestros Bilingües de La Amazonia Peruana-FORMABIAP/AIDSESP/ISSP, Loreto. Compilación: Gemertong Murayari. Dibujos: Anmer Mozombite, Iquitos-Peru, octubre, 2003. Essa história foi traduzida por Altaci Corrêa Rubim (2012).

O deus esqueceu de controlar o fogo que estava assando o homem porque tinha muito trabalho. Quando poderia foi vê-lo, encontrou o homem negro, queimado. O deus pegou o homem, respirou e disse: Eu te dou vida, anda.

O homem negro caminhou e começou a cuidar da mata. O deus estava contente com sua criação. Fez outro homem, mas desta vez cuidou para não queimar. Quando começou a ficar dourado o homem no fogo, deus disse: te dou vida, caminha, cuida da mata junto com o homem negro. E assim o homem moreno fez.

Apesar disso, o deus kokama não encontrou o homem perfeito. Nesse mesmo dia criou outro homem. A este cuidou muito para que não se queimasse com o fogo. E o tirou do fogo com a cor branca, soprou e lhe deu vida. O homem branco começou a caminhar e foi até seus parentes feitos por deus. Deus os enviou à mata para cuidar de suas crias.

Um dia os três homens desentenderam-se porque queriam governar o mesmo território criado e governado por deus. Vendo toda essa situação, o deus Kokama entregou um território para cada um, assim também distribuiu os animais para cada território para que cada homem pudesse criar seus animais.

Estes homens tiveram filhos e formaram o povo Kokama. Um dia, o deus Kokama lhes disse: “Filhos, cuidem dos animais, cuidem da sua terra, da sua gente. Eu falo isso porque não havia nada aqui. Ensinem aos seus filhos fazer um povo, fazer um povo grande e chamá-lo de Kokama tuyuka (Kokama da terra)”.

Dizendo isso, o deus Kokama foi embora, até os dias de hoje. Assim acreditam os homens do povo Kokama. Por isso há homens negros, brancos e morenos. É assim que os Kokama rememoram suas histórias antigas na comunidade.

Uma outra forma de fortalecer a cultura foi a criação da bandeira da escola inspirada no projeto de vitalização da língua Kokama da comunidade.

A Bandeira da escola Kokama Atawanã Kuarachi Kokama, localizada na comunidade Kokama Nova Esperança em Manaus-AM foi pensada para continuar fortalecendo a cultura e a identidade Kokama.

Figura 73 – Desenhos da bandeira da escola Atawanã Kuarachi Kokama



Desenho feito à lápis de cor e depois desenhado no computador.
Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Comunidade Nova Esperança (2014).

No esforço de vitalização da língua Kokama há produtos como canecas, squeeze e camisas que são vendidos pela comunidade e o dinheiro é gerenciado pela associação da comunidade.

Figura 74 – Venda de produtos Kokama por membros da comunidade no evento da Semana dos Povos Indígenas



Foto: Altaci Corrêa Rubim, Manaus-AM (2013).

Como curiosidade, os Kokama de Nova Esperança saem da comunidade para participar de eventos e vender os produtos Kokama. Entre esses produtos está a novidade dos equipamentos de futebol Kokama, como vemos abaixo.

Essas camisas foram produzidas para contribuir com o fortalecimento da língua e identidade Kokama. Foram também distribuídas aos Kokama do Peru como forma de agradecimento pela parceria que eles fizeram com os Kokama do Brasil no processo de fortalecimento da língua e da identidade Kokama, além das fronteiras entre Brasil e Peru.

Figura 75 – Desenho do equipamento feminino de futebol Kokama



Ilustração: Altaci Corrêa Rubim e produzido por Douglas Roque, 2015.

Figura 76 – Desenho do equipamento masculino de futebol Kokama



Ilustração: Altaci Corrêa Rubim e produzido por Douglas Roque (2015).

Algumas camisas foram sorteadas durante a I Oficina Pedagógica de Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama em Tabatinga, outras foram doadas aos caciques de São José e de São Gabriel em Santo Antonio do Içá. O intuito da criação dos equipamentos de futebol Kokama é contribuir com o fortalecimento da identidade do povo Kokama.

Figura 77 – Entrega da camisa de futebol Kokama ao cacique Hilário Pinto da Terra Indígena Kokama de São José



Foto: Orígenes Corrêa Rubim, São José em Santo Antonio do Içá-AM (2015).

A estratégia linguística e cultural do povo Kokama tem muitas frentes tanto na elaboração de materiais didáticos, quanto de produtos em que a língua aparece registrada.

3.6 O método Mestre-Aprendiz de Aprendizagem da Língua

Há mais de sete mil línguas no mundo segundo Hinton (2007). Por um lado, como é sabido, há línguas dominantes, ensinadas em escolas e em diferentes lugares com diferentes tipos de metodologia e amparadas por uma política de Estado para produção de materiais didáticos, dicionários e outros. Por outro lado, há línguas que estão moribundas, realmente em processo de extinção.

Ao refletir sobre a real situação da língua Kokama no Brasil, consideramos apropriado adaptar o método do Programa Mestre-Aprendiz para a realidade do povo Kokama. Trata-se de um método de imersão linguística que encoraja pessoas adultas a aprender uma língua (língua de herança) sem fazer um curso de língua e a ensiná-la em espaços comuns, como escolas, Centro Culturais, barracão e igreja. Há também a preocupação com a aprendizagem da língua por pessoas que a queiram aprender porque consideram “a língua do coração”. É um método para línguas em perigo de extinção.

O Método Mestre-Aprendiz de Aprendizagem de língua é um método de ensino de língua monitorado, criado para pessoas que não têm acesso a cursos de língua, mas que tem acesso a um falante nativo. Esse programa foi originalmente desenvolvido na Califórnia para suas línguas indígenas ameaçadas de extinção. [...] Muito dessas línguas possuem menos de uma dúzia de falantes, todos idosos. (HINTON, 2007, p. 17).

Como observado, o método vem nos dar base para a vitalização da língua Kokama, um dos principais aspectos da identidade desse povo. Na luta para marcar a diferença, o povo Kokama almeja ter de volta no cotidiano a língua, contudo, não é fácil, principalmente porque há locais em que não há falantes plenos da língua, como é observado nas explicações do método.

Entretanto, a autora chama a atenção para que o método seja adequado à realidade do povo “a equipe Mestre-Aprendiz pode usar a criatividade para contornar dificuldades em situações modernas de comunicação” (HINTON, 2007, p. 20). Nesse sentido, foi pensado utilizar gravações feitas em Kokama para ajudar a nova geração de aprendizes. O aprendiz tem gravado no MP3 ou MP4 “falas” em Kokama retiradas da internet do grupo FORMABIAP, no facebook (Neste grupo estão formas de como se comunicar em Kokama, exemplo: como é o nome disso em Kokama? Nomes de peixes, aves, cantos e outros).

Assim, também são divulgados áudios retirados dos materiais de DVD’s e CD’s produzidos pelos professores Kokama no período de 2006 a 2010 no Alto Solimões, além do aplicativo para celular *android* que, atualmente, o povo Kokama tem acesso, principalmente os mais jovens, professores, lideranças e outros. O material didático tem como iniciativa o passo a passo do Programa nas atividades escritas em português e em Kokama.

Alguns motivos estimulam o povo Kokama a aprender a língua, primeiramente a reafirmação da identidade Kokama diante dos parentes Ticuna¹²⁵ e diante da sociedade nacional, em segundo lugar para preparar professor bilingue, e em terceiro, o orgulho de ser Kokama e demonstrar a visão social do povo. Isso é 90% do Método. Os procedimentos visam o aprendiz para que fique com o mestre pelo menos de dez a vinte horas por semana, HINTON (2007) e, nesse caso, se o aprendiz não estiver motivado, a aprendizagem não ocorrerá.

O livro “Como manter sua língua viva: uma abordagem da aprendizagem individualizada baseada no Bom Senso” apresenta a descrição de todo o método, procedimentos, exemplos, dificuldades que a equipe encontrará na implementação do método. Em suma: O modelo “Mestre-Aprendiz combina abordagens e teorias do Método TRT, da hipótese do *input*, da competência comunicativa, da elicitación linguística, da pesquisa etnográfica [...]” (HINTON, 2007, p. 21).

¹²⁵Em 2012, encontrei com um jovem kokama no facebook pedindo para eu mandar material pra ele falar a língua Kokama. Em 2014, reencontrei esse jovem participando de uma reunião em Manaus falando que estava muito feliz, pois já conseguia se apresentar falando a língua Kokama e que quando os parentes Ticuna ouviram-no falando em Kokama, lhe falaram: agora acreditamos que você é uma liderança Kokama de verdade. Manaus, janeiro de 2014.

Nessa perspectiva, a relação entre este método e o material didático Kokama visa estimular crianças, jovens e adultos a aprender a língua de seu povo, com atividades que criam situações de imersão para serem vivenciadas pelo aprendiz. Para locais onde não haja falantes, eles podem contar com DVD's, músicas em CD's, áudios, vídeos e outros.

Dessa forma, ouvindo, repetindo, falando palavras soltas, frases, histórias, músicas, casos, de forma descontraída, o aprendiz pode aprender a falar sua língua, (HINTON, 2007). Assim, apresentamos os materiais didáticos existentes no Brasil, que contribuirão no processo de ensino e aprendizagem, apesar de os materiais apresentarem uma ortografia diferente da utilizada pelos Kokama na Amazônia.

3.7 Critérios para a elaboração de materiais didáticos indígenas

Os critérios que subsidiaram a produção desses materiais didáticos foram as diretrizes que se encontram nos dispositivos legais que amparam as questões de educação escolar indígena no Brasil. A Constituição Federal¹²⁶ de 1988, em seu artigo 210, § 2º assegura aos povos indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem e no artigo 231 reconhece aos povos indígenas sua organização social, usos, costumes, línguas e tradições.

A Lei de Diretrizes e Bases de Educação-LDB¹²⁷, Lei 9394/96 em seus artigos 77 e 78, dispõe sobre a educação escolar indígena e determina o seguinte: A atribuição de organizar a educação escolar indígena é da União, assim como a responsabilidade de assegurar proteção e respeito às culturas e modelos próprios de educação indígena. A educação escolar indígena deverá colaborar para a recuperação das memórias históricas dos povos indígenas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências.

A Lei da Diversidade, 11.645/2008¹²⁸ que corrobora a implantação de políticas sérias, por meio da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, não especifica para a questão indígena, mas é uma forma de responder às demandas de um país com uma grande diversidade linguística e cultural. O trabalho nas escolas com materiais específicos contribui para o respeito à diferença.

¹²⁶BRASIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: set. 2014.

¹²⁷BRASIL. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: set. 2014.

¹²⁸Lei da Diversidade. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19475.htm>. Acesso em: set. 2014.

O Novo Plano Nacional de Educação¹²⁹/PNE/26 de julho de 2014, que tramitou por quatro anos no Congresso Nacional, estabelece metas para a educação no país, com vistas à sua universalização e melhoria da qualidade até 2023. Especificamente com relação à população indígena¹³⁰:

A resolução N.03/99¹³¹, do Conselho Nacional de Educação apresenta duas garantias importantes para a qualificação dos professores indígenas: a primeira é sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização, e a segunda é a ênfase que deverá ser dada, em cursos de formação, para a reflexão em torno de conhecimentos, valores, habilidades e atitudes, como também para a elaboração, desenvolvimento e avaliação de currículos e programas próprios, produção de material didático e utilização de metodologias adequadas de ensino e pesquisa.

O Parecer 14¹³² de 1999, do Conselho Nacional de Educação dispõe que os currículos das escolas indígenas deverão constar o conjunto de saberes e procedimentos culturais produzidos pelos povos indígenas, ou seja, língua materna, crenças, memória histórica,

¹²⁹Lei 13005/14, de 25 de julho de 2014. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>acesso set. 2014.

¹³⁰Metas e estratégias:

Meta 5: Em relação a alfabetização

Estratégia: 5.5 Apoiar a alfabetização de crianças do campo, indígenas, quilombolas e de populações itinerantes, com a produção de materiais didáticos específicos, e desenvolver instrumentos de acompanhamento que considerem o uso da língua materna pelas comunidades indígenas e a identidade cultural do povo quilombolas.

Meta 7: Em relação a aprendizagem adequada na idade certa

Estratégia: 7.26 Consolidar a educação escolar no campo de populações tradicionais, de populações itinerantes e de comunidades indígenas e quilombolas, respeitando a articulação entre os ambientes escolares e comunitários e garantindo: o desenvolvimento sustentável e preservação da identidade cultural; a participação da comunidade na definição do modelo de organização pedagógica e de gestão das instituições, consideradas as práticas socioculturais e as formas particulares de organização do tempo; a oferta bilíngüe na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, em línguamaterna das comunidades indígenas e em língua portuguesa; a reestruturação e a aquisição de equipamentos; a oferta de programa para à formação inicial e continuada de profissionais da educação; e o atendimento em educação especial.

7.27 Desenvolver currículos e propostas pedagógicas específicas para educação escolar para as escolas do campo e para as comunidades indígenas e quilombolas, incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades e considerando o fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna de cada comunidade indígena, produzindo e disponibilizando materiais didáticos específicos, inclusive para os (as) alunos (as) com deficiências;

Meta 12: Em relação ao Educação Superior

Estratégia 12.13: Expandir atendimento específico a populações do campo e comunidades indígenas e quilombolas, em relação a acesso, permanência, conclusão e formação de profissionais para atuação nessas populações;

Meta 18: Em relação ao Plano de carreira docente

Estratégia: 18.6 Considerar as especificidades socioculturais das escolas do campo e das comunidades indígenas e quilombolas no provimento de cargos efetivos para essas escolas. Nesse sentido das 20 metas traçadas pelo governo federal para educação nacional, a questão indígena e de povos tradicionais são contempladas em 5 metas por meio das estratégias.

¹³¹Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0399.pdf>>acesso em set. 2014.

¹³²Disponível em <<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/pareceres/parecer141999.pdf>> acesso em set. 2014.

saberes ligados à identidade étnica, as suas organizações sociais do trabalho, as relações humanas e as manifestações artísticas.

As escolas indígenas deverão elaborar projetos pedagógicos e regimentos escolares que contemplem a organização das atividades escolares, independentemente do ano civil, que respeita o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas das comunidades e os períodos escolares devem ajustar-se às condições e especificidades próprias de cada comunidade.

O Decreto 6.861¹³³, de 27 de maio de 2009, dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, apresenta no Art. 2º os objetivos da educação escolar indígena e no inciso V - elaboração e publicação sistemática de material didático específico e diferenciado. Este Decreto apresenta políticas públicas específicas para os povos indígenas.

No Estado do Amazonas, a Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do ensino- SEDUC construiu conjuntamente com os representantes dos povos indígenas na questão de estruturar a educação pela “proposta pedagógica de matrizes curriculares interculturais de referência para as escolas indígenas no Amazonas: Ensino Fundamental e Ensino Médio”.

As matrizes que constam neste documento são propostas curriculares de referência. Podem ser indicadores para as escolas indígenas construírem suas próprias matrizes curriculares, considerando o que rege a legislação de regularização para as escolas indígenas, de forma a assegurar o direito a uma educação específica e diferenciada, que espelhe a educação escolar almejada por cada povo indígena. Sendo que cada povo indígena terá autonomia para construir sua própria Matriz Curricular¹³⁴.

Nesse sentido, o estado e os povos indígenas buscam um diálogo por meio da criação da proposta de matriz curricular intercultural para subsidiar as escolas indígenas no Amazonas nos diferentes componentes curriculares trabalhados nas escolas indígenas.

Tal entendimento dos direitos que os povos tradicionais possuem ajuda a articular a elaboração de materiais didáticos pedagógicos por professores, alunos, comunidade e as esferas municipal, estadual e federal, para que façam a edição desses materiais para cada povo que estiver reivindicando manutenção, fortalecimento ou vitalização de suas línguas. Ressalta-se a importância das formações para os professores para que esta autonomia seja

¹³³Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm>. Acesso em: set. 2014.

¹³⁴Departamento de Políticas e Programas Educacionais. Gerência de Educação Escolar Indígena. Disponível em: <www.seduc.am.gov.br>. Acesso em: ago. 2014.

conquistada, como observamos na cidade de Manaus-Am com o Programa “Saberes Indígenas na Escola é uma ação do Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais”.

A ação, instituída pelo Ministério da Educação-MEC em 2013, visa promover formação continuada a professores indígenas no processo de alfabetização, respeitando a língua materna e os processos próprios de aprendizagem. Faz parte da proposta também oferecer auxílio na elaboração de material didático diferenciado¹³⁵.

Nessa perspectiva, propomos uma elaboração de materiais didáticos para a vitalização da língua Kokama de forma intercultural atrelando os conhecimentos ocidentais na diagramação e os conhecimentos tradicionais do povo no conteúdo, explorando o cotidiano do povo em suas atividades de caça, pesca, minka ou ajuri, roça, festas, histórias, História antiga e outros, pois acreditamos ser um caminho na vitalização da referida língua.

Entretanto, era preciso pensar a forma como estaríamos conduzindo este processo vital para visualizarmos melhor este desafio, um planejamento linguístico.

3.8 Materiais Didáticos Pedagógicos Kokama

Os materiais pedagógicos que estão sendo descritos são resultados de inúmeras ações do movimento de fortalecimento da língua Kokama. As pesquisas foram realizadas nas etapas intermediárias do curso de licenciatura, os professores indígenas revelaram “novos falantes”, aqueles que guardaram a língua na memória durante muitos anos, pois raramente usam a língua.

Os registros que fizeram serviram para a criação de materiais, a saber: CD de Músicas Tradicionais (2006), série de DVDs multimídia Material de apoio para professores Kokama, num total, até então, de 3 Volumes (2009, 2010, 2011). Esses materiais não estão escritos com a escrita tradicional Kokama, pelo fato de o povo Kokama não ter decidido sobre a escrita que iria ficar neste material.

Em Manaus, desde 2005, os professores Kokama Altaci Corrêa Rubim e Orígenes Corrêa Rubim iniciaram o processo de realização de pesquisa e produção de material didático na comunidade Nova Esperança.

O resultado dessas pesquisas foi a criação da coletânea intitulada *Yawati Tinin* com 3 volumes e outros. Esse material traz conhecimentos intrínsecos do cotidiano da cultura

¹³⁵Com informações da assessoria: <portal@d24am.com>. Acesso em: 9 abr. 2014.

Kokama para os primeiros materiais didáticos pedagógicos voltados para o povo Kokama a ser impresso no Brasil para uma língua em processo de vitalização.

Para além das fronteiras Programa de *Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana* – FORMABIAP, programa que ensina a língua indígena no Peru, onde se ensina a língua Kokama há mais de 20 anos, tivemos a oportunidade de conhecer os materiais produzidos por eles pessoalmente em visita em abril de 2015.

A elaboração dos materiais didáticos Kokama corrobora para uma efetiva valorização dos processos de aprendizagem da língua Kokama, como é garantido pela Constituição Federal de 1988. Em Manaus os materiais didáticos utilizados eram advindos dos Kokama do Peru. Mas com a realização de oficinas realizadas pelo Linguista do CIMI, padre Ronaldo Macdonell iniciou a produção de pequenas cartilhas durante as oficinas.

Os encontros e oficinas com este linguista diminuíram, pois ele voltara para seu país, então houve a necessidade de criar os próprios materiais Kokama, pelos professores e pela comunidade. Esse processo ocorreu pelo fato de os professores estarem em constante formação, e estarem se apropriando de novos conhecimentos em diferentes áreas do conhecimento.

Em 2012, inspirado pelos materiais Kokama do Peru, o professor da comunidade Kokama Nova Esperança cria seu próprio material pedagógico bilíngue Kokama/Português, que é um caderno contendo desenhos do cotidiano Kokama e pequenos textos contextualizados chamado de ‘*Kuachiaran Atawanã Kuarachi Kokama*’¹³⁶.

Figura 78 – Material didático pedagógico Kokama para o ensino e aprendizagem da língua Kokama



Fonte: Professor Kokama Orígenes Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM, 2012.

¹³⁶ Livro da escola Sol Kokama.

No mesmo ano, inspirados no material produzido pelo professor Kokama da escola Atawanã Kwarachi Kokama, em assembléia com a comunidade, foi decidido elaborar uma coletânea de livros e outros materiais pedagógicos que viessem a ser utilizados na escola. Materiais estes que despertariam o interesse dos aprendizes da língua.

O processo de elaboração e socialização de materiais didáticos pedagógicos Kokama no Brasil e no Peru ocasionou a necessidade de os materiais serem trilíngues Kokama, Português e Espanhol, mas esta etapa do processo de elaboração ainda está em discussão, pois em ambos os países a ortografia aceita pelos Kokama é advinda do Peru, é desejo do povo que a ortografia Kokama seja a mesma tanto no Peru quanto no Brasil, mas isso será tema de discussão para um próximo trabalho.

Nessa perspectiva, iniciamos vários encontros para discutirmos como seriam estes materiais. Foi então que surgiu a ideia de escolhermos uma história do cotidiano Kokama para dialogar dentro dos materiais produzidos. Assim, a história escolhida foi a do ‘*Yawati Tinin*¹³⁷’, quer dizer jabuti branco em Kokama. O professor da comunidade e a pesquisadora, autora do presente texto, passaram a elaborar a coletânea.

O passo seguinte foi escolher o público alvo, o primeiro volume passou a ser para crianças, mas nada impede a utilização por iniciantes da língua. O segundo para crianças um pouco maiores e o terceiro para jovens e adultos, mas sua utilização vai conforme a demanda da comunidade, tendo em vista o grau de fluência que os indivíduos e cada comunidade têm da língua. A cada etapa de elaboração, os livros foram sendo apresentados para a comunidade.¹³⁸

Em 2013, a elaboração dos materiais foi fortalecida pelos estudantes de desenho industrial, *design*, educação artística e pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), principalmente Marjorie Amy Yamada e Vanessa Porto que aceitaram o desafio de fazer a diagramação da coletânea *Yawati Tinin* criando uma “interface gráfica do material didático *Yawati Tinin*, levando em conta a cultura e o cotidiano da comunidade Kokama Nova Esperança Kokama” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 16). Cada parte do material foi pensada para aprimorar qualidade gráfica das imagens, das letras, das atividades, dos jogos e outros.

¹³⁷A história do jabuti, retrata a história que ocorre com frequência a este animal muito apreciado da culinária kokama e ‘*myma*’ animal doméstico criado por este povo. Ocorreu que uma senhora que criava jabuti, não percebeu que ele entrou debaixo de um folharau que ela juntara varrendo. Em seguida ela ateou fogo nas folhas sem perceber que embaixo do folharau o jabuti se encontrava. Quando as folhas terminaram de ser queimadas, o jabuti saiu andando com a carapaça de seu casco caindo, tornando seu casco branco, que com o passar do tempo se tornou amarelada.

¹³⁸Todo esse processo foi registrado com câmera de vídeos para registro desse povo.

Entretanto, ainda faltava alcançar mais um desafio para dar continuidade ao processo de elaboração dos materiais didáticos, conhecer o FORMABIAP, local de revitalização da língua Kukama-Kukamiria há mais de 20 anos.

3.9 Visita ao FORMABIAP

Figura 79 – Entrada da Comunidade FORMABIAP em Zungarococha



Foto: Altaci Corrêa Rubim e Suzana Souza em Zungaro Cocha, Peru, 2015.

Referência no processo de luta em revitalização de línguas indígena, no caso Kukama-Kukamiria. Está localizado em Zungaro Cocha, um povoado próximo a Iquitos-Peru. Para chegar ao FORMABIAP entrei em contato com a linguista Rosa Vallejos Yopán que gentilmente me apresentou à coordenação, e minha viagem ficou agendada para abril de 2015.

Isso foi um dos maiores desafios, ir sozinha, fazer uma viagem de um mês para um local desconhecido, mas me senti em casa durante os dias que estive com eles, acolhida por todos, nós interagimos bastante com os parentes Kokama do outro lado da fronteira. Eu falava em Kokama e em Castelhana, foi muito rica a experiência.

O local é equipado para uma formação intercultural. Localiza-se próximo do rio. Possui um Barracão Central, e outros, em seu entorno um museu, casarões que funcional como sala de aula, um laboratório de informática, uma biblioteca, um restaurante, alojamento para os alunos que permanecem um período na formação e em seguida vão para suas comunidades continuar suas pesquisas.

Figura 80 – Barracão Central e salas de aula no FORMABIAP em Zungarococha



Foto: Altaci Corrêa Rubim em Zungaro Cocha, Peru, 2015

O local é uma espécie de chácara com plantas nativas, com um lago, onde os alunos aprendem a forma tradicional de pescar dos Kokama, campo de futebol e outros. Cada povo que estuda naquele local é acompanhado por um sábio que fica à disposição dos alunos durante as aulas e depois das aulas tirando suas dúvidas. “Eu não me canso de falar a língua do meu povo”¹³⁹.

Figura 81 – Campo de Futebol e os jogadores tocando tambores e flautas na comunidade de FORMABIAP em Zungarococha



Foto: Altaci Corrêa Rubim em Zungaro Cocha, Peru, 2015

Geralmente às tardes a maioria dos alunos joga futebol, inclusive papa Gucho é um dos primeiros a chegar ao campo. Enquanto tem um time jogando bola, o outro que está esperando fica tocando música esperando sua vez.

¹³⁹Ricardo Augusto Tamani, sábio da língua Kukama-Kukamiria, entrevista no FORMABIAP em Zungarococha-Peru, abril de 2015.

Figura 82 – Professor Richard Ricopa Yaicate e alunos tocando tambores e flautas na comunidade de FORMABIAP em Zungarococha



Foto: Altaci Corrêa Rubim em Zungaro Cocha, Peru, 2015.

O sábio tem a língua de seu povo, como L1, ele acompanha os alunos tirando dúvidas, ensina como caminhar na mata, como enfrentar os perigos, como tirar remédios com todo respeito da natureza e outros. Também acompanha as aulas no nível Básico, Intermediário e Avançado da língua. O FORMABIAP é muito equipado para a formação desses professores. Possuem informações nas diferentes línguas indígenas que são estudadas naquele local, seja como L1 ou como L2, como em banheiros públicos, nos barracões e em outros lugares.

Figura 83 – Comunidade de FORMABIAP em Zungarococha



Altaci Corrêa Rubim e o especialista Ricardo Tamani; Ricardo com os desenhos das histórias em Kokama. **Foto:** Suzana Souza e Altaci Corrêa Rubim, Peru, abril (2015).

Durante o período de minha visita, tive acesso às teses e livros produzidos no FORMABIAP Kukama-Kukamiria. Fui tratada muito bem, todos foram muito solícitos comigo. Os alunos, professores, bibliotecária, vigia, o sábio e alunos de outras etnias. Todos muito alegres, as atividades começavam às cinco horas da manhã e terminavam às dez horas da noite, todos os dias acordávamos com o tambor tocando chamando todos para o barracão para receberem as orientações do dia.

Figura 84 – Museu Indígena Amazônico *El Ojo Verde*



Foto: Altaci Corrêa Rubim em Zungarococha, Peru (2015).

Depois de receber as orientações, os estudantes saem em uma caminhada pela mata, o sábio ensinar muitos conhecimentos que podem apenas ser passados naquele horário. Em seguida vão fazer uma educação física no campo e às sete horas da manhã é servido o café. O FORMABIAP é resultado da reivindicação dos povos indígenas do Peru para formação de professores bilíngues. Segundo o professor Richard, a crise afetou os financiamentos e diminuiu o número de alunos atendidos, e todos gostariam que voltasse o tempo em que havia mais formadores em diferentes áreas, o que no momento está em falta.

Figura 85 – Estudantes Kokama enfrente o barracão central na comunidade de FORMABIAP



Foto: Richard Ricopa Yaicate em Zungarococha, Peru (2015).

A troca de experiência foi significativa para darmos continuidade à elaboração dos livros didáticos. Apresentamos os nossos livros e eles apresentaram os deles. O sábio Kokama, carinhosamente chamado de “papa Gucho” (papai Augusto) foi de suma importância para conseguirmos aumentar o *corpus* da pesquisa, a fala do cotidiano Kokama, a língua oral e não a escrita, como já tínhamos visto em gramáticas, livros e teses, dissertações, dicionários e outros.

Os desenhos produzidos pelos Kokama em Manaus que expressavam a forma de caçar, plantar, o rio, a roça, os peixes, os animais, as aves, as histórias deixaram papa Gucho muito à vontade para falar em Kokama o que estava desenhado. Assim tivemos muitas gravações sobre esses materiais na língua Kokama falada atualmente, como L1.

Figura 86 – Ricardo Tamani, especialista na língua Kokama



Foto: Altaci Corrêa Rubim em Zungarococha, Peru (2015).

Fui presenteada com vários materiais, assim que os nossos ficarem prontos também enviarei a eles. Todos juntos com um único objetivo: fortalecer a língua Kokama em ambos os países. Voltamos à Brasília e continuamos o processo de elaboração dos materiais didáticos no Brasil.

No FORMABIAP, os alunos recebem toda formação pedagógica para trabalharem em sua comunidade, incentivam as práticas tradicionais em suas formações, a exemplo a produção de máscaras, na língua Kokama “*maikuku*”.

Figura 87 – Produção de máscaras

Fonte: <https://www.facebook.com/jakonaxjatibuenvivir?fref=photo> (2015).

Figura 88 – Carnaval Kokama no FORMABIAP

Fonte: <https://www.facebook.com/jakonaxjatibuenvivir?fref=photo> (2015).

Figura 89 – Competição de máscaras

Disponível em: <https://www.facebook.com/jakonaxjatibuenvivir?fref=photo> (2015).

Essas competições estimulam a criatividade dos estudantes. A formação desses professores é muito importante para as comunidades Kukama-Kukamiria que lhes esperam para trabalharem em suas comunidades. Os materiais didáticos produzidos no FORMABIAP também são socializados com escolas regulares, além de ficarem à disposição dos alunos na biblioteca da instituição.

Figura 90 – Máscaras de animais

Fonte: <https://www.facebook.com/jakonaxjatibuenvivir?fref=photo>, 2015.

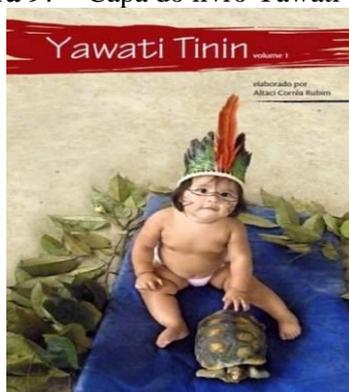
No Brasil, a exemplo do Peru, que há anos elabora materiais didáticos, a coletânea Yawati Tinin vem apresentar as possibilidades de ensinar e aprender a língua de forma contextualizada, explorando os desenhos e outros.

3.10 Os livros da coletânea *Yawati Tinin*

Essa coletânea foi organizada de forma a abordar conteúdos sobre: alimentação Kokama; os kokama com os recursos naturais: partes das plantas; os conhecimentos tradicionais de instrumentos de pescar; os conhecimentos tradicionais de caças; as formas tradicionais de plantar; apresentação de danças e musicais tradicionais Kokama e as atuais, história antigas; conhecimento das cores das frutas e dos grafismos.

A coletânea está sendo vista pelos envolvidos no processo desde o alto Solimões ao baixo rio Negro, como uma proposta para se pensar de forma contextualizada o ontem e o hoje vivido pelos Kokama do Amazonas.

3.10.1 Yawati Tinin I

Figura 97 – Capa do livro Yawati Tinin I

Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Brasília (2013).

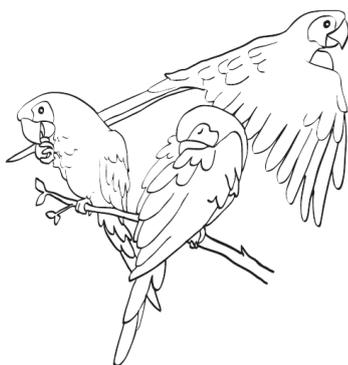
O público alvo são crianças de 04 a 08 anos, mas nada impede que seja usado pelo aprendiz que está iniciando o processo de aprendizagem da língua. O povo Kokama ao longo de sua história manteve uma forte ligação com suas expressões culturais por meio da arte de pintar suas roupas, suas cerâmicas, o corpo, a face, (FREITAS, 2002) suas formas de se alimentar, plantar e pescar. Nesse sentido, o fortalecimento cultural Kokama atualmente passa pela valorização de seus critérios culturais, como as cores, os grafismos, os desenhos, os grafismos nas roupas, na face, nos cocar, nas histórias, nas formas de parentesco da fala do homem e da mulher.

Algumas lições deste volume: festas e rituais; uma abordagem sobre a alimentação Kokama; os Kokama e os recursos naturais - partes das plantas; instrumentos musicais; os conhecimentos tradicionais de instrumentos de pesca; os conhecimentos tradicionais de caças; as formas tradicionais de plantar; apresentação de plantas e músicas tradicionais e atuais; conhecimentos das histórias Kokama tradicionais e antigas; conhecimentos de cores e dos grafismos e outros.

No material há lições que as crianças serão motivadas a identificar na língua Kokama pelas cores amarela, azul e vermelha, como nos exemplos abaixo.

-*Yapai ikua pítanin, iyun, tsenepukan*: vamos aprender as cores vermelha, amarela e azul.

- *Emete arara iruataka tsa pítanin*. Tem arara com penas de toda cor.



Arara pítani- Arara tsa pítani iruatakan kakiri iwata yapiraka yaepetsui ra uyupe eyu tuyuka. ‘A arara **bem vermelha** vive nas alturas depois desse para comer terra’.

Arara pítani- Iwata tuyuka arara pítani eyu. ‘**Arara vermelha** come terra de altura’.

Arara tsenepuka- Arara tsenepuka eyu miriti iya pítanin. ‘Arara azul- A arara azul come buriti maduro’.

Yapai kuatiara-Vamos pintar.

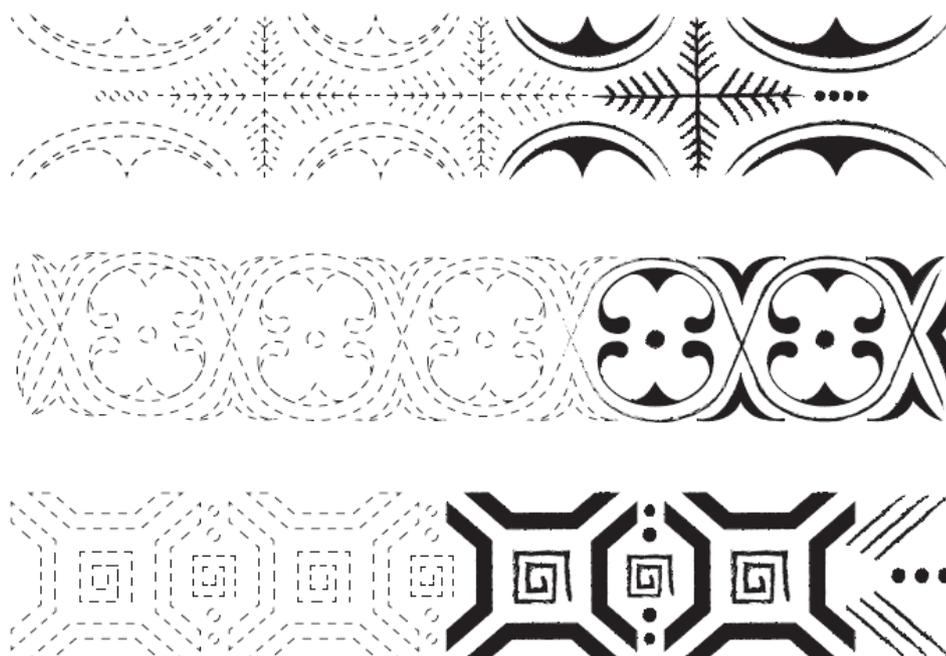
Yapai kuatiara pítanin, iyun, tsenepukan-Vamos pintar de vermelho, amarelo e azul:

Ikian arara wekaka kuatiara pítanin. ‘Arara voando, voando pintar de vermelho’.

Ikian arara miriti eyuari kuatiara iyun. ‘Arara comendo buriti pintar de amarelo’.

Ikian arara ukiriari kuatiara tsenepukan. ‘Arara dormindo, pintar de azul’.

No exemplo acima, o professor poderá treinar também a oralidade na língua Kokama com os aprendizes. Os aprendizes são estimulados a aprender a fazer os grafismos, como estes abaixo, e outros grafismo que a comunidade utiliza em seu cotidiano em festas e rituais, conhecidos como o primeiro de cima para baixo quatro flechas, mas também possui o significado de ser uma marma Kokama; segundo cardume de peixe e terceiro casco do Jabuti.



Há lição dedicada à música e a instrumentos musicais Kokama, como:

Figura 91 – Tambor



Tutu
Tambor

Feito de couro de animal, corda e madeira. Uma das formas de comunicação por meio da música. Os aros do tutu fazem com que ele fique afinado.

Fonte: Imagem extraída do livro *Yawati Tinin*

O livro *Yawati Tinin I*, no decorrer de sua elaboração, apropriou-se do método de revitalização de Língua, chamado Mestre-Aprendiz, Hinton (2007), após o teste reformulamos este livro. Inserimos as instruções de ensino da língua no material. Aproveitamos o que já havia e mais o método. Assim, em vez de ensinar a língua LV2, como a influência da LV1, passamos a aumentar esta distância seguindo as orientações do método.

Segundo o método, o aprendiz deve seguir bem dez dicas para aprender bem uma língua. Vale ressaltar que na língua Kokama há fala do homem (H) e fala da mulher (M). Essas formas são observadas nos pronomes pessoais, nos pronomes demonstrativos e nas marcas de plural. (ver VALLEJOS, 2010; VIEGAS, 2010).

‘Como se chama isto’?	 <i>Maniawatipa ikian chirara?</i>  <i>Maniawatipa ajan chirara?</i>
-----------------------	--

Como podemos notar, a pergunta feita em Kokama possui duas maneiras, uma na fala feminina e outra na fala masculina, marcadas pelos pronomes demonstrativos.

Resposta

‘Isto se chama urucum’.	 <i>Ikian chirara ruku.</i>  <i>Ajan chirara ruku.</i>
-------------------------	---

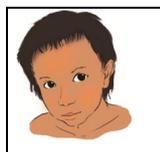
‘Isto se chama banana’. 	 <i>Ajan chirara panara.</i>  <i>Ikian chirara panara.</i>
--	---

Esta é uma breve demonstração de como as pessoas se expressam na língua Kokama com as respostas de fala masculina e feminina. Exploramos as ilustrações dos desenhos que expressam o cotidiano do povo Kokama para fazer as perguntas.

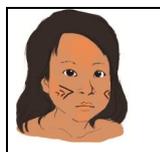
Figura 92 – Desenhos para o material didático Kokama



Fonte: Altaci Rubim e Cristovão Lopes, coletânea Yawati Tinin (2013).



‘O que o homem está fazendo?’	<i>Maritipa ñapitsara yauki?</i>
‘O que ele está fazendo?’	<i>Mari uri yauki?</i>



‘O que o homem está fazendo?’	<i>Maritipa ñapitsara yauki?</i>
‘O que ele está fazendo?’	<i>Mari ai yauki?</i>

Resposta

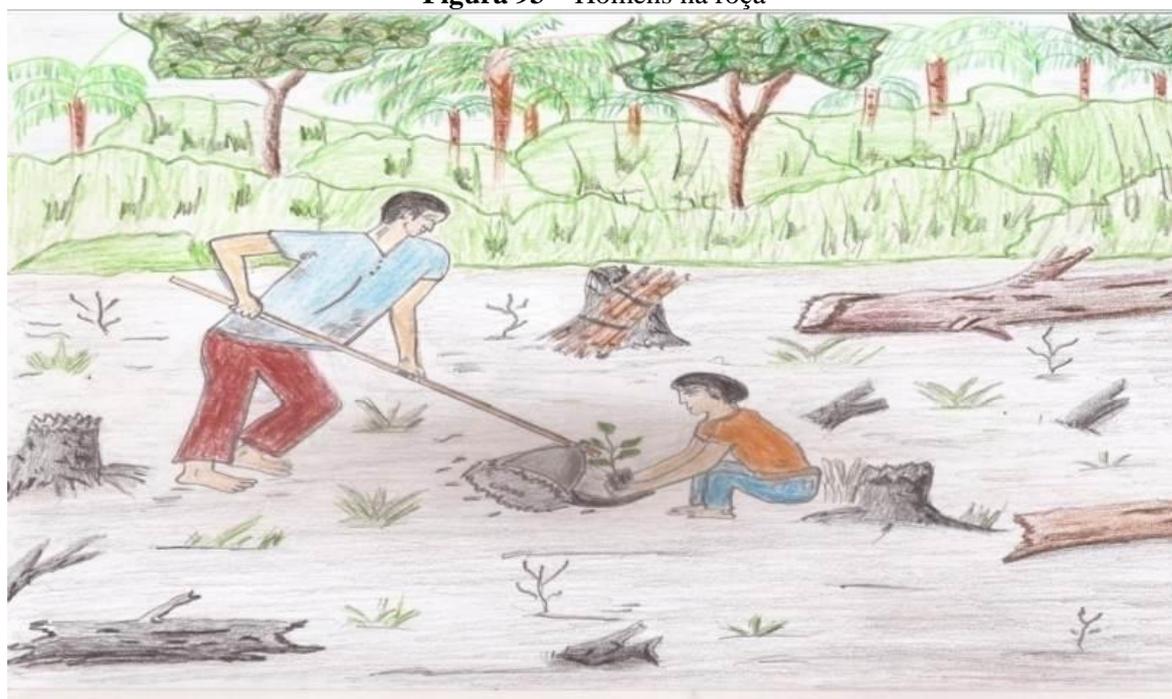
‘Ele está pescando’.	
----------------------	--

	 <p>- Ra p̄tsatarin.</p>  <p>Ya p̄tsatarin.</p>
--	---

Perguntas Básicas:

‘O que você vê no desenho?’	<i>Maritipa na umi tsanata?</i>
‘Eu vejo uma onça, flor, árvore seca, árvores com folhas, mata, capim, pescador, peixes’.	 <p><i>Tsa umi ajanka tsanata iwirati yawara, sisa, tima emete iwira tsa, emete iwira tsa, yanamata, iwirati, tsikitara, kakiri ipira unikuara.</i></p>
‘Eu vejo uma onça, flor, árvore seca, árvores com folhas, mata, capim, pescador, peixes’.	 <p><i>Ta umi ikiaka tsanata iwirati yawara, sisa, tima emete iwira tsa, emete iwira tsa, yanamata, iwirati, tsikitara, kakiri ipira unikuara.</i></p>

Figura 93 – Homens na roça



Fonte: Desenho por Altaci Corrêa Rubim e Cristovão Lopes, 2013.

O que você vê no desenho?

Maritipa na umi tsanata?

Possíveis respostas:

<p>‘Vejo homens trabalhando na roça’.</p>	 <p><i>Ajanka tsanata tsa umi ñapitsaranu kamata kukuara.</i></p>  <p><i>Ikia tsanata ta umi ñapitsarakanakamata kukuara.</i></p>
<p>Vejo homem plantando um filho de banana.</p>	 <p><i>Ajanka tsanata tsa umi ñapitsaranu yatima panara memira kukuara.</i></p>  <p><i>Ikia tsanata ta umi ñapitsarakana yatima panara taira kukuara.</i></p>
<p>‘Vejo homem com seu filho’</p>	 <p><i>Ajanka tsanata tsa umi ñapitsara memiramuki.</i></p>  <p><i>Ikia tsanata ta umi ñapitsara tairamuki.</i></p>
<p>‘Vejo o mato, árvores e capins’.</p>	 <p><i>Ajanka tsanata tsa umi iwirati, iwiranu, yanamatanu.</i></p>

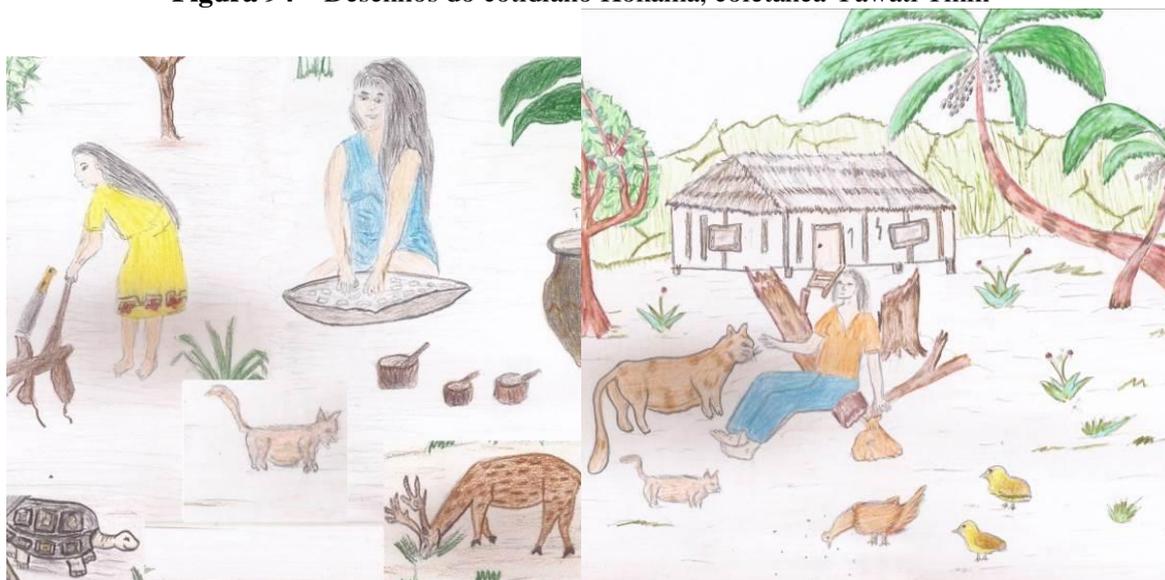


- *Umi ikian tsanatupa. Raepetsui na kumitsa utsu pichika awakana, animarukana, marikana chirara.* ‘Veja este desenho, depois fale cinco nomes: pessoa, animal, coisas e outros’.



Umi ajan tsanatupa. Yaepetsui na kumitsa utsu pichika awanu, animarunu, marinu chirai. ‘Veja este desenho depois fale cinco nomes: pessoa, animal, coisas e outros’.

Figura 94 – Desenhos do cotidiano Kokama, coletânea Yawati Tinin



Fonte: Altaci Corrêa Rubim e Cristovão Lopes, Manaus-AM (2013).

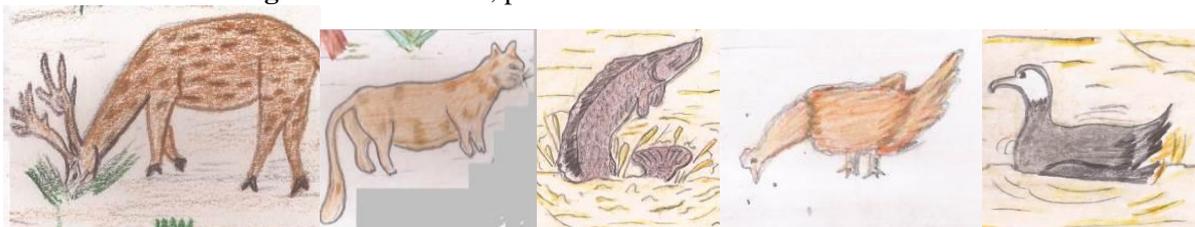


Ikumenan Kuatiara rana chirara. ‘Agora escreva seus nomes’:



Ikumenan Kuatiara inu chirara. ‘Agora escreva seus nomes’:

Figura 95 – Animais, peixes e aves da Coletânea Yawati Tinin



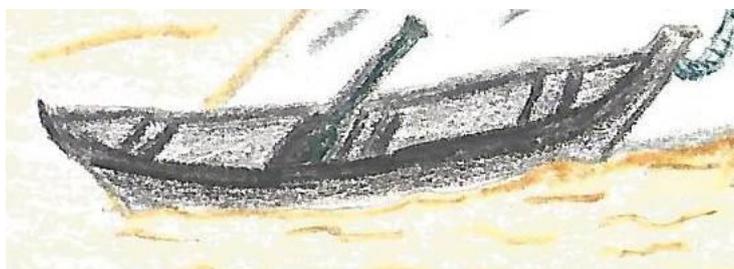
Fonte: Coletânea Yawati Tinin (2013).

As atividades sempre exploram a fala do homem e da mulher, como já foi observado anteriormente, mas enfatizaremos com mais dois exemplos “os conhecimentos tradicionais de instrumentos de pesca” e os conhecimentos tradicionais de caças.

– Instrumentos de pesca



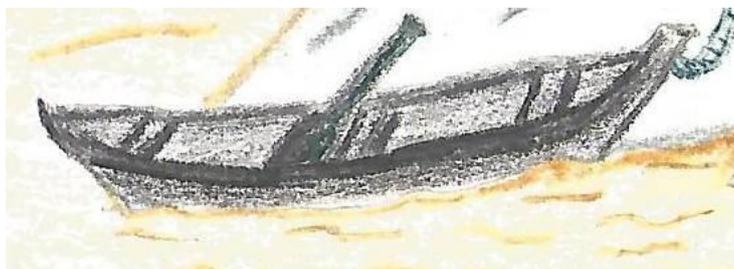
Mañawatipa ikian chira? Como se chama isto?



Ikian chirara/Isto se chama _____



Mañawatipa ajan chira? Como se chama isto?



Ahan chirara/Isto se chama _____



Ikian tsanata umi/Veja o desenho:



- *Ajan tsanata umi/Veja o desenho:*

Figura 96 – Desenho do cotidiano Kokama



Fonte: Altaci Rubim e Cristovão Lopes, coletânea Yawati Tinin (2013).



Ikianrupe epe umi. Vejam vocês.

Ikian tsanakaumi mukuika ikiratsenkana.

Ikian _____ umi _____ ikiratsenkana. Vejo duas crianças.

Rana yapikarapa ipatsutsimara. Elas estão sentadas na beira do lago.

Rana yapikarapa _____.



Ajanrupe epe umi. Vejam vocês:

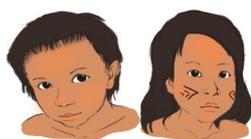
Ajan tsanaka umi mukuika ikiratseminu.

Ajan _____ umi _____ ikiratseminu. Veja duas crianças.

Inuyapikarapa ipatsutsimara. Eles estão sentados na beira do lago.

Inu yapikarapa _____

- *Tsawiti na yumitawara*-Pergunte ao seu professor:



Makatipa parana? Onde fica o lago?

Makatipa urkuru? Onde está o paneiro?



Mañawatipa ikian chira? Como se chama isto?

Figura 97 – Desenho do cotidiano Kokama - Instrumentos de pesca



Fonte: Altaci Corrêa Rubim e Orígenes Corrêa Rubim, 2013.

Ikian chirara -----(manipara)

Este é-----

Ikian chirara----- (yapukita)

Este é-----

Ikian chirara----- (uwa)

Este é-----

Ikian chirara----- (pitsa)

Esta é-----



Mañawatipa ajan chira? Como se chama isto?

Ahan chirara----- (manipara).

Este é-----



Ahan chirara-----

----- (yapukita).

Este é-----

Ahan chirara-----

----- (uwa).

Este é-----

Ahan

chirara _____ (pitsa).

Esta é _____



Maritipa uri yawki? O que ele está fazendo?



Ikian wepe awa pitsatarin. ‘Esta pessoa está pescando’.

Ikiaka tsanata umi awa pitsatarin. ‘Aqui vejo uma pessoa pescando’.

Ikiaka tsanata umi ikiratsen pitsatarin. ‘Aqui vejo uma criança pescando’.



Ajan ai yawki? O que ele está fazendo?

Ahan wepe awa pitsatarin. ‘Esta é uma pessoa pescando’.

Ajanka tsanata umi awa pitsatarin. ‘Aqui vejo uma pessoa pescando’.

Ajanka tsanata umi ikiratsen pitsatarin. ‘Aqui vejo uma criança pescando’.

– Conhecimentos tradicionais de caças



Ikian iwirati animarukana.

Figura 98 – Desenho do cotidiano Kokama - Animais do mato



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Lexterm/PPGL/UnB, 2015.

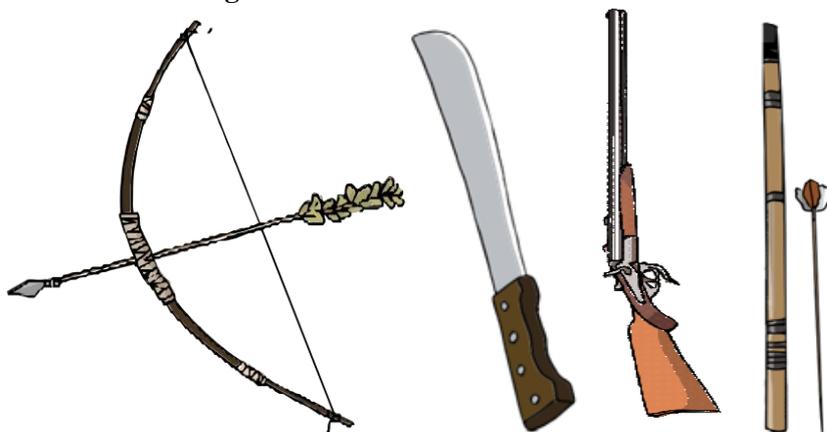
Ikian chirara itsiwatsu. Este é um veado.

Ikian tsanata miara. Este é um macaco.

Ikian tsanata kapiwara. Esta é uma capivara.

Ikian tsanata yawati. Este é um jabuti.

Figura 99 – Desenho do cotidiano Kokama - Instrumentos de caça



Fonte: Yawati Tinin. Altaci Corrêa Rubim, 2013.

Ikiaka tsanata kanuti reay uwa. Aqui um arco e uma flecha.

Ikiaka tsanata kichi. Aqui está um tessado.

Ikiaka tsanata punepiara. Aqui está zarabatana (mata animais e aves).

Ikiaka tsanata puna. Aqui uma espingarda.



Ajan iwirati animaruminu



Ikian tsanata epe umi? Maritipa emete?

Vocês viram os desenhos? O que tem nos desenhos?



Ajan tsanata epe umi? Maritipa emete?

Vocês viram os desenhos? O que tem nos desenhos?

Esses são alguns exemplos de como foi pensada a coletânea *Yawati Tinin* para um ensino mais contextualizado que expresse a cosmovisão do referido povo. A exemplo do *Yawati Tinin I*, os outros volumes da coletânea darão a sequência do método.

Vale ressaltar que seguimos as dez dicas que o método sugere para um bom aprendizado da língua. A 1ª foi exemplificar no *Yawati Tinin I*, as perguntas básicas; 2ª utilizar comunicação não verbal (gestões, expressões faciais, desenhos e outros); 3ª ensinar a língua com frases completas; 4ª comunicar pela língua de herança; 5ª demonstrar que a língua também é cultura; 6ª enfatizar a audição e a fala; 7ª aprender a ensinar a língua por meio de atividade; 8ª registrar em vídeo e áudio; 9ª ser aprendiz ativo e 10ª ser sensível à necessidade do outro; ser paciente e ter orgulho de si mesmos e um do outro (HINTON, 2007).

Essas sugestões estão distribuídas nos três volumes, no primeiro estão as três primeiras; no segundo volume estão a quarta, quinta e sexta; no terceiro volume estão a sétima, oitava, nona e décima.

Ao longo dos três anos de preparação do material, testamos as palavras pedagógicas para o ensino da língua, segundo Hinton (2007) são palavras que estimulam a oralidade em sala de aula. Isso ficou evidenciado da I oficina pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama ocorrido em Tabatinga, onde foi ressaltado que seria de suma importância que as falas de homens e mulheres pudessem ser bastante fortalecidas nas aulas.

Então, apresentamos ao grupo de professores, lideranças e comunidade presentes as palavras pedagógicas - conforme Quadro II apresentado abaixo, como instrumento para serem utilizadas na escola, nas línguas Kokama e Português. Na oficina as palavras pedagógicas estavam nas línguas Kokama, Português e Castelhana, uma vez que a oficina aproximou os Kokama do Brasil, Peru e Colômbia.

Figura 100 – Professores Kokama do Brasil e do Peru na I Oficina Pedagógica para o Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama



À esquerda Altaci Kokama, no centro Orígenes Kokama e à direita Richard Ricopa Yaicate, Kukama. **Fonte:** Jardeline dos Santos (2015).

Para este povo cuja língua está em perigo de extinção toda a estratégia é realizada por meio da escola. A educação indígena é vivenciada no cotidiano, como será observado no decorrer dos capítulos onde são apresentadas a forma Kokama de ser e de viver, seja na prática de plantar, colher, pescar, caçar e outros. Para Cavalcanti e Maher (2005), a educação indígena é a forma tradicional do repasse da cultura seja para crianças, jovens e adultos de cada povo indígena, e a educação escolar indígena é a forma de instrumentalizá-los para lidar com os não indígenas. Entretanto o RCNEI (1998) afirma que a escola indígena que se considera diferenciada, específica, intercultural, bilíngue, autônoma e de qualidade desenvolve competências comunicativas (falar/entender, ler/escrever) durante o processo de escolarização a que os alunos indígenas são submetidos.

A escolarização “específica e diferenciada”, que interliga a escrita e a escola ao resgate, preservação e fortalecimento das culturas, a produção de materiais didáticos acaba sendo um veículo importante para o fortalecimento da proposta desse modelo de escolarização (SCARAMUZZI, 2008, p. 22).

É nessa escola indígena diferenciada que ocorre o processo de vitalização da língua Kokama. Mesmo que as crianças sejam alfabetizadas primeiro em português, há um processo de vitalização da língua como L2 (ver capítulo V). A questão da escrita para esse povo, depois do contato, sempre esteve presente, pois muitas crianças foram levadas para frequentar escolas e quando voltavam não queriam mais ser Kokama, tinham filhos e não falavam para seus filhos que eram Kokama (ALMEIDA; RUBIM, 2012).

O contato com os colonizadores foi violento, as culturas indígenas ficaram com marcas que cada povo indígena possui de diferente maneira até hoje, seja com perdas de línguas, de rituais, de expressões corporais, até mesmo com a forma de transmitir sua cultura que era estritamente oral.

Mas com a perda da língua, de suas memórias e com a entrada da escola como instrumento de dominação, houve a necessidade de também se instrumentalizar, aprender a escrever para lidar com as demandas do contato, pois “as populações indígenas rapidamente perceberam a necessidade de também dominarem a escrita para poder minimizar a situação de desvantagem em que foram historicamente colocadas” (CAVALCANTI; MAHER, 2005, p. 8).

No trabalho de dissertação de mestrado de Scaramuzzi (2008), intitulada “De índios para índios: a escrita indígena na história”, a autora ratifica a afirmação de Cavalcanti e Maher (2005), quando fala sobre “a apropriação de instituições tradicionalmente pertencentes à sociedade nacional, como a escola, e de novos instrumentos de comunicação como o caso da escrita com o objetivo de divulgar os mais variados projetos políticos e culturais” (SCARAMUZZI, 2008, p. 120).

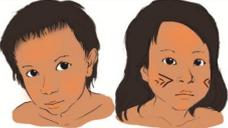
Nessa perspectiva, a escola Kokama de hoje busca dialogar com a educação do povo Kokama e a educação escolar indígena do povo Kokama, juntos aprendizado oral e o aprendizado escrito, mesmo em comunidades Kokama em que não há falantes na língua Kokama, apenas em português, mas tem o ensinamento das práticas sociais da cosmovisão do povo.

As autoras Cavalcanti e Maher (2005) chamam a atenção para trabalhar a escrita em comunidades em que a transmissão oral é um dos principais veículos de transmissão da cultura “em sociedade de transmissão oral, as práticas sociais não estão relacionadas às práticas escritas” (CAVALCANTI; MAHER, 2005, p. 17). Vale ressaltar que a escola e a escrita exercem uma importante função no processo de vitalização da língua Kokama, além de servir para outras questões de demandas desse povo.

Nesse sentido, professores, lideranças e comunidades aprovaram o uso das palavras pedagógicas em sala de aula e dos materiais didáticos que estão apresentados nesse trabalho sem que deixassem de lado os anciãos falantes e não falantes, ouvintes, lembradores da língua Kokama.

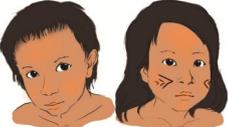
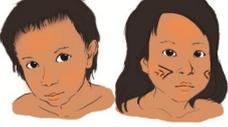
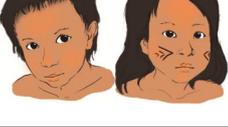
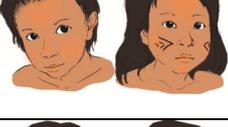
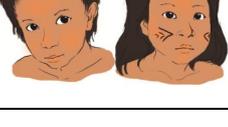
As palavras Pedagógicas Kokama são instrumentos de ensino que o professor poderá falar em sala de aula evitando falar o português.

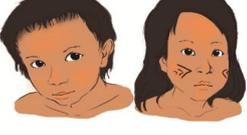
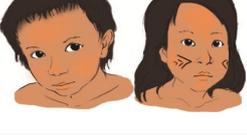
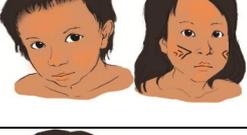
Quadro 2 - Palavras Pedagógicas

-Tsaniuri – ‘para frente’.	 <p><i>Tsaniuri!</i></p>
----------------------------	---

Essa expressão está presente na fala masculina e feminina. O professor pode estar chamando o aluno para fazer algo, sem usar o português.

PALAVRAS PEDAGÓGICAS

-Tsenu epe- ‘escutem’.	 <p><i>Tsenu epe!</i></p>
Tsenu utsu- ‘vamos escutar’.	 <p><i>Tsenu utsu!</i></p>
-Yapai tsenu- ‘atenção’!	 <p><i>Yapai tsenu!</i></p>
-Tupapenan- ‘repitam-repita’.	 <p><i>Tupapenan!</i></p>
-Eretse- ‘mais forte’.	 <p><i>Eretse!</i></p>
-Eranan- ‘está bem’.	 <p><i>Eranan!</i></p>

-Eran- ‘bem’, ‘bom’.	 Eran!
-Kumitsa eretse-‘falem mais forte’.	 Kumitsa eretse!
-yapika epe-‘sentem-se’.	 yapika epe!
-Ipama epe- ‘estar parado’;’ estar levantado’.	 Ipama epe!
-Kantunika- ‘até amanhã’. -Kamutun-‘até amanhã’.	 Kamutun! Kantunika!

A fala é do mesmo modo tanto para o homem quando para mulher.

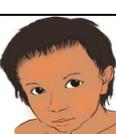
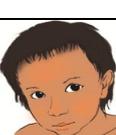
PALAVRAS PEDAGÓGICAS

-Umi ikian- ‘olhem isto’.	 Umi ikian.
	 Umi ajan.

A partir deste quadro apresentaremos as palavras pedagógicas Kokama com a diferença na fala do homem e da mulher.

PALAVRAS PEDAGÓGICAS

-Umi ikiaka- ‘olhem aqui’.	 Umi ikiaka!
	 Umi ajanka!

-Tima ta ikuakura- ‘não entendo’.	 <i>Tima ta ikuakura!</i>
	 <i>Tima tsa ikuakai!</i>
Tima ta tsenura- ‘não ouço’.	 <i>Tima ta tsenura!</i>
	 <i>Tima tsa tsenuai!</i>
Wika ta ya- ‘mais forte’.	 <i>Wika ta ya.</i>
	 <i>Wika tsa ya</i>
-Erura – ‘está bem’.	 <i>Erura.</i>
	 <i>Erurai!</i>
Tima ta tsetura- ‘não quero’.	 <i>Tima ta tsetura!</i>
	 <i>Tima tsa tsetai!</i>

Essas palavras são muito importantes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois, até há pouco tempo, não se havia pensado o ensino e aprendizagem da língua

Kokama pedagogicamente no Brasil, havia o ensino de descrever a língua e não de falar a língua. Essas palavras estão descritas na coletânea *Yawati Tinin*.

Neste primeiro livro, o aprendiz deve ser estimulado a se apresentar e cumprimentar as pessoas na língua.

Quadro 3 - Expressões de estímulo para explorar a oralidade dos alunos

<i>Era na kuema</i>	‘Bom dia’	 <i>Era ta kuema.</i>  <i>Era tsa kuema.</i>
<i>Era na karuka</i>	‘Boa tarde’	 <i>Era ta karuka.</i>  <i>Era tsa karuka.</i>
<i>Yutsurupaki</i>	‘Agradecimento público’	  <i>Yutsurupaki.</i>
<i>Aita</i>	‘Agradecimento depois das refeições’	 <i>Aita.</i>
<i>Aitsa</i>	‘Agradecimento depois das refeições’	 <i>Aitsa</i>

<p><i>Ainan ta</i></p>	<p>‘Agradeci- mento quando se está satisfeito’</p>	 <p><i>Ainan ta.</i></p>
	<p>‘Agradeci- mento quando se está satisfeito’</p>	 <p><i>Ainan etse.</i></p>
<p>‘Qual seu nome’? <i>Mari na chira?</i></p>	 <p><i>Tsa chirara Kanata</i></p>  <p><i>Ta chirara Tsach</i></p>	
<p>‘Onde você mora’? <i>Makatipa na kakiri?</i></p>	 <p><i>Tsakakiri Manausk</i></p>  <p><i>Takakiri Manaus</i></p>	
<p>‘O que você está fazendo’? <i>Mañawatipa na yauki?</i></p>	 <p><i>Etse yauki wepe tse</i></p> <p>‘Eu estou fazendo um paneir</p>  <p><i>Ta yauki wepe ya</i></p> <p>‘Eu estou fazendo um remo’.</p>	
<p>‘O que você fez ontem’? <i>Mañawatipa yauki ikuachi?</i></p>	 <p><i>Ikuashi tsa yawach</i></p>  <p><i>Ikuashi tayawach</i></p>	
<p>O que você vai fazer? <i>Mañawatipa yauki utsu?</i></p>	 <p><i>Este yamimi kurika</i></p>	

	meu dinheiro enterrando-o'.  <i>Ta yamimi kurika</i> meu dinheiro enterrando-o'.		
<i>Ainan etse</i>			

Fazer e responder perguntas para que sejam visualizadas as suas habilidades e competências no processo de ensino e aprendizagem da língua.

O aumento do vocabulário do aprendiz deve ser estimulado na fala, “falar um minuto ou mais na língua” (HINTON, 2007, p. 44), mesmo que essa fala seja com frases curtas, uma música, um verso, uma receita, um versículo bíblico, descrição breve, um desenho, um cartaz, uma fotografia e outros. A sequência do projeto de vitalização da língua Kokama é enfatizado no *Yawati Tinin II* que busca aumentar o vocabulário do aprendiz em diferentes contextos da vida do povo Kokama.

3.10.2 Yawati Tinin II

Figura 108 – Capa do livro *Yawati Tinin II*



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Brasília, 2013.

O Segundo volume foi pensado para crianças maiores, de 09 a 12 anos. O material didático *YAWATI TININ II* faz parte da coletânea *YAWATI TININ* para o ensino e aprendizagem da língua Kokama. O segundo volume foi elaborado para crianças maiores e para adolescentes, entretanto não impossibilita a sua utilização junto às demais faixas etárias. Continuaremos com a personagem principal, *Yawati Tinin* ‘Jabuti Branco’ que apresentará

todos os conteúdos que irão ser estudados neste material, como músicas, numerais, cores, histórias e outros. O material foi organizado da seguinte forma: Inicia: Nossas comunidades; - Westaka: Festas e Rituais; – Comidas e bebidas típicas; Povo Kokama; partes do corpo; Atividades; – cores; - Poesias e um mini glossário. Além de orientações para o professor.

Para seguir o método Mestre-Aprendiz e para dar prosseguimento ao ensino e aprendizagem da língua Kokama, inserimos a quarta dica do método – Não pensar na língua como algo que vocês utilizam somente na hora da aula, mas como língua de comunicação.

No item ‘Nossas comunidades’ são apresentadas algumas comunidades por municípios, onde há presença Kokama no Amazonas.

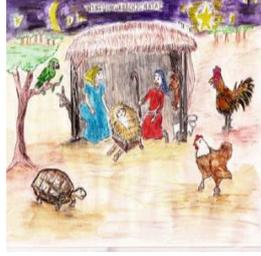
No item festas e rituais são apresentadas as festas e rituais Kokama, resultado da pesquisa dos alunos do FORMABIAP do Peru, socializados durante o tempo em que fiquei em campo em Zungarococha. No Brasil esses rituais são praticados, mas os nomes utilizados na língua Kokama são pouco conhecidos.

Quadro 4 - As festas sociais

<i>Piataka- wepe kunumi piata kuniati ra papatsui ra mamatsui ra mirikuara.</i>	Pedido de mão- Desejo que o jovem transmite aos pais de uma moça, a quem quer se casar.
<i>Uyarika- wepe kunumi uyarika kuniamuki rana ukirika.</i>	Chatskineo-festa realizada por uma pessoa animada da comunidade para o casal recém casado.
<i>Westa maikuku</i>	Festa das máscaras do povo Kokama

Quadro 5 - Festas religiosas

<i>Tsupaykana westa-</i>	Carnaval
 <i>Tiutsu umanu kuarachi</i>	Páscoa
 <i>Tsankuan kuarachi</i>	Dia de São João
<i>Maytsankarakana kuarachi</i>	Festa de todos os Santos

 <p><i>Niniu kuarachi</i></p>	Natal
--	-------

Quadro 6 - Os rituais

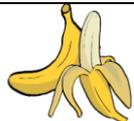
 <p><i>Yapinaka-latirá</i> <i>ikíratsen yakitsa ipukupuka ini yapina ura westakapu.</i></p>	Ritual do corte do cabelo- oraganizado pelos pais da criança que deseja que o cabelo comprido de seu filho seja cortado pela primeira vez.
 <p><i>Yawachima westa- ini taíra, iriwapuka imina kakiritara urarika namuki ini westakaka.</i></p>	Festa da chegada - ritual que os familiares realizam na chegada de um filho que está há muito tempo distante.
 <p><i>Arkanuada-ikuankana</i> <i>wauta awakana raeratan ra Tsui ra yupuni kamata eranan.</i></p>	Ritual de levantar o doente - ritual para levantar o doente que foi curado de uma doença pelo curandeiro para que o mesmo comece a fazer seus trabalhos sem problema.
 <p><i>Yakucheu</i></p>	Ritual de colocação de água nos recém- nascidos. Quando as crianças nascem os pais pedem para duas pessoas da comunidade colocarem água na criança e dar-lhe um nome. Essas pessoas são chamadas padrinhos de água.
 <p><i>Mutsanakana- Ikian</i></p>	Tomar remédio - ritual realizado de madrugada e quando a lua está boa. Para participar desse ritual, as crianças, jovens e adultos são convidados e assim se tornarão bons caçadores, bons pescadores e bons trabalhadores.

<p><i>kuratata ini wiruaka yatsi erapuka ra kuratata ikiratsenkana, kunumikana, reai wijukana rana tsen kamatawara, animaru, ayukawara.</i></p>	
---	--

Essas festas e rituais são realizados no povo Kokama, assim como os eventos que ocorrem na comunidade, como os ajuris, os jogos e outros. O livro traz essas informações em Kokama e em português para que o professor possa explorar de diferentes formas. Ele poderá realizar a pesquisa em sua comunidade e verificar quais são os rituais que a comunidade vivencia ou rememora.

No item Comidas e bebidas típicas são apresentadas informações sobre as frutas, das quais são feitas algumas bebidas Kokama.

Quadro 7 - Bebidas e comidas típicas

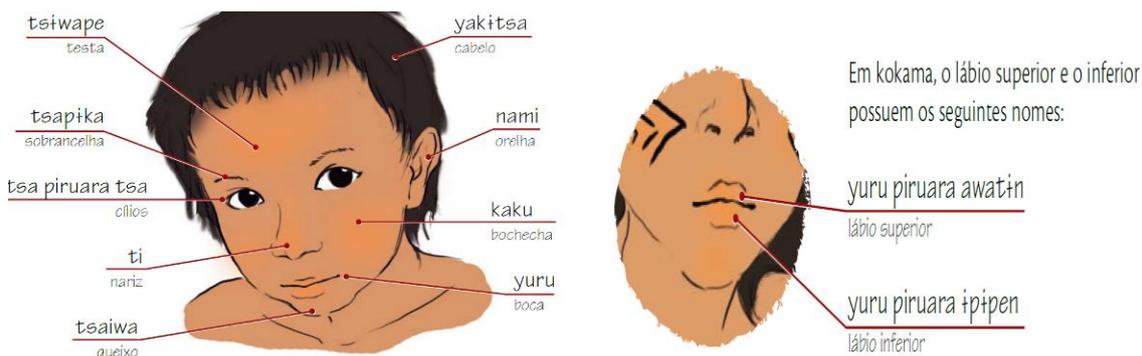
 <p><i>Awati – Ikian mitima intira ka, ya iya uchima ra iwari, era yaukitsen kurichi, puritu, muti, ini eyuta kirita reai michira.</i></p>	<p>Milho - plantas que produzem frutos em março. Serve para fazer pamonha, chicha, mote e também se come assado.</p>
 <p><i>Kara- Ikian wepe mitima tuyukakuara iyan, ra era ini eyumira iyta, michira reai ra tsui ini yauki kaitsuma.</i></p>	<p>Cará- planta feita de raízes, suas raízes servem para comer cozidas, assadas e para fazer kaitsuma.</p>
 <p><i>Pipichi- Ikian mitima ipukun, ra iyakana uchima yawati, ra era kaitsumara, tsiura reai apapuri eyumira ikimuki, tsipuria.</i></p>	<p>Pupunha - planta de tronco alto. Dá frutos em cachos, serve para fazer kaitsuma, comer cozido com pimenta e cebola.</p>
 <p><i>Panara-ikian ini yatiman kukuara, ra era ini eyumira kitsu, michira ra</i></p>	<p>Banana-plantada na roça produz seus frutos em cachos com vários gomos. Serve para comer cozida, assada, chapu¹⁴⁰ e quando está madura.</p>

¹⁴⁰ Bebida feito de banana verde assada e água. Serve como remédio para fortalecer o enfermo.

<i>pitaninpuka ini kurata ura chaputa.</i>	
 <p style="text-align: center;"><i>Yawairi-ikian ini</i></p> <p><i>yatiman kukuara ra iya tuyukakuara ra era</i> <i>ini iyuakitsen ui kaitsuma, reai ini eyura kitsu</i> <i>reai sherumpi.</i></p>	<p>Macaxeira - planta que produz raízes, leva de sete a oito meses para ficar boa para fazer farinha e kaitsuma. Também pode-se comer cozida, assada e em comidas cozidas que se coloca macaxeira, como cozido de carnes do mato, no peixe salgado e outros.</p>

Essa lição pode ser explorada levando as pessoas mais idosas da comunidade para falar destas e de outras frutas de que são feitas as bebidas de sua comunidade.

É preciso sempre levar o aprendiz a falar na língua Kokama. Os materiais são muito bem ilustrados, como veremos nos exemplos abaixo em relação às partes do corpo, na língua Kokama.



Fonte: Yawati Tinin II, (RUBIM, p. 20, 2016).

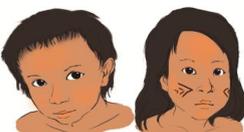
Nesta lição, o professor poderá realizar atividades para explorar a oralidade dos alunos utilizando a língua Kokama e gestos.

<p>Como se diz (a pessoa aponta o dedo para a parte do corpo que deseja saber na língua).</p> <p>‘Como se diz isso em Kokama’?</p> <p>- ‘Isso é uma cabeça’.</p>	 <p>- <i>Mañawatipa ahan chira?</i></p> <p>-<i>Ahan chirara yaki.</i></p>  <p><i>Mañawatipa ikian chira?</i></p> <p>-<i>Ikian chirara yaki.</i></p>
--	---

<p><i>Mañawatipa ahan chira?</i> ‘Como se diz isso em Kokama?’</p> <p><i>Mañawatipa ikian chira?</i> ‘Como se diz isso em Kokama?’</p>	 <p><i>-Ahan chirara yakitsa</i></p>  <p><i>-Ikian chirara yakitsa.</i></p>
--	--

O quadro acima apresenta como o professor poderá explorar esta lição. Outra forma é explorar cartazes ou imagens do livro com peixes ou outros elementos da cultura.

– **Atividades**

<p>‘Onde os peixes vivem?’</p> <p>‘No lago, rio’.</p>	 <p><i>Makatipa ipirakana kakiri?</i></p>  <p><i>Makatipa ipiranukakiri?</i></p>  <p><i>- ipatsukuara, parakuara.</i></p>
---	--

A lição – História de *Yawati Tinin* em *Quadrinhos Yawati Tini*, os aprendizes encontrarão a história do jabuti branco em quadrinhos. O professor poderá explorar esta história contextualizando com as histórias que ocorrem em sua comunidade com o jabuti e outros animais.

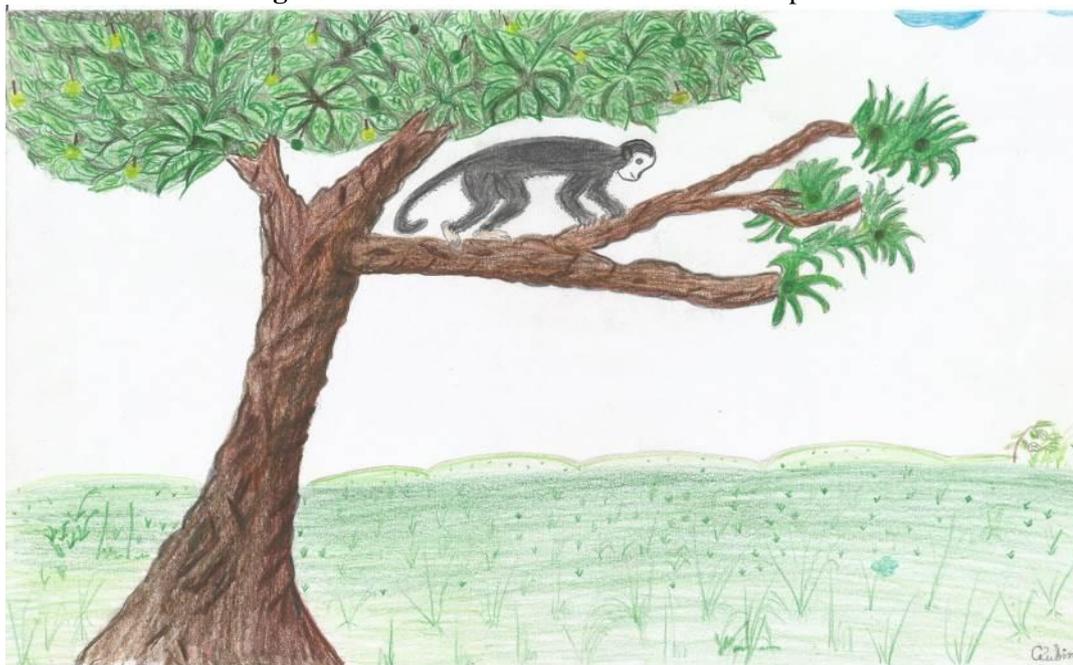
Figura 101 – Capa da HQK Yawati Tinin ‘Jabuti Branco’



Fonte: Altaci Corrêa Rubim (2014).

Há atividades - Caça – palavras; – cores; músicas; numerais, poesias, pequenos textos; um miniglossário e gramática, tudo para estimular o aprendiz a falar a língua.

Figura 102 – Desenho da história do macaco preto



Fonte: Altaci Corrêa Rubim (2015).

Kai¹⁴¹ ***tsunin***¹⁴²

Kai tsunin michan emete tuan puankana riai tsuwi ipukun.

Uri kakiri iwira ariwa.

Ikian kai utsu uni kuratatara ipatsukuara.

Ipurapani ra yapana mui katupepuka..

Uri eyu panara riai ra eyu rama iwiriyakana.

Kai tsunin yumatsarika ra

Iruakanamuki raepetsui ukiri.

Yapikanan iwira tsakamari.

‘Macaco preto’¹⁴³

‘Macaco preto tem mãos grandes e rabo longo.

Ele vive sobre as árvores.

Esse macaco vai beber água no lago.

Ele corre rápido quando a cobra aparece.

Ele come banana e come frutas dos galhos.

O macaco preto brinca

Com seus irmãos e depois dorme

Senta sozinho no galho da árvore’.

O professor também poderá explorar o desenho e o texto de várias formas. Assim como está o desenho descrito no vídeo em apêndice. Este livro traz atividades que exploram o desenho baseados na metodologia de Hinton (2007), como já vimos anteriormente. Na sequência introduzimos gramática da língua nos tempos presente, passado e futuro.

Presente	<i>Peteru tsakita wepe iwira yipu.</i> ‘Pedro corta uma árvore com machado’.
Passado	<i>Ukaimui ta igara yapukita.</i> ‘Minha canoa se perdeu com o remo’.
Futuro	<i>Ikun kuarachi, ta papa yawachima utsu ipatsu.</i> ‘Hoje é dia, meu pai chegará do lago’.

¹⁴¹ Kai tsuni – macaco preto – uma espécie de macaco. Miara é o nome dado para todas as espécies de macaco na língua Kokama.

¹⁴² PEREIRA, Wilfredo Murayari; VALLEJOS, Rosa. Chunaki: Ikuatupa 1- Cocama-Cocamilla. FORMABIAP/Aideseq. Ministerio de Educaciona, marzo, Peru, 1999.

¹⁴³ Tradução Altaci Corrêa Rubim, em março de 2014. Esta história também se encontram no trabalho da aluna Kokama Laura S. Rubim de Souza, aprendiz da língua. Contos Kokama: um reencontro de gerações para revitalização de uma língua.

‘Nomes próprios’, ‘comuns’ e ‘verbos’ nomeados pedagogicamente de *kin kin chira*, *tima kin kin chira* e *yaukin*.

Quadro 8 - Gramática Kokama

Nomes próprios	<i>Kin kin chira</i>
- José	- <i>Kutse</i>
- Maria	- <i>Marikucha</i>
- Madalena	- <i>Mararina</i>
- Rosa	- <i>Rutsa</i>
-Água	- <i>Uni</i>
-Pedro	- <i>Peteru</i>
Nomes comuns	<i>tima kin kin chira</i>
-lápis, caneta	- <i>kuatiaratata</i>
- celular	- <i>kumitsatata</i>
-camu - camu	- <i>kuanacha</i>
-abiu	- <i>watsatsa</i>
-cupu de jacaré	- <i>akawatsu</i>
-garrafa	- <i>unitsentata</i>
Verbo	<i>Yaukin</i>
-cortar	- <i>tsakita</i>
-comer	- <i>eyu</i>
- dançar	- <i>yaparachi</i>
-adoecer	- <i>aikua</i>
-chorar	- <i>yachu</i>
-fazer	- <i>yauki</i>

O estímulo nessas atividades ajuda a língua a sair do papel, no caso do livro, para ocupar os espaços na oralidade da sala de aula ou do espaço em que ela está sendo ensinada. Esse foi um dos exemplos que utilizamos no material *Yawati Tinin II*. Outro exemplo são frases pedagógicas.

- Você tem uma borracha?	<i>Ene emete wepe piyukutata?</i>
- Você me empresta a sua borracha?	<i>Na ipiru piyukutata?</i>
-Vamos escrever.	<i>Yapai Kuaratiaraka.</i>
Não arranca a folha do teu caderno.	<i>Tima chauta kuaratiran tsa.</i>

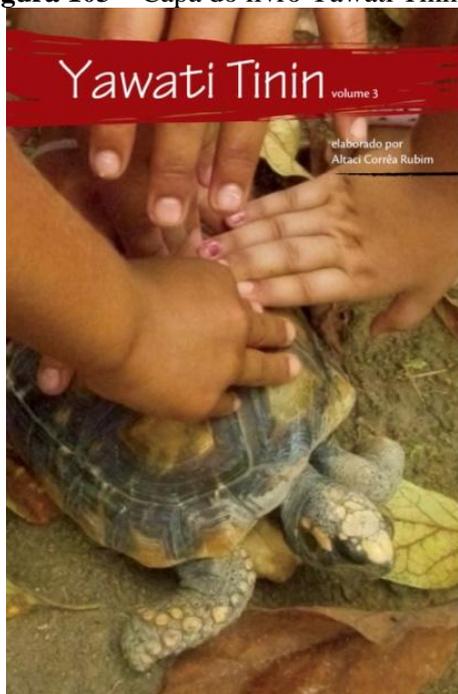
- Imita-me, fale assim como eu.	<i>Tsani etse, ajamiya na kumitsa.</i> <i>Tsani ta, ajamiya na kumitsa.</i>
-Vamos conversar brincando.	<i>Yapai yumutsarika kumitsapu.</i>

Ao receber este material, o professor poderá lê-lo antes de entregar aos alunos. Lendo todo o material, o professor tem a possibilidade de ter novas idéias para dinamizar sua aula. Durante o estudo das lições as crianças serão levadas a aprender brincado e cantando a língua kokama e o modo de ser do seu povo, fazendo relação do que está no livro com sua realidade ou vice-versa.

No capítulo V da Tese poderá ser encontrado o que se espera do aprendiz nessas etapas do ensino e aprendizado. Mas é de suma importância que o aprendiz entenda a maior parte do que o professor fala na língua Kokama, que converse com o professor na língua; conversas curtas e que desenvolva conversas mais longas. Nessa perspectiva o *Yawati tinin III* vem contribuir para que os jovens e adultos ou aprendizes de qualquer idade se sintam estimulados em querer aprender mais a língua de seu povo.

3.10.3 Yawati Tinin III

Figura 103 – Capa do livro Yawati Tinin III



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Brasília (2013).

O terceiro volume foi elaborado para jovens e adultos, entretanto não impossibilita a sua utilização junto às demais faixas etárias. Continuaremos com a personagem principal, *Yawati Tinin* ‘Jabuti Branco’ que apresentará todos os conteúdos que irão ser estudados neste material. Este volume busca explorar mais a oralidade do aprendiz, conforme os passos de Hinton (2007), aprender a ensinar a língua por meio de atividades; registrar em vídeo e áudio; ser um aprendiz ativo e ser sensíveis à necessidade do outro.

Os conteúdos estão organizados dessa forma: conversas – *kumitsaraka* Histórias do cotidiano e histórias antigas Kokama; desenhos do cotidiano Kokama, adivinhações; Atividades; Músicas; Instrumentos de pesca e caça; armadilhas para caçar animais e aves; numerais; partes do corpo, gramática entre outros. Vejam os exemplos a seguir:

Figura 104 – Atividades vivenciadas no cotidiano do povo Kokama



Fonte: Orígenes Corrêa Rubim, professor da Comunidade Kokama do Brasileirinho, Manaus-AM (2011).

‘Aqui temos homens trabalhando, vemos mata, capim, árvores com folhas e árvores secas caídas’.



Ajanka tsanata tsa umi emete ñapitsaranu kamatakukuara, ajanka emete iwirati, yanamata, iwiranu tsa, tima iwiranu tsa waripan.



Ikia tsanata ta umi ñapitsarakana kamata kukuara, ikia emete iwirati, yanamata, iwirakana tsa, tima iwirakana tsa waripan.

Esse modelo pode explorar o diálogo na língua entre os homens na roça, assim como todo contexto do desenho. No outro desenho, apresentado a seguir aparece um diálogo do cotidiano Kokama entre meninos Kokama. Vale ressaltar que não estamos analisando a gramática, a morfossintaxe da língua Kokama, até porque esta língua ao longo do tempo já foi analisada por estudiosos da língua com diferentes posicionamentos políticos. Estudos mais recentes foram feitos por Vallejos (2010) em sua tese, em que apresentou uma descrição da língua, tendo como resultado uma gramática consubstanciada da língua Kokama.

De certa forma, vamos ressaltar alguns aspectos que consideramos importante no léxico ou na morfossintaxe da língua. Aqui estamos apresentando uma proposta de vitalização de uma língua indígena, uma forma “de comunicação real na língua de herança, pois aprender uma língua de herança também significa aprender costumes, valores e comportamentos” (HINTON, 2007, p. 37). É assim que o povo Kokama vivencia este processo na sua cosmovisão diferente do povo Ticuna, o qual durante muito tempo ficou escamoteado, Almeida e Rubim (2012).

Figura 105 – Atividades vivenciadas no cotidiano do povo Kokama



Fonte: Orígenes Corrêa Rubim, professor da Comunidade Kokama do Brasileirinho, Manaus-AM (2011).

<p>A- ‘Veja, peguei um peixe’.</p> <p>B- ‘Qual o nome dele?’</p> <p>A- ‘É uma piaba’.</p> <p>B- ‘Quero pegar um peixe grande’.</p>	 <p>-Umiura, ta yapichika ipirakira.</p> <p>B- marina ra chira?</p> <p>A- Ikian chirara chiruri.</p> <p>B- Ta tseta ipiratuan.</p>
--	---

<p>‘Vejam o desenho de duas crianças’.</p>	 <p>-<i>Ajan tsanata umi mukuika ikitatsen.</i></p>  <p>-<i>Ikian tsanaka umi mukuika ikitatsen.</i></p>
--	--

<p>‘Eles estão sentados na beira do rio’.</p>	 <p>- <i>Inu yapikakarapa ipatsutsimara.</i></p>  <p>- <i>Rana yapikakarapa ipatsutsimara.</i></p>
---	--

O diálogo dessas crianças pescando no rio e todo o ambiente que as cerca pode ser explorado na língua kokama. Nesse sentido o professor deverá ler o material antes de entregar aos alunos. Lendo todo o material, o professor poderá ter novas idéias para dinamizar sua aula. Falar sobre as diferentes formas de pescar, como por exemplo, falar dos mais de dez instrumentos tradicionais de pesca utilizados, dos diferentes tipos de malhadeira, tarrafa, curumin¹⁴⁴, poita¹⁴⁵, espinhel¹⁴⁶, arpão¹⁴⁷, zagaia e outros.

Há quatro tipos de zagaia, elas são feitas de flecha, tucum, breu e metal; a primeira tem cinco pontas lisas “uwa yapakara” (de pegar peixes pequenos); a segunda são de três pontas com um ganchos para trás cada uma delas “uwa takitan”, conhecida também como bico estrovado ou rabo de arraia; a terceira tem duas pontas, cada uma com um gancho virado para trás “uwa takitan” também chamada de bico estrovado ou rabo de arraia; a quarta tem

¹⁴⁴Técnica de pescar em que se coloca uma vara com um anzol grande amarrado no igapó, no lago ou na beira do rio para pescar peixes grandes. Também conhecida como camorim. (RUBIM, 2011).

¹⁴⁵Técnica de pescar em que se coloca num lago ou na beira do capinzal uma corda com vários anzóis com peixes pequenos utilizados como iscas para pegar peixes grandes. (RUBIM, 2011). São arpeira com cem metros ou mais com peso na ponta, mais ou menos entre seis e oito quilos com vinte cinco anzóis, às vezes chega até o meio do rio. (Entrevista com professor Origenes Correa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-Am, outubro de 2015).

¹⁴⁶Técnica de pescar, onde coloca-se uma linha de nylon com quatro anzóis segura entre varas ou no capinzal. Quando ela está na beira do rio pesca pirabutão, bacu amarelo, surubim, pirarara, quando está posta no lago pesca pirarucu e tambaqui. (Entrevista com professor Origenes Correa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-Am, outubro de 2015).

¹⁴⁷Serve para pescar peixes grande, como peixe boi, pirarucu, tambaqui, dourado, pacamun, caparari e piraíba. . (Entrevista com professor Origenes Correa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-Am, outubro de 2015).

três pontas, sendo que cada ponta possui quatro ganchos virados para trás “uwa yawawiratsui” (serve para pescar aruanã, matrinxã, surubim, pirapitinga, cuiú-cuiú) e outros.

Figura 106 – Zagaias Kokama



• Uwa takitan



• Uwa watsu



• Uwa yawawiratsui



Fonte: Desenho Altaci Corrêa Rubim (2015). Também encontrado no livro ‘Uwaritata los Kukama-Kukamiria y su bosque’ (RIVAS, 2003, p. 26).

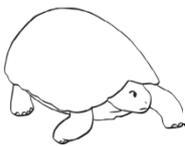
Durante o estudo das lições, os jovens e adultos serão levados a aprender ludicamente a língua Kokama e o modo de ser do seu povo fazendo relação do que está no livro com sua realidade. Esses instrumentos são conhecidos pelo povo, apenas os nomes na língua Kokama serão acrescentados em seu aprendizado.

As questões de pesca feita por pescadores de grande porte que entram em lagos indígenas podem entrar em debate na sala de aula, assim como outros problemas enfrentados pelas comunidades, como diz o Sr. Anísio Kokama de São Paulo de Olivença: “Hoje tem malhadeira de todo tamanho, tem até malhadeira para pegar camarão, quando esses pescadores passam não deixam nem os peixinhos, daqui a pouco não teremos peixes para nossos filhos”¹⁴⁸. Assim veremos uma sequência de atividades trazidas neste material:

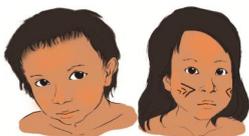
¹⁴⁸Entrevista realizada em São Paulo de Olivença-AM, durante a oficina do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA (2010).



Yapai kumitsara era Kokama. 'Vamos falar bem Kokama'.



Vamos falar e reconhecer os elementos observados nos desenhos.



Tsanatupari mari epe umi! 'Vejam vocês os desenhos das coisas'!



Ajan tsana epe umi? Maritipa emete? 'Aqui nessas imagens o que vocês vêem'? 'O que tem'?

Umi ya epe era. Abaixo vejo bem.



Ikian tsana epe umi? Maritipa emete?

Umi raepe era. Abaixo vejo bem.

Figura 107 – Atividades de Homens Kokama



Fonte: Desenho da esquerda: Cristovão G. Lopes, Jacinta Rubim Moreira e Altaci Corrêa Rubim; desenho da direita Fonte: Cristovão G. Lopes, Gilmar dos Santos Costa e Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).



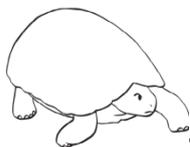
Ajan tsana emete iwirakana, emete ñapitsara. ‘Este desenho tem árvores, tem homen’.

Erapakatun tsana ai. ‘Bonito são os desenhos’.



Ikian tsana emete iwirakana, emete ñapitsara. ‘Este desenho tem árvores, tem homen’.

Erapakatun tsana ura. ‘Bonito são os desenhos’.



-Vamos observar a descrição dos desenhos pelo professor e depois falaremos:



Ikian tsanatupa emete iwirati, ikiran panara, uka, panamá

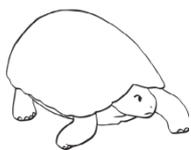


Ajan tsanatupa emete iwirati, ikiran panara, uka, panamá

Figura 108 – Ambientes Kokama



Fonte: Cristovão G. Lopes e Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).



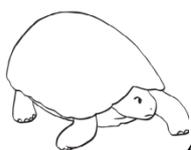
Veja os desenhos e faça seus próprios desenhos, depois que ouvir a fala do professor.



Ikian tsanatupa emete kururu, mukuika kururu, wepe uka reai iwira. ‘Este desenho tem sapo, dois sapos, uma casa’.

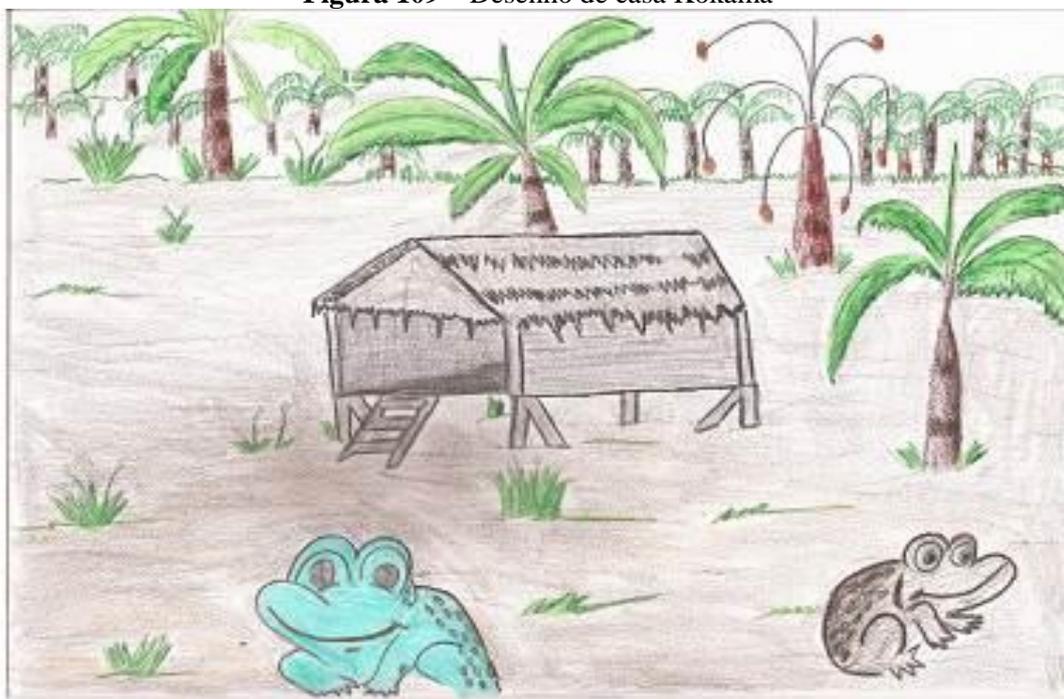


Ajan tsanatupa emete kururu, mukuika kururu, wepe uka, iwira. ‘Este desenho tem sapo, dois sapos, uma casa’.

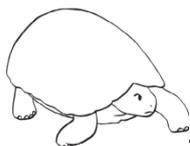


Aipuka yauki ra kuatiara. Agora faça seu desenho.

Figura 109 – Desenho de casa Kokama



Fonte: Cristovão G. Lopes e Joilson dos Santos Costa comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).



-Neste desenho, o professor poderá fazer brincadeiras com os alunos, além de usar a oralidade, faladas nas lições anteriores. Os alunos poderão produzir flechas e peixes de papel ou folhas de árvores; fazer dois grupos cada grupo com 5 flechas para flechar dois cardumes de peixes. O grupo que flechar mais peixe vence, mas o grupo que ficou com menos peixe não ficará triste porque o grupo vencedor dividirá os peixes em iguais partes para ambos. Durante o jogo os demais alunos torcerão pelo seu grupo falando:



Memutura era! Mostra a ele que você é bom!

Inanpika! Cuidado!

Tana yawara! Nosso atirador!



Memutai era! Mostra a ele que você é bom!

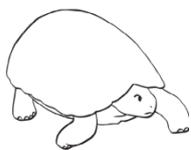
Inanpika! Cuidado!

Penu yawara! Nosso atirador!

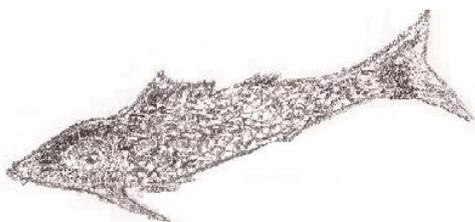
Figura 110 – Desenho de crianças Kokama



Fonte: Cristovão G. Lopes, Orígenes Corrêa Rubim e Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).



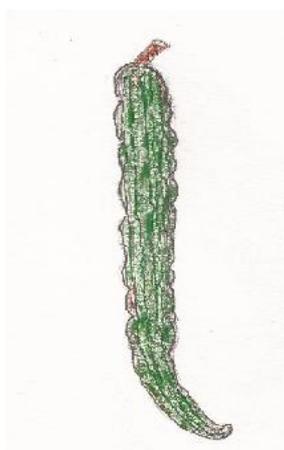
Aqui vamos está falando mais em Kokama, isso exige muita atenção, por que é uma adivinhação¹⁴⁹!



Maritipa ta? Quem sou eu?

Ta kakiri ipipi unikuara. Eu vivo no fundo do rio.

Ta tsuni reai ipuku. Sou preto e comprido.



Maritipa ta? 'Quem sou eu'?

Ipuku ta churanan. 'Sou pequeno e comprido'.

Ta piruara ikira. 'Minha pele é verde'.

Ta tsu tininan. 'Minha carne é branca'.

Ta tsuwiri tsunin. 'Meu caroço é preto'.



Emete ta yiwa ipuchin. 'Eu tenho braço duro'.

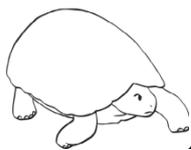
Ta tsu yananpirinan. 'Meu corpo flutua'.

Ta wika rakatata igarakana. 'Sou forte para mover a canoa'.

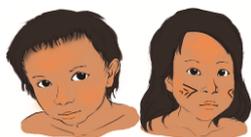
Riai tuan igarakana ta mitirita. 'E na canoa grande sou aquele que fica no centro'.

Maritipa ta? Qum sou eu?

¹⁴⁹ FORMABIAP. "Picaflor" Lectura en Castellano. Série: Lectura. Edición experimental. Impresión: Didi de Arteta S.A. Domingo Casanova, 458, Lince. Iquitos, Perú, marzo, 1999.



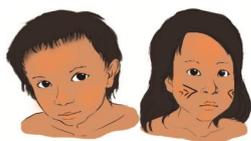
Aqui vocês aprenderão expressar os sentimentos na língua Kokama. Observe o professor expressar no seu rosto diferentes sentimentos. Acompanhe com gestos e sons.



Mañawatipa epe? 'Como vocês estão'?

Quadro 9 - Quadro de sentimentos expressos em Kokama

		
<i>Ta tsariwaka.</i>	<i>Ta yachuwa.</i>	<i>Ta yumira.</i>
Estou feliz.	Estou chorando	Estou com raiva.
		
<i>Ta kuyawa.</i>	<i>Ta yamima.</i>	<i>Ta era</i>
Estou tranquilo.	Estou triste.	Estou bem.



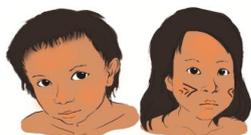
Yachutipa nauti? 'Você tem chorado'?



Reay. 'Sim'. *Tima.* 'Não'.



Eay. 'Sim'. *Tima.* 'Não'.



Yamimatipaene? 'Você está triste'?



Ikian ikiratsen era. ‘Esta criança está bem’.

Yukan ikiratsen tsariwaka. ‘Essa criança está feliz’.

Ikiaka ikiratsen yachuwa. ‘Aqui a criança está chorando’.

Ikian ikiratsen yumirawa. ‘Esta criança está com raiva’.

Ikian ikiratsen kuyawa. ‘Esta criança está tranqüila’.

Ikian ikiratsen yamima. ‘Esta criança está triste’.



Ajan ikiratsen era. ‘Esta criança está bem’.

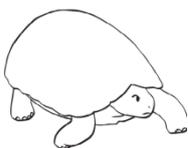
Yukun ikiratsen tsariwaka. ‘Essa criança está feliz’.

Ajankaikiratsen yachuwa. ‘Aqui a criança está chorando’.

Ajanikiratsen yumirawa. ‘Esta criança está com raiva’.

Ajanikiratsen kuyawa. ‘Esta criança está tranqüila’.

Ajan ikiratsen yamima. ‘Esta criança está triste’.



Façam grupos e desenhe os sentimentos expostos acima, entregue seu desenho ao professor. Em seguida responda as perguntas de seu professor.

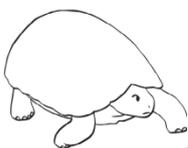


Mañawatipa epe? Como vocês estão?

Ene era? ‘Você está bem’?

Ene yamima? ‘Você está triste’?

Ene yumira? ‘Você está com raiva’?



Agora responda as perguntas que o professor fará de forma geral.



Awakanatipayamima? ‘Quem de vocês está triste’?

Awakanatipa tsariwaka? ‘Quem de vocês está feliz’?

Awakanatipa yumirawa? ‘Quem de vocês está com raiva’?



Awanutipa yamima? ‘Quem de vocês está triste?’

Awanutipa tsariwaka? ‘Quem de vocês está feliz?’

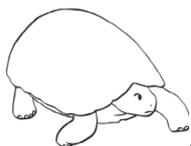
Awanutipa yumirawa? ‘Quem de vocês está com raiva?’



Procure dialogar com seus colegas e faça as perguntas sobre os sentimentos.



Yapai kumitsara era Kokama. ‘Vamos falar bem Kokama’.



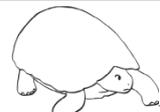
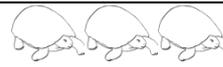
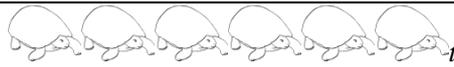
Agora vamos contar! Se você tiver dúvidas há mais numerais no final do livro!

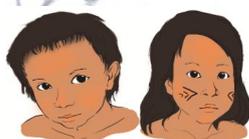


wepe yawati
um jabuti

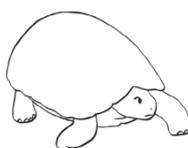


mukuika yawati
dois jabutis

 <p><i>wepe yawati.</i> ‘um jabuti’.</p>	 <p><i>Iruaka yawati-</i>‘quatro jabutis’.</p>
 <p><i>mukuika yawati.</i> ‘dois jabutis’.</p>	 <p><i>Pichka yawati.</i> ‘cinco jabutis’.</p>
 <p><i>mutsapirika yawati.</i> ‘Três jabutis’.</p>	 <p><i>tsukta yawati.</i> ‘Seis jabutis’.</p>



Awiritipa emete panara? ‘Quantas bananas têm?’



Yapai ikara/Vamos cantar:

Kokama Tapiia Ta

Uri arika, uri arika, uri arika, uri arika,

Uri arika, uri arika, ta yawachima(2x)

Venho de novo, venho de novo, estou chegando

Kokama tapiia ta, Kokama tapiia ta. (2x)

Kokama Índio sou, Kokama Índio sou

Ai ta yawachima, aj ta yawachima (2x)

Já estou chegando, já estou chegando

Kokama tapiia ta, Kokama tapiia ta. (2x)

Kokama Índio sou, Kokama Índio sou

Ikiaka tana kakyri, ikiaka tana yuti

Aqui nós moramos, aqui nós estamos

Kokama tapiia ta, Kokama tapiia ta. (2x)

Kokama Índio sou, Kokama Índio sou

Utsu tana iriwa, utsu tana iriwa

Nós estamos voltando, nós estamos voltando

Kokama tapiia ta, Kokama tapiia ta. (2x)

Kokama Índio sou, Kokama Índio sou

Utsu tana yapana, utsu tana yapana

Vamos nós correr, vamos nós correr

Kokama tapiia ta, Kokama tapiia ta. (2x)

Kokama Índio sou, Kokama Índio sou

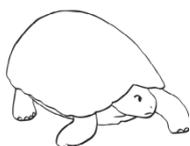
Maikana tseta umanuta tana.

O Branco quer matar nós

Kokama tapiia ta, Kokama tapiia ta. (2x)

Kokama Índio sou, Kokama Índio sou

(Felisberto Maurício. Kokama de São Paulo de Olivença, 2008).¹⁵⁰



Quais os instrumentos utilizados para tocar esta música? Quais os animais que aparecem na música? O professor poderá estimular os alunos a cantarem e tocarem esta e outras músicas no ambiente de aprendizagem.



Todos esses desenhos poderão contribuir para o ensino e aprendizagem.

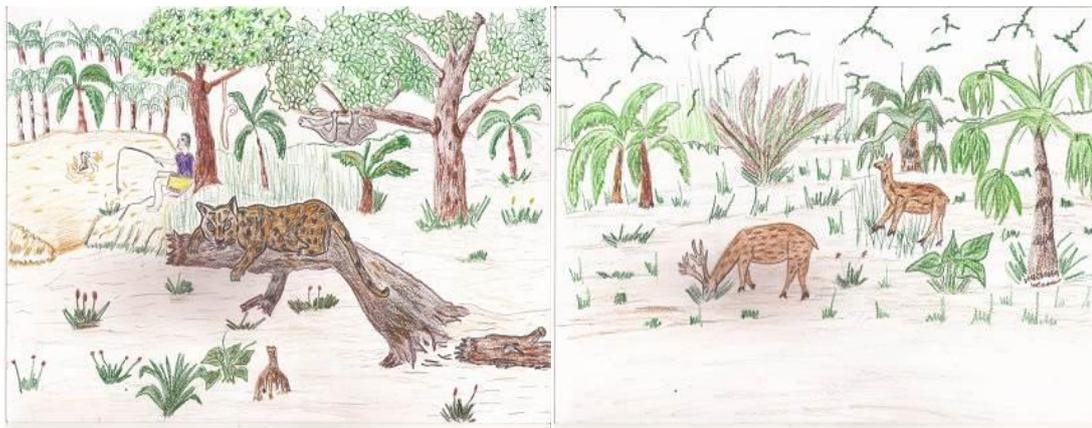
Figura 111 – Desenho de mulheres trabalhadoras



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).

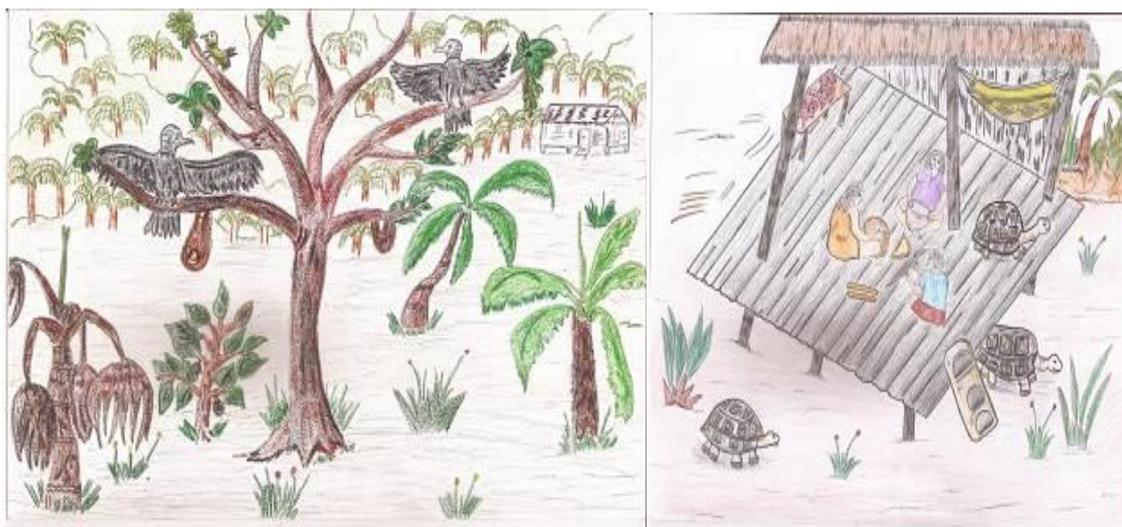
¹⁵⁰ Tradução pe. Ronald MacDonell, Nova Jordânia, São Paulo de Olivença, 2008.

Figura 112 – Desenhos de animais selvagens



Fonte: Cristovão G. Lopes e Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).

Figura 113 – Desenhos de Ambientes Kokama



Fonte: Desenho da esquerda Cristovão G. Lopes e Altaci Corrêa Rubim e da direita Cristovão G. Lopes, Orígenes Corrêa Rubim e Jaconta Rubim Moreira, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).

História dos mundos Kokama¹⁵¹!

Existem muitas formas de entender o mundo; o povo Kokama conhecem cinco espaços mundos diferentes e que são habitados por seres espirituais, aves, animais, pessoas, plantas e peixes que por sua natureza já nascem e crescem nesses espaços.

O povo Kokama chama cada espaço como Kuarachi ‘mundo’.

¹⁵¹Retirado do livro produzido pelo Programa de Formación de Maestros Bilingües de La Amazonia Peruana-FORMABIAP/AIDSESP/ISSP, Loreto. Visiones Kukama-kukamiria em relación al bosque y La sociedad. Série: Visiones y Conocimientos Indígenas. Primera edición, Iquito-Peru, Júlio, 2009. Adaptada por Altaci Corrêa Rubim/SEMED/PNCSA/LEXTERM/PPGL/UnB.

Wepe kuarachi
‘Primeiro mundo’

Figura 114 – Primeiro mundo Kokama



Fonte: Cristovão G. Lopes, Orígenes Corrêa Rubim e Altaci Corrêa Rubim. Comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-AM (2014).

Vive a mãe d’água - Ela é dona deste espaço e decide quando vai ocorrer a crescente e vazante dos lagos, rios e riachos, onde cobra grande permanece segurando os cinco espaços, acompanhando os outros seres que cuidam para não sair de lá. Entre eles estão: a onça preta, a mãe das arraias e a mãe dos tracajás.

Vive *mui watsu* ‘cobra grande’ é um espírito de um feiticeiro que matava muita gente sem motivo algum, por essa razão foi enviado para as profundezas das águas para cumprir sua sentença.

Vive a mãe dos tracajás e a mãe das arraias. Elas tomam conta deste mundo para impedir que *mui watsu* ‘cobra grande’ saia para destruir os outros mundos.

Mukuika kuarachi
‘Segundo mundo’

Figura 115 – Segundo mundo Kokama



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova esperança Kokama, Manaus-AM (2014).

Neste mundo, vivem os peixes que nos servem de alimento, como pacu, sardinhas, tracajás, cobras pequenas e outros. O dono deste espaço é *Ipira Mama* ‘mãe dos peixes’, que se relaciona com os *ikuan* ‘curandeiros’ para transmitir mensagens boas e ruins para as pessoas. A *ipira mama* também fala com *payun* ‘feiticeiro’.

Mutsapirika kuarachi
‘Terceiro mundo’

Figura 116 –Terceiro mundo Kokama



Fonte: Cristovão Lopes, Jessé dos Santos Costa, Jonas Batista e Altaci Corrêa Rubim, comunidade Nova Esperança, Manaus-AM (2014).

Neste mundo, vivem as pessoas, as plantas, as árvores, os seres espirituais e os animais. O dono deste mundo que cuida de todos os habitantes deste espaço é *iwirati mama*, ‘mãe da mata’. Ela não gosta que mexam com suas crias (árvores). Quando isso acontece, ela chama a mãe do vento e da chuva para atacar as pessoas. Às vezes também se apresenta disfarçada de pessoa para distrair as pessoas que estão na mata para errarem o caminho.

Iruaka kuarachi

‘Quarto mundo’

Figura 117 – Quarto mundo Kokama



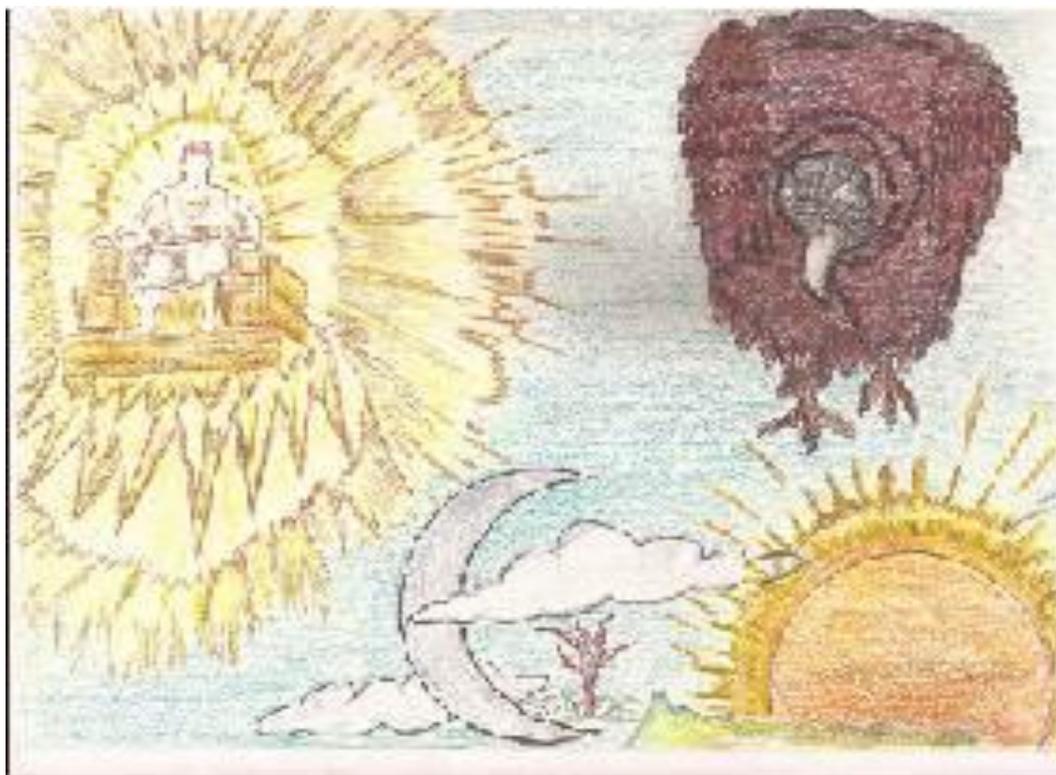
Fonte: Cristovão G. Lopes, Laura S. Rubim de Souza, Lucas dos Santos Costa e Altaci Corrêa Rubim. Comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-Am (2014).

Neste mundo, vivem as almas boas, as aves e as estrelas. É o caminho por onde chegam os mortos da terra para uma casa grande.

Pichka kuarachi

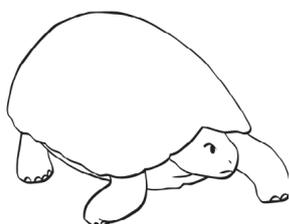
‘Quinto mundo’

Figura 118 – Quinto mundo Kokama



Fonte: Ester Batista, Jaqueline Santos, Natália dos Santos e Altaci Corrêa Rubim. Comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-AM (2014).

Onde se encontra nosso Deus – *Iwatin Papa* – quem nos cuida lá do alto. Ele vive acompanhado de *uruputini mama* ‘mãe dos urubus’. Neste mundo, encontra-se a lua e mais acima o sol.



Agora conhecemos o mundo onde vivemos e todos os seres que habitam os diferentes espaços. Eles merecem o respeito de nossos avós e também de nós.

Essas foram algumas atividades que se encontram no livro *Yawati Tinin*. A coletânea e outros materiais didáticos Kokama estão em CD (em Apêndice). Planejar a aula, pois o material traz muitas informações, é tarefa do professor que poderá acrescentar ainda mais

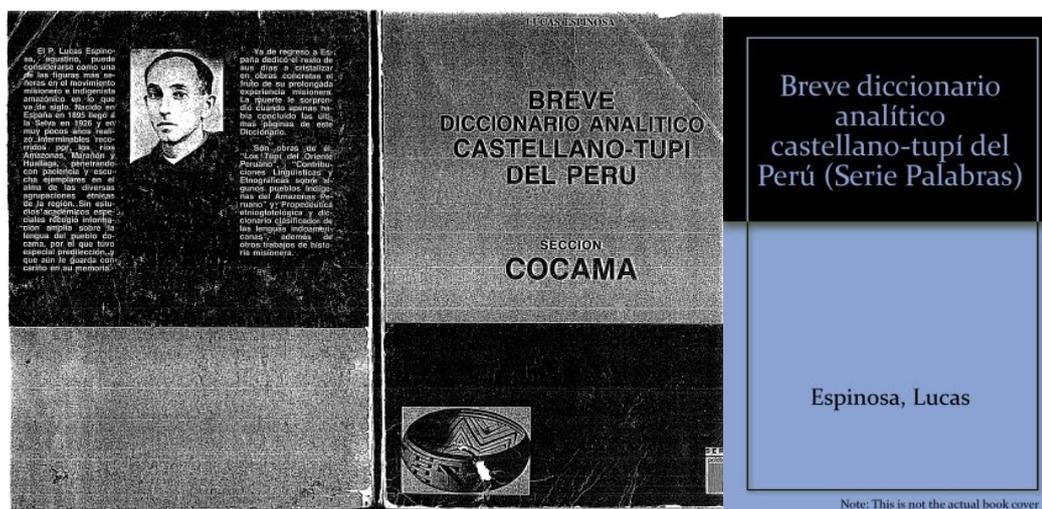
informações contextualizadas à realidade da comunidade. Entretanto, primeiramente se faz necessário reunir a comunidade e apresentar o material que será trabalhado com as crianças, os jovens e com os adultos. Sem a ajuda da comunidade o professor não conseguirá avançar no processo de retomada da língua. O material poderá ser trabalhado individualmente ou em grupo e com a comunidade. Planejar o encontro é de suma importância para o entendimento e motivação da comunidade para o ensino da língua. Além dessas lições há uma continuidade no ensino e aprendizagem da gramática Kokama.

O professor poderá contar com materiais de apoio, aqui produzidos, e outros, além dos dicionários que veremos a seguir.

3.11 Dicionários Kokama

O professor poderá buscar mais informações para enriquecer suas aulas. Se tiver um ancião que fale a língua Kokama, convide-o para participar de suas aulas. Utilize sempre o dicionário da língua Kokama, atualmente há dois: Breve Diccionario analítico Castellano-Tupi Del Peru/SECCION COCAMA, autores: Lucas Espinosa Pérez e Coautor: Angel Corbera Mori, 1ª edição em 1989, produzido em Iquitos no Peru.

Figura 119 – Capa do Breve Diccionario Analítico Castellano Tupi Del Peru (1989).



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, outubro (2015).

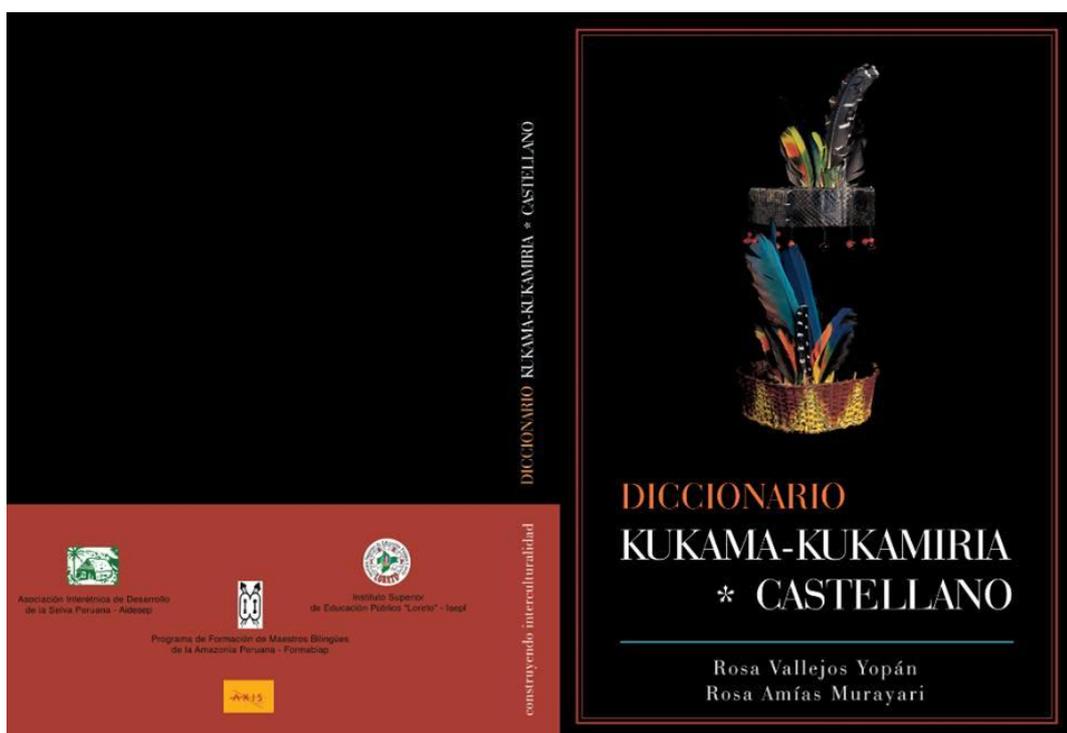
O segundo é o dicionário Kukama-Kukamiria/Castellano, autora: Rosa Vallejos Yopán¹⁵² e coautora Rosa Amias murayari, além das participações de 42 falantes, os sábios;

¹⁵²Disponível em <<https://www.facebook.com/rosa.vallejos.319?fref=photo>>acesso em out. 2015. Acesso em janeiro de 2016. VALLEJOS; AMIAS (2015).

1ª edição em 2015, produzido em Iquitos no Peru, uma publicação do FORMABIAP e das organizações indígenas AIDSESEP.

Esses dois dicionários são ferramentas importantíssimas nesse processo de fortalecimento linguístico da língua Kokama. O primeiro está com uma linguagem que quase não se ouve falar, no segundo as expressões são muito atuais. Está dentro do contexto de como hoje o Kukama-Kukamiria está sendo falado no Peru e nas fronteiras com o Brasil.

Figura 120 – Segundo dicionário Kukama-Kukamiria produzido no Peru



Fonte: <https://www.facebook.com/rosa.vallejos.319?fref=photo>.

No primeiro dicionário foi feita uma breve análise durante a disciplina de Lexicografia e Terminologia, ministrada pela Pr^a. Dr^a. Enilde Faulstich, utilizando a proposta do método de avaliação de dicionário de Faulstich (2011), o qual apresenta um roteiro de perguntas que contribuem para a análise do dicionário. Nessa perspectiva, sintetizamos aqui a análise realizada.

Preocupados com o desaparecimento da língua muitos estudiosos deixaram registro da língua para que os jovens desse povo, quando fossem retomar esta língua, tivessem meios para isso, como vemos na epígrafe do dicionário:

A presente edição destina-se a contribuir com a lexicografia das línguas indígenas amazônicas e de igual modo ao conhecimento dos jovens Cocama que, cada vez mais, estão desprezando sua língua materna de seus

antepassados para dar espaço ao idioma falado pela sociedade envolvente, em castelhano (MORI, 1989, p. 7)¹⁵³.

O dicionário Kokama foi elaborado em coautoria: Espinosa e Mori. O primeiro realizou a pesquisa durante anos, iniciou a obra, mas veio a falecer antes de concluí-la. Por este motivo Mori é quem finaliza a obra, sendo, portanto, coautor, mas a obra não cita Mori como coautor.

Espinosa não obteve reconhecimento na área de dicionarística, pois na época desse autor, apesar de existirem muitas publicações nessa área, não existiam tais estudos. Espinosa fez parte da expedição oficial na Amazônia com o capitão Francisco Iglesias Brage, que financiou os gastos para a publicação de seu livro "Los Tupí del Oriente peruano, estudio lingüístico y etnográfico", impresso em Madri no ano de 1935.

Esta obra é dividida em três partes: primeira, Linguística; segunda, etnográfica; terceira, apêndices, que compreende: catecismo na língua Omagua e Kokama; questionário Instituto Etnográfico de París, correspondência filológica e um vocabulário, concluindo com um mapa sobre a distribuição geográfica dos Tupí do Peru. Sabe-se que Espinosa possuía grandes conhecimentos na elaboração de dicionários, mas os métodos e técnicas de Lexicografia são atuais.

A obra foi finalizada por Angel Corbera Mori, graduado em Linguística pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos (1977), mestrado em Linguística pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos (1978) e doutorado em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Atualmente é professor pesquisador da Universidade Estadual de Campinas, membro de corpo editorial de Estudos da Língua (gem), Membro de corpo editorial da Liames (UNICAMP), Membro de corpo editorial do Baciuelmo (Letras. Imágenes. Creación)¹⁵⁴.

Espinosa participou da expedição oficial na Amazônia com Francisco Iglesias Brage. Essa expedição gerou três obras: a primeira sobre lingüística; a segunda, etnográfica e a terceira, apêndices. Filósofo com especialização em línguas indígenas Cocama, Comamillia e Omagua da Amazônia peruana. Ele realizou seus últimos trabalhos com a Língua e povo Kokama. Uma de suas últimas obras foi: Contribuições lingüísticas e etnográficas sobre alguns povos indígenas da Amazônia peruana. Contribuiu com o registro lingüístico e etnográfico da (língua Kokama) e de alguns povos indígenas da Amazônia peruana.

¹⁵³ MORI, Angel Corbera. *In: Breve Diccionario Analítico Castellano - Tupi Del Peru, seccion cocama.* © Ediciones C.E.T.A., 1989 Putumayo No. 335 Iquitos – Perú ISBN: 84-89295-43-3. Iquitos, 1989.

¹⁵⁴ MORI, Angel Corbera. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2662089601550549>>. Acesso em: ago. 2013.

A obra é dedicada aos jovens Kokama que cada vez mais desprezam sua língua materna Mori, (1989). O dicionário foi elaborado com a participação de revisores Kokama padre Juan Freitas, natural de Iquitos, de mãe Kokama, criado por falantes Kokama; P. Luis Silvano e a Sr^a. Sofia Pacaya, falantes plenos da língua Kokama.

No preâmbulo deste dicionário foi deixada a fala de Lucas Espinosa, autor que faleceu antes do término de sua obra. “Em este trabajo ponemos a contribución los conocimientos adquiridos sobre la lengua cocama durante dieciocho años de permanência em la misión agustiniana Del Amazonas peruano”. (ESPINOSA, 1989). Mas Mori (1989) faz a abertura se dirigindo ao leitor.

Há poucas ilustrações, mas as que são desenhadas trazem figuras que ajudam na compreensão das definições das palavras, como animais, plantas, partes do corpo, frutas, instrumentos de pesca, instrumentos musicais e outros.

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética. O autor no início do dicionário ressalta a diferença de gênero na fala da língua Kokama. Ele também fala que a escrita usada neste dicionário não apresenta maior dificuldade, pois em sua pronúncia se assemelha com o castellano, exceto algumas grafias específicas do Kokama: /i/, /ts/, /k/ e /w/.

É um dicionário com entradas e significados na língua castelhana com equivalência e exemplos na língua Kokama. A obra está impressa, é de tamanho médio, permite um manuseio prático, mas necessita de cuidado porque possui 375 folhas.

O autor não apresenta a lista de abreviaturas, isso dificulta a compreensão do entendimento de alguns significados dessas abreviações. Ex.: **matador**. adj. que mata: **umanu-ta-ra**//u.t.c.s.encargado: umanu-ta-wara//. O significado da abreviação: u.t.c.s não é compreensível. A entrada é por ordem alfabética sem especialidades. Conteúdos de modo geral. A categoria gramatical é marcada apenas para espanhol, vem abreviada, sem destaque, ex.: adj., Id., adv. prep., e outros.

As entradas contemplam léxicos que estão mais presentes no cotidiano, utilizam a semântica do uso das palavras em Kokama com exemplos de possibilidades do uso dessas palavras. Não contempla palavras derivadas e não há neologismo. Ex.: **Popa.s**. Parte posterior de las embarcaciones: **tsapyta**. ANALISIS. **Tsap-pyta** de **tsapua**, **pyta**: raiz-pie, o puntal o sustentáculo referido a la embarcación, o sea: ygara tsapyta. [...]. (ESPINOSA, 1989, p. 367). As entradas possuem várias marcações, em alguns casos, aparece o gênero e em outros casos enfatiza outras classes gramaticais, como substantivo, verbo, adjetivo etc. A categoria gramatical vem em espanhol, abreviada, sem destaque, ex.: adj., Id., adv., prep., e outros.

A obra apresenta dentro do espaço de cada entrada, definições de possíveis morfemas derivacionais que ampliam o significado da palavra de entrada, mas não apresenta critérios para discutir homonímia de polissemia. As marcas de uso - não há na entrada nenhuma explicação sobre marcas de uso observamos a separação dos exemplos por barras //; abreviaturas entre parênteses como (sing.por plur), (u.c.s); a presença de artigos: (de la); (el); (los).

O contexto é realizado por meio de exemplos. Ex.: **Abeja**. n.Insecto himenóptero que produce cera y miel.**mapa**. ‘Colmena’: **mapa úka**, abeja-casa. ‘Miel de abeja’:**mapa kawé**. ‘Enjambre’, muche-dumbre de abejas com su reina, que juntas salen de una colmena. **Wyká-ka-n mapa**. Liter. fig. de esforzarse abeja: reproducción de La colônia, uma cria.Cf. ‘fuerza’.[...]. (SPINOSA, 1989, p.17). Segundo o autor é um dicionário analítico castellano-tupi com seções na língua Kokama. Entretanto ele apresenta equivalência.

Em alguns casos ele apresenta nomenclatura científica, como: **Plátano**. s. Planta arbórea de la familia de las musáceas: **panara**. Em algumas palavras o autor traz remissas, que não estão em notas de roda pé, mas dentro dos verbetes do dicionário. Ex.: **Moriche.s**. Arbol intertropical de la familia de las palmas. Cf. ‘aguajal’. (ESPINOSA, 1989, p. 320); outro ex.: Aguaje. Palm. Nombre vulgar regional Del ‘**moriche**’ (mauritia), **myryti**. Aguajal. (ESPINOSA, 1989, p. 36).

Como fonte de pesquisa, o autor coletou as informações diretamente dos falantes da língua Kokama durante mais de 15 anos em que ficou na Amazônia peruana.

Apenas nas primeiras páginas do dicionário: nota de agradecimento aos falantes Kokama que ajudaram a revisar a obra, nota sobre o coautor da obra, nota sobre o autor da obra e uma última nota que explica t-, ta (eu) diante de verbo; **-ka** como marca de troca de lugar e **-kati** como marca de lugar.

A definição leva em conta o contexto do usuário, as definições são explícitas. A obra apresenta uma série de limitações para ser classificada como um dicionário analítico de duas línguas. No entanto, se for reeditada poderia levar em consideração as informações lexicográficas de um dicionário (lista de abreviações, sufixos, remissivas em todas as palavras, sinonímia em todas as palavras e outras informações apresentadas nessa avaliação). Vale ressaltar que o autor não terminou a sua obra, que é de um valor cultural incalculável, que poderá ajudar também na elaboração de outras obras lexicográficas da língua Kokama.

O outro dicionário Kukama-Kukamiria/Castellano foi lançado recentemente em setembro de 2015, um esforço de cinco anos de uma equipe do FORMABIAP (linguístas, associações, professores especialistas e outros). A linguista Rosa Vallejo Yopán e a

especialista Rosa Amias Murayari, Kukama organizaram e juntamente com a equipe do FORMABIAP conseguiram corrigir esta importantíssima obra para o ensino e aprendizagem da língua.

Com essas e outras ferramentas é necessário pensar e repensar de que forma o material poderá ajudá-los no ensino da língua. Ele poderá explorar cada assunto o máximo que for possível, procurando avançar após os aprendizes terem um certo domínio do assunto; ele poderá ressaltar sempre o cuidado com o meio ambiente, seja na escola, na área da comunidade e em suas casas.

A oralidade é a forma pela qual se vivencia a cultura nas comunidades autóctones e de muita importância para o ensino e aprendizagem da língua. Para Barth (2000), a cultura nada mais é do que uma maneira de descrever o comportamento humano, por isso que há determinadas pessoas que compõem grupos que formam unidades étnicas que correspondem a cada cultura. Em busca de aprender esse comportamento, estas linguagens, essa língua, os aprendizes da língua Kokama, tanto no Peru quanto no Brasil estão muito engajados, principalmente os professores.

Todos esses materiais estão em processo de elaboração, sendo redimensionados, a partir do método de revitalização de línguas em extinção.

3.12 Histórias em Quadrinhos Kokama – HQK

A história em quadrinho é uma técnica visual com imagens para contar histórias. A duração e a observação de suas experiências têm a ver com o que chamamos de tempo. Ele se combina com espaço, som e interdependência, “na qual as concepções, ações, movimentos e deslocamentos possuem um significado e são medidos através da percepção que temos da relação entre eles” (EISNER, 2001, p. 25).

No decorrer da elaboração da coletânea de livros pedagógicos didáticos *Yawati Tinin* para o ensino e aprendizagem da língua Kokama foram coletadas muitas histórias de antigamente e contos Kokama. Tendo isto em mãos, propomos transformar algumas histórias e contos em HQK para serem utilizados nas escolas Kokama do Amazonas. A partir de então foram criadas as histórias, “o sucesso ou fracasso desse método de comunicação depende da facilidade com que o leitor reconhece o significado e o impacto emocional da imagem.” (EISNER, 2001, p. 14).

As imagens do imaginário dos contadores de histórias foram aqui personalizadas de forma icônica, metafórica e como símbolo. Buscou-se respeitar os traços de movimento, as

sucessões simultâneas, a sequencialidade temporal e espacial. Assim, a leitura imagética, é um recurso valioso para apropriação da cultura.

Vale ressaltar que as histórias de origem ou criação de algo, o começo do mundo, a origem do homem Kokama, o jovem garça, a mulher tartaruga e outros são histórias de antigamente. Esses personagens se expressam por meio da fala com uma intensionalidade e eles estão localizados num tempo remoto, “não vivenciados por ancestrais conhecidos nem por pessoas vivas” (SCARAMUZZI, 2008, p. 87).

É necessário ressaltar que tal diferenciação entre o que na tradição escrita ocidental se classifica como mito e história, não faz jus às concepções de tempo imbuídas nos regimes de conhecimentos indígenas e nas sociedades de tradição oral de forma geral (SCARAMUZZI, 2008, p. 87).

Para o povo Kokama contar histórias antigas, histórias de hoje, conto e outros tipos de narrativas não está necessariamente ligado à categorização dessas narrativas, pois muitos utilizam a palavra mito para denominar certas narrativas, sem, contudo, significar que é algo à parte de sua cultura. Essa forma particular de ouvir, dramatizar as narrativas mostra a organização política e sociocultural desse povo, assim como as vivências compartilhadas por todos.

A primeira HQK foi *Htsiwatsu Yawatimuki* – ‘O Jabuti e o veado’; esta história Kokama foi escolhida por ter o personagem do jabuti, animal que aparece na coletânea e muito familiar aos Kokama. Pensar na elaboração desse quadrinho foi necessário ter lido um pouco de Arte Sequencial para dar base ao processo de criação. A Arte Sequencial surgiu como uma disciplina juntamente com a criação cinematográfica, devido à velocidade no desenvolvimento da tecnologia gráfica e ao aparecimento de uma época muito dependente da comunicação visual, “[...] ela surgiu como disciplina discernível ao lado da criação cinematográfica, da qual é verdadeiramente uma precursora Will Eisner (2001, p. 5).

Nesse sentido, exploramos a metodologia de Histórias em Quadrinhos para enriquecer o processo de vitalização de uma língua indígena utilizando imagens e palavras.

A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes (EISNER, 2001, p. 13).

Essa experiência foi de suma importância para criar os desenhos contextualizados, pois a artista pertence ao próprio povo e produz desenhos que são conhecidos pelo povo, por

meio das histórias e vivências em seu cotidiano. Nessa perspectiva surgiu a ideia de criar as HQK, a primeira “O veado e o jabuti”, pois a leitura imagética traz uma melhor compreensão.

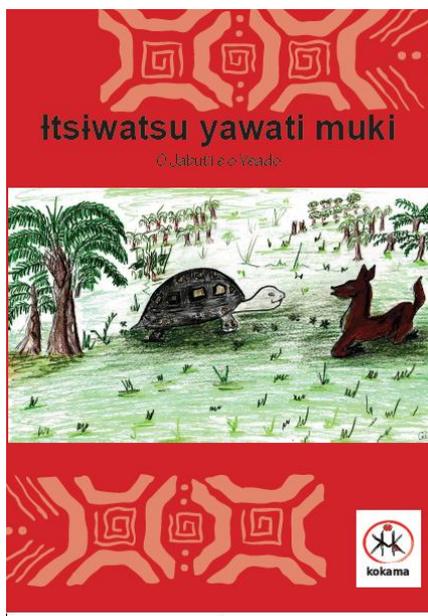
As HQK foram organizadas pelo tempo vivenciado pelos Kokama. A experiência temporal vivida pelo povo Kokama, é expressa em suas narrativas como nas histórias antigas. Há marcações históricas que demonstram a forma de organização do tempo. Quando os animais transformavam-se em pessoas foi um tempo, como apresentado nas histórias Kururu Waina ‘Mulher Sapo’; Kunumi Umari ‘Jovem Garça’ e Puka Waina ‘Mulher Tartaruga’ essas histórias estão no livro que possuem a capa de cor vermelha; outro tempo foi quando os espíritos se transformavam em pessoas Karuara ‘Gente da água’ essa história está no quadrinho com a capa de cor amarela; o tempo da intrínseca relação dos Kokama com a natureza pode ser entendida nos quadrinhos “Kutipa/Kanuparita” e Yatsi ikira ‘Lua Verde’ apresentadas na história em quadrinhos com a capa de cor azul; o tempo dos ensinamentos, itsiwatsu Yawatimuki ‘O jabuti e o veado’ e “Yawati Tinin” ‘Jabuti Branco’ essas se apresentam na capa da história em quadrinho de cor verde.

Para Vilém Flusser (2013), antes do surgimento da escrita os homens se comunicavam por meio de imagens. “E, mesmo depois da invenção da escrita, os códigos de superfície, como afrescos e mosaicos, tapetes e vitrais de igreja, continuavam mantendo um papel importante. Somente após a invenção da imprensa é que o alfabeto começou a si impor” (FLUSSER, 2013, p. 129).

No processo de vitalização de uma língua, uma das estratégias é utilizar as imagens dialogando com a tecnologia; com o tradicional e com o moderno.

Vale ressaltar que outros aspectos que constituem o processo de elaboração de HQ devem ser observados; o *time*, fenômeno do tempo da duração, da vivência de uma HQ, é muito importante, se combina com o “espaço e o som numa composição de interdependência” (EISNER, 2001, p.25). Nascemos, crescemos em ambientes onde apreendemos a forma de visualizarmos o tempo e o espaço em que estamos inseridos. A forma de percebermos o som, como, por exemplo, o som dos pássaros para determinadas épocas do ano, o som dos barcos, o som dos animais, os alertas de perigo na mata, entre outros percebidos por meio de sons.

Figura 121 – Capa da HQK O Veado e o Jabuti



Fonte: Desenho de Altaci Corrêa Rubim; Ilustração e diagramação de Vanessa Porto, 2014.

As sinalizações visuais são muito percebidas por este povo, então o espaço é muito representativo, “o espaço, na maioria das vezes, é medido e percebido visualmente” (EISNER, 2001, p. 25). Nesse sentido, em cada quadro, em cada sequência buscou-se deixar muito próximo do que é percebido como espaço pelos Kokama. É sabido que as HQ têm suas limitações, mas aqui exploramos ou tentamos explorar os limites que só os quadrinhos têm que são as narrativas.

O tempo pode ser visto de diferentes formas nas culturas e, “é percebido pelo acúmulo de experiência, o qual podemos medir, por meio de nossas lembranças”, (EISNER, 2001, p. 25). Medir o tempo pela posição do sol; realizar uma plantação observando o tempo das cheias e vazantes são formas de medir o tempo visualmente.

Meu povo mede o tempo de diferente forma, vou falar alguns exemplos. O tempo medido pelo som-a cigarra amanhecendo e anoitecendo cantando é sol; quando a cigarra canta entre as dez horas e quatorze horas cairá chuva. Ouvir o pássaro aracuan cantando o verão está forte, até o aracuan canta chamando chuva; o tempo visual-medido pela posição da lua, lua inclinada para direita é sol; lua inclinada para esquerda é chuva, lua centralizada o tempo ficará nublado; medidos o tempo também pelo sol. Muitos de nossos idosos até hoje, eles vêem a ora pelo sol, eles têm relógio, mas quando você pergunta, eles olham para o sol e falam, eles não eram a ora. Professor Orígenes Kokama¹⁵⁵.

¹⁵⁵Entrevista realizada na comunidade Nova Esperança Kokama, Manaus-AM. Em agosto de 2015.

O acúmulo de experiência torna possível a apropriação de significados presentes no cotidiano que expressam o tempo. Nas histórias em Quadrinhos, o tempo é muito importante e deve ser trabalhado com toda a atenção, pois “a habilidade de expressar tempo é decisiva para o sucesso de uma narrativa visual” (EISNER, 2001, p. 25). O desafio foi manter os preceitos narrativos e manter a história em pé.

Os Kukama-Kukamiria têm suas formas de conceber o tempo.

Las categorías astronómicas temporales son las siguientes: el sol (kuarachi), la luna (yatse), las estrellas (tsitsu). Asimismo, entre las constelaciones observan a las Pléyades (Wata tsitsu). Orión (Awa tsu+ma), Antares de Escorpión (Yakari tsaiwa). Sin embargo, los Cocama-Cocamilla expresan en una sola categoría (kuarachi) al orbe celestial, al cielo y al día. (GRÁNDEZ, 2014, p. 58).

Tanto os Kokama do Brasil, como os Kokama do Peru estão interligados por sua cosmovião, um expressado mais na língua que o outro, mas com os mesmos elementos naturais, os quais possuem uma relação intrínseca.

Referirse a los diferentes momentos del ciclo diurno: Kanatari ñutsu, va a amanecer (3 o 4 a.m.), ini kanata, ya ha amanecido (5:30 a 6 a.m.), kuarachi uchimari utsu ó ai kuarachi uchimari, ya sale el sol (entre las 6 y 7 a.m.), Wati kuarachi ó ay kuarachi iwati Ya está arriba el sol (7 a.m.) es cuando el sol aparece por encima de la cobertura de los árboles, Ipankatukuari kuarachi utsu (más o menos a las 10 a.m.), Ipankatuka kuarachi o ay kuarachi ipamatuka (medio día), Ay kuarachi kakurupika (ya va a ser tarde), kuarachi akiari yutsu (ya se oculta el sol=ocaso), Ay kuarachi aki (ya ha entrado el sol), ipitsa miriti ini (media noche, todo está en silencio, no se escucha ningún ruido). En general, la noche se denomina ipitsa (GRÁNDEZ, 2014, p. 59).

Assim, utilizar os elementos do tempo “timing” para conseguir expressar a mensagem desejada, ou uma emoção é de suma importância, esses elementos nos permitem, pois “uma história em Quadrinhos torna-se “real” quando o tempo e o *timing* tornam-se componentes ativos da criação” (EISNER, 2001, p. 26). Para os Kokama, o espaço também é visto pelas histórias antigas contadas e atualmente dramatizadas pelos Kokama da comunidade Nova Esperança de Manaus-Am.

Rivas señalando, que para los Cocama-Cocamilla la luna, yatse y sus distintas fases tiene una influencia muy grande para la realización de las actividades, en especial de la agricultura. No en vano el proceso de crecimiento de la luna es percibido como un fruto en vía de madurar. Este astro es también importante para la computación del tiempo. Ellos tienen cinco vocablos para percibir a la luna en sus diferentes fases: +k+ran

Yatse, +wati Yatse, Manawari Yatse, kaku-rupe Yatse y ukaima Yatse.
(GRÁNDEZ, 2014, p. 59).

Figura 122 – Parte da HQK O Veado e o Jabuti

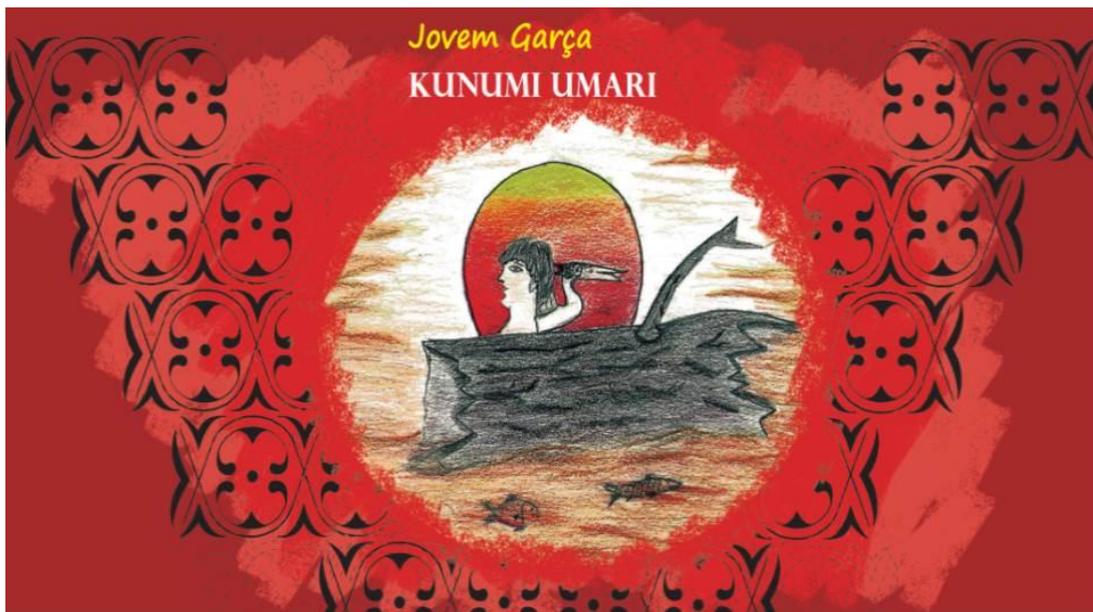


Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Lexterm/PPGL/UnB (2014).

Nessa sequência temos o uso dos elementos do tempo para marcar o espaço e o som, como marcador da distância. O veado chama: irmão jabuti! O jabuti responde: U!U!U! Expressando que está sempre à frente “essa dimensão da compreensão humana que nos torna capazes de reconhecer e de compartilhar emocionalmente a surpresa, o terror e todo âmbito da experiência humana” (EISNER, 2001, p. 26) em que o narrador de HQ faz um exercício de sua arte.

E exercitando, criamos 8 (oito) HQK. A segunda HQK foi a História antiga do “Kunumi Umari” – O Jovem Garça; ele foi escolhido por ser um História antiga muito conhecido pelos Kokama e por estar em um dos materiais didáticos para professores Kokama elaborados no curso de formação para professores Kokama do Alto Solimões OGPTB/UEA. Esta História antiga é dramatizado e rememorado por várias escolas Kokama do Amazonas, como Manaus, Benjamin Constant e Tefé. (Ver no Cap. I).

Figura 123 – Capa da HQK Jovem Garça



Fonte: Desenho de Altaci Corrêa Rubim; Ilustração e diagramação de Vanessa Porto (2014).

A função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar idéias e/ou histórias por meio de palavras ou figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em seguimentos seqüenciados [...]. São parte do processo criativo, mais do que um resultado da tecnologia (EISNER, 2001, p. 38).

As HQK produzidas também têm o intuito de despertar nos leitores o desejo em aprender a criar e a recriar histórias do seu cotidiano, da sua comunidade, da sua escola e outros. Assim, o eixo temático que trabalhamos foram as HQK “Puka Wayna” - Mulher Tartaruga; “Kururu Wayna” - Mulher Sapo; e outras.

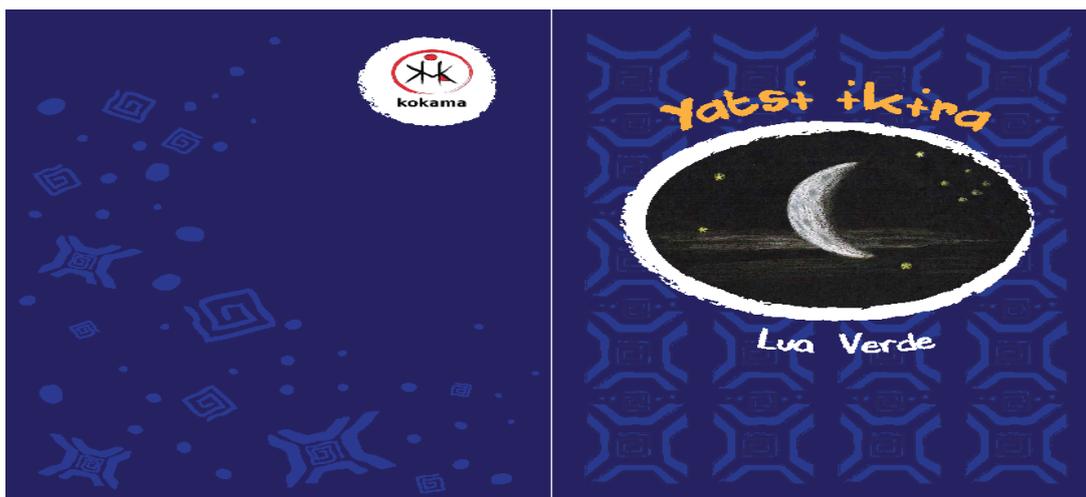
Figura 124 – Capa da HQK Mulher Sapo



Fonte: Marjorie Yamada, novembro (2015), Brasília; Desenho Altaci Corrêa Rubim.

O povo Kokama já tem a cultura da escrita inserida no seu cotidiano, isso não significa que a oralidade tenha deixado de ser valorizada, mas há poucos falantes da língua Kokama no Brasil, então a escrita é uma das ferramentas nesse processo de vitalização. Para FLUSSER (2013) a invenção da escrita foi de suma importância para elaboração da consciência histórica.

Figura 125 – Capa da HQK Lua verde



Fonte: Marjorie Yamada, Brasília (2015). Desenho de Altaci Corrêa Rubim.

“Nós vivemos em um mundo imagético que interpreta as teorias referentes ao ‘mundo’” (FLUSSER, 2013, p. 130). Aqui o mundo é Kokama, as imagens buscam apreender o leitor com essa perspectiva.

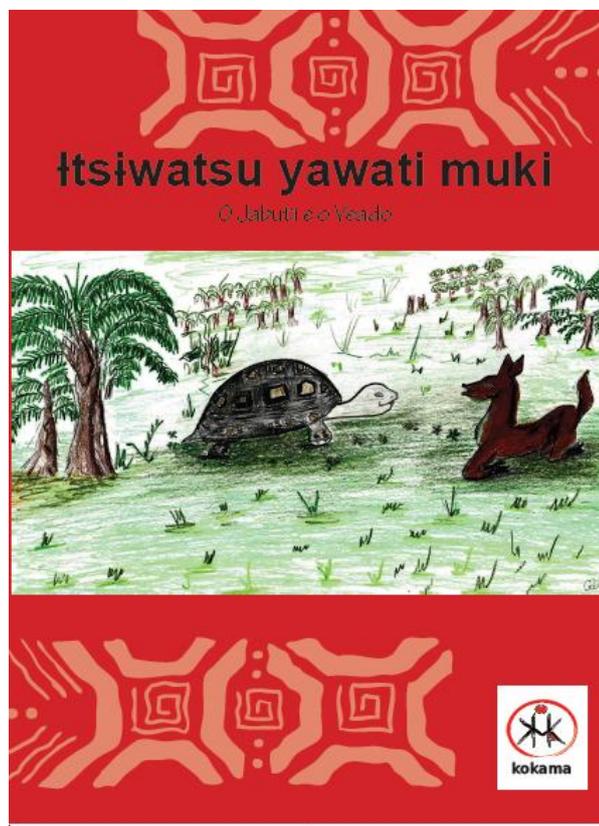
Lua verde



Fonte: Desenho da História em Quadrinhos Kokama Lua verde. Produzido por Altaci Corrêa Rubim, 2015.

Começamos um trabalho fazendo tirinhas e depois fomos para as HQK. Esta foi a primeira história que produzimos.

Figura 126 – Capa da HQK O Jabuti e o Veado



Fonte: Desenho de Altaci Corrêa Rubim; Diagramação e arte Vanessa Porto (2014).

As HQK que produzimos tem uma forma tradicional de começo, meio e fim e trazem sempre uma lição, como os contos. Eles trazem uma abordagem artística, social de ensino e aprendizagem, seus traços são muito específicos, pois tratam da cosmovisão de um povo. Nesse sentido para conseguir expressar esta linguagem fiz um curso específico de desenho para aprimorar minha técnica de desenhar. Apresentei para meus sobrinhos e para algumas crianças da comunidade, assim como fora da comunidade. Quando eu apresentei para as crianças da comunidade, elas se identificaram com os desenhos. Quando apresentei para crianças fora da comunidade, elas gostaram, mas depois pediram para que eu desenhasse a Pepa em quadrinhos para elas.

As Histórias em Quadrinhos têm cunho de política linguística e cultural; é comunicação e, têm um público direcionado, pois:

Uma imagem é uma superfície cujo significado pode ser abarcado num lance de olhar: ela “sincroniza” a circunstância que indica como cena. Mas, depois

de um olhar abrangente, os olhos percorrem a imagem analisando-a, a fim de acolher efetivamente seu significado; eles devem “diacronizar a sincronicidade” (FLUSSER, 2013, p. 131).

Nesse caso, daremos um exemplo observando um desenho abaixo:

Figura 127 – Desenho da Coletânea Yawati



Tinin

Fonte: Altaci Corrêa Rubim e Cristovão Lopes, 2013.

Para um Kokama, ao passar um olhar rápido pelo desenho, observa de imediato que é um desenho de “plantação de uma roça”, mas “somente após a diacronização da sincronicidade é que se reconhece” (FLUSSER, 2013, p.131) que há dois homens, uma enxada e um filho de uma planta dentro do desenho da “plantação de roça”.

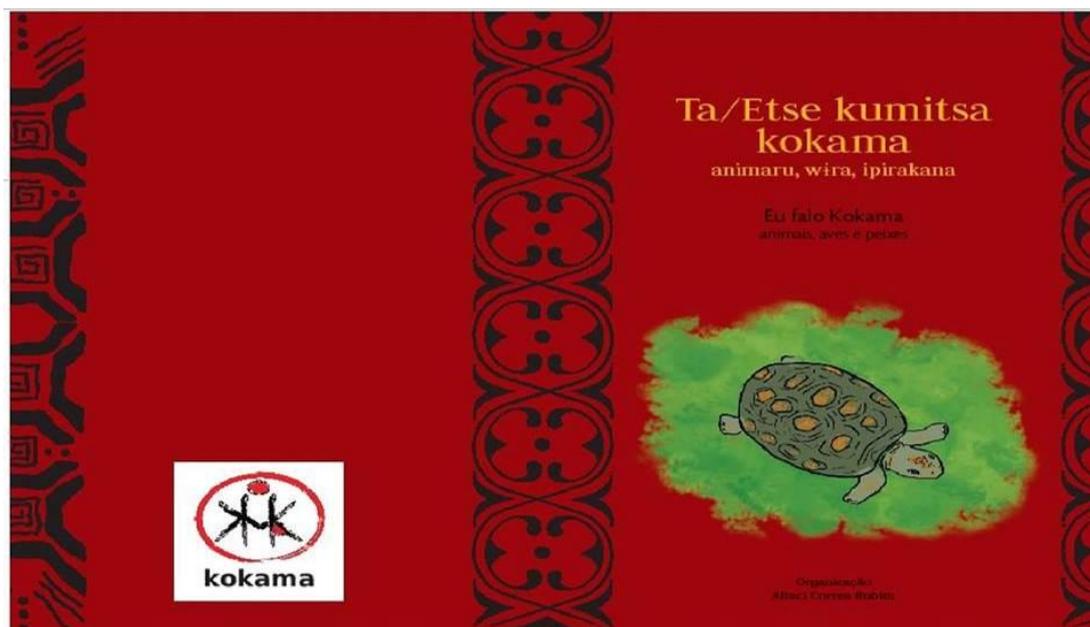
A imagem com a escrita nos ajuda a reconstruir um passado, fortalecendo a cosmovisão de um povo e de sua identidade. Assim produzimos coletivamente dois livros didáticos utilizando imagem e pequenos textos.

3.13 Livro Didático Ta/Etse Kumitsa Kokama

Os dois livros didáticos chamados *Ta/Etse kumitsa Kokama* ‘Eu falo Kokama’ foram elaborados em conjunto com professores Kokama na I Oficina de ensino e aprendizagem da

língua Kokama ocorrido em Tabatinga-AM em agosto de 2015. Este material não é uma HQ, mas ressalta a cosmovisão do povo Kokama com desenhos e pequenos textos explicativos sobre animais, aves, peixes e outros.

Figura 128 – Capa do livro didático Ta/Etse Kumitsa Kokama de animais, aves e peixes



Fonte: Desenho de Altaci Corrêa Rubim, produzido por Lexterm/PPGL/UnB; Arte e diagramação por Vanessa Porto (2015).

Este material contém informações sobre onde vivem alguns animais, aves e peixes, onde moram, de que se alimentam e outras informações. Desenhos feitos de animais que estão dentro da visão social do povo Kokama:

Figura 129 – Desenho do livro Ta/etse kumitsa Kokama ‘Eu falo Kokama’

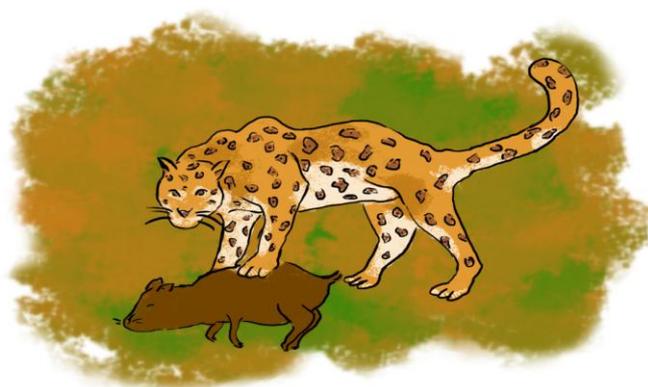


Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Lexterm/PPGL/UnB, 2015.

Reafirmo que a produção dos desenhos e todo material de ilustração da coletânea *Yawati Tinin* foi feito na comunidade Nova Esperança Kokama em Manaus, uma espécie de ajuri pedagógico com a participação de crianças, jovens, adultos, professor e idosos que contribuíram significativamente na elaboração de todos os desenhos.

Por sua vez, os desenhos das HQK e dos Livros Ta/etse kumitsa Kokama foram elaborados no Centro no Lexterm da UnB. Os desenhos desses livros foram entregues para diagramação depois foram diagramados e ficaram da forma que estão abaixo; os desenhos foram aprovados pelos professores e comunidade Kokama na I Oficina pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama:

***iwirati yawara* - ‘onça’**



Ikian iwirati yawara animaru. Ra eyu tsu reay ra kakiri iwiratikuara. Ikian animaru uyarun.

‘A onça é um animal. Ela come carne e mora no mato. Este é um animal perigoso’.

O livro *Ta/etse kumitsa Kokama* fala também das aves, aqui no caso da arara, esta ave antigamente servia para alertar este povo da chegada dos inimigos ao seu povoado. Na frente do povoado, sempre próximo ao rio, as araras ficavam nas árvores quando observavam que as pessoas que atracavam suas canoas não eram do povoado, elas gritavam dando alerta da chegada de inimigos. Esta ave também tem sua carne apreciada e suas penas como adorno de cocar¹⁵⁶. Entretanto, como há poucas araras nas comunidades Kokama, eles estão cuidando para que ela não desapareça de vez.



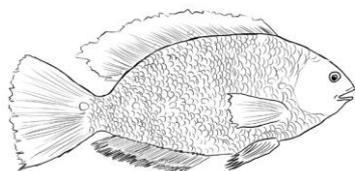
Ikian wirawatsu ra pepu, pītani, tsenepukan reai iyun. Ra kakiri wekaka, iwatari miritipankuara, ra eyu miriti ya, reai manaka tsai.

‘É uma ave de pena vermelha, azul e amarela. Vive voando e pousada nas árvores. Come a fruta de buriti e de bacaba’.

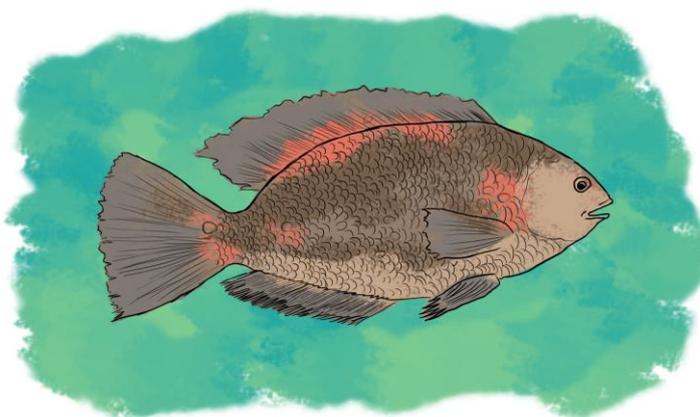
Este livro, *Kumitsa Kokama* também traz os peixes, base da alimentação de muitos povos indígenas, principalmente para os Kokama que os comem, assados, guisados, cozidos, moqueados.

***Akaratsu* ‘carauaçu’**

¹⁵⁶ Adorno usado na cabeça pelos povos indígenas para indicar a questão de hierarquia, beleza e outros.



Dessa forma foi entregue às diagramadoras e depois ficou como está a seguir, estes desenhos foram submetidos à aprovação dos professores comunidades e lideranças durante a I Oficina Pedagógica para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama em Tabatinga.

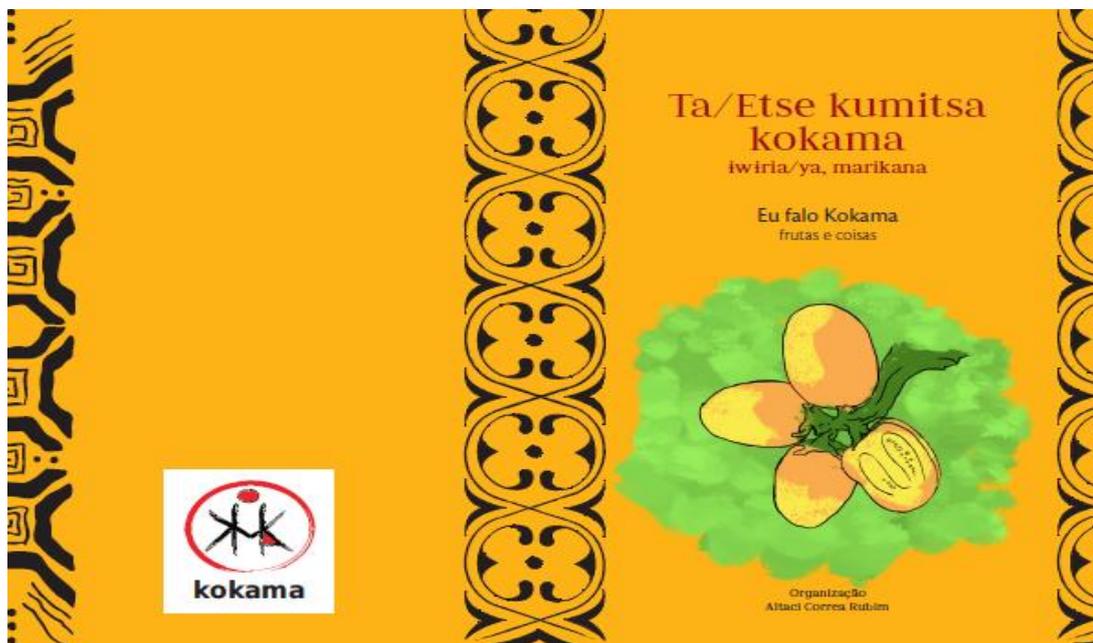


Ikian wepe ipira, yapuan tsunin ra kakiri unikuara ipatsu tsimakuara, ra eyu tsiwii reai ipira tsu.

‘É um peixe de forma redondada, cor negra; vive na água na cabeceira dos lagos, nas ressacas dos rios. Come minhoca e carne de peixe’.

Outro livro didático o *Ta/etse kumitsa kokama* ‘Eu falo Kokama’ apresenta frutas e temas sobre frutas.

Figura 130 – Capa do livro Ta/Etse Kumitsa Kokama: frutas e coisas



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, diagramação Vanessa Porto, Brasília, 2015.

Observamos, mediante essa longa e importante produção que a política linguística nasceu na década de 60¹⁵⁷ como área de estudo com o intuito de pesquisar o poder e sua relação entre as línguas. Nesse sentido, uma língua em processo de vitalização, a relação de língua e poder estão intrinsecamente relacionadas, principalmente quando o povo assume o processo de retomada da língua.

A elaboração dos materiais didáticos pelos próprios Kokama é o processo de uma política organizada pelo próprio povo que se iniciou na década de 1980; em 2005 iniciou-se a formação de professores Kokama, em seguida, a comunidade passou a construir materiais didáticos pedagógicos, primeiramente para os professores e depois para os alunos.

Outros temas, igualmente relevantes, como a ortografia, discutiremos no Capítulo IV, processo acerca do qual os Kukama-Kukamiria do Peru têm ampla discussão, pois a nova geração de Kokama do Brasil assume o compromisso de fortalecer o aprendizado da língua por meio das iniciativas acima mencionadas e busca caminhos para a construção de uma escola que seja realmente significativa para os Kokama.

Assim esperamos que a experiência do povo Kokama na retomada da língua venha a estimular outros povos indígenas a fortalecer sua língua e a sua cultura e que o Estado esteja

¹⁵⁷ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_lingu%C3%ADstica>. Acesso em: 20 ago. 2014.

disposto a implementar uma política linguística específica para todas as “minorias étnicas”, que respeite sua autonomia e fortaleça a sua língua conforme sua cosmovisão.

Entretanto, não se pode esquecer de que estamos num mundo contemporâneo e também precisamos estabelecer um diálogo entre os conhecimentos tradicionais e as tecnologias da atualidade. Nesse sentido, veremos como as novas tecnologias de diagramação de livro têm ajudado os Kokama na elaboração de seus materiais, como facilitar o ensino e aprendizagem por meio de um aplicativo para celular android chamado “Kokama Tradutor”.

3.14 Aplicativo para celular android “Kokama Tradutor”

A educação na contemporaneidade está sendo ocupada pelas mídias “sejam elas eletrônicas ou digitais” (FILÉ, 2011, p.33). A essa questão estão relacionados o rádio, televisão, jornal entre outros.

Na era digital, os computadores ganham grande aceitabilidade em todos os ambientes da contemporaneidade, em casa, escritórios, escolas e além. Os celulares, iphone, tablets são equipamentos tecnológicos que possuem uma durabilidade rápida, pois estão em constante atualização e logo ficam obsoletos.

O meio de comunicação ficou mais rápido encurtou a distância entre países e culturas diferentes. Para Filé (2011) as tecnologias do passado surgiram lentamente, mas trouxeram profundas modificações no passado da humanidade. Assim como as tecnologias atuais estão fazendo.

Os povos indígenas entram em contato com a era digital e se instrumentalizam para utilizá-las em favor de suas causas. O uso do **GPS** “Global Positioning System”, sistema de navegação por satélite com um aparelho móvel, envia informações sobre a posição de algo em qualquer horário e em qualquer condição climática¹⁵⁸.

A utilização do GPS pelo PNCSA juntamente com os povos e comunidades tradicionais da Amazônia, do Brasil, da Argentina e de outros países tem contribuído para o processo de empoderamento desses povos, para dar visibilidade à demarcação de seus territórios como vimos no mapeamento situacional de algumas comunidades Kokama do Amazonas.

Dessa maneira, os povos tradicionais buscam meios digitais na América Latina para vitalizar suas línguas e divulgar sua cultura.

¹⁵⁸ Disponível em: <www.significados.com.br/gps/>. Acesso em: 17 dez. 2015.

A utilização da rádio web tem chamado atenção de povos tradicionais que a utilizam com frequência, a exemplos temos rádio Yandê, primeira rádio indígena do Brasil¹⁵⁹. Temos também Kokama rádio webe, resistência indígena, onde ocorre a notícia do povo Kokama e do alto Solimões¹⁶⁰.

O celular é um instrumento digital popularizado e muito utilizado pelo povo Kokama. Vimos a oportunidade de alcançar mais Kokama com este instrumento. O aplicativo é um conjunto de ferramentas desenhadas, ou seja, um software aplicativo é um programa de computador que tem por objetivo ajudar seu usuário a desempenhar uma tarefa específica. Os aplicativos também são conhecidos por Apps, por causa do significado em inglês Application¹⁶¹.

Em dezembro de 2015, foi lançado um aplicativo educativo iãdêrôka ‘Nossa casa’ construído coletivamente pelos estudantes de Políticas linguísticas e o App Povos Indígenas da América Latina¹⁶². O App iãdêrôka está localizado no Google play e poderá ser baixado: //applink.com.br/ianderoka. Este App poderá ser baixado em celulares que tenham a configuração de Google play e outros. Nesse aplicativo, podemos visualizar como ele foi construído; realizar pesquisa sobre nomes indígenas na cidade de São Paulo; ver o álbum do curso; vídeos, Vocabulário Pedagógico Nheengatu-Português e outros. São iniciativas como esta que constantemente são veiculadas no facebook. As línguas indígenas Latino Americana estão na era do ativismo digital, um exemplo é o projeto de app “Propuesta: App para Aprender Guaraní Del Sur de Bolívia¹⁶³”.

O projeto do aplicativo para celular foi pensado para ajudar o professor e a comunidade Kokama no processo de fortalecimento da língua. Mas com o decorrer do processo atingirá o povo Kokama além das fronteiras e outros povos que queiram saber um pouco de nossa língua, pois ele será liberado para ser baixado em todo mundo. Este aplicativo compõe a proposta de uma abordagem para a vitalização da língua Kokama, mais uma ferramenta importante nesse processo. Para criar este aplicativo buscamos a parceria da empresa de software “Firasoft” em Brasília.

Descrição Básica do Projeto

¹⁵⁹ Disponível em: <radioyande.com>. Acesso 17/12/2015.

¹⁶⁰ Disponível em: <<https://plus.google.com/104066308396614999348/posts>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

¹⁶¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/software_aplicativo>. Acesso em: 12 dez. 2015.

¹⁶² Disponível em: <<http://www.diversidadesemspirale.pro.br/2015/09/curso-politicas-linguisticas-e-povos.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

¹⁶³ Rising.globalvoices.org.Acesso 14/12/2015.

Descrição dos itens do Projeto:

1. Tradutor Kokama para Português BR.
2. Aplicativo apenas na plataforma Android 4.0 ou superior.
3. Aplicativo na conta da Fira Soft na Play Store.
4. Léxico para a base de dados.
5. Base no App.
6. Tela de traduzir (dois campos de texto, botão de translate) Português/Kokama.
7. Tela de About.

Na visibilidade do produto desejado, a tradução será tanto do Kokama para o português, quanto do português para o Kokama.

O aplicativo funcionará apenas na plataforma de android 4.0, pois as versões anteriores já estão defasadas. Os aplicativos android 4.0 são os mais atuais e possuem uma versatilidade maior. Segundo pesquisas encontradas no Google hoje a maioria de usuários de celular utilizam sistema android¹⁶⁴.

O léxico escolhido para está no Aplicativo móvel foram partes do corpo, numerais, aves, peixes, coisas, frutas, nomes de pessoas, vestuário, instrumentos de cozinha, instrumentos de trabalho, nomes de espaços educativos, verbos, aves, nomes das festas em Kokama e outros num total de mais de 900 léxicos, mas poderá ser atualizado e com a possibilidade de ser em três línguas Kokama, português e espanhol.

O aplicativo funcionará sem ônus para o povo na Play Store e poderá ser baixado pelo usuário. A segurança e a forma de baixar este aplicativo é favorável para que os interessados possam utilizar em seus celulares sem necessariamente está conectado à internet.

O App terá a logo Kokama que, ao ser clicado, abrirá a página do aplicativo e as informações de elaboração, numa tela chamada de about. Baseado nos itens pensados para a diagramação dos materiais Kokama, o aplicativo seguiu a mesma orientação para ficar na configuração a serque fosse visualizada a identidade do povo Kokama.

A pessoa que utilizar o aplicativo não terá dificuldade em pesquisar palavras em Kokama que tenham ï, o i central, pois poderão utilizar as teclas com as letras i ou a tecla com o sinal + que aparecerá a escrita correta da palavra. Exemplos:

Na palavra em Kokama taira (filho) na fala masculina.

A pessoa poderá escrever no celular taira ou ta+ra que o resultado sairá taira (filho).

¹⁶⁴www.techtudo.com.br. Acesso 12/12/2015.

Outro exemplo: a palavra Kokama yaki (cabeça).

A pessoa poderá escrever no celular yaki ou yak+ que o resultado da escrita sairá correto yaki (cabeça).

Assim como o Google tradutor a pessoa clicará nas setas do aplicativo para mudar de idioma e assim encontrar as palavras em Kokama ou em Português com as temáticas acima mencionadas.

Dessa forma, procuramos manter o mesmo projeto gráfico em todos os materiais didáticos pedagógicos para a vitalização da língua Kokama como veremos a seguir.

CAPÍTULO 4 – PROJETO GRÁFICO

Na era das tecnologias digitais, de novas linguagens e de extensa comunicação, as culturas estão sendo envolvidas e chamadas a uma interação, assim como as tecnologias dos nossos antepassados que trouxeram modificações profundas nas sociedades. As modificações, antigamente, ocorriam mais devagar, mas as tecnologias atuais estão aceleradas; esse processo se dá em todas as sociedades contemporâneas.

Neste trabalho, usamos as tecnologias de diagramação de materiais didáticos, uma nova forma de tratar conhecimentos tradicionais pela tecnologia de diagramação, como ferramenta educacional para uma língua em vitalização.

A parceria com as graduadas em desenho industrial Marjorie Yamada e Vanessa Porto possibilitou aos Kokama desenvolver uma interface gráfica entre a cultura Kokama e o que há de moderno na questão de diagramação de material didático. O projeto gráfico pensado para diagramar os livros Kokama foi apresentado como trabalho final de conclusão de curso das duas estudantes em 2013.

Neste capítulo, apresentamos o projeto piloto para material didático para uso em escola indígena, com o conteúdo bilíngue Kokama/Português. O livro ilustrado mostra o contexto cultural Kokama pela identidade visual da publicação e dos exercícios. A série conta com um personagem mascote, um jabuti branco.

Yawati Tinin é um jabuti¹⁶⁵ com o casco branco. Nas lições, ela levanta as discussões em sala de aula e ajuda na apresentação de conteúdos. A jabota ajuda a criar vínculo afetivo com o material. O formato pensado em folhas grandes medindo 200 x 300 propiciou uma melhor descrição das atividades, seja pelas imagens, seja pelas letras. A seguir, explicitaremos como foi realizado o processo de diagramação desses materiais.

4.1 O formato dos materiais didáticos *Yawati tinin*

Um dos desafios na elaboração do material didático é a edição, a formatação, a diagramação. Como já ressaltamos anteriormente, Vanessa Porto e Marjorie Yamada foram de suma importância para que este material ganhasse o complemento da estética e da diagramação que gostaríamos.

Até agora tudo que fizemos nesse processo de vitalização da língua foi para que o material tenha uma qualidade que cativa as crianças, os jovens e adultos. Isso não significa

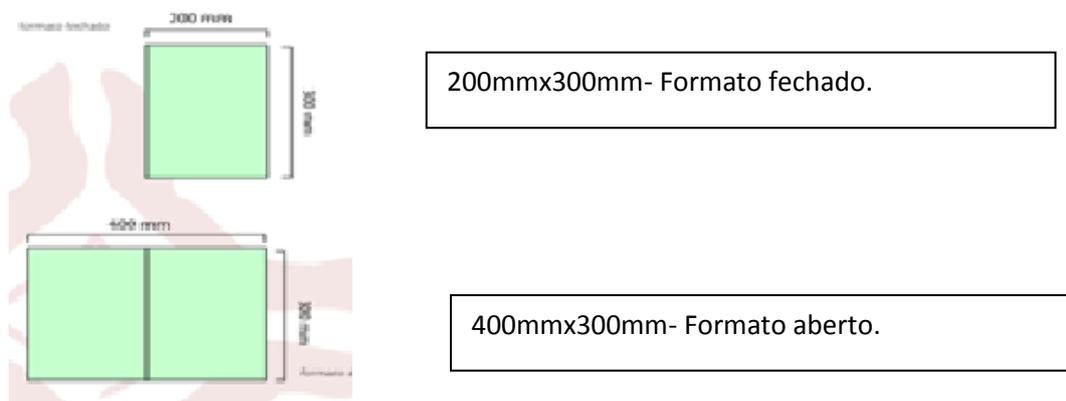
¹⁶⁵ Utilizamos jabuti para o macho e jabota para fêmea, porém o termo jabuti é muito utilizado quando não se reconhece a diferença de gênero na espécie de animal (macho ou fêmea).

que estamos valorizando mais a escrita do que a oralidade, mas, sim, somando forças nesse fortalecimento.

No processo de vitalização, a língua é ensinada por métodos pedagógicos, por isso adaptamos os instrumentos de ensino conforme a necessidade. Entre esses instrumentos de ensino, a diagramação é um componente fundamental.

Para desenvolver o projeto de diagramação Yamada; Porto (2013) realizaram uma pesquisa sobre os formatos econômicos, “aquele que se tem menos desperdício de papel na hora do reflite” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 52). Para isso, as jovens visitaram algumas gráficas de Brasília, e observaram que o maior “tamanho trabalhado por elas era pouco maior que um A3 (29,7X42cm)”. (YAMADA; PORTO, 2013, p. 52). Apesar de o material ser para um público-alvo que ainda está em processo de afirmação de sua coordenação motora, há também a preocupação desse material atingir aprendizes de diferentes faixas etárias. Primeiramente, observamos um material que as crianças pudessem manusear de forma que pudessem escrever, desenhar e realizar outras atividades no material, com liberdade nos movimentos das mãos. Alguns aspectos de diagramação desse material são:

Figura 131 – Formato aberto da coletânea *Yawati Tinin*



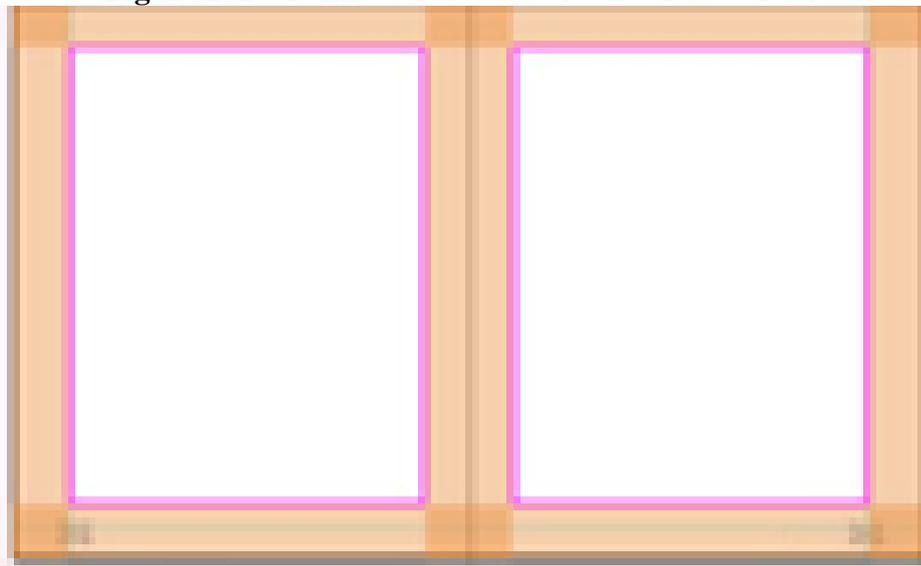
Fonte: Yamada e Porto, 2013, p. 54.

Estes critérios e observações foram levados em consideração para que o livro tivesse o formato maior possível e econômico, medindo 9(20x30). “Apesar de o formato aberto (40x30cm) ser maior que o A3, a mancha gráfica cabia na área de impressão do maior tamanho de papel disponível e ainda tinha a possibilidade de sangria” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 52) atendendo a forma parecida do A4.

Depois de escolhido o material, precisávamos escolher ou optar por uma grade, “proporção 4:6 por ser a proporção do formato escolhido ($200/300=4/6$)” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 53). A definição dos tamanhos das grades “24mmx para margem superior,

30 mm para a margem inferior, 20 mm para interna e 25mm para margem externa” Para YAMADA; PORTO (2013), isso é importante para que a margem não ficasse simétrica, deixando o material monótono e tedioso para os aprendizes.

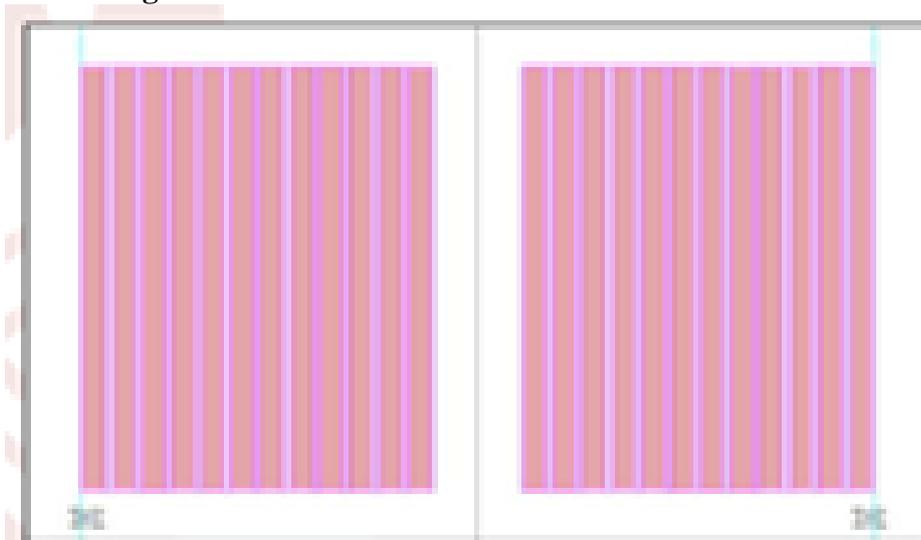
Figura 132 – Formato aberto da coletânea *Yawati Tinin*



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p. 54.

As colunas foram divididas em doze, com espaçamento de 12,50 mm entre cada uma delas. As colunas são grandes por causa do grande número de ilustrações, desenhos e fotos. Isso ajudou no processo de diagramação dos materiais.

Figura 133 – Formato aberto da coletânea *Yawati Tinin*



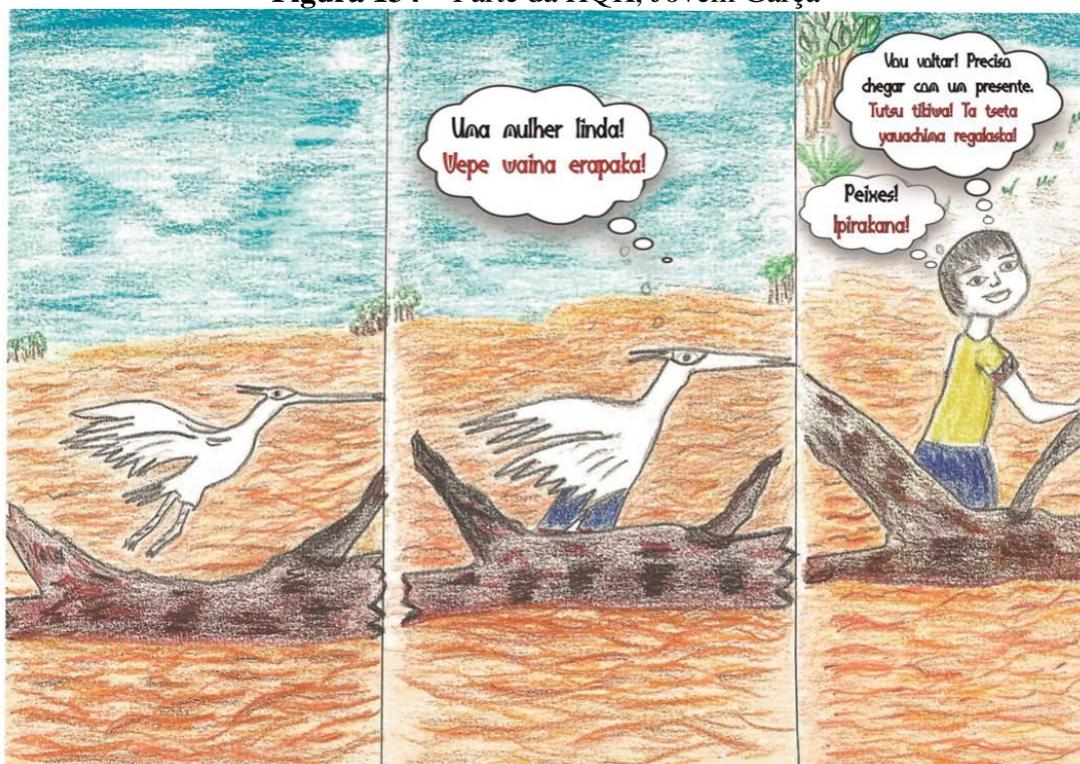
Fonte: Yamada e Porto, 2013, p. 54.

Seguindo as etapas de diagramação, foram feitos os estudos sobre o tipo de escrita que seria adotada no material, pensando sempre nas crianças.

4.2 Família Tipográfica

Uma das formas pensadas foi optar preferencialmente por uma família extensa e sem serifa, possuir bom espaçamento entre os caracteres e entre as linhas. As linhas devem ser bem distintas entre si. As ascendentes e descendentes devem ser evidentes. Para Yamada; Porto (2013), devemos evitar fontes ilustrativas que não sejam concebidas como algum tipo de texto, como nos exemplos:

Figura 134 – Parte da HQK, Jovem Garça



Fonte: Altaci Corrêa Rubim, Brasília, 2015.

Estes quadrinhos estão escritos com uma letra tribal. Foi feito teste com outro diagramador porém houve resistência de chegar à melhor forma, então não continuamos o diálogo. O material precisava apresentar facilidade para os aprendizes da língua e não um desafio para decifrá-la. Assim foi pensada uma escrita que não viesse a dificultar o ensino e a aprendizagem do aprendiz.

MARJA – letras não concebidas como algum tipo de texto.

MARJA – letras usadas esporadicamente.

tornar – letras com serifas, confundem na hora da leitura.

amigo – letras com bom espaçamento entre os caracteres e entre as linhas.

gula – as letras devem ter bem evidentes as ascendentes e as descendentes.

Estes tipos de letras servem de exemplos a ser evitados ao diagramar um material didático, seja para escolas indígenas ou não. Então continuamos a desenvolver o trabalho com as nossas parceiras de diagramação.

Na questão do bilinguismo, optamos para dar uma diferença no visual dos textos, diferenciar visualmente o português do Kokama, por meio das letras Tekton para o Kokama e cronos para o português, entretanto observamos que precisaria destacar mais o Kokama.

4.3 Paletas de cores

As paletas foram escolhidas com base nas cores encontradas dentro da comunidade. O preto, o vermelho, o laranja e outras cores foram usadas dentro do material explorando as cores existentes na comunidade para destacar os títulos e outras informações.



O vermelho escuro utilizado nos grafismos.



O laranja e o amarelo estão presentes no artesanato.



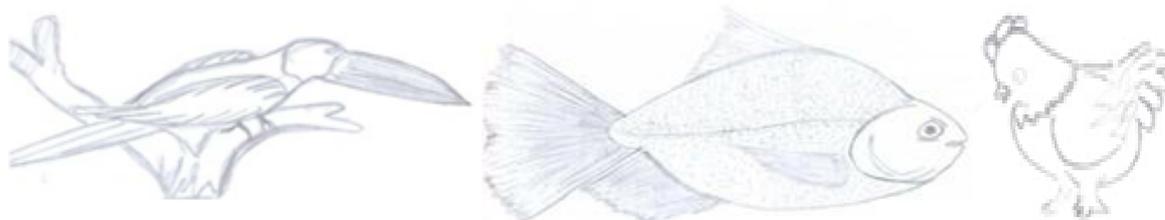
A cor preta é muito presente na comunidade, principalmente nos grafismos e artesanatos.

Nesse sentido, foi realizada uma percepção sobre como as cores iriam combinar com a necessidade que o material pedia; as cores que combinam com o vermelho estão ligadas às cores violeta ou laranja. “Como o material pedia cores mais dinâmicas que se opusessem à neutralidade do preto, o laranja teve preferência e era, de fato, a cor mais vista nas pessoas apresentadas nas fotos” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 63). Essa pesquisa em relação às cores que estão no material é muito importante para que possam enfatizar enfatizadas cores que podem ser mais usadas que outras, numa perspectiva de evitar o cansaço visual.

4.4 As ilustrações

A compreensão imagética dos Kokama é expressa nos desenhos produzidos por eles e desenham a sua realidade. Foi dada atenção para detalhar no material as espécies de animais e das plantas.

Figura 135 – Material da coletânea *Yawati Tinin*

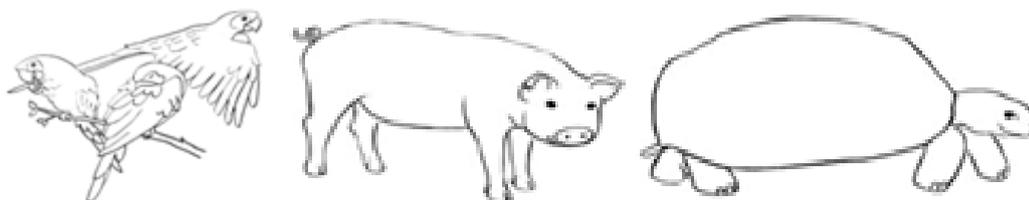


Fonte: Desenhos de Altaci Corrêa Rubim e Cristovão Lopes, Manaus-AM, 2013.

Os desenhos expressam a cosmovisão do povo. Para Yamada; Porto (2013), a forma de desenhar está ligada ao conhecimento geral do desenhista. Nesse caso, aqui é expressada a realidade do leitor, porque os desenhos representam o contexto da vivência do povo.

As representações imagéticas do contexto cultural Kokama expresso nos desenhos são utilizadas para apresentar as características das ilustrações em que o realismo dos desenhos não deixa dúvidas do reconhecimento das espécies de animais e plantas que foram sendo desenhados.

Figura 136 – Material da coletânea *Yawati Tinin*



Fonte: Desenhos por Altaci Corrêa Rubim e Cristovão Lopes. Material tratado por Yamada e Porto, 2013.

Para que o material criasse um tom de qualidade nas imagens e fosse facilitada sua edição, os desenhos foram digitalizados e editados numa mesa digitalizadora. Também muitos dos desenhos foram recriados digitalmente com o intuito de poupar tempo e perda de contornos. Para Yamada; Porto (2013) manter fielmente os elementos retratados é respeitar a cultura do povo.

Para enfatizar a ideia do desenho à mão livre Yamada; Porto (2013) optaram por usar traço modulado, o qual permite o fácil manuseio nos traços, “esse recurso contribui para expressar volume e, apesar de muitos programas já conseguirem simulá-lo, sua origem vem de ferramentas tradicionais de desenho e escrita, como lápis, bico-de-pena e caneta”

(YAMADA; PORTO, 2013, p. 81). Assim a modulação se dá no manuseio desses instrumentos.

As entradas das lições foram pensadas para indicar que há um tempo narrativo; há sempre fotos ou desenhos que estão relacionados aos conteúdos que serão estudados. Optamos “por fazer uma entrada de lições para que o material pudesse estabelecer um tempo narrativo que transcorresse num ritmo mais devagar e demorado” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 65), para dar a impressão de que os conteúdos não deverão ser estudados de uma só vez, como é o objetivo do livro, que cada conteúdo seja bem explorado.

4.5 Padrões Gráficos - Grafismos Kokama

O grafismo Kokama está presente em seu cotidiano expresso em produtos utilitários, roupas, portão da comunidade e outros. O grafismo que representa o casco do jabuti foi escolhido como padrão para ser utilizado no livro didático.

Figura 137 – Grafismo Kokama do casco do jabuti e o Portão da comunidade com grafismos



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p.67. Fotografia de Jardeline Costa, 2014.

O grafismo expressa a estética do povo, é uma comunicação, pois é cheia de significados que são respeitados dentro das comunidades e entre os povos.

Nos padrões gráficos na abertura e início das lições, foram colocados a arte do grafismo nas laterais com fotos e desenhos relacionados aos conteúdos. Vem com o número da lição, título em Kokama e título em Português.

Figura 138 – Abertura das lições



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p.67.

Para apresentar melhor as lições, foi criado um cabeçalho ressaltando o início da lição com as cores preto, vermelho terroso e laranja num desenho feito à mão livre com o desenho do grafismo do jabuti. Esta forma possibilita uma melhor visualização da organização do material.

Cada lição traz uma introdução na língua portuguesa do que vai ser aprendido na lição, como pode ser observado na ilustração acima. Os padrões gráficos utilizados nos vocabulários das lições estão recheados de vocabulários que podem ser explorados pelo professor e pelos aprendizes da língua. Todos os léxicos vêm acompanhados de imagens coloridas em Kokama e em português.

Figura 139 – Padrões gráficos



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p.68.

Esses materiais foram testados e no momento em que foram diagramados apenas os nomes estavam em Kokama. Depois da correção dos materiais, a tradução bilíngue foi acrescentada, como apresentado no capítulo III.

Os padrões gráficos utilizados nos subtópicos apresentam uma tradução para a língua Kokama. Uma forma de acostumar professores e alunos a lerem os enunciados em Kokama.

Figura 140 – Início e entrada das lições

Komata Kokama 
Instrumentos Kokama

O povo Kokama é amante da música e tem seu estilo próprio. Assim, também temos nossos instrumentos usados para compor e embelezar as canções.



Tutu
Tambor

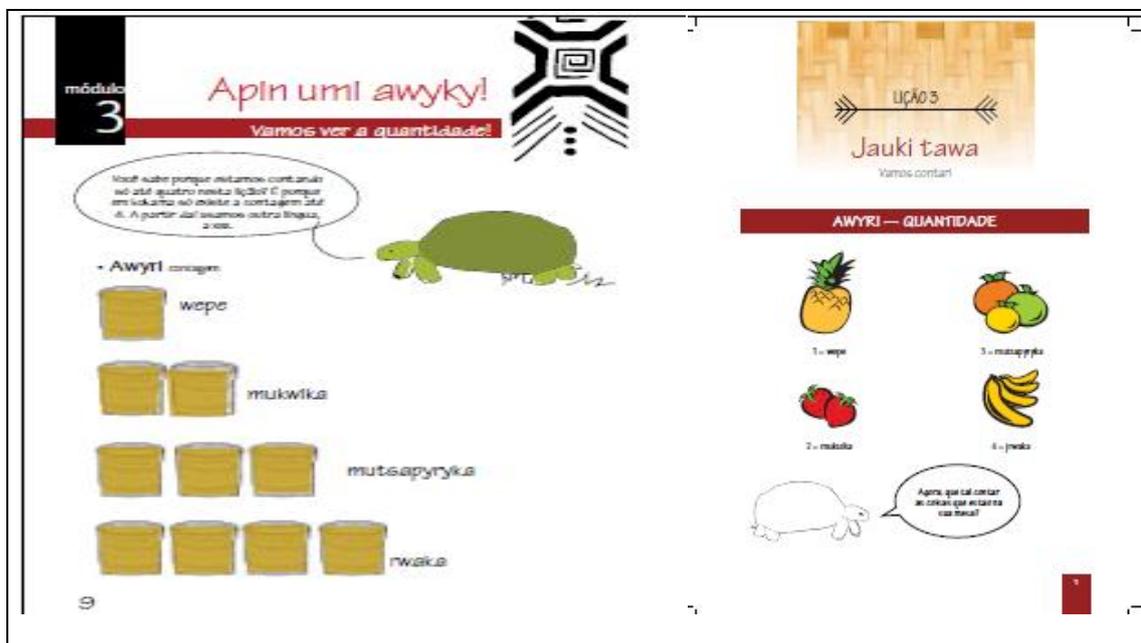
Feito de couro de animal, corda e madeira. Uma das formas de comunicação por meio da música. Os aros do tutu fazem com que ele fique afinado.

Komata Kokama
Instrumentos Kokama

Fonte: Yamada e Porto, 2013, p.71.

A ilustração seguinte exemplifica mais como foi pensada a melhor forma de diagramar estes materiais.

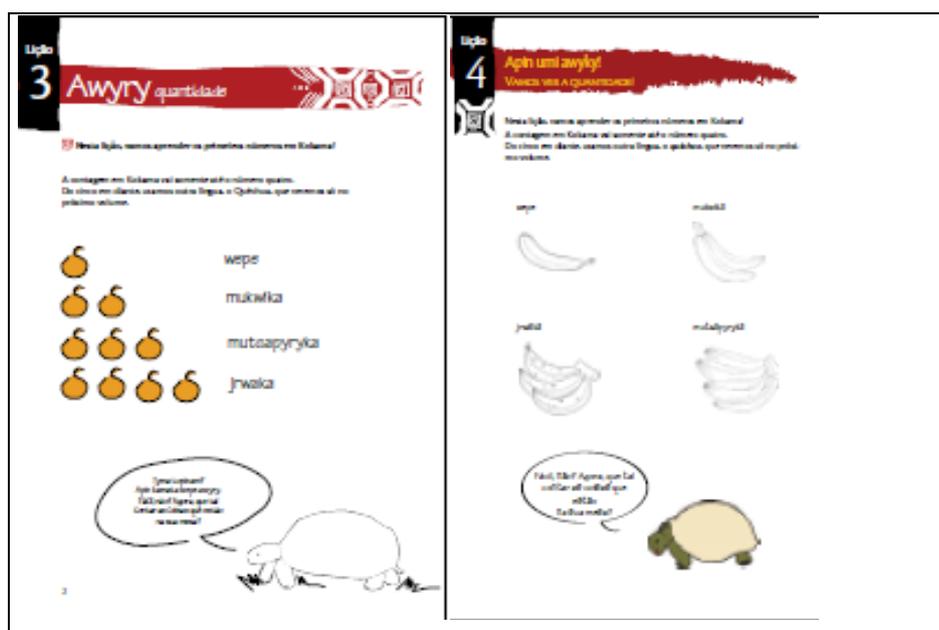
Figura 141 – Fase de teste do material em 2012



Fonte: Yamada e Porto (2013, p. 23).

Depois destes testes foram realizados outros testes para que saísse da forma quadrada e ficassem mais expressivos os desenhos feitos à mão.

Figura 142 – Testes estilo gráfico realizado em 2012



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p. 24.

Esses testes foram sendo aperfeiçoados e chegaram a obter uma qualidade desejada pelas diagramadoras, e ficaram também a contento do povo Kokama. O resultado desses testes foi este.

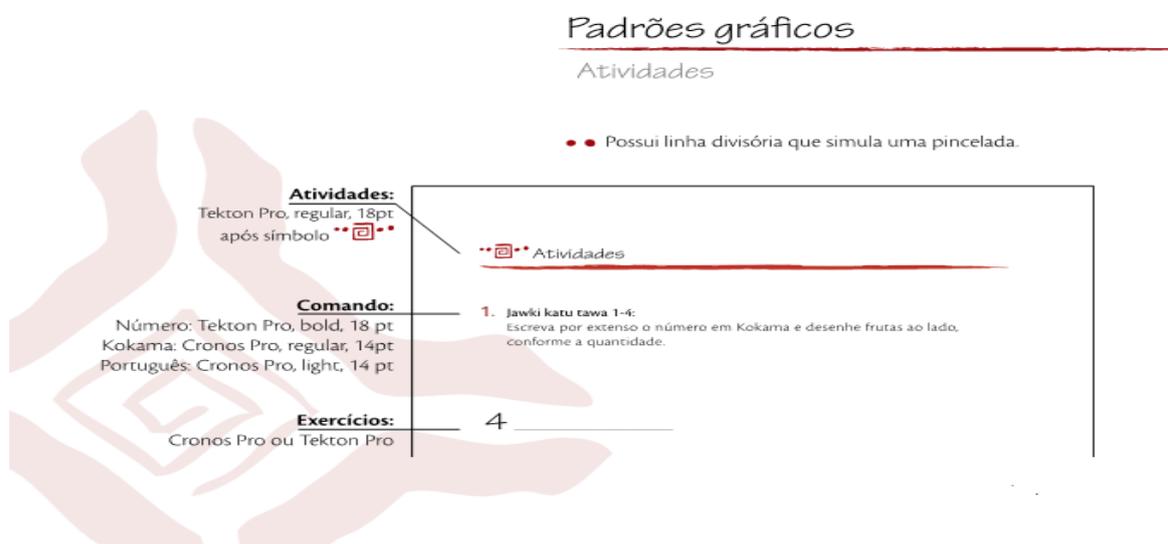
Figura 143 – Resultado final dos testes estilo gráfico realizado em 2012



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p. 24.

As entradas, as imagens e os desenhos obtiveram um destaque maior. O projeto de diagramação do material que objetiva fazer com que as imagens, os desenhos, as fotografias, as entradas e outros sejam correspondentes à vivência do povo Kokama. Mesmo que o material vise diferentes faixas etárias, estará buscando o tempo todo ser significativo para os aprendizes.

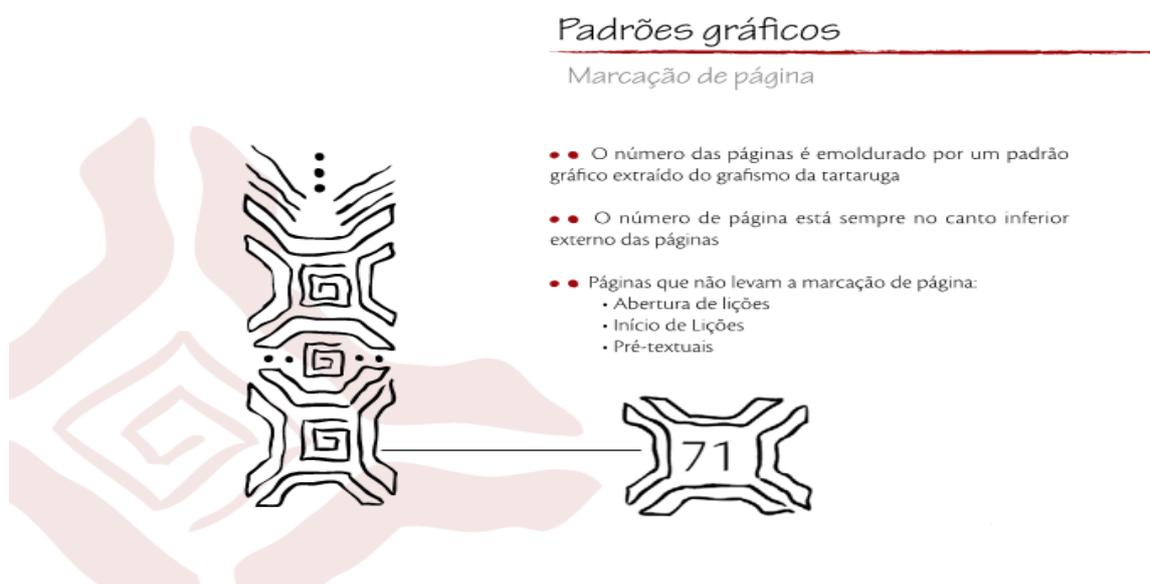
Figura 144 – Padrões gráficos



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p.69.

A marcação de páginas foi pensada para ressaltar a cultura Kokama em todos os aspectos, assim até a numeração das páginas expressam a cultura, pois aparece no grafismo do jabuti para ressaltar a numeração das páginas.

Figura 145 – Padrões gráficos



Fonte: Yamada e Porto (2013, p. 73).

4.6 Material de apoio ao professor

No início do projeto da coletânea foi pensado um livro de apoio para o professor, mas no decorrer do processo foi observado que talvez isso não seja possível. Então pusemos a coletânea numa linguagem simples e acessível com algumas orientações para o professor. A ideia é para que esse material possa ser impresso com a coletânea e não mais um livro específico para o professor.

Figura 146 – Material de apoio para o professor

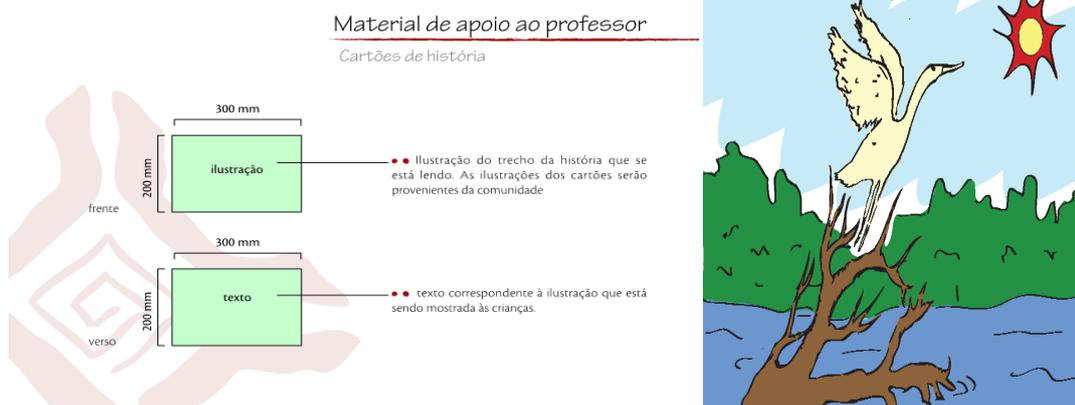


Fonte: Yamada e Porto (2013, p.73).

Para auxiliar o professor em sala de aula foi organizado um kit que trará cartões de duas formas, um cartão de vocabulário e outro com cartão de história.

De um lado a imagem e do outro a história escrita em Kokama.

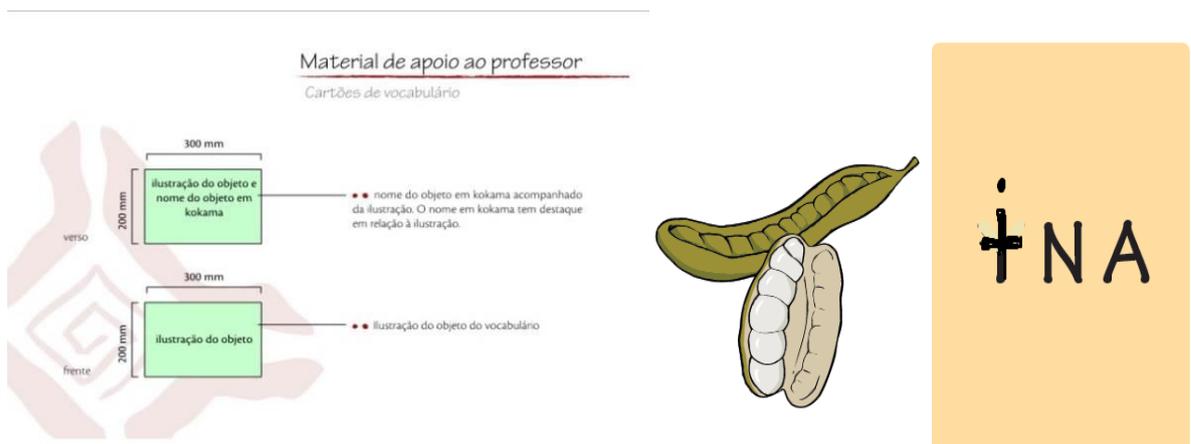
Figura 147 – Cartões de vocabulário e história Kokama



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p. 90.

O objetivo é instrumentalizar o professor para que ele tenha mais recurso para usar em sala de aula. O cartão vocabulário é para estimular o professor a criar seus próprios cartões ao trabalhar com vocabulário novo na língua Kokama.

Figura 148 – Cartão vocabulário



Fonte: Yamada e Porto (2013, p. 89).

Há a ilustração do objeto e o nome em Kokama.

Figura 149 – Dimensão do cartão vocabulário



Fonte: Yamada e Porto (2013, p. 89).

Essas ideias foram muito bem-vindas quando apresentadas na comunidade, a questão toda é o financiamento, pois este material se torna caro com essas especificidades.

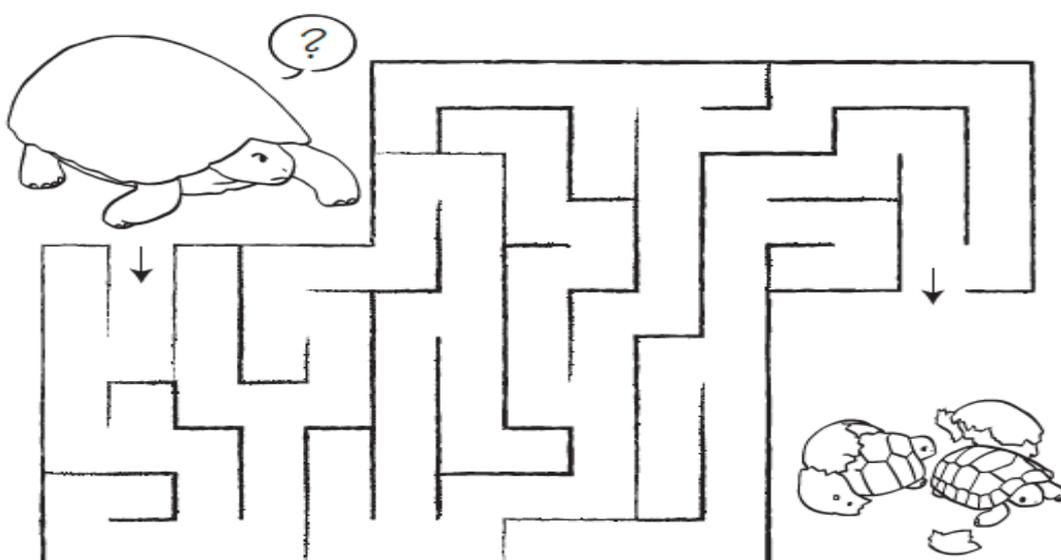
Para Piaget (1978) as imagens que saem da mente do indivíduo, as imitações que estão interiorizadas são características dos níveis operatórios concretos de 7 a 10 anos e formais,

por causa de suas experiências vivenciadas necessitam visualizar desenhos, imagens, gestos, conversas e escrita para que ela seja interiorizada.

Como já foi dito, a coletânea é dividida por idade, mas nada impede que os aprendizes que estão em níveis diferentes possam utilizá-la. Os desenhos foram pensados para que a aprendizagem possa ser realizada dentro da cultura Kokama.

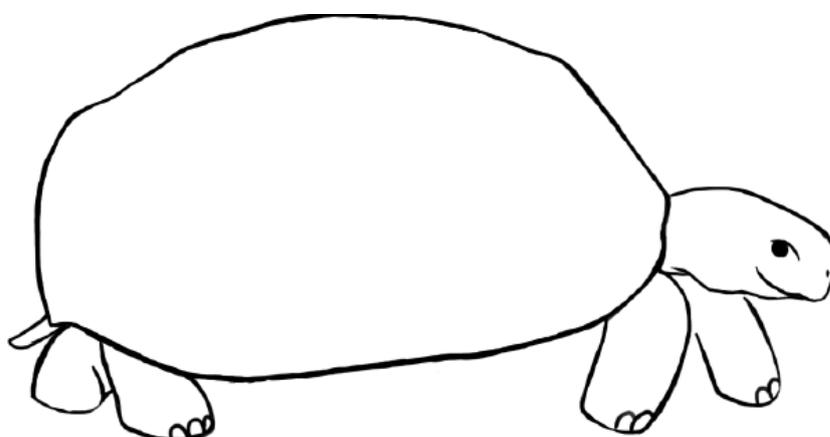
Assim algumas das atividades diagramadas para o *Yawati Tinin I* leva o jabuti até seus filhos pelo melhor caminho.

Figura 150 – Atividade da coletânea Yawati Tinin



Fonte: Livro da Yawati Tinin (2013).

Figura 151 – Jabuti para colorir



Fonte: Livro da Yawati Tinin (2013).

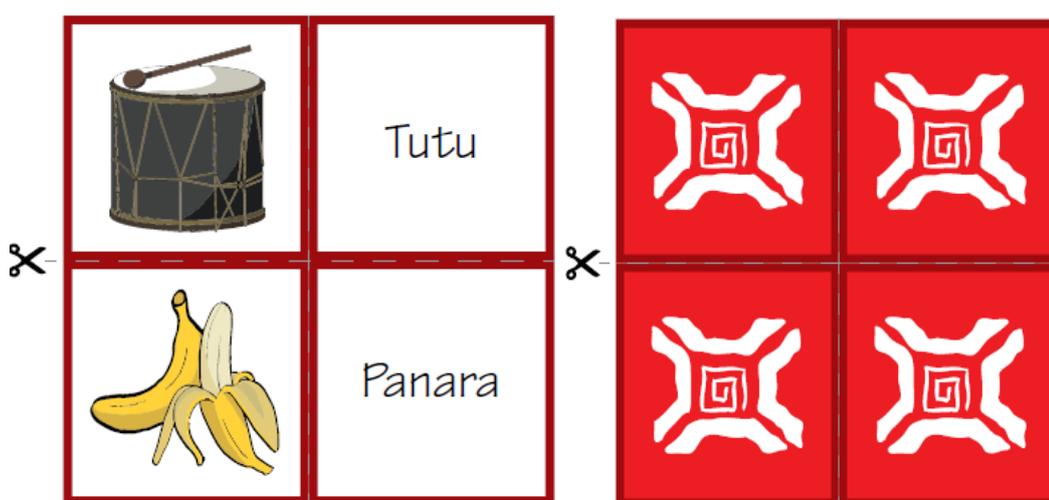
Figura 152 – Atividades de identificação de nomes de animais na língua Kokama



Fonte: Livro da Yawati Tinin (2013).

O projeto de diagramação da coletânea ainda apresenta um jogo de memória.

Figura 153 – Jogo de memória



Fonte: Yamada e Porto, 2013, p. 87.

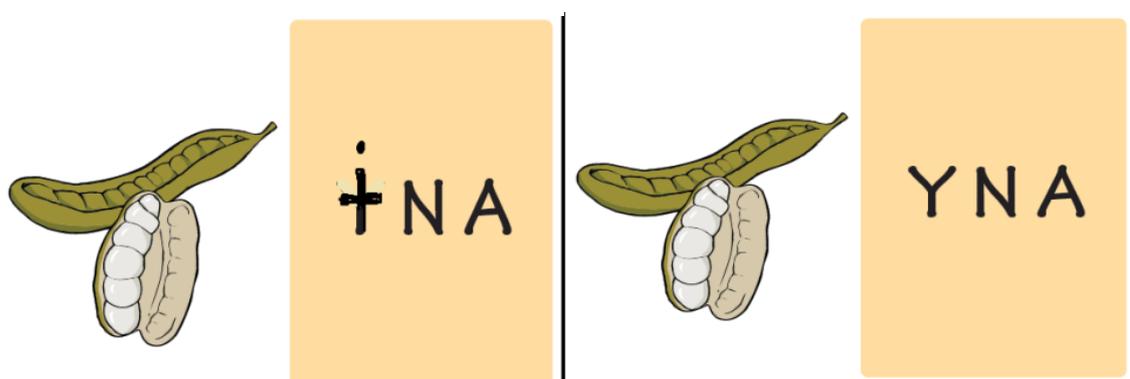
Na frente, as imagens com nomes em Kokama; a parte de trás vem com grafismo Kokama de forma a cobrir e não deixar transparecer as informações. Os três volumes da coletânea trazem jogos de memória.

A produção gráfica da impressão poderá ser realizada em “apergaminhado, também chamado de sulfite ou simplesmente AP” (YAMADA; PORTO, 2013, p. 94), porque o papel AP é ideal para regiões em que o clima é úmido.

A diagramação desses materiais é uma nova forma de levar em consideração um projeto de vitalização de uma língua em processo de extinção. É uma forma de valorizar a língua tornando-a igual aos outros materiais que chegam às escolas com as línguas dominantes.

Assim continuamos o projeto de vitalização da língua Kokama com todo cuidado, pois o seu povo necessita desses materiais que correspondam à sua expectativa, além do respeito às suas decisões, como no caso da escrita tradicional Kokama. Vale ressaltar que em 2013, a diagramação já enfrentava problemas com a questão da escrita, como veremos a seguir.

Figura 154 – Cartão com vocabulário Kokama



Fonte: Yamada e Porto, 2013.

A questão da escrita é sempre uma questão política que ocasiona desgastes e exige tempo, principalmente em comunidades indígenas. A antropóloga linguista BRUNO (2010), em seu artigo sobre Questões lingüísticas, educação indígena e interculturalidade: a experiência Waimiri-Atroari, afirma que “sistemas ortográficos não devem ser elaborados simplesmente como a redução da fala para escrita, mas como processo de escolha de símbolos que carregam significados históricos, culturais e políticos”. (BRUNO, 2010, p. 131).

Os Waimiri-Atroari, autodenominados de Kinja, ao iniciarem seus processos de alfabetização, vivenciavam questões com “diferentes situações histórica e política” (BRUNO, 2010, p. 131). Assim como a história de muitos povos indígenas, o primeiro contato dos Kinja

com a escrita foi por meio de um casal de missionários do CIMI. Depois de um tempo, a FUNAI proibiu a permanência dos mesmos na área dos Waimiri Atroari, mas outro casal de missionários do Evangelical Mission of the Amazonian – MEVA conseguiu permanecer na área dos Waimiri criando uma escrita fonológica diferente da escrita criada pelo CIMI, “[...] fizeram uma descrição preliminar da Fonologia e estabeleceram outra ortografia que divergia da ortografia do Cimi [...]”. (BRUNO, 2010, p. 132).

Depois da Constituição Federal de 1988, os Waimiri decidiram que queriam aprender a ler e a escrever em sua língua e no português e queriam aprender a matemática (BRUNO, 2010). Nesse sentido, os Waimiri-Atroari, com recursos financiados pela parceria entre a FUNAI e a Eletronorte, implantaram um Projeto que atenderia às demandas desse povo, pois a construção da usina hidroelétrica de Balbina causou alguns problemas para os Kinja, e para “minimizar os impactos ambientais e socioculturais” (BRUNO, 2010, p. 132) foi pensado este projeto.

Os Kinja de diferentes aldeias utilizavam ortografias diferentes, então foi necessário realizar uma assembleia juntamente com professores e linguístas para repensar a questão da ortografia.

- O que eles pensavam sobre a ortografia utilizada na escola?
- O que poderia mudar ou permanecer do jeito que estava?
- Das diferentes ortografias utilizadas no passado, que aspectos deveriam continuar usando?

As discussões suscitadas por estas perguntas poderiam gerar mudanças profundas na escrita, isso não seria aconselhável porque muitos professores escreviam muito bem a escrita passada, Bruno (2010). Mas as discussões foram levadas para uma Assembléia Geral e cada comunidade escolhia seus representantes para participar, todos os escolhidos tinham o poder de decisão sobre a questão da escrita da língua.

O que fora observado na primeira reunião foi que teriam que realizar mudanças pontuais, pois os professores não indígenas que trabalhavam com eles não conseguiam entender alguns sons da língua, mas os Kinja sabiam que quando escreviam sentiam que estava faltando algo nas palavras escritas.

Tudo estava caminhando para uma unificação da escrita dos Kinja. As comunidades haviam concordado em participar e escolher a escrita que queriam, os linguístas estavam preparados para isso, mas por questões políticas a própria FUNAI/Eletronorte, por meio de seu coordenador ficou indignada com a mobilização para essa assembleia, e por não se sentir

incluída no processo não permitiu que os livros, cartilhas que haviam sido produzidos conjuntamente com os Kinja fossem publicados por uma organização internacional.

Foi necessário buscar outro financiamento para a edição dos materiais, o financiamento foi encontrado, mas para o livro sair em preto e branco. O livro, ao chegar nas comunidades não teve o resultado desejado devido aos conflitos que estavam sobre ele.

Os Kinja são exemplos do que ocorre com as pessoas que trabalham com indígenas que, em prol de ideologias políticas, pessoais e outros decidem como querem a vida de um povo. Se um povo não escolhe para si o processo de como quer sua educação, sua escrita sofre as conseqüências de quem decide por eles.

Outro caso é a língua Chiquitano no Brasil, uma língua em processo de vitalização que fora acompanhada pela linguista Áurea Cavalcante Santana. A linguista entrou em contato com este povo que está localizado no oeste de Mato Grosso no Brasil e o leste da Bolívia, toda a saga que enfrentou com o povo que tinha sua língua na memória dos falantes idosos está registrada no livro “Linhas cruzadas, histórias que se mesclam: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil”.

Esse povo depois de sobreviver às investidas de descaracterização de sua cultura e sofrerem discriminação por não terem uma língua indígena, também buscam ter de volta a língua em seu cotidiano. Nesse processo é observado que resgatar uma língua é mais que registrar sua fonética e ortografia, é trazer de volta à vida a identidade e visão de mundo de um povo.

No artigo chamado “Definindo a ortografia: uma ação de fortalecimento da língua Chiquitano”, a linguista apresenta uma escrita experimental para esta língua em revitalização. Segundo a autora, em 2007 foi criada a primeira versão da escrita, depois de testada seriam feitos os ajustes. Juntamente com professores e comunidade foram feitos os ajustes na escrita.

Vale lembrar a importância de os Chiquitano brasileiros conhecerem a convenção ortográfica feita na Bolívia e estabelecer relações com os professores Chiquitano bolivianos, a fim de estreitar laços culturais e até mesmo compartilhar programas e ações de políticas linguísticas. A definição da ortografia é um processo dinâmico e político e, por isso, envolve tantas discussões, experimentação e negociação (SANTANA, 2014, p. 390).

Em 2009 ficou estabelecida a segunda versão da escrita para os Chiquitanos no Brasil, mesmo assim ainda faltam algumas questões a serem aprovadas por professores que trabalham com a língua Chiquitano.

Observa-se que o povo Chiquitano que existe no Brasil e na Bolívia, estando o maior número de habitantes na Bolívia, tem suas escritas diferentes, mas respeitam-se e dialogam entre si.

As diferentes formas de registro da língua Kokama foram realizadas pelos membros do Summer Institute of Linguistics (SIL) com o Kokama falado no Peru na segunda metade do século XX, num período em que o governo peruano, juntamente com o Ministério de Educação Pública, adotava uma política linguística para os indígenas daquele país para tornar o castelhano a língua oficial dos povos indígenas em detrimento às suas línguas.

Nesse sentido, a estratégia de alfabetizar os indígenas ficou sob a responsabilidade dos membros do Instituto Linguístico de Verão, como Norma Faust e Audrey Soderholm, ligados à Universidade de Oklahoma que tinham fortes relações com os indígenas da região, realizando estudo de suas línguas com intuítos missionários.

Nessa perspectiva, o SIL fez sua primeira publicação da cartilha bilíngue Kokáma 19 Espanhol intitulada *Ini ícua cuatiarayara* (1956) assim como outras publicações para desenvolver a ortografia da língua Kokama. Segundo Viegas (2010), outras cartilhas foram publicadas com o intuito de exercitar a utilização da ortografia da escrita Kokama pelos respectivos povos. Isso ocorreu com as cartilhas Kokama, como o *Cuatiaran 1* (1956) produzido para os professores Kokama para o ensino da língua; *Cuatiaran 2* (1956); *Cuatiaran 3* (1957); *Cuatiaran 4* (1957); *Cuatiaran 5*. As cartilhas foram projetadas para o ensino da língua de forma gradativa; para cada cartilha criada também foram criadas outras cartilhas de apoio para auxiliar no aprendizado da escrita Kokama.

Em seguida houve a publicação da série de cartilhas suplementares, que acompanhavam o mesmo conteúdo das primeiras cartilhas 1, 2, 3, 4 e 5, acrescentando novas informações: *Cuatiaran 1A* (1957), *Cuatiaran 2A* (1957), *Cuatiaran 4A* (1957). Outra cartilha *Cocama cuatiaran era erucuatata* (1957) apresenta o alfabeto completo da língua Kokáma e trata da prática da leitura de textos fazendo com que os alunos encontrem as letras e sílabas nas palavras já conhecidas e nas novas. Essa cartilha servia também para o ensino de hábitos de higiene. Nos anos 60 é expandida a aprendizagem do Castelhana em detrimento da língua Kokáma, tendo em vista a integração dos Kokáma aos programas nacionais de educação, em que professores indígenas alfabetizados conduziram os estudos nas escolas da selva peruana (VIEGAS, 2010, p. 19).

Além dessas cartilhas, foi publicado em (1959) um breve vocabulário Kokama ‘*Brief Cocama vocabulary* e *The Cocama sound system*’ por Norma Faust & Evelyn Pike. Esse artigo apresenta uma análise fonética da língua Kokama. Norma Faust publicou *Vocabulario*

breve del idioma cocama (tupi) (1959) e *El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama* (1963); *Cocama clause types* (1971).

Na tentativa de minimizar os impactos causados pela política lingüística adotada pelo governo peruano e prevendo o desaparecimento da língua Kokama, Norma Faust publicou uma gramática mais pedagógica ‘*Gramática cocama: Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*’, (1972), cuja segunda edição impressa foi publicada em 1978 e uma terceira edição em 2008, com o objetivo de deixar registrada a língua Kokama para as futuras gerações do povo Kokama aprenderem a língua de seu povo.

Em 1988, O Programa de Formação Programa de Formación de Maestros Bilingues de la Amazonía Peruana iniciou suas atividades com base no convênio de cooperação entre o Ministerio de Educación através da Dirección Regional de Educación Loreto, o Instituto Superior Pedagógico de Loreto e a Associação Interétnica de Desenvolvimento da Selva Peruana. Este Programa forma parte da estrutura do Instituto Superior Pedagógico de Loreto, que contribui com a Associação Interétnica do Desenvolvimento da Selva Peruana.

Essa formação atendeu jovens de 15 povos indígenas da Amazonía Peruana: Achuar, Awajun, Ashaninka, Nomatsiguenga, Bora, Kandozi, Shawi, Kukama-Kukamiria, Wampis, Uitoto, Shipibo, Chapara, Shiwilu, Tikuna y Kichwa, conta com um total de 162 egressos. Mas a partir de 2000, devido a fatores financeiros, o FORMABIAP passou a limitar o número de alunos em seu programa, atualmente estão em formação: Kukama-Kukamiria, Kichwa, Tikuna, Shawi y Shiwilu. Mesmo assim, o FORMABIAP, em seus 26 anos, formou mais de 600 professores de 15 povos indígenas, tais como Achuar, Asháninka, Awajún, Kichwa del Pastaza, Kichwa del Napo, Kandoshi, Kukama-Kukamiria, Muruy, Nomatsiguenga, Shipibo, Shawi, Shiwilu, Tikuna y Wampis” (FORMABIAP, 2012).

Os materiais para o ensino da língua, produzidos durante o curso de formação de professores do FORMABIAP, continuam com a mesma ortografia do período da produção do SIL e de Norma Faust.

Nessa perspectiva, alguns dos materiais produzidos pelo FORMABIAP para o ensino da língua e da cultura Kukama-Kukamiria são: livros didáticos elaborados pelo FORMABIAP “Uwaritata: los Kukama-Kukamiria y su bosque” (2003) que narra a história do povo Kokama do Peru até sua chegada ao Brasil.

Também apresenta os diferentes conhecimentos de suas atividades produtivas; “*Visiones Kukama-kukamiria em relación al bosque y La sociedad*”, série: Visiones y Conocimientos Indígenas (2009), o material contém diferentes leituras dos campos temáticos nas áreas de “Ciências e Ambiente” e “Personal Social” do currículo de Educação Básica

Regular, o público desse material didático bilíngüe são crianças a partir do quinto e sexto ano primário (Ciclo V de Educação Básica).

O livro “*Sabidurías del pueblo Kukama-Kukamiria*, (2009) *série: Visiones y Conocimientos* material didático bilíngüe primeiro em língua Kukama-Kukamiria e em seguida castelhano, apresenta a visão social do povo kukama-kukamiria em relação à pesca, principal atividade de subsistência da vida desse povo.

O material didático “*Para recordar la vida: Relatos de origen del pueblo Kukama-Kukamiria*” (2003) foi resultado da pesquisa dos professores Kukama-Kukamiria entre 2002 e 2004 no final do curso de formação FORMABIAP, para ser utilizada em escolas indígenas com o objetivo de desenvolver as capacidades e habilidades de distintas áreas do currículo escolar. O livro “*Chunaki*” (1999), escrito em Kukama-Kukamiria, é o primeiro de uma série pensado para contribuir para a valorização e reapropriação da língua Kukama-Kukamiria.

Além de um livro sobre “*Programa Curricular Diversificado: Educación Primaria Intercultural para la Zona de la Reserva Nacional Pacaya Samiria*” (2006) é uma proposta curricular dirigida para os docentes que trabalham na Zona da Reserva Nacional Pacaya Samiria. Esta proposta serve de suporte para o professor criar o projeto curricular de sua escola com uma educação intercultural valorizando o ensino da língua de seu povo.

Os materiais produzidos pelo SIL, Norma FAUST e atualmente FORMABIAP e outros com histórias, narrativas, materiais didáticos, gramáticas, dicionários são utilizados pelos Kokama que estão no Brasil. Os materiais que foram e que são produzidos no Peru chegam ao Brasil por meio do CIMI, pela internet, pelos Kokama que vão visitar parentes no Peru, quando voltam trazem na bagagem materiais didáticos Kokama.

A retomada do ensino e aprendizagem da língua Kokama ocorre por duas iniciativas políticas, por meio de formação de professores indígenas Kokama, uma ofertada pela universidade do Estado do Amazonas e a organização dos professores ticuna bilíngüe-OGPTB em 2005, e a outra em Manaus por meio da criação da Gerência de Educação Escolar Indígena pela Secretaria Municipal de Educação, a qual contratou professores indígenas para o ensino da língua e da cultura Kokama de seus respectivos povos.

Vale ressaltar que as comunidades que tiveram seus professores contratados, já realizavam trabalhos de revitalização e fortalecimento linguístico em suas comunidades por meio do assessoramento do lingüista do Conselho Missionário Indigenista-CIMI, padre Ronaldo MacDonell. Em Manaus, em dezembro de 2005 iniciou uma série de oficinas organizadas pelo CIMI, que utilizaram os materiais advindos do Peru e com a ortografia do Peru.

No curso de Formação de Professores indígenas do Alto Solimões, na aldeia Filadelfia, os professores Kokama do curso “Língua Kokama, Espanhol” nas primeiras etapas do curso também tiveram sua formação com materiais produzidos no Peru e com a ortografia do Peru. Entretanto, nas últimas etapas, continuaram trabalhando com materiais Kokama advindos do Peru, como a gramática da Norma Faust, mas com uma nova ortografia. A justificativa era a dificuldade de transcrever a Gramática da Norma Faust, do Espanhol para o Português com a língua Kokama e sua ortografia. Nesse sentido, ocorreu a mudança da escrita Kokama, tornando um divisor de águas entre os Kokama do Brasil e do Peru.

Esta decisão não foi discutida com as comunidades Kokama interessadas na aprendizagem da língua, uma vez que no Brasil, não há material didático adequado para o ensino e para a aprendizagem da língua, fazendo com que as comunidades utilizem materiais do Peru na vitalização e fortalecimento da língua Kokama nos dois países.

Como contribuição apresentamos, em seguida, as correspondências dos grafemas escolhidos para representar os fonemas Kokama-Kokamiria na escrita dessa língua Kokama no Brasil, com os correspondentes grafemas usados na escrita do Kokama no Peru. A escrita da língua Kokama no Peru foi elaborada por missionários do SIL nos períodos de 1950 a 1989.

Sobre as ortografias da língua Kokama no Peru, foi preciso trinta anos para que chegassem um consenso. Os Kokama no Amazonas, principalmente os professores que não participaram do curso de Licenciatura da OGPTB/UEA, não utilizam o alfabeto Kokama “dito do Brasil”. Vale salientar que foram poucos os professores Kokama formados no curso de Comunicação da Linguagem: língua Kokama, Espanhola e Língua Portuguesa que se formaram e menos ainda estão atuando como professores Kokama no ensino da língua e o resultado é que as ortografias se chocam.

As letras mais conflitantes dessa nova escrita é a troca do /i/ (i central) pela letra /y/, assim como a troca do /i/ pela letra /j/, como pode ser observado na ilustração acima, (figura 154 na página 253). O exemplo é mais visível em palavras, como “yanu” por “janu”; “yawati” por “jawati”; “yawara” por “jawara”, em que a oralidade não muda, mas, como essa língua está em processo de vitalização, há lugares em que não há falantes, o que se tem são materiais didáticos vindo do Peru, por isso tudo precisa ficar muito claro.

Para o povo Kokama há apenas um povo, tanto no Brasil, quanto no Peru, nesse sentido decidiu-se fortalecer a língua e sua identidade como um povo independente das fronteiras políticas demarcadas pela sociedade dominante. A escrita adotada nos materiais acompanha a escrita que vem do Peru. Recentemente foi oficializada a escrita Kokama no

Peru, depois de 30 longos anos de discussão com o povo Kokama e 25 anos com o FORMABIAP, num total de 18 grafemas, segundo o professor Richard Ricopa Yaicate¹⁶⁶.

Alfabeto Kukama-Kukamiria Oficial	A-E-I-J-K-M-N-i-P-K-TS-T-U-W-Y-·Y-CH-SH
--	---

No Brasil, as oficinas realizadas com os professores Kokama de vários municípios do estado do Amazonas contribuíram para a escolha da escrita Kokama, que constam nos materiais didáticos. É preciso dizer que, em nossa pesquisa, o processo de ensino e aprendizagem da língua é realizado com a escrita Kokama que vem do Peru, mas apareceram dúvidas na escrita que afetaram a elaboração do material didático, tanto que as diagramadoras tiveram que parar e aguardar o resultado de algumas oficinas que fizemos com esse intuito e o que ficou decidido nessas comunidades foi que continuaríamos usando a escrita tradicional. À época não tínhamos a escrita Kokama que recentemente foi oficializada no Peru, então no material ainda aparecem algumas letras usadas com a influência do castelhano. Em Manaus, na comunidade Kokama Nova Esperança, os materiais chegaram em 2005, mas em outras comunidades, há uma variação no tempo de chegada desses materiais, trazidos por parentes Kokama; de uma forma ou de outra, estes grafemas são conhecidos pelo povo Kokama do Brasil e do Peru. A diferença está no emprego do /n/ e / ñ/; no emprego /y/ e /ÿ/.

No Peru, optarão atualmente para escrever “*niapitsara*” (homem) escrita que valoriza a oralidade dos falantes; a escrita criada por estudiosos e religiosos era “*ñapitsara*”, uma escrita com sons do castelhano. Outro exemplo é “*inia*” (bodó) na escrita por linguístas e religiosos “*ïña*”. No Peru não estão mais utilizando /ñ/ apenas o /n/.

As escolhas dos grafemas no Peru contribuíram para a efetivação de uma política linguística que respeita a decisão do próprio povo em decidir e escolher o que é melhor para ele.

Alfabeto Kokama Brasil	A-E-I-J-K-M-N-Ñ- i-P-K-TS-T-U-W-Y-CH-SH
---------------------------------------	---

¹⁶⁶Richard Ricopa Yaicate-Comunicação oral na 1ª Oficina de ensino e aprendizagem da língua Kokama em Tabatinga-AM, no Instituto Federal do Amazonas-IFAM em 07/08/2015.

Nos materiais que foram produzidos no Lexterm/UnB, utilizamos, do quadro acima, o emprego do “ñ” e o “n”, como “ini” (nós inclusivo); “nua” (grande); “uni” (água); “pitanin” (maduro); “amaniu” (algodão); “ñapitsara” (homem); “iña”(bodó). Uma escolha compartilhada durante as oficinas realizadas nas comunidades Kokama do Amazonas durante os trabalhos de campo. Mas ainda é preciso que haja uma assembleia geral para essa discussão. No entanto, não se pode parar, deixar para produzir materiais didáticos só depois dessa assembleia, pois estamos lutando contra o tempo para frear um processo de desaparecimento da língua no Brasil.

Em relação ao emprego /y/ e /ÿ/ no Peru os Kukama-Kukamiria incluíram na escrita oficial o /ÿ/. Em termos técnicos, [ÿ] representa um alofone do fonema /y/. Por exemplo, a palavra yawara, yawati, em algumas áreas (particularmente em Nauta no Peru) e na fronteira entre Brasil e Peru, é pronunciada como uma espécie de [dzawara], mas cachorro [yawara] e [yawati] é a pronúncia mais usada. No Brasil, utilizamos somente /y/ para as pronúncias, apesar de possuir essa variação. No Peru “La letra ÿ se introdujo recientemente a petición de los hablantes de Nauta” VALLEJOS (2015)¹⁶⁷.

As questões de escrita em comunidades indígenas demandam muitas discussões, como exemplificado neste capítulo. Por ser uma decisão política, até mesmo entre o povo há divergência, mas, assim como os Kokama do Peru que chegaram ao consenso depois de muitos anos de debate, ainda há uma longa estrada para muitos povos que se encontram nessa situação, para que os próprios agentes sociais consigam decidir o que é melhor para seu povo. Os Kokama do Brasil estão num processo que soma forças com os Kokama do Peru, e almejam que a escrita Kokama do Brasil seja a mesma que é oficial no naquele país.

As produções de materiais didáticos continuam a acontecer, mesmo sem a assembleia geral Kokama, mas já socializadas em oficinas com os professores e comunidades Kokama. A coletânea *Yawati Tinin* traz a escrita tradicional, assim como algumas orientações para os professores acompanharem o aprendizado dos alunos. No próximo capítulo apresentamos uma forma de como o professor acompanhará a aprendizagem de seus aprendizes.

¹⁶⁷Entrevista por email, 24 de Março de 2015, às 19h.

CAPÍTULO 5 – PROPOSTA DE UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA KOKAMA COMO L2 NA AMAZÔNIA NO ÂMBITO DA (RE)VITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA KOKAMA

Este capítulo apresenta o ponto crucial da proposta metodológica para revitalização da língua Kokama. A apresetaremos a questão do bilinguismo, língua e cultura. A língua Kokama como L2 e a Língua Portuguesa como L1. O bilinguismo em comunidades indígenas é muito comum, principalmente quando estão em contato com povos que falam outras línguas. Às vezes os casamentos são realizados entre povos diferentes, como tukano e baré; baniwa e baré; kokama e tikuna e outros. O povo Kokama desde seus primeiros contatos, no século XVI, teve que aprender a se comunicar com os colonizadores.

O trabalho de RIVAS (2003) relata que o povo Kokama que habitava as margens dos rios serviu rapidamente de mediador para comunicação entre outros povos e os viajantes. Nesse sentido, a situação criada e já vivenciada por estes e por vários outros povos indígenas no Brasil, corroboram para uma situação de bilinguismo oral.

Diferentes abordagens são definidas por diversos autores que diferem o entendimento sobre o que é bilinguismo. Para SIGUAN (2001), a diversidade de significado muitas vezes usada de várias formas leva a uma compreensão diversificada. Cada autor entende de forma diferente e dificulta a compreensão quando se encontra diante de uma situação de bilinguismo.

Nessa perspectiva, abordaremos a situação de bilinguismo numa língua em processo de vitalização em que a escrita é uma das formas de comunicação, por meio dos materiais didáticos pedagógicos numa proposta de vitalização da língua. Para isso, a Proposta de uma abordagem Metodológica para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama foi embasado em um pentágono no formato de uma estrela onde no centro está a língua Kokama. Em cada, ponta deste pentágono encontram-se a forma de como foi pensada esta proposta metodológica, como poderá ser observada abaixo (no item 5.5), além de apresentar as perspectivas e desafios para a vitalização da língua.

5.1 Bilinguismo

Iniciamos com uma definição etimológica da palavra bilinguismo de SIGUAN (2001):

La etimología basta para ofrecernos una primera aproximación al significado de la palabra; bilingüismo significa, obviamente “duas línguas” y bilingüe será portanto el individuo capaz de utilizar dos lenguas. Weinreich (1953), que fue pionero en el estudio científico del bilingüismo, lo definió así: “Llamamos bilingüismo al hábito de utilizar dos lenguas alternativamente y llamamos bilingües a las personas que lo practican (SIGUAN, 2001, p. 27).

A etimologia apresentada por Siguan (2001) chama a atenção por tratar do significado adotado pelo autor pioneiro em estudos bilíngues, pois em seu texto chamado “*Bilingüismo y lenguas en contato*” indaga: “*Cuándo un individuo capaz de utilizar dos lenguas, merece el calificativo de bilingüe?*” (SIGUAN, 2001, p. 28), ao levantar a discussão sobre diferentes abordagens no significado.

Thomason afirma que “contato entre línguas são duas línguas interagindo ao mesmo tempo e no mesmo lugar”¹⁶⁸ (THOMASON, 2001, p. 1). Para esta autora, não é possível definir como monolíngüe alguém que use duas línguas regularmente, “mas não é totalmente fluente”, tão pouco é possível defini-lo bilíngüe, se não domina as quatro habilidades de um outro idioma (THOMASON, 2001). Entretanto, Siguan (2001) afirma que para Haugen (1953) “*el bilingüismo empieza en el momento en que el hablante de una lengua es capaz de emitir mensajes completos y con sentido en otra lengua*” (SIGUAN, 2001, p. 28).

Para D’Angelis (2002), o bilinguismo se dá quando há uma necessidade de interação. Vale ressaltar que há diferentes graus de bilinguismo com competências parecidas, que necessitam de estudos de competência linguística para verificar o grau de bilinguismo. Assim, “o bilíngüe funcional é o indivíduo que utiliza duas línguas em diferentes situações e para qualquer função [...] e bilinguismo é a capacidade de utilizar a língua com propriedade em funções dadas em sua sociedade¹⁶⁹” (SIGUAN, 2001, p.28, tradução nossa).

Outra definição apresentada por Siguan (2001) é que a maioria dos indivíduos tem uma língua principal com a qual se identifica, “*son pocos los que se declaren incapaces de decidir cuál es su lengua principal*” (SIGUAN, 2001, p. 29). Nesse sentido as atitudes linguísticas estão relacionadas com sua língua principal. Entretanto, para o povo Kokama, a atitude linguística está sendo em relação à L2, com inúmeras iniciativas realizadas em suas comunidades, nas escolas, Centros Culturais e outros.

¹⁶⁸ In the simplest definition, language contact is the use of more than one language in the same place at the same time (THOMASON, 2001, p. 01).

¹⁶⁹ “bilíngüe funcional al que es capaz de utilizar cualquiera de las dos lenguas que posee en cualquier situación y portanto para cumplir cualquier función [...] y podemos por ello llamar bilingüismo funcional, o simplemente bilingüismo, a la capacidad de utilizar con plena eficacia cada lengua en las funciones abiertas para ella en la sociedad de la que forma parte el bilíngüe” (SIGUAN, 2001, p. 28).

As tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, os pensamentos, e as práticas religiosas, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim a reprodução sociocultural, das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestados através do uso demais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngue em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muito de seus traços identitários, constituindo, assim um quadro de bilingüismo simbólico importante. (MEC, 1998, p. 25)¹⁷⁰.

Outro tipo de bilingüismo é o simbólico que, segundo Cavalcanti e Maher (2005), ocorre quando os indivíduos são falantes de uma língua, mas têm contato com falantes, lembradores, ouvintes, aprendizes da língua que, de alguma forma, interagem, ocorrendo uma situação de “bilingüismo simbólico”.

Nesse sentido, pelas características apresentadas por Cavalcanti e Maher (2005), o povo Kokama passa neste momento por um processo de bilingüismo simbólico em algumas comunidades e um bilingüismo escrito, e em outras necessita de um estudo mais detalhado dos diferentes níveis de proficiência de seus aprendizes. Na sequência, falaremos do bilingüismo oral e escrito.

5.2 O bilingüismo oral e escrito

O bilingüismo escrito, ou de retomada, pode-se dizer que ocorre quando o ensino da língua começa pela escola, como é o caso da língua Kokama. Primeiro se aprende a escrever a língua e depois se aprende a falar. A educação bilíngue passa a ser utilizada como estratégia pelos povos indígenas num novo processo de territorialização no Brasil, alavancado pelo movimento social, como afirma o antropólogo João Pacheco de Oliveira, a “territorialização, como processo de reorganização” (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 22).

A partir da força política das identidades que são reafirmadas, os “processos de territorialização” conjugam mobilizações acionadas que expressam a força das identidades coletivas em prol de suas reivindicações. Nesse campo, os agentes unidos na forma dos movimentos sociais ganham visibilidade e poder político para intervir contra a dominação da sociedade envolvente. (ALMEIDA, 2008).

Essas mobilizações levam as famílias indígenas à escola para aprenderem a língua de seu povo, onde são motivados a dominar o código oral e escrito das duas línguas (SIGUAN,

¹⁷⁰ MEC. Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas. Brasília, 1998.
https://www.ufpe.br/remdipe/images/documentos/edu_escolar/ml_07.pdf. Acesso janeiro de 2013.

2001). Para Siguan (2001), as dificuldades nesse trabalho ocorrem quando a escrita de uma língua é totalmente diferente da escrita da outra.

Cuando los alfabetos son distintos, las complicaciones pueden ser más graves. El serbio y el croata son variedades de una misma lengua, pero el serbio se escribe con el alfabeto cirílico y el croata con el alfabeto latino, lo que implica dificultades específicas para el bilingüismo en el paso de una lengua escrita a la otra (SIGUAN, 2001, p. 36).

As implicações culturais são gigantescas quando colocam em risco uma língua que é extremamente oral, ou está em processo de vitalização. O resultado é eminente ameaça da cultura de uma língua oral ao ser passada para escrita, ou a mudança da escrita de forma impositiva pode minar o processo de vitalização de uma língua em perigo de extinção.

Vale ressaltar que trabalhar com o bilingüismo em comunidades indígenas requer um cuidado, uma sensibilidade, pois assim como pode ocorrer um fortalecimento, pode também ocorrer um enfraquecimento da cultura. Para os Kokama, manter viva sua cultura é viver seu cotidiano, é reviver suas histórias antigas mesmo quando esta está registrada em livros, é reviver e viver os rituais, suas festas. Para eles o ensino e aprendizagem da língua não são como uma língua estrangeira, que, quando começa a aprender, a pessoa não sabe nada da língua, nem do povo ao qual a língua pertence.

O povo Kokama tem sua língua do coração como L2, a língua que, apesar de ser uma segunda língua, é como se fosse a primeira para eles, pois são sabedores de sua cultura. Por isso é muito importante um planejamento linguístico para este ensino, pois eles podem não ter aprendido a palavras *kutipa*, mas sabem e vivenciam na prática seu significado por meio de sua cultura.

5.3 Língua e cultura

A luta do povo Kokama para retornar ao cotidiano sua língua, ter o reconhecimento de sua identidade e de suas reivindicações vem de tempos, como já falado, desde a década de 1980. Para este povo, reafirmar a identidade, fortalecer sua língua e cultura é marcar a diferença diante de uma sociedade em que a cultura dominante busca homogeneizar a diferença.

A palavra cultura é relacionada a vários significados. Segundo Lyons (1981) quando surgiu o termo cultura, ela foi relacionada como civilização “e, numa formulação mais antiga e extrema do contraste, oposto a “barbarismo”. É este o sentido, em inglês, do adjetivo

‘cultured’ [“culto”] (LYONS, 1981, p. 273). Este pensamento foi levado para as artes, literatura e outros para dar o significado de cultura como conhecimentos diversificados, apurados de uma estética singular.

A expressão “*langue de culture*” (literalmente, “língua de cultura”) é comumente empregada por estudiosos franceses para distinguir as línguas consideradas culturalmente mais adiantadas das menos adiantadas. “*Kultursprache*” é usado semelhantemente em alemão. Embora não haja um equivalente aceitável em inglês, a atitude na qual se baseia o uso de tais expressões não é menos comum nas sociedades de língua inglesa. Como vimos num capítulo anterior, a maioria dos linguístas é de opinião que não existem línguas primitivas (v. 1.7). Entretanto, vale apenas rever esta questão com referência particular ao que poderíamos chamar de concepção clássica de cultura (LYONS, 1981, p. 273).

Para Lyons (1981), a palavra cultura possui muitos significados, mas não deve ser entendida no sentido clássico, mas no sentido antropológico. O antropólogo Geertz (1989), em seu livro “a cultura interpretação das culturas” considera a interpretação como uma ferramenta que é utilizada para entender o significado, o qual ele chamou de descrição densa. Essa descrição considera o fato de que qualquer aspecto do comportamento humano tem mais de um significado. “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 1989, p. 15).

O comportamento humano tem uma variedade de níveis de significado. Entretanto, para Barth (2005) a cultura constitui em um esforço de “contínuo fluxo estruturado e expresso nas interações sociais entre os agentes, o que gera processos de transformação e variação cultural dentro de todos os grupos sociais” (BARTH, 2005, p. 392)¹⁷¹. Para Barth (2000), a cultura é a maneira de descrever o comportamento humano como relatamos no capítulo II.

Esta pesquisa entende que a cultura é a alma, é a vida de um povo por intermédio dela que se conhece as diferentes formas de expressão, significados, identificação, diferença e visão social de um povo. Nesse sentido, a língua é uma das principais formas que a cultura de um povo é repassada, “o processo de aquisição da linguagem é de tal natureza que a transmissão de tudo o que é universal em linguagem depende também, para o seu sucesso, do processo de transmissão cultural” (LYONS, 1981, p. 292).

¹⁷¹BARTH, Fredrik. *Etnicidade eo conceito de cultura*. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Antropológica Niterói, nº19. 2005, p.15-392.

A visão social de um povo determina as competências que o aprendiz deve desenvolver para aprender a língua, isso não está dissociado da cultura. Há povos que perderam sua língua, mas não sua cultura, pois a língua é um dos aspectos de uma cultura. Utilizamos língua e cultura neste trabalho pelo fato de estarmos tratando de uma língua em processo de vitalização.

O povo Kokama busca frear o processo de extinção de sua língua utilizando várias estratégias como a proposta metodológica de revitalização da língua.

5.4 Proposta de uma abordagem metodológica para vitalização da língua Kokama no Brasil adaptada da metodologia do FORMABIAP para o ensino e aprendizagem da língua Kokama, como L2.

“As línguas são símbolos de identidade. Elas são usadas pelos seus falantes para marcar sua identidade”¹⁷² (BYRAM, 2006, p. 5, tradução nossa).

A comunicação é a base para que a cultura seja repassada de geração em geração. É um processo em que são transmitidas idéias, sentimentos e a cosmovisão de cada povo. “É fundamental adotar medidas planejadas para revigorar, fortalecer, dinamizar e atualizar a língua [...]” (D’ANGELIS, 2002, p. 119).

Isso ocorre por meio do cotidiano expresso na música, nas danças, nos desenhos, nos gestos, nos movimentos corporais, na produção do artesanato, na preparação da alimentação, no trabalho, na preparação de remédios, nas histórias, na preparação dos instrumentos de caça e de pesca, nas dietas, nas curas, nas brincadeiras e outros. São formas de transmissão dos conhecimentos que são desenvolvidos para que as necessidades básicas possam ser supridas por meio das diferentes formas de comunicação.

É observado que os povos indígenas têm, na oralidade, a forma para a materialização dos pensamentos para a transmissão de sua visão social. Assim, para desenvolver as habilidades de comunicação na língua Kokama ensinada como uma L2 deve-se levar em consideração o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor do aprendiz por meio da interação com a comunidade escolar (VYGOTSKY, 1998).

Uma vez que no Amazonas a língua Kokama, devido ao processo considerado “civilizatório”, deixou de ser repassada, ficando restrita aos idosos, ouvintes, lembradores e aprendizes. Nesse sentido, o aprendizado da língua Kokama é de suma importância no processo de vitalização da língua ameaçada de extinção. Esta situação, desde a década de

¹⁷²“*Les langues sont des symboles d’identité; elles sont utilisées par leurs locuteurs pour marquer leurs identités*”.

1980, tem motivado lideranças e comunidades indígenas Kokama a lutar para que a língua Kokama não desapareça no Brasil. Entretanto, foi em 2005 que o povo Kokama, lideranças, comunidades e organizações retomaram esta luta, na abertura de vagas para formação de professores Kokama parceria (OGPTB/UEA), uma conquista na luta pela efetivação do direito à educação diferenciada no Alto Solimões e no Baixo rio Negro, Manaus. O ensino da vitalização da língua Kokama ocorre em escolas e Centros Culturais.

O método tem como desafio é vitalizar uma língua em escolas em que a língua oficial tem todos os aparatos políticos para manter sua hegemonia. Para Michael Byram, (2006) em seus estudos realizados em escolas da Europa:

As línguas nacionais são ensinadas na escola como matérias, elas são igualmente utilizadas para ensinar as outras disciplinas. Para algumas crianças isso implica em aprender a ler, escrever e a falar uma língua diferente daquela de casa (ou uma variedade da língua familiar). Pode ser que tenha nessa aprendizagem um incentivo implícito ou explícito para esquecer a língua familiar. As crianças as quais estamos falando não estudam a língua materna, com o laço estreito entre língua e identidade essa situação pode levar a um enfraquecimento ou esquecimento da identidade social criada em casa no que diz respeito a uma identidade regional ou a uma identidade ligada a um outro país¹⁷³ (BYRAM, 2006, p. 5).

A valorização de uma língua em detrimento de outra no espaço escolar ocorre em todo mundo e, durante muito tempo, a escola em comunidades indígenas era instrumento de dominação e exclusão da língua e cultura. Mas, a partir de 1998, a Constituição Federal trouxe respaldo legal para que os povos indígenas do Brasil passassem a ser amparados por lei para ter uma escola que correspondesse suas expectativas na valorização de sua cultura, língua e identidade. Para isso, o trabalho realizado na escola ou em Centros Culturais Kokama com a vitalização da língua Kokama vem minimizar o grande impacto da língua dominante sobre a cultura deste povo. O desafio desse trabalho é contribuir com o processo de vitalização de uma língua ameaçada de extinção em escolas e Centros Culturais, entretanto, nada impede que seja desenvolvido em outros espaços, isso depende da organização social da comunidade.

¹⁷³*Les langues –nationales- sont enseignées à l'école en tant que matières; elles y sont également utilisées pour enseigner les autres disciplines. Pour certains enfants, cela implique d'apprendre à écrire et à parler une langue différente de celle de la Maison (ou une variété de la langue familiale). Il peut y avoir, dans CET apprentissage, un encouragement implicite ou explicite à oublier la langue familiale. Les enfants concernés n'étudient pas leur –langue maternelle- et, au vu des liens étroits entre la langue et l'identité, cette situation peut entraîner l'affaiblissement, voire l'oubli, de l'identité sociale forgée à la Maison, qu'il s'agisse d'une identité régionale ou d'une identité liée à un autre pays* (BYRAM, 2006, p. 5).

Os sábios das comunidades são bibliotecas vivas, às vezes monolíngues em seu próprio idioma, bilíngues, trilingues, políglotas que andam pelos espaços da comunidade com tamanhos conhecimentos que, na maioria das vezes, não são registrados. Quando eles morrem, ocorre a perda do conhecimento, da experiência de como seu povo concebe e vê o mundo. Assim, os falantes plenos vão morrendo e concomitantemente morre a língua, quando esta não é repassada para as novas gerações.

O ensino da língua nacional em escolas fortalece a identidade nacional do país “frequentemente existe um elo particularmente forte entre a língua e o sentimento de pertencer a um grupo ou a uma identidade nacional¹⁷⁴” (BYRAM, 2006, p. 5). Não obstante, observamos que com a perda da língua, ocorre também a perda da identidade, entretanto, há povos que tem seus diacríticos culturais, organização, território e outras formas de pertencimento, sem que a língua faça essa relação, porém pode já está desaparecida pelo próprio processo colonizador, como é o caso da maioria das línguas dos índios do Nordeste.

O antropólogo Oliveira Filho, (2004) fala que os indígenas estão em constante reelaboração na relação com a cultura e com o passado. Vale ressaltar que ocorre no Brasil, e em muitos países uma busca para a revitalização, para vitalização e manutenção de línguas indígenas pelos próprios agentes sociais, como ocorre com a língua Tupi no sul da Bahia, reivindicada e em processo de vitalização pelos Tupinambá.

Dessa forma, propomos um caminho para a vitalização da língua Kokama como L2, para que num futuro próximo, se torne uma L1 para seu povo. O movimento de fortalecimento da Língua e da Cultura Kokama foi e é muito fortalecida por meio de suas organizações, chegando a atingir os jovens num movimento crescente do sentimento da autoestima desse povo em relação à sua autodefinição, ou seja, reconhecer suas origens e seu pertencimento a um povo.

Nessa perspectiva, inspirado no Programa Curricular Diversificado: Educación Primaria, Intercultural para La Zona de La Reserva Nacional Pacaya Samiria do FORMABIAP, (2006), apresentamos uma proposta para o ensino da língua Kokama como L2 para os aprendizes da língua Kokama, ressaltando que em muitas comunidades Kokama não há falantes plenos da língua, mas sim aprendizes em diferentes níveis.

Nessa proposta, tomamos como pressuposto o método do Programa Mestre- Aprendiz sobre revitalização de línguas ameaçadas de extinção de Leanne Hinton, (2007), pois seu trabalho exposto no livro “Como manter sua língua viva: uma aprendizagem individualizada

¹⁷⁴*Souvent, Il existe un lien particulièrement fort entre la langue et Le sentiment d'appartenance à un groupe-ou une identité nationale* (BYRAM, 2006, p. 5).

baseada no Bom Senso” apresenta uma forma de ensino e aprendizagem que facilita a aprendizagem de uma língua mesmo para pessoas adultas, assim como o Vallejos Yopán e Yuyarima Chota (2002) durante o ensino de L2 os professores, mestres devem procurar manter a conversa em L2, onde os professores poderão criar estratégias para que os aprendizes compreendam o que ele está falando:

O método Mestre-Aprendiz de aprendizagem de Língua é um método de ensino de língua monitorado, criado para pessoas que não têm acesso a cursos de língua, mas tem acesso a um falante nativo. Esse Programa foi originalmente desenvolvido na Califórnia para suas línguas indígenas ameaçadas de extinção (HINTON, 2007, p. 17).

Segundo autora, o Mestre-Aprendiz é uma equipe que tem a liberdade para criar e recriar ambientes em que a língua possa ser falada. Os povos que almejam ter suas línguas de volta ao cotidiano não estão presos a métodos, mas às suas próprias motivações para aprendê-la. O povo Kokama do Brasil, Peru e Colômbia está com sua língua ameaçada de extinção e nesse sentido vimos nesse método uma forma de aprender e ensinar a língua Kokama nas escolas, Centros Culturais e nos espaços educativos das comunidades.

Como o povo tem apenas 10 falantes plenos da língua e estão distantes na maioria do tempo, adaptamos o método, colocamos como mestres MP3, gravações da língua Kokama: Histórias, História antiga, músicas, fala do cotidiano, nomes de peixes, animais e outros, assim como materiais didáticos baseados nesta metodologia. Essas gravações foram realizadas por Kokama falantes plenos da língua no Peru e no Brasil, socializadas para que o povo volte a aprender ou a reaprender sua língua.

O motivo pelo qual as comunidades querem fortalecer, vitalizar ou revitalizar sua língua, mesmo como uma segunda língua, é por ser “certamente a língua do coração”, é marcar uma diferença existencial: reconhecimento de sua herança e a retenção de laços de consanguinidade. “Ao mesmo tempo, é um esforço admirável manter identidade separada, especialmente para grupos indígenas que foram involuntariamente absorvidos às nações que reivindicaram seus territórios” (HINTON, 2007, p. 18).

Dessa forma, quando os agentes sociais passam a ter a iniciativa de querer sua língua de volta, é para que um de seus principais aspectos de identidade não desapareça, pois só o povo sabe o grau de importância que tem a sua língua. Para facilitar o ensino e a aprendizagem a autora vai dialogando com alguns outros métodos como:

[...] o método incorpora alguns métodos da resposta física total (TPR), como explicado por J. Archer em *Learning Another Language Through Actions: The Complete Teacher's Guidebook* (1994-Aprender outra Língua por meio de ações: guia completo para professores). De acordo com o método do TRP, a língua é combinada com a ação, e isso é especialmente útil nos estágios iniciais da aprendizagem de uma língua (HINTON, 2007, p. 19).

Esse método ajuda o Mestre-Aprendiz a retomar ou a reavivar sua língua, o aprendiz aprende os cumprimentos básicos, a fazer perguntas, a responder perguntas simples com respostas de sim ou não e outros. Este método se apropriou de outros métodos para “aumentar as possibilidades do aprendiz ter mais êxito em sua aprendizagem (veja, por exemplo, Lee e Van Patter, 1995), em que o mestre e o aprendiz enfatizam a aprendizagem da comunicação adequada em diferentes situações” (HINTON, 2007, p. 19).

Entretanto, quando se vai implementar esse método numa língua em vitalização ou revitalização, como é o caso da língua Kokama, as dificuldades são de competência comunicativa, a situação da língua na contemporaneidade, o que exigirá uma recriação de nossos léxicos para que ela venha ocupar os espaços em que atualmente se encontra o povo, assim pedagogicamente a língua é contextualizada em ambiente de ensino e aprendizagem. “Alguns atos tradicionais de comunicação podem não ser mais realizados ou o próprio mestre pode não conhecê-los. Além disso, existem situações que não existiam quando a língua era falada ativamente (HINTON, 2007, p. 19).

As atividades desenvolvidas em sala de aula requerem paciência de quem ensina e de quem aprende, os falantes plenos da língua, as bibliotecas vivas, por meio do diálogo, devem ser respeitosamente indagados e sensibilizados para o processo de atualização da língua, pois o aprendiz da L2 tem limitações que o aprendiz da L1 não tem.

Assim, o método de Hinton (2007) mestre-aprendiz nos fez pensar uma abordagem para contribuir com ensino e aprendizagem da língua kokama, propomos uma abordagem de ensino por meio de Desenhos Contextualizados-DC que expressam a cosmovisão do povo em suas atividades do cotidiano.

Para o povo Kokama no Brasil, o primeiro contato que a criança tem com a língua acontece na escola. Apresentar os desenhos e ouvir o professor falar a língua é de suma importância. As expressões usadas pelo professor continuamente contribuem para o exercício da oralidade em sala de aula.

Para crianças um pouco maiores apresentamos um caminho para o ensino da Língua Kokama que envolve o cotidiano de caça, pesca, agricultura, algumas das atividades mais desenvolvidas pelo povo Kokama no Brasil, ressaltando a diferença que existe na fala do

homem e na fala da mulher. Exemplo: (Meus peixes) uma mulher falará “Tsa ipiranu”, e um homem falará “Ta ipirakana”.

Essa particularidade da língua deve ser trabalhada no cotidiano da sala de aula e o professor deve estar atento para esta especificidade, então vem a questão da escrita ser outro desafio a ser enfrentado não somente pelo povo Kokama, mas praticamente por todos os povos indígenas por causa dos diferentes interesses de grafar a língua indígena.

A abordagem que estamos propondo não é uma receita, pois cada comunidade Kokama vivencia diferentes estágios da língua Kokama, cada sala possui seu nível de especificidade e níveis de variações linguísticas que devem ser levados em consideração. Exemplos:

1) Na palavra ‘obrigado’ são observadas as seguintes variações *yutsurupaki*; *sussurupaki*; *yusurupaki*; *tsurupake*; *usurupaki*.

2) Na palavra estômago são observadas as seguintes variações *eyun chiru* ‘roupa da comida’ e *tseweka ejun tupa* ‘lugar da comida na barriga’.

3) Na palavra (cachorro) é observada a variação fonética nas palavras iniciadas por /y/-*yawara*; *jawara*- na palavra (jabuti) *yawati*; *jawati*- a letra *ÿ* é uma variação do som *y*. Essa variação é observada na área da tríplice fronteira, mais precisamente em Tabatinga. Assim como as outras variações devem ser respeitadas e valorizadas.

É importante que as variações sejam conhecidas e valorizadas para que o aprendiz se identifique e se sinta aceito pelo grupo e por quem ensina a língua.

5.5 *Tsetsu Kokama* - ‘Estrela Kokama’

Essa estrela foi pensada para abordar as cinco partes que contribuirão para o ensino e aprendizagem da língua Kokama.

Essa abordagem para o ensino e aprendizagem da língua desenvolve-se da seguinte forma:



Essas cinco formas de expressão apresentadas acima representadas na *Tsetsu Kokama* ‘estrela’ Kokama pontas que devem ser trabalhadas de forma a fortalecer o ensino e aprendizagem da Língua Kokama-LK.

Desenho Visual – Usar desenhos para expressar todas as atividades, ações e sentimentos, como: alegria, tristeza, raiva, tranquilidade e outros. Nesse sentido, o professor deve usar sua criatividade para criar o ambiente de ensino e aprendizagem da língua Kokama. Ele pode estar utilizando também fotografias de máquina fotográfica, imagens de revistas, jornais, livros, cartazes e calendário. Esses materiais devem chamar a atenção dos alunos e seus exemplos devem estar de acordo com o objetivo proposto da aula levando em consideração a idade dos alunos, a cultura. Assim, pode ser realizado trabalho com objetivo de aumentar o vocabulário dos discentes, temas como cores chamam muito atenção dos mesmos, além de usar desenhos, imagens, fotos e outros de comidas, plantas, animais, lugares, artesanato, etc. Pode-se também trabalhar com as descrições desses desenhos, imagens, fotos de paisagens, roças, quintal, uma festa e outros.

O FORMABIAP, por meio de Vallejos Yopán e Yuyarima Chota (2002) apresentam algumas dicas para o professor trabalhar os desenhos:

Não é necessário que o professor seja um grande desenhista, existem técnicas que com alguns exercícios o professor é capaz de elaborar desenhos compreensíveis “A partir dos desenhos podem-se gerar diálogos, conversações, ouvir diálogo, aprender ou ampliar vocabulários” (VALLEJOS YOPÁN e YUYARIMA CHOTA, 2002, p. 30, tradução nossa), bem como a produção de máscaras (animais: onça, macaco, jabuti e outros), de bonecos para dramatizações. Os professores poderão trabalhar com frases longas desenvolvendo a habilidade oral dos aprendizes.

Nesse sentido Hinton (2007) também ressalta a importância de se trabalhar a língua, por meio de atividades que envolvem desenhos, e dá algumas sugestões:

Os desenhos nas páginas seguintes mostram seqüências de atividades diárias. Elas podem ser usadas de várias formas para ensinar e aprender a língua. Mestre e aprendiz podem conversar sobre os desenhos. O mestre pode apontar para cada seqüência de desenho e descrever o que cada pessoa está fazendo (tudo na língua que está sendo aprendida). O aprendiz pode estimular o mestre se necessário, perguntando “O que está acontecendo?”. Conforme o aprendiz for tornando-se avançado, o mestre pode pedir que ele descreva os desenhos. Outra possibilidade é usar as figuras como modelo enquanto o mestre diz ao aprendiz o que ele deve fazer. Por exemplo, usando a primeira seqüência, o mestre diz “Abra a porta.” (ou “Vá ao banheiro”); “Abra a torneira”, “Lave as mãos”; “Desligue a torneira”; “Pegue a toalha”; “Seque as mãos”; “Saia do banheiro”. O mais importante em relação a esses

desenhos é que eles podem ser usados no lugar de uma tradução para o português para ajudar o aprendiz a entender (HINTON, 2007, p. 145).

Essas sugestões ajudarão o professor a dinamizar suas aulas também, em caso em que não há o mestre o professor necessita ter essas frases gravadas na língua para poder exercitar e trabalhar em sala de aula com os alunos. Ratificando a ideia de Hinton (2007) e o Vallejos Yopán e Yuyarima Chota (2002) os cartazes devem apresentar imagens ou desenhos de eventos sociais, ou seja, atividades do cotidiano da comunidade.

Nos cartazes os desenhos devem estar de forma visível e bem enquadrada para possibilitar a visualização dos aprendizes em sala de aula. Se o objetivo é aumentar o vocabulário dos alunos é preciso levá-los a identificar os vocabulários que eles já possuem e construir frases, a partir dos desenhos, etc. Agora, quando o professor vai desenvolver estruturas gramaticais, uma imagem oferece várias possibilidades de expressão, porque assim será fácil escolher a estrutura deseje.

No início os aprendizes visualizam os desenhos e se expressam com palavras soltas e frases curtas, mas com o desenvolvimento do trabalho, os aprendizes vão perdendo a timidez e ficam motivados a interagirem uns com os outros, com o professor e com a família.

Os diálogos e os trabalhos realizados com os desenhos devem ser frequentes e sempre contextualizados, baseados no plano ou projeto do ensino da língua. Pedimos para os alunos descreverem desenhos, contar uma história a partir dos desenhos, reviver uma ação vivenciada por eles que está expressa no desenho.

Oralidade – Esta é o principal meio de transmissão da cultura de um povo. Para línguas em revitalização ou vitalização que não possuem falantes em suas comunidades, são de suma importância as gravações para que a língua não sofra tantas perdas ou certa quantidade de variação em todos componentes, como na fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e no léxico¹⁷⁵.

É preciso estimular conversas que expressam o cotidiano da comunidade, para isso pode ser levado para sala de aula objetos para serem utilizados como recursos de ajuda para estímulo das conversas. Repetir adivinhações, trava-línguas, rimas, assim como realizar dramatizações individuais, em dupla ou em grupo utilizando gestos, máscaras, juntamente contribuem para “la expresión corporal y gestual, sirve de complemento y apoyo al lenguaje

¹⁷⁵ Em (apêndice D) está um vídeo do especialista da língua Kokama Augusto Ricardo Tamani falando em Kokama, o que ele observa em alguns desenhos do cotidiano Kokama. Ouvir, ouvir e ouvir é de suma importância no aprendizado de uma língua.

oral, facilitando la comprensión” (VALLEJOS YOPÁN e YUYARIMA CHOTA, 2002, p. 28). Esses exercícios ajudam os alunos a trabalhar as dificuldades com os sons da LK2.

A escola poderá ser ornamentada com frutas, colheres, panelas, remo, chapéu, artesanatos, animais feitos de madeiras ou no tururi ou domésticos, desenhos, cartazes e outros, pois estes materiais poderão ajudar o professor a fixar a língua em sala de aula. A possibilidade de manusear estes objetos reais estimula os alunos a se concentrar no aprendizado da língua e passam a se expressar melhor sobre o que estão manuseando. Assim, o professor deve ter esses materiais de forma que possa desenvolver cor, tamanho, nomes e uso. O professor poderá chamar os alunos para saírem de sala de aula e observarem as plantas medicinais que há na comunidade, os animais domésticos, as produções de artesanato, de canoa, de remo entre outros.

A etapa inicial de aprendizagem de uma segunda língua deve levar em consideração as respostas de movimentos físicos. O professor fala e os alunos escutam e apresentam ao professor o entendimento por meio de gestos, sinais e atividades. Segundo Vallejos Yopán e Yuyarima Chota (2002), os alunos são levados a internalizar a estrutura gramatical da língua, “*los significados y la pronunciación de la L2*” (VALLEJOS YOPÁN e YUYARIMA CHOTA, 2002, p. 24). Nesse sentido, a etapa inicial do ensino e aprendizagem da língua poderá ter pouca duração (uma ou duas semanas), isso vai depender do diagnóstico para verificar os níveis de fluência da língua.

Em seguida às etapas, gradativamente vão sendo apresentadas situações mais complexas da língua (como os casos e marcas de tempo na língua). Os alunos mais avançados poderão dramatizar histórias antigas, narrativas, para que os que estudam a língua pela primeira vez possam escutar e compreender a fala dos colegas e do professor.

Esto se hace para promover um aprendizaje natural em el que los niños y las niñas no producen lenguaje em absoluto porque está demostrado que no solo se desarrollan habilidades de hablantes mientras se participa em una conversación, sino cuando se está prestando atención em um proceso de interacción comunicativa (VALLEJOS YOPÁN e YUYARIMA CHOTA, 2002, p. 34).

A propósito Vygotsky (1997)¹⁷⁶ argumenta que a interação é indispensável no processo de ensino e aprendizagem, pois é na interação que se constrói o conhecimento.

¹⁷⁶Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997. Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/>> acesso em ago. 2015.

Nesse sentido, as crianças se sentem mais desinibidas nas interações das dramatizações, nos cantos, nas histórias e estão atentas às reais situações de falas dos colegas e do professor.

Audição – Na maioria das comunidades Kokama no Amazonas há alto-falante, conhecido também como boca de ferro, também há rádio comunitária - esses instrumentos podem ser de suma importância para se ouvir músicas tradicionais, relatos, contos, poesias, trava-língua, adivinhações e outros, assim também poderão trabalhar em sala de aula com a utilização de gravadores, DVD's, CD's para diversificar o ensino da L2 na escola e em espaços educativos. Por exemplo, uma atividade que poderia ser realizada é a gravação da fala dos alunos na língua de uma dramatização, de uma música, de uma poesia, de uma história, depois o professor apresenta essas gravações aos próprios alunos e assim vão aperfeiçoando a pronúncia e expressões em Kokama.

Contextualização – A competência comunicativa será realizada a partir do desenvolvimento do trabalho com a língua, para isso todas as atividades devem estar contextualizadas. Os desenhos constituem um dos principais caminhos que apresentamos nesse trabalho por oferecer condições para o professor aumentar o vocabulário, por trabalhar a gramática e a morfossintaxe da língua.

O professor observa o quanto o aprendiz está adquirindo habilidades na língua observando o quadro dessas habilidades (páginas 278 a 280).

É de suma importância que o professor seja um pesquisador de sua cultura, que tenha a parceria da comunidade para o desenvolvimento do trabalho.

Escrita – A língua Kokama já tem sistema de escrita e é muito utilizada pelos aprendizes. A escrita para os povos indígenas, atualmente, ajuda em processos de reivindicações, registros de suas pautas e outros e a “promover a manutenção e a valorização das línguas indígenas” (CAVALCANTI; MAHER, 2005, p. 27). Entretanto para o ensino de uma língua, se a escrita não for utilizada com a devida atenção pode se tornar um obstáculo, como Hinton (2007) afirma.

Não estamos afirmando que se deve abandonar **toda** forma de escrita e análise gramatical. A análise gramatical pode ser muito útil; as línguas podem ter construções especiais e afixos são difíceis de aprender, e você pode querer estudar isso de modo sério e consciente. Ademais, muitas comunidades já têm sistemas de escrita, e tornar-se competente na sua língua pode incluir competência na leitura e na escrita. Escrever uma língua – desde que não seja atrelado a uma tradução do português – pode ser algo que você queira desenvolver como uma nova forma de uso linguístico de sua comunidade. Você pode querer usar a escrita para registrar antigas histórias, escrever cartas ou poesias. Mas lembre-se, para aprender a **falar** uma língua

fluentemente, ouvir e falar é mais importante do que a escrita e a gramática. (HINTON, 2007, p. 38).

A real situação da língua Kokama no Brasil é muito preocupante principalmente para seu povo. Os professores precisam criar situações sociais necessárias para o ensino e aprendizagem da língua. A sensibilização de pais, professores, comunidades, lideranças, associações, coordenações, dirigentes e outros que estão envolvidos nesse processo, se faz importante para reconhecer que a língua Kokama é um dos principais aspectos da identidade desse povo, pela qual é expressa a sua cosmovisão e sentimentos de sua cultura.

Consideramos, como primeira etapa, a preparação de situações sociais para o ensino da língua, também a elaboração de desenhos contextualizados, objetos da cultura ou réplica desses instrumentos para ficarem na sala de aula e outros.

A segunda etapa se inicia quando as condições sociais já foram estabelecidas e se faz necessário que haja uma assembleia para que decidam quando querem iniciar as atividades com a língua. Vale ressaltar que é importante que o professor conheça bem seus alunos e a situação da língua na comunidade. Para que possam realizar um trabalho que desenvolva habilidades e competências na língua em níveis básicos, intermediário e avançado. Esses níveis são observados em sala de aula sem que todos os estudantes tenham que estar num mesmo nível de estudo porque a interação desses aprendizes é de suma importância para um aprendizado significativo¹⁷⁷.

Nível Básico- Neste nível, os estudantes falam pouco ou nada da língua; fazem saudações e despedidas; falam frases curtas, mas não falam de forma espontânea. Vemos nos apêndices A, B, C alguns instrumentos de diagnóstico para o ensino e aprendizagem da língua Kokama, como L2.

Nível Intermediário – Neste nível, os estudantes fazem perguntas e usam frases curtas para responder; “se expressam corretamente, mas com influência da L1” (VALLEJOS YOPÁN e YUYARIMA CHOTA, 2002, p. 10, tradução nossa); se expressam por meio da escrita, às vezes com algum erro, mas conseguem expressar-se; o vocabulário é mais variado e se expressam com mais facilidade.

Nível Avançado - O aprendiz consegue falar e escrever com grande fluência em L2, ele consegue expressar seus sentimentos, suas necessidades com fluidez oral e escrita.

¹⁷⁷ Esta proposta de abordagem metodológica para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama está em DVD. (Apêndice D).

Apresentamos, a seguir, alguns quadros que poderão ajudar o professor a acompanhar as habilidades e competências na língua de seus alunos adaptado dos materiais didáticos Kukama-Kukamiria do Peru, produzido pelo FORMABIAP.

Quadro 10 - Oralidade

Competências	Habilidades
<p>Comunicação oral</p> <p>O estudante: comunica-se com clareza, expressa suas necessidades e interesses na língua; escuta com atenção as informações que recebe.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realiza cumprimento formal e informal; - Faz perguntas espontâneas ao realizar suas atividades; - Dá informação sobre sua família e outros temas que o professor propõe; - Descreve brevemente animais, plantas, lugares e outros; - Faz relato de forma breve e ordenada sobre suas experiências e sobre sua comunidade; - Narra uma pequena história com base em desenhos; - Canta em grupo e individual; - Narra uma pequena história sobre desenhos apresentados; - Participa de jogos linguísticos; - Canta canções de roda e outros; - Escuta com atenção as histórias e narrativas do professor e dos colegas; - Escuta textos e faz perguntas de interpretação; - Escuta enunciados naturais em diversas situações comunicativas para familiarizar-se com a segunda língua;

Quadro 11 - Ficha de acompanhamento do aluno por bimestre ou trimestre

Habilidades a serem desenvolvidas	Conceitos		
	Excelente	Bom	Limitado
<ul style="list-style-type: none"> - Realiza cumprimento formal e informal; Faz perguntas espontâneas ao realizar suas atividades; - Dá informação sobre sua família e outros temas que o professor propõe; - Descreve brevemente animais, plantas, lugares e outros; - Faz relato de forma breve e ordenada sobre suas experiências e sobre sua comunidade; - Narra uma pequena história com base em desenhos; - Canta em grupo e individual; - Narra uma pequena história sobre desenhos apresentados; - Participa de jogos linguísticos; - Canta canções de roda e outros; - Escuta com atenção as histórias e narrativas do professor e dos colegas; - Escuta textos e faz perguntas de interpretação; - Escuta enunciados naturais em diversas situações comunicativa para familiarizar-se 			

com a segunda língua;			
-----------------------	--	--	--

CONCEITOS		
 Tsariwaka	 Era	 Kuyawa

Essas expressões são representações dos conceitos acima descritos no quadro II. Os emoticons ilustram as expressões na língua Kokama de sentimentos, estado de ânimo do aprendiz ‘muito alegre’ *tsariwaka*, sua aprendizagem corresponde à expectativa ou está acima da expectativa; ‘está bem’ *era* – essa palavra significa que a aprendizagem está boa, está dentro do esperado; ‘precisa de mais estímulo, está tranqüilo’ *kuyawa* – o significado dessa palavra expressa uma aprendizagem que não está alegre e que não está triste, mas que precisa de uma grande atenção, é a expressão do ânimo antes de ficar triste.

Quadro 12 - Audição/Leitura e escrita

Competência	Habilidade
Leitura e escrita de textos literários e informativo para melhorar seu conhecimento na língua e na cultura.	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica os tipos de textos; - Identifica os tipos de texto por meio do título, desenhos, ilustrações e diagramação; - Interage com os colegas o tema do texto; - Está atento à leitura feita pelo professor; - Pronuncia com clareza as palavras; - Demonstra compreensão do som do texto; - Possui uma boa pronúncia;

Quadro 13 - Ficha de acompanhamento do aluno- Audição/Leitura e escrita

Habilidades a serem observadas	Conceitos		
	Sim	Não	Observações
<ul style="list-style-type: none"> - Observa e presta atenção no texto do professor; - Identifica as características do texto; - Diferencia palavras que começam e terminam da mesma forma; - Reconhece os acertos e desacertos de sua pronúncia; - Formula perguntas; - Compreende pelo menos um pouco do texto. 			

Essas sugestões servem para subsidiar a prática do professor. Ele poderá colocar no Quadro as habilidades e competências que os aprendizes necessitam desenvolver conforme a

realidade de cada comunidade. Vejamos as expressões em Kokama em relação aos itens a serem observados.

São sugestões que poderão ser redimensionadas conforme a necessidade da prática educativa que a escola e a comunidade realizam.

CONCEITOS		
 Era	 Tima	 Kuatiaraka

Esse quadro representa as expressões na língua Kokama do Quadro IV Ficha de acompanhamento do aluno- Audição/Leitura e escrita. A palavra ‘está bem, bom’ *era* nas figuras dos emotions, assim como ‘não’ *tima* e ‘escrever’ *kuatiaraka*. São conceitos que representam o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, o professor poderá utilizar as expressões em Kokama ou em português para fazer o acompanhamento de seus alunos. Se o aluno entende bem a língua Kokama, o conceito é *era*; se lê bem o kokama com toda entonação de voz da língua, o conceito é *era*; se escreve a língua também é *era*. Caso não esteja fazendo pode acompanhar colocando na ficha de acompanhamento do aprendiz *tima*. Mas, se apenas escrever a língua mesmo sem falar, pode utilizar o *Kuatiaraka*.

A Língua Portuguesa no Brasil é utilizada como L1 pelos Kokama. Entendemos por língua 1 (um), a língua materna, a primeira língua aprendida pelo falante na sua infância. No caso do povo Kokama, desde a década de 1940 a primeira língua tem sido o português, falada no âmbito familiar, religioso, escolar, enfim, em todo o ambiente social desse povo.

Para Byram (2006) há um elo entre língua nacional e identidade nacional que pode ser fortalecido ou enfraquecido pelo ensino formal na escola por disciplina. A Língua Portuguesa ensinada na escola por disciplina está em processo de reelaboração, pois o desenvolvimento das habilidades e competências nessa língua de comunicação encontra-se presente no cotidiano das comunidades.

No momento o currículo escolar em Língua Portuguesa está sendo discutido pelos Técnicos da Gerência de Educação Indígena do Estado do Amazonas, Lideranças e professores. Mas já apontam o caminho para a construção desse currículo por meio da “Proposta Pedagógica de Matrizes Curriculares interculturais de referência para escolas indígenas no Amazonas: Ensino Fundamental e Médio” construído em agosto de 2014.

5.6 Língua Kokama como L2

É a língua que se aprende depois da língua materna. Nesse sentido enfatizamos que as habilidades da língua materna precisam estar bem desenvolvidas para se aprender uma Língua 2 (dois). Mas, por outro lado, quanto mais cedo o aprendiz da língua 2 estiver inserido no processo de aprendizagem da língua em questão, terá “uma mente mais aberta e respeitosa em relação à diversidade linguística e cultural de seu povo (VALLEJOS YOPÁN e YUYARIMA CHOTA, 2002, p. 11), além de desenvolver habilidades que não se encontram em aprendizes monolíngues. Nesse sentido, para desenvolver habilidades de comunicação oral básica consistentes em uma L2, faz-se necessário ter desenvolvido primeiro estas habilidades na língua materna. Para o povo Kokama, a língua Kokama é a língua do coração, *kumira ta ya*.

Mais orientações de possibilidades para que esta proposta possa ter êxito, expomos também algumas sugestões de observações destacadas nos livros da coletânea Yawati Tinin.

Língua 2 – Yawati Tinin I

Público-alvo: crianças de 04 a 8 anos. Neste livro, há orientação para o professor acompanhar o aprendiz na Língua Kokama. A comunicação oral que propomos ser desenvolvida:

1 - Comunicação oral

- Comunicação oral para que as crianças expressem suas necessidades, experiências e compreensão na língua Kokama. Pergunta-se, como o aprendiz conseguirá desenvolver essas habilidades?
- Escutar as instruções do professor e de outros parentes que queiram respostas físicas e orais. O professor fará perguntas para que o aprendiz responda sim ou não na língua;
- O professor dará as orientações para que o aluno fale seu nome, nome da família, entorno e as ações que realizam;
- Perguntar e formular frases a respeito de pessoas, animais e ações que elas realizam;
- Aprender canções tradicionais e escolares na língua;
- Formular perguntas quando for pedir informação;
- Escutar explicações simples e responder perguntas utilizando frases simples e curtas;
- Escutar informações de descrição de plantas, animais e outros e responder perguntas simples sobre os mesmos;
- Narrar contos utilizando sequências de desenhos;
- Descrever objetos de maneira breve;
- Falar adivinhações, trava-línguas e poesias;
- Participar de jogos linguísticos para melhorar sua pronúncia, exemplo: ta kuchi; ta kichi;

- Dialogar com outros aprendizes em pares sobre a família e atividades diárias;
- Escutar relatos curtos e responder perguntas de compreensão;
- Escutar com atenção relatos do professor e de outros aprendizes;
- Participar de dramatizações e jogos que expressem seus desejos e suas opiniões sobre temas da cultura;
- Exercitar a audição ouvindo áudios de fala Kokama sobre animais, aves, peixes e frases curtas para reconhecer e diferenciar os sons na língua kokama;

2 - Comunicação escrita

Na comunicação escrita, propomos ser desenvolvida a leitura

- Ler textos simples em que se utilizam palavras Kokama que se escrevem com consoantes e vogais comuns às da língua Portuguesa;
- Apresentar textos em gravuras para que o aprendiz escute e depois escreva;
- Escrever textos: músicas, poesias, adivinhações, trava-língua;
- Comparar o alfabeto Kokama com a alfabeto da língua Portuguesa observando diferenças e semelhanças;
- Desenvolver habilidades auditivas e visuais que ajudem a reconhecer diferenças de sons e grafias do Kokama;
- Ler pequenos textos com a grafia Kokama;
- Descrever e escrever regras de jogos, regras de convivência em sala de aula, saudações e outros;

3 - Comunicação escrita

Na comunicação escrita propomos ser desenvolvida a escrita

- Escrever frases e orações curtas;
- Escrever produção de texto coletivo;
- Transcrever músicas-ikaro; histórias, brincadeiras e outros;
- Escrever textos com os alunos no quadro, identificando as letras comuns no português e no Kokama;
- Criar pequenas redações;

4 - Reflexões sobre a língua

Propõe-se a observar, se o aprendiz reconhece elementos gramaticais do Kokama que o ajudam a desenvolver suas habilidades linguísticas no aprendizado da língua. Ressaltando a importância da língua para a cosmovisão do povo.

Explicar que existe diferença no Kokama da fala feminina para a fala masculina; que as perguntas estão compostas por sons e palavras que se relacionam entre si para formar orações e expressar ideias; que há uma diferença na pronúncia da vogal *i* e a vogal *ĩ*; que assim como na língua portuguesa, há o uso de sinal de pontuação, como vírgula, ponto, o uso de letra maiúscula e minúscula, margens, letra legível e outros, essas formas básicas devem ser ensinadas no ensino e aprendizagem da Língua Kokama.

Língua 2 – *Yawati Tinin II*

Público-alvo: crianças de 09 a 12 anos. Neste livro há orientação para o professor acompanhar o aprendiz na Língua Kokama. A comunicação oral que propomos ser desenvolvida:

1 – Oralidade

- Expressar-se de maneira clara em Kokama em determinadas situações comunicativas e entender a informação que recebe na língua;
- Participar de Minkas ou ajuris, reuniões familiares e em outras situações comunicativas em que de alguma forma a língua Kokama é falada;
- Conversar com falantes; quando não houver falantes, ouvir as gravações em CDs e DvD's Kokama;
- Ouvir música Kokama em CDs e DVD's;
- Incentivar o aprendiz a formular perguntas para tirar suas dúvidas;
- Relatar de forma breve suas atividades do cotidiano;
- Expressar suas idéias de forma espontânea respeitando a ideia dos colegas;
- Pedir informação sobre sua família, seus vizinhos, as ações que realizam e as situações que surgem na comunidade;
- Cantar canções tradicionais e canções produzidas em sala de aula em Kokama, como paródias e outros;
- Descrever pessoas, animais, aves, plantas, lugares e elementos da natureza por meio de gravuras, desenhos ou animais presentes e não presentes na comunidade levados pelos aprendizes;

- Dialogar em pares sobre ou em grupos por meio de fantoches, dedoches, pandomina, sobre suas experiências pessoais e no âmbito familiar;
- Descrever gravuras que expressam as ações do cotidiano Kokama;
- Identificar personagens das Histórias antigas, histórias e contos Kokama;
- Dramatizar Histórias antigas, contos e histórias caracterizados com o personagem;
- Realizar jogos linguísticos para ajudar na pronúncia de diferentes palavras com sons parecidos em Kokama;
- Dramatizar situações reais e imaginárias na língua Kokama;
- Construir ambiente para preparar uma comida típica na língua Kokama;
- Criar adivinhações, rimas e trava-língua com aprendizes, em pares ou em grupo;
- Comentar situações vivenciadas na comunidade e no país;

2 – Escrita /Comunicação escrita: ler

- Ler pequenos textos que possam ampliar seus conhecimentos sobre seu povo.
- Disponibilizar textos em Kokama, como Histórias em Quadrinhos, cartilhas, jornais, músicas, poesias, histórias, Histórias antigas e outros para escolher o que lhe interessa para ler.
- Ler com pronúncia adequada os textos criados por outras pessoas e por si mesmos;
- Compreender situações que vêm no texto do cotidiano, como diálogos, avisos, descrições, contos e outros;
- Identificar tipo de texto, título, ilustrações e outros;
- Compreender as orientações escritas para realizar atividades, como jogos, construir um instrumento e outros;
- Compreender mensagens escritas em cartazes, quadro, croquis, cartas e outros;

3 - Comunicação escrita: Escrever

- Produzir pequenos textos, tanto informativos como funcionais ou mesmo literários, para expressar seu cotidiano.
- Produzir textos com o vocabulário aprendido;
- Escrever textos adequadamente com o alfabeto Kokama;
- Produzir textos expressando suas necessidades, sentimentos e emoções;
- Produzir textos, como avisos, cartas, receitas, recados e outros;

- Elaborar e organizar informações no quadro sobre diferentes áreas do conhecimento;
- Descrever animais, aves, pessoas, plantas, objetos e situações vivenciadas por eles na escola e na comunidade;
- Produzir textos sobre histórias, História antiga e contos;

4 - Reflexão sobre a língua

Nesta etapa é importante observar se o aprendiz é capaz de identificar a estrutura gramatical Kokama ao expressar-se de forma oral e escrita. Se é capaz de diferenciar a fala masculina e a fala feminina em Kokama, como nos pronomes demonstrativos (ajan e ikian), nos pronomes (etse, ya, penu, ta, uri, tana) e as marcas de plural (-nu e -kana).

Reconhecem-se o sistema de sons significativos do Kokama. Aplica-se seus conhecimentos sobre os tipos de palavras em língua portuguesa (nomes, verbos), reconhece-se algumas características destas classes no Kokama. Reconhece-se as marcas de tempo em Kokama, como passado (=ui ‘pretérito imediato’, =ikwá ‘pretérito recente, ontem ou faz poucos dias’, =tsuri ‘pretérito remoto.’) e ‘futuro’ (=á). Se reconhece alguns advérbios de tempo (imĩnu¹⁷⁸, ikuachi¹⁷⁹, ikun¹⁸⁰, kamutun¹⁸¹ e outros), se consegue pronunciar esses advérbios com diferentes clíticos de tempo ao pronunciar as orações. Se realiza jogos e brincadeiras utilizando pronomes pessoais de acordo com seu gênero.

Língua 2 – Yawati Tinin III

Público-alvo: Jovens e adultos. Neste livro há orientação para o professor acompanhar o aprendiz na Língua Kokama. A comunicação oral que propomos ser desenvolvida:

1 -Expressão oral

- Nessa etapa deverá ser observado se o aprendiz apresenta atitude de confiança, respeito e valorização ao comunicar-se na língua kokama, expressando idéias e opiniões;
- Ouvir conversação em Kokama por meio de áudio e vídeo;
- Pedir informação sobre sua família, seu entorno e suas situações apresentadas no cotidiano;
- Expressar espontaneamente idéias, opiniões, sentimentos em Kokama;
- Ouvir com atenção conversas, diálogos, discursos (contos, poesias, histórias e outros);

¹⁷⁸Há tempos.

¹⁷⁹Ontem.

¹⁸⁰Hoje.

¹⁸¹Amanhã.

- Entender diálogos, mensagens, comandos e outros;
- Descrever seu meio ambiente e as ações desenvolvidas no meio social da comunidade;
- Relatar de forma ordenada atividades vivenciadas em seu cotidiano;
- Reconhecer e valorizar as formas do discurso tradicionais que existem em Kokama;
- Praticar alguns dos discursos tradicionais, como ikaro, cantos e relatos curtos;
- Cantar diversos cantos de diversos tipos de acordo com sua preferência;
- Descrever cartazes que apresentam atividades do cotidiano da comunidade;
- Criar uma história baseada em sequência de desenhos ou cartazes;
- Dramatizar contos, relatos, experiências de vida expressando-se com fluidez em Kokama;
- Seguir orientações para elaborar fichas, figura em papel, jogar jogos, preparar alimentos e outros;
- Descrever pessoas, animais, lugares, plantas, elementos do meio natural e espiritual, a partir de observação real ou por meio de ilustração;
- Narrar contos, histórias, Histórias antigas, utilizando máscaras, ilustrações, bonecos, fantoches, dedoches e outros;
- Dialogar em dupla ou em grupo suas experiências pessoais e sobre acontecimentos familiares;
- Realizar jogos linguísticos para ajudar o aprendiz a melhorar sua pronúncia e diferenciar palavras com sons parecidos;
- Criar adivinhações, rimas, trava-língua expressos por diferentes dinâmicas de grupo;
- Socializar notícias ocorridas na comunidade e no país;

2 - Comunicação escrita: ler

- Nesta etapa observa-se a evolução do aprendiz em leituras realizadas por ele em diferentes tipos de textos selecionados de acordo com suas preferências, como;
- Valorizar práticas de leitura em Língua Kokama;
- Selecionar textos em Kokama e ler aqueles que despertam seus interesses;
- Ler oralmente com pronúncia e entonação adequada colocando em prática seus conhecimentos sobre os sons em Kokama;
- Compreender comandos das atividades expressas em textos, livros e outros;
- Identificar principais idéias do texto que ler;
- Realizar leituras rápidas, observando as idéias principais e secundárias;

3 - Comunicação escrita: escrever

- Nesta etapa poderá ser observada na escrita do aprendiz a produção de textos em situações reais fazendo uso linguístico adequado do Kokama. Também poderão ser observadas as seguintes habilidades desenvolvidas no aprendiz:
- Valorizar as práticas de escrita em Kokama;
- Produzir textos utilizando os vocabulários aprendidos;
- Escrever diferentes textos utilizando o alfabeto Kokama;
- Descrever seu mundo real e imaginado por meio de textos;
- Utilizar estratégias e habilidades adquiridas no português para o Kokama em redação, descrição e outros;
- Elaborar resumos e organizar informações no quadro;
- Produzir textos de caráter funcional (recados, cartas, avisos e outros);
- Escrever textos respeitando margens, pontuação, títulos, ilustrações que ajudam a compreender melhor o conteúdo;
- Descrever por escrito animais, aves, peixes, objetos e situações que se situam em âmbito local e regional;
- Produzir textos individuais de contos, relatos, histórias e outros em diferentes temáticas;
- Criar mural com contos, histórias, músicas, trava-língua e outros demonstrando sua criatividade;
- Apresentar ordem e criatividade em seus escritos;
- Responder por escrito perguntas informativas (o que, quem, onde e quando) e explicar (como, porque e para que) feitas pelo professor ou outras pessoas;

4 - Reflexão sobre a língua

Nessa etapa o professor do aprendiz jovem e adulto deve ficar atento às habilidades que o mesmo tem desenvolvido até aqui, pois os aprendizes que chegam nessa fase preferencialmente devem saber analisar o funcionamento da língua que tem aprendido e reconhecer que os conhecimentos lhes ajudam a compreender as leituras e a melhorar suas produções.

O aprendiz preferencialmente deverá está ciente do perigo de extinção da língua Kokama para que os esforços que estão sendo feitos produzam bons resultados na autoestima do aprendiz. Deverá estar clara a diferença na fala do homem e da mulher Kokama, como

“(ajan e ikian); nos pronomes (etse, ya, penu, ta uri, tana) e nas marcas de plural (-nu, kana)” (FORMABIAP, 2006, p.111). O aprendiz deverá praticar as diferenças de fala de acordo com seu gênero.

Deverão ser observadas no aprendiz formas de comunicação que serão de suma importância no aprendizado da língua, como afirma o Programa Curricular diversificado: Educación primaria intercultural para La zona de La reserva nacional Pacaya Samiria para escolas Kokama no Peru:

Identificar sílabas acentuadas em palavras e reconhecer que geralmente palavras que terminam em vogal com som grave (uka, yawara, parana) e as terminações em consoantes com som agudo (eyun, ikuarin, ipamanan). Aplicar este conhecimento quando ler e escrever. Reconhecer as diferenças de marcas de tempo passado (=uy,=ikwa, =tsuri) e futuro (=utsu, =á). Identificar sua distribuição com clíticos e não como sufixo verbal. Se exercita alguns advérbios de tempo (iminua, ikuachi, ikun, kamutuni, etc) combinados efetivamente com os diferentes clíticos de tempo ao produzir orações. Expressar textos respeitando aspectos gramaticais fundamentais como: a ordem de palavras em oração (SVO, OSV) e a localização de clíticos de tempo. Realizar jogos em que usa pronomes pessoais de acordo com seu gênero. Usa efetivamente o alfabeto proposto pelo Kokama. Identificar palavras que estão formadas por uma raiz e opcionalmente por alguns afixos (ej. uka-kira-kana). Reconhecer que os afixos se escrevem juntos a raiz (ej. ukakirakana). Reconhecer conectores lógicos próprios do Kokama como: raepe, raepetsui, riay, riakua). Classifica enunciados que expressam afirmação, negação (partículas ni, tima), a interrogação (sufixo-tipa). Identificar classes de palavras de acordo com os sufixos que recebem (plural, -kana, instrumental -pu), reflexivo -ka), verbos progressivos ri, nominalizador -n) (FORMABIAP, 2006, p. 111).

No Brasil o avivamento da língua Kokama está sendo gradativo e o que nos chama a atenção para as marcas de tempo em Kokama, como passado (=ui ‘pretérito imediato’, =ikwá ‘pretérito recente, ontem ou faz poucos dias’; =tsuri ‘pretérito remoto’.) e ‘futuro’ (=á); os advérbios de tempo (iminua¹⁸², ikuachi¹⁸³, ikun¹⁸⁴, kamutun¹⁸⁵ e outros), pois pouco têm-se usado as marcas de tempo na fala kokama do Brasil, como foi verificado na tese de CABRAL (1995).

Nesse sentido, é de suma importância ter um trabalho mais efetivo com as marcas de tempo e advérbio na língua Kokama. Outra situação observada é que no Kokama do Brasil há mais palavras que são pronunciadas com = i diferente do Kokama do Peru, ainda pronuncia

¹⁸²Há tempos.

¹⁸³Ontem.

¹⁸⁴Hoje.

¹⁸⁵Amanhã.

=i, como na palavra iminua¹⁸⁶, já os Kokama do Peru, como citado pelo FORMABIAP (2006) pronunciam =iminua).

É sabido que, quando a língua é falada fluentemente, no decorrer do tempo vão ocorrendo pequenas mudanças, e quando ela não ocorre as palavras ficam mais cristalizadas, isso não significa que não ocorram variações na língua.

5.7 Perspectivas e desafios para o fortalecimento da Língua Kokama

O processo de territorialização da língua Kokama em diversas comunidades do estado do Amazonas conta com a formação específica de professores indígenas na língua. Até o momento são as oficinas didáticas pedagógicas para o ensino e aprendizagem da língua Kokama que subsidiam a prática do professor.

Em lugares nos quais não é possível a chegada das oficinas, eles buscam parcerias com professores que participam das oficinas para socialização dos materiais, e assim vão se instrumentalizando para trabalhar a língua Kokama. Entretanto, os professores indígenas Kokama passam por diferentes formações.

No processo de vitalização da língua Kokama, os professores estão em constante formação, a exemplo: Programa de Formação de Professores Indígenas nas licenciaturas interculturais indígenas-PROLIND/UFAM; Formação individual de professores, UFAM e UEA; Ação de Saberes Indígenas Secretarias Municipais/ MEC-Portaria MEC 1.061/2013; Curso de Formação Continuada pelas Secretarias Municipais e Estaduais, mas não é na área específica da língua Kokama.

Trouxemos aqui as dificuldades enfrentadas por professores que possuem formação de nível superior, mas não uma formação para o ensino e aprendizagem da língua Kokama.

A dificuldade de fala da língua kokama vem sendo um grande desafio para comunidade e principalmente nas famílias, visto que a população atual não aprendeu a língua com os idosos do passado e, ainda, os mais jovens do presente não demonstram interesse em aprender com os poucos falantes que existem. Nesse sentido questionam-se como é possível revitalizar a língua kokama? (SIMÃO¹⁸⁷, 2013).

A pesquisa do professor Simão desenvolveu-se no município de São Paulo de Olivença-AM. Nesse sentido, sabemos que há preocupação de professores que estão em formação no curso de licenciaturas que não lhes prepara para trabalhar na vitalização da

¹⁸⁶Há tempos.

¹⁸⁷Parte do problema que o professor Roberval Pereira Simão pesquisou em um curso de formação.

língua e como fazer esse processo acontecer realmente? A pesquisa do professor Prudêncio também busca respostas ou mais reflexão: “Porque os alunos apresentam dificuldade na leitura e na escrita da língua materna kokama?” Professor Prudêncio Maurício (2013)¹⁸⁸.

Bartomeu Meliá, em 1979, já fazia referência a um possível caminho que a educação escolar indígena deveria seguir para que realmente pudesse ser implementada a educação diferenciada nas comunidades indígenas. O método encontrado deveria fazer com que os alunos conheçam a Língua, reafirmem sua identidade e dominem os conhecimentos da sociedade envolvente para que possam exercer sua autonomia. Assim, Ticuna aprende ser ticuna, kambeba aprende ser Kambeba, Kokama aprende a ser kokama, de forma que:

A autonomia dos povos indígenas poderá ser conquistada à medida que forem garantidas as condições necessárias para que cada povo possa ser “ele mesmo”. Neste sentido, autonomia não é o mesmo que independência, não supõe a eliminação total da presença do Estado na vida indígena. Pressupõe, isso assim, a instauração de uma outra forma de relação entre o Estado e os povos indígenas. Apostar na autonomia dos povos indígenas é confiar em seu protagonismo, nas escolhas que vão fazendo coletivamente e na força de suas culturas e instituições. São eles que vão traçar as linhas de sua autonomia (SILVA, 2005, p. 4).

Os professores indígenas partem da realidade de suas comunidades e levam o conteúdo para sala de aula, de forma a valorizar os conhecimentos e as tradições de seus povos. É isso que se espera de professores que trabalham com a língua, um estudo significativo, como Paulo Freire (1996) enfatizava, para se ter um ensino significativo, ele deve ser contextualizado. Para tanto, é importante que o professor conheça bem seus aprendizes e a cultura de seu povo.

Atualmente, na fase de vitalização da língua, o professor é um elemento muito importante no ensino e aprendizagem da língua, pois há lugares em que a língua é falada apenas na escola, como L2. É o professor que articulará a presença dos anciãos da comunidade na escola e outras participações que enriqueceram suas aulas. A formação contribuirá para que o professor saiba o momento em que ele é imprescindível e o momento em que é o mediador.

Para o ensino da língua, como enfatizado anteriormente neste capítulo, é importante que o professor faça um diagnóstico de seus aprendizes, tanto na escola, quanto em seu ambiente familiar para tratar as especificidades. A família tem como ajudar nesse processo? Como? Ensinar uma língua em vitalização é sempre um desafio.

¹⁸⁸ Entrevista realizada em São Paulo de Olivença enviada por e-mail, 2013.

Faltam materiais didáticos, formação específica, parceria entre os poderes Municipal, Estadual e Federal para uma política para as línguas em perigo de extinção. Aqui, como já foi ressaltado, não aprofundaremos a questão de formação de professores, mas expomos para chamar a atenção para a falta de formação específica na língua Kokama. Os professores que vivenciam este processo de vitalização participam das oficinas, seja perto de sua comunidade, seja distante, por considerarem a língua um dos principais aspectos de sua identidade.

Os participantes das oficinas são professores, lideranças, comunidades, pajés e outros. Entretanto, há uma divisão no movimento por conta de questões políticas e culturais no grupo que ganhou força com a criação de uma nova escrita da língua Kokama. A maioria de professores, lideranças, comunidade, pajés concordam com a escrita Kokama, mas há um grupo que prefere a escrita dita “brasileira” para os Kokama, a escrita imposta. Então estes evitam participar das oficinas com os que consideram como tradicional a escrita Kokama.

É esperado que isso ocorra brevemente, pois os Kokama estão em parceria com o IFAM/Pólo Tabatinga para uma Licenciatura Intercultural na Língua Kokama para professores Kokama que trabalham com a vitalização da língua; é uma esperança para que possamos dar seguimento no fortalecimento da língua.

Algumas comunidades Kokama, como de Manaus, trabalham da seguinte forma: no caso, o ensino da língua por projetos, propõe-se primeiramente que sejam apresentados à comunidade/aldeia ou associação, para serem avaliados e aprovados. Segundo, se aprovados, os professores passam para a fase da pesquisa de campo. Terceiro, os professores explicam para seus alunos o desenvolvimento do projeto e a partir desse momento passam a executá-lo. O produto final desses projetos é apresentado à comunidade, ficando exposto na escola, ao qual todos têm acesso, inclusive visitantes de outras comunidades. Nesse processo de execução há uma contextualização tanto histórica, cultural e social como tecnológica para que os alunos possam estabelecer uma inter-relação com os conhecimentos tradicionais e os atuais.

É um ponto de partida, mas é necessário que o professor saiba o que está fazendo para ver o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, por meio de materiais didáticos contextualizados de sua língua.

As observações demonstram que a política de identidade obedece ao critério fundamental da autodefinição, e compõe uma nova literatura indígena que descreve a capacidade de iniciativa, explícita na estima de si, que emerge do meio social das contradições. Isso leva os agentes sociais a se organizarem de forma coletiva para enfrentar as relações num campo conflituosos e antagônico, ao mesmo tempo em que circunscreve tanto a

territorialidade, como fator de identificação e de reconhecimento, quanto o uso e controle coletivo dos recursos naturais.

Dessa forma, a língua Kokama como L2 é uma conquista política, pois chega via escola, que, depois de muitas lutas, deixou de ser escola rural para serem escolas Kokama, onde o currículo ampara o ensino da língua, como em São Paulo de Olivença, ou em Manaus, onde ocorreu toda uma mobilização para contratação do professor para ensinar a língua Kokama na comunidade Nova Esperança.

O mesmo tem ocorrido em todas as escolas Kokama que atualmente ensinam a língua. Cada comunidade tem uma história de luta e conquista para que a língua viesse a ser ensinada na escola. A luta do patriarca Antonio Samias surte efeito até hoje. Diferente de muitos povos indígenas em relação à tomada de decisão sobre sua língua, o povo Kokama assume a retomada de trazer sua língua de volta ao cotidiano e reivindica do Estado o apoio para efetivação de políticas que estão no papel, como é o caso do edital de produção de materiais didáticos, cuja chamada ocorreu em 2013, mas ainda não houve resultado.

Em apêndice os materiais descritos na Tese como: a coletânea Yawati Tinin, as HQK e os paradidáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se insere na área da Política Linguística, caminho para que uma língua possa avançar em direção ao seu fortalecimento. Nossa proposta inicial, era analisar os diferentes processos de territorialização da língua Kokama na Amazônia e seus efeitos sobre as formas organizativas consolidadas, primordialmente sobre a língua, a partir de mobilizações étnicas. No levantamento dos dados empíricos, foram encontrados muito entraves, uma vez que a logística de pesquisa na Amazônia é difícil e tem um alto custo. Ocorre que alguns dos falantes Kokama moram nas cabeceiras de rios e só vão à cidade para receberem benefícios previdenciários. Assim, tínhamos de esperar o tempo preciso para fazer as entrevistas. Outro problema foi com relação às viagens de expresso, onde vivenciamos ataque de piratas do rio Amazonas; uma outra situação foi estar com falantes plenos da língua e eles não aceitarem gravar as entrevistas porque consideravam que seríamos mais uma pessoa que levaria o conhecimento deles sem que eles tivessem um retorno. Por outro lado, encontramos alguns idosos Kokama que estavam criando uma nova ortografia Kokama de forma a manter o conhecimento da língua restrito a eles. Conseguimos, assim mesmo, com muito esforço, efetivar as viagens que foram fundamentais para este estudo. A falta de financiamento no movimento de fortalecimento da língua Kokama contribuiu para que a solidariedade fosse fortalecida no povo Kokama; cada oficina, cada reunião foi patrocinada pelos próprios Kokama do Peru, do Brasil e da Colômbia.

Apesar dessas circunstâncias, durante o processo de pesquisa adquirimos o apoio dos idosos Kokama e foi reforçada a confiança mútua. Como foi visto, alcançamos o objetivo inicial, uma vez que foi possível criar uma proposta de política linguística para vitalização da língua Kokama.

No decorrer da pesquisa desta Tese, observamos que o reordenamento político e cultural do povo Kokama, a reconquista da língua e do território comporta diversas características de significativa relevância, que estão ligadas ao processo de territorialização da língua Kokama na Amazônia brasileira e peruana, sobretudo, as relações que foram constituídas nesse processo. Essa relevância é resultante da mobilização política do povo que tomou para si o processo de vitalização da sua língua.

As relações sociais que os agentes sociais estabeleceram durante as oficinas na Amazônia brasileira e peruana rompeu com a cartografia tradicional e com o pensamento colonizador em torno da língua. O marco foi a I Oficina Pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama que reuniu os Kokama do Brasil, Peru e Colômbia.

Podemos afirmar que todo esse processo vivenciado por professores, lideranças e comunidades foi um processo vitalizador da língua, uma vez que temos poucos falantes Kokama no Brasil. Nesse sentido, ao propormos uma metodologia para a vitalização da língua Kokama em escolas, em espaços educativos, não significa que a língua não possa ser vitalizada em outros espaços, como em rodas de conversas, em frente à fogueira, em casa, na roça, nas festas das comunidades, nos rituais e em outros espaços que o povo considerar importante. É sabido que as mobilizações do povo Kokama agem sobre a escola e não o contrário. Quando Viegas, (2014), na tese de doutorado, apresenta “Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama” apresenta caminhos para a revitalização da língua Kokama. É um trabalho importante, porém, em nossa pesquisa demonstramos que o espaço escolar hoje exige uma metodologia não só para uma forma de ensino e de aprendizagem, mas também e principalmente para uma conquista política.

Atualmente, o povo Kokama assim, como outros povos, se apropriaram de um instrumento dominador que é a escola, para fazer parte do fortalecimento da língua e da cultura desse povo. No entanto, há outras formas organizativas que deslocam da escola o discurso próprio do sistema de ensino para o espaço de afirmação étnica. Assim, os centros culturais, também conhecidos como barracão das comunidades, o museu vivo Kokama, a casa religiosa, a cozinha de forno, o campo de futebol e a roça são locais que existem nas comunidades para onde a língua se desloca, como um fator linguístico que pode perpassar por todos os espaços em vários momentos ou em algum momento. A inclusão da gastronomia Kokama, nessa relação de vitalização da língua, é vista por meio dos nomes de pratos típicos Kokama e seus preparos, onde o contato entre os familiares, que estão na área rural e urbana da cidade, é relativizada e desconstrói a dicotomia de rural e urbano.

O processo de territorialização da língua Kokama contribui para atenuar as fronteiras físicas dos territórios, porque este espaço vai até onde um Kokama, um indígena possa se expressar. O fator linguístico é imprescindível para esta expressão. A territorialização da língua está ancorada na territorialidade que a identidade produz. A autoconsciência do território com a autodefinição contribui para uma tomada de decisão sobre a questão da língua.

A Tese apresenta a etnografia como descrição do campo empiricamente observado, e o fator linguístico aparece nas descrições de campo, nas entrevistas, nas oficinas, nas conversas, ocorridas em diferentes lugares da Amazônia brasileira e peruana.

Durante a elaboração dos materiais, escolhemos as palavras, as expressões, os termos da língua Kokama viva. Não as que estão cristalizadas nos dicionário e gramáticas. Isso foi

uma decisão política de nosso povo. Valorizar os falantes, as falas dos idosos. Para isso, a pesquisa foi realizada além das fronteiras geográficas até chegar ao FORMABIAP no Peru, lugar, onde se aprende e ensina a língua de forma pedagógica, onde professores são preparados estudando a língua Kokama básica, intermediária e avançado. Isso foi de suma importância para esta pesquisa e um definidor para a criação de uma proposta metodológica real de ensino e aprendizagem da língua Kokama, como L2.

Ao apresentar nos livros a visão social do povo Kokama, por meio de desenhos como as armadilhas de caça, os instrumentos de pesca, os peixe, as aves, as histórias antigas e as adivinhações, ficou visível uma cultura material que informa a cristalização da língua expressa nos respectivos nomes em Kokama de todos esses elementos, tornando o material didático pedagógico bilíngue. É uma forma de ver a língua de forma imagética.

Um falante Kokama, quando olha os desenhos, a língua flui, como, no exemplo, que trazemos no Apêndice D, em que o senhor Ricardo Tamani observa o desenho e faz a descrição dos desenhos na língua Kokama. A relação memória e etnicidade é fundamental para o processo pedagógico, uma vez que já constitui, na própria ação dos agentes sociais, um processo de ensino e aprendizagem

Desse modo, enfatizamos a cosmovisão do povo também pela experiência temporal vivida pelo povo Kokama, que se encontra em suas narrativas, como nas histórias antigas sobre o tempo que os animais transformavam-se em pessoas, como nas histórias “Kururu Waina” Mulher Sapo; “Kunumi Umari” Jovem Garça e “Puka Waina” Mulher Tartaruga; o tempo, em que os espíritos transformam-se em pessoas “Karuara” Gente da água; o tempo da intrínseca relação dos Kokama com a natureza: “Kutipa/Kanuparita”; “Yatsi ikira” Lua Verde; o tempo dos ensinamentos, “itsiwatsu Yawatimuki” O jabuti e o veado e “Yawati Tinin” Jabuti Branco.

As narrativas, que são as memórias das coisas passadas e das previsões futuras, expressam um pouco do pensamento sobre o tempo de Agostinho na tríplice presente “o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro” (RICOEUR, 1994.p.28). Como definir ou medir o tempo, como verificar se realmente a tríplice de fato corresponde à existência do tempo? Uma percepção temporal também da visão social do povo Kokama que será aprofundada em futuras pesquisas.

Pode-se dizer também que a forma de classificação dos Kokama se diferencia na classificação de espécies de animais. Esta forma de ver o mundo igualmente se diferencia de outros povos indígenas como dos Ticuna, que sempre se consideraram superiores aos Kokama

por causa de sua língua e de sua cultura. Os materiais deixam claro as formas de ver o mundo dos Kokama a língua e a cultura.

A criação da proposta metodológica Tsetsu Kokama e mais a coletânea Yawati Tinin, as HQK, os paradidáticos, o App Kokama Tradutor, as fichas de acompanhamento e a Proposta de Instrumentos Diagnósticos para o Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama, como L2-PIDELKL2, foram decisões políticas de um povo visualizando uma formação intercultural específico na língua Kokama, como L2, além de ter um direcionamento e uma visão de Política Linguística desejada pelo próprio povo para vitalizar sua língua.

Assim, os materiais didáticos pedagógicos produzidos expressão e pela visão social do povo não é apenas a fala escrita, mas as diferentes formas de expressão da cultura, nas formas diferentes de imagens e vozes.

O campo da educação está sendo considerado pelos agentes sociais um espaço privilegiado de sua autodefinição que, cada vez mais, tem uma abrangência maior, na vigência de relações conflituosas e heterogêneas e de pressões externas. Nesse sentido, a educação escolar diferenciada está sendo implantada numa situação determinada por fatores externos, como no caso das unidades que impõem aos agentes sociais situações que os levem a se posicionarem de forma efetiva. Nessa perspectiva, são as mobilizações que se impõem às escolas e não o contrário.

Com efeito, pela atribuição e elaboração de unidades étnicas, criam-se espaços para novas práticas socioculturais, ligadas ao controle e uso dos recursos naturais, como museu, casa religiosa, hortas, e outros. Essas unidades étnicas foram criadas dentro de um campo de luta social e de conflitos, em que a educação está sendo apropriada pelos agentes como espaço da sistematização dessas unidades sociais. Os agentes sociais por meio de suas mobilizações gradativamente vão saindo de um processo de marginalização social principalmente nas cidades.

Apesar de ainda existirem alguns linguistas céticos em relação à vitalização de uma língua, porque a cultura autóctone é oral, o povo Kokama vai na contramão desse processo e conta com a ajuda da escola diferenciada Kokama, da comunidade, para fortalecer a língua do povo, com as bibliotecas vivas, que atravessam fronteiras, fortalecendo a identidade coletiva do povo Kokama e suas reivindicações.

A metodologia que embasou a elaboração do material didático foi inspirada na metodologia Mestre-Aprendiz de Hinton (2007), no método de revitalização de língua de Vallejos Yopán e Yuyarima Chota (2002), que desenvolve materiais didáticos Kukama-Kukamiria no Peru, como segunda língua.

A disposição, a diagramação, a narração, *store board* enriqueceram a mensagem transmitida. O público a que se destina são todos os lembradores, ouvintes, falantes, aprendizes da língua Kokama, além da possibilidade de serem utilizadas em escolas para conhecimento da cultura Kokama. O amadurecimento desse instrumento de comunicação ocorrerá conforme o diálogo e identificação das HQK com seus interlocutores, aprendizes da língua Kokama.

A coletânea *Yawati Tinin*, produzida na comunidade Nova Esperança do ramal do Brasileirinho em Manaus, propõe o ensino e aprendizagem da língua Kokama de forma metodológica em três volumes.

A coletânea inspirada no jabuti, que teve seu casco queimado, tem relação direta com a construção da identidade Kokama, pois o animal, apesar de ter o casco queimado, mesmo sem essa característica, o jabuti, não deixou de ser jabuti. O Kokama é Kokama, mesmo não falando a língua, um dos principais aspectos de sua identidade.

Os livros ‘Ta/Etse Kumitsa Kokama’ *Eu falo Kokama*, produzido com professores durante a I Oficina Pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua Kokama são materiais que subsidiarão a prática pedagógica no ensino da língua.

Esses materiais foram corrigidos durante a oficina, juntamente com as palavras pedagógicas. A produção coletiva por professores Kokama do Brasil e do Peru reforça a legitimidade do processo e a necessidade de uma política linguística para vitalização da língua.

A abordagem apresentada contribui para o processo de vitalização da língua, de uma forma mais sistematizada, onde o professor poderá ver os progressos, as dificuldades de seus aprendizes no ensino e aprendizagem da língua.

O App Kokama Tradutor é um meio de dinamizar e aproximar o acesso à língua de forma digital e escrita para professores e aprendizes, lembradores, falantes e outros.

Nesse processo, há uma reivindicação de formação específica de professores para o ensino e aprendizagem da língua, para que o professor possa ver didaticamente a língua ser ensinada na ação em suas práticas sociais, assim como foram pensados os materiais didáticos para ensinar a língua por meio de práticas sociais da cultura Kokama.

Diante do que foi feito, esperamos que esta pesquisa venha a contribuir para o aprendizado da Língua Kokama, uma vez que apresenta uma proposta de uma política linguística para língua em vitalização, de acordo com os procedimentos: i) mobilização da comunidade; ii) abordagem de ensino e aprendizagem da língua Kokama; iii) elaboração de materiais didáticos pela comunidade, a coletânea *Yawati Tinin*; iv) material elaborado por

professores em oficinas: Ta/Etse Kumitsa Kokama e individual as HQK, mas corrigidas com participação de especialistas e linguista da língua Kokama; v) Criação do app Kokama Tradutor.

O povo Kokama desenvolverá com autonomia uma estratégia de vitalização da língua, como L2, nesta a proposta de Política Linguística, construída juntamente com o povo Kokama, abre caminhos para preencher a lacuna da falta de política específica para línguas em perigo de extinção. A meta é preservar a língua e resistir com suas memórias, sua cultura, contra as investidas do Estado no controle dos bens simbólicos, onde o bem viver é mercantilizado. Compreendemos que os processos de territorialização da língua Kokama fortalecem as demandas do povo frente à sociedade nacional. Neste contexto, esta pesquisa pretende contribuir para a ampliação do conhecimento na área de Política Linguística das línguas em processo de vitalização e para o fortalecimento da língua e cultura do povo Kokama.

Afirmamos, por fim, que cada capítulo apresentou resultados teóricos e práticos de uma pesquisa em que a linguagem é um discurso que se constrói com base num ou noutro aspecto de uma organização ou movimento social. Assim, observamos a dimensão política da língua, haja vista a língua eleita ser um definidor de organização, não só para a comunicação, mas também para a vida de um povo, que, com ela, atualiza o passado, articula o futuro, pela memória esclarecida e fixada no presente. Portanto, o tempo está ligado a situações específicas, em que a preocupação se concentra não só no que é imediato da sobrevivência, mas no que pode ser lançado para frente com esperança de dia melhores, idealizada coletivamente, quando um povo se torna protagonista de sua própria história pela sua língua.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim notas sobre a política** / Giorgio Agamben, tradução Davi Pessoa Carneiro. -- 1. ed., 1. reimp. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2015. -- (FILO/Agamben).

AIDSESEP/ISPP. **Visiones Kukama-Kukamiria en relación al bosque y la sociedad**. Iquitos: Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana – FORMABIAP, 2009.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS JUNIOR, Emmanuel de Almeida. (Org). **Povos e comunidades tradicionais**: Nova Cartografia Social. Manaus, 2013.

_____. Conferencia Inaugural: apontamento para uma “Nova descrição”: uma abordagem crítica sobre a politização da consciência das fronteiras da Amazonia ao Prata. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; PICOTTI, Dina V. Picotti (org.). **De la pan-amazonia al rio de la plata**: jornadas conocimientos tradicionales. Manaus-AM: UEA. Edições; Los Polvorines, Buenos Aires: UNGS, 2014.

_____. O mapeamento social, os conflitos e o censo: uma apresentação das primeiras dificuldades. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SANTOS, Glademir Sales dos Santos (org.). **Estigmatização e território**: Mapeamento situacional dos indígenas em Manaus. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, Editorada UFAM, 2008, p. 19-33.

_____. Os movimentos indígenas e a autoconsciência cultural. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). **Terra das Línguas**: Lei Municipal de Oficialização de Línguas Indígenas. São Gabriel da Cachoeira-AM: PPGSCA-UFAM/FUND.FORD, 2007, p. 9-29.

_____. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. *In*: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v.4, n.1, 2012. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012.

ALVES, Luciana Railza Cunha. Insurreição de saberes 3. Tradição quilombola em contexto de mobilização. *In*: **Narrativas de Mapa**: o jogo social da prática de pesquisa e o saber tradicional. 2013, p. 127-134.

ASH, Anna; FERMINO, Jessie Little Doe; HALE, Ken. Diversity in Local Language Maintenance and Restoration: A Reason for Optimism. *In*: Hinton, L; Hale, K. (Eds.) The green book of language revitalization. New The green book of language revitalization. New York: Academic Press, 2013. p. 19-35.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual: tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o conceito de cultura**. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. *Antropológica Niteroi*, nº19. 2005, p.15-392.

_____. **O guru, o iniciador**: e outras variações antropológicas. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 25-67.

BYRAM, Michael. Langues ET identités. Conférence intergouvernementale. Languages de scolarisation: vers un Cadre pour l'Europe. Division des politiques linguistiques. Strasbourg, 16-18 octobre, 2006.

BRUNO, Ana Carla. Questões linguísticas, educação indígena e interculturalidade: a experiência Waimiri-Atroari. *In: Somanlu*, ano 10, n. 1, 2010, p. 125-137.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Evidências de Crioulização abrupta em Kokáma. **Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, Brasília, v.13, 2003, p.180-186.

CABRAL, Ana Suelly. **Contact-Induced language change in the Western Amazon**: the non-genetic origin of the Kokáma language. Tese de doutorado. 1995, 415p.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da Linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMPBELL, L.; MUNTZEL, M. C. The structural consequence of language death. *In: DORIAN, N. C. (org.). Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 181-196.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Terezinha de Jesus M. O índio, a leitura e a escrita: O que está em jogo? *In: Linguagem e letramento em foco*. Ministério da Educação. Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem-Rede Nacional de Centros de Formação Continuada. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

COSTA, Valéria. Índios do Amazonas avançam na língua materna. *In: Amazonas em Tempo*. Manaus, domingo, 26 de setembro de 2010. Caderno: Dia a Dia. p.C/2.

COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. **Revitalização e Ensino de língua Indígena**: interação entre sociedade e gramática. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, São Paulo. Tese de Doutorado, 2013.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Línguas Indígenas precisam de escritores? Como formá-los? *In: Linguagem e Letramento em foco*: formação do professor indígena. Ministério da Educação. Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem-Ciefel/IEL/Unicamp, 2005.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (1996). **Kaingáng**: questões de língua e identidade. *Liames 2*. Campinas: IEL-Unicamp. Primavera de 2002. p. 105-128.

_____. **Alfabetizando em comunidade indígena.** O presente texto foi elaborado, originalmente, para estudo e debate de professores Kaingang do Rio Grande do Sul, em evento de formação continuada ocorrido em 2000.

DORIAN, N. C. **Grammatical change in a dying dialect.** *Language*, n. 49, p. 413-38,1973.

EISNER, Will. **Quadrinhos e artes sequencial.** Tradução: Luís Carlos Borges. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESPINOSA, Lucas. **Breve Diccionario Analítico Castellano-Tupí del Perú.** Sección Cocama. Iquitos-Perú: 1989.

FAULSTICH, Enilde. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. In: **Revista do Instituto de Letras Universidade Federal do Rio do Sul**, vol.25, Número 50, 2011, p.181-220.

_____. A dinâmica do plurilinguismo na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise (Org.). **Espaços Linguísticos: Resistências e expansões.** 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2006, v. 1, p. 179-205.

_____. CPLP: um lugar de falas múltiplas. In: SARAIVA, José Flávio Sombra (Org.). **CPLP Comunidade dos países de Língua Portuguesa.** Brasília: IBRI, 2001.p.105-140.

FORMABIAP. Disponível em <<http://www.FORMABIAP.org/acesso>>. Acesso em: 1 fev. 2012.

FORMABIAP. Programa Curricular Diversificado de Educación Primaria Intercultural para la zona de la Reserva Nacional Pacaya-Samiria. Asociación Interétnica de Desarrollo de la Amazonía Peruana-AIDSESEP. Ministerio da Educación. Iquitos, 2006.

FORMABIAP. “Picaflor” Lectura en Castellano. Série: Lectura. Edición experimental. Impresión: Didi de Arteta S.A. Domingo Casanova, 458, Lince. Iquitos, Perú, marzo, 1999.

FILÉ, Valter. Novas Tecnologias, Antigas Estruturas de Produção de Desigualdades. In: FREIRE, Wendel (org); Dimmi Amora...[ET.al]. **Tecnologia e Educação: As mídias na prática docente.** 2ª edição, Rio de Janeiro: WALK, Ed., 2011.

FLUSSER, Vilém. O Mundo codificado. In: CARDOSO, Rafael (org.). **O mundo codificado: por uma filosofia do desing e da comunicação.** Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo; Cosac Naify, 2013.

FREIRE, José R. Bessa. A demarcação das línguas indígenas no Brasil. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; CESARINO, Pedro de Niemeyer (Org.). **Políticas Culturais e Povos Indígenas.** 1ª Ed. São Paulo: Cultura, Acadêmica, 2014. p.363-390.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREITAS, Marcos Antonio Braga de. **O povo Kokáma: Um caso de reafirmação de identidade étnica.** Dissertação (mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia- UFAM), 2002.

FUNAI. Disponível em <<http://sti.funai.gov.br:8083/consultas/lo.asp>> acesso em out. 2012.

FAUST, Norma. **Gramática Cocama: Lecciones para el Aprendizaje del Idioma Cocama.** Série Linguística Peruana, Nº 6. Ministério de Educacion. Instituto Linguistico de Verano, 1972.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas.**LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro: 1989.

GODELIER, Maurice. **Comuniade, Sociedade, Cultura:** três modos de compreender as identidades em conflito. Tradução de Mariana Portella. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

GONÇALVES, Solange Aparecida. **Por um planejamento linguístico local.** Texto apresentado para qualificação na área de “Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilingue” do Departamento de Linguística Aplicada, do Instituto de Estudo da Linguagem (IEL), da Unicamp, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Terezinha de Jesus Machado Maher. Revista Investigações. v.22, nº2, 2009. P. 205-237.

GRÁDEZ, Ferdinand Hagiwara. **Cosmogonía y cosmovisión en la racionalidade y el pensamiento cocama-cocamilla.** v.13, nº 1, 2014.

HINTON, Leanne. Language revitalization: an overview. In: HINTON, L; HALE, K. (Eds.) **The green book of language revitalization.** New York: Academic Press. 2013a. p. 3-18.

_____. Language Planning. In: HINTON, L; HALE, K. (Eds.). **The green book of language revitalization.** New York: Academic Press, 2013b. p. 51-59.

_____. **Como manter viva sua língua:** uma abordagem da aprendizagem individualizada baseada no bom senso. Tradução, Beatriz Carreta Corrêa da Silva 1. ed. -Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

HOUAISS, Antonio (1915-1999); VILLAR, Mauro de Salles (1939-). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**/Antonio Hauaiss e Mauro de Salles Vilar, elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C.Ltda-Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/indigenas/graficos.html>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1>. Acesso em: jan. 2013.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**. Tradução: Marilda Winkler Averbug e Clarice Sieckius de Souza. Zahar Editores S.A. Rio de Janeiro-RJ, 1981.

MARONI, Pablo; MAGNIN, J.; ZÁRATE, A. **Noticias Auténticas del Famoso Rio Marañón** (1738). Seguidas de las relaciones de los P.P.A de Zárate y J. Magnin (1735-1740). Momumenta Amazonica. CETA, Iquitos, 1988.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. Edições Loyola. São Paulo, 1979. Coleção Missão Aberta – II.

MELLO, Antonio Augusto Souza. **Estudo Histórico da Família linguística Tupi-Guarani: Aspectos Fonológicos e Lexicais**. Departamento de Linguística e Língua Vernácula do Instituto de Comunicação e Expressão da universidade Federal de Santa Catarina. Tese de doutorado, Florianópolis, 2000.

MORELLO, Rosângela. Protagonismo na luta pelo reconhecimento cultural e fortalecimento pela lei de cooficialização. *In*: MORELLO, Rosângela (Org). **Leis e línguas no Brasil: processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015, 140p.

MORI, Angel Corbera. *In*: **Breve Diccionario Analítico Castellano** - Tupi Del Peru, seccion cocama. © Ediciones C.E.T.A., 1989 Putumayo No. 335 Iquitos – Perú ISBN: 84-89295-43-3. Iquitos, 1989.

MOSELEY, Christopher. **Atlas de las lenguas Del mundo em peligro**. 3ª ed. Paris: Editora UNESCO, 2010. Versão online. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>>. Acesso em: out. 2015.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Uma etnografia dos índios misturados: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *In*: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org). **A viagem da volta: etnicidade política e reelaboração cultural no nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

_____. A fronteira e seus cenários: Narrativas e Imagens sobre a Amazônia. *In*: NORONHA, Nelson Matos de; ATHIAS, Renato (Orgs.). **Ciência e saberes na Amazônia: indivíduos, coletividades, gêneros e etnias**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. A cooficialização de línguas em nível municipal no Brasil: direitos lingüísticos, inclusão e cidadania. *In*: MORELLO, Rosângela (Org). **Processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015, 140p.

OCHOA, Juan Carlos O. Abaurre. **Mito y Chamanismo**: El mito de La tierra Sun mal en los Tupi-Cocama de La Amazonía Peruana. Tese de Doutorado. Pamplona-Barcelona-Iquitos, 2002.

PEREIRA MURAYARI, Wilfredo; VALLEJOS YOPÁN, Rosa. **Chunaki**: Ikuatupa 1-Cocama-Cocamilla. FORMABIAP/Aidesep. Ministerio de Educaciona, marzo, Peru, 1999.

PIAGET, Jean. **A epistemologia Genética Sabedoria e Ilusões da Filosofia**: problemas de psicologia genética. Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Piero. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, V.5, n.10, 1992.p. 201-2012.

PORRO, Antônio. **As crônicas do Rio Amazonas**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.

RAMOS, Luciana Maria de Moura. **As formas Kokama de estar na História**: Etnicidade, Política e Narrativa. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação de Antropologia da Universidade de Brasília-UnB, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999-1ª reimpressão.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa** (tomo I); Tradução: Constança Marcondes Cesar-Campinas, SP: Papirus, 1994.p.15-54.

RICOPA YAICATE, Richard. **Visiones-Kukamiria en relación AL bosque y La sociedad**. Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana -FORMABIAP. Série: Visiones y conocimientos Indígenas. Primera edición, Iquitos, Peru, Julio, 2009.

_____. **Entrevista** realizada na comunidade Zungarococha em FORMABIAP, Iquitos-Peru, abril 2015.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras**: para o Conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

_____. Relações internas na Família linguística Tupí-Guaraní'. *In: Separata dos volumes XXVII/XXVIII*, Revista de Antropologia. São Paulo, 1984/1985.

RUBIM, Altaci Corrêa. Aspecto de Política linguística na elaboração de materiais didáticos para a língua Kokama. *In: Comunicaciones en Humanidade, Palabra y Cultura en América latina*: herencias y desafíos. Memoria e identidad en el contexto sociolingüístico y cultural latinoamericano.Santiago de Chile: 2014.

RUBIM, Altaci Corrêa. **Identidade dos Professores Indígenas e Processo de Territorialização/Manaus-Am**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2011.

RIVAS, Roxani R. Ruiz. **Uwarita**: Los Kukama-Kukamiria y su bosque. Série: Um instrumento, Um mundo. Trampas de caza de los pueblos indígenas amazónicos. FORMABIAP Instituto Superior Pedagógico Público “Loreto”/Asociación Interétnica de la Selva Peruana-AIDSESEP, Iquitos, 2003.

SANTANA, Áurea Cavalcante. **Línguas cruzadas, histórias que se mesclam**: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil. Jundiaí, Paco Editorial, 2014.

SIGUAN, Miquel. El Bilingüismo y sus variedades. *In: Bilingüismo y Lenguas en contacto*. Alianza Editorial, Madrid, 2001.

SILVA, Rosa Helena Dias da. **Escola Indígena, Identidade Étnica e Autonomia. II** Seminário de Educação Escolar Indígena do Município de Manaus. SEMED. 2005.

SILVA, Raimundo Nonato Pereira da. Passos e Compassos: o desafio na terra das línguas. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org). **Terra das Línguas: Lei Municipal de Oficialização de Línguas Indígenas São Gabriel da Cachoeira-Amazonas**. Manaus, PPGSCA-UFAM/FUND, FORD, 2007.

SCARAMUZZI, Igor Alexandre Badolato. **De índios para índios: a escrita indígena na história**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, 2008.

SHIRAISHI NETO, Joaquim. **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional**. Joaquim Shiraishi Neto, (org). Manaus: UEA, 2007.

THOMASON, Sarah G. Language **Contact: An in troduction**. Library of Congress Cataloging-in-Publication. 2001. p. 1-26.

VALLEJOS, Rosa. **A Grammar of Kokama-Kokamilla**. A Dissertation presented to the University of Oregon for the degree of Doctor of Philosophy, 2010.

VALLEJOS YOPÁN, Rosa; AMIAS MURAIARI, Rosa. **Diccionario Kukama-Kukamiria/Castellano**. Iquitos-Peru; 2015.

VALLEJOS YOPÁN, Rosa; YUYARIMA CHOTA, Victor. **Guía metodológica para el desarrollo de competencias comunicativas en Kukama-Kukamiria como segunda lengua**. Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonia Peruana, Instituto Superior Pedagógico Público “Loreto”. Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana-AIDSESP. Iquitos-Peru: 2002.

VIEGAS, Chandra Wood. **Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama**. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Linguística-PPGL da Universidade de Brasília-UnB, 2014.

_____. **Natureza e Direções das mudanças lingüísticas observadas entre os últimos falantes do kokáma nativos do Brasil**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística-PPGL da Universidade de Brasília-UnB, 2010.

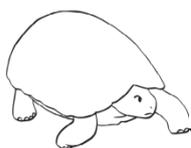
VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

_____. **Aprendizado e Desenvolvimento**. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997. Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/>>. Acesso em: ago. 2015.

YAMADA, Marjorie Amy; PORTO, Vanessa. **Jawati Tinin: elaboração de material didático bilingue kokama-português para a comunidade indígena**. Relatório de Diplomação em Programação Visual, Brasília: UnB, 2013.

APÊNDICE A-PIDELKL2-I

Proposta de Instrumentos Diagnósticos para o Ensino e Aprendizagem da Língua Kokama, como L2-PIDELKL2¹⁸⁹, adaptado dos materiais didáticos Kukama-Kukamiria.



Yapai tsawiti! Vamos responder!

Tsa chira:.....

Tsa ritama chira:.....

Ikun Kuarachi:.....

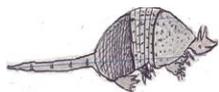
1. Kuararara tsanatupa chirakana:



.....



.....



.....



.....



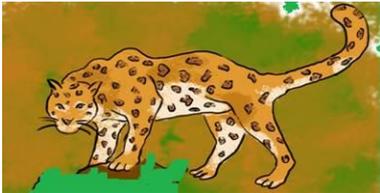
.....

2- Yauki tsanatupa chiranu:

¹⁸⁹Proposta adaptada por Altaci Corrêa Rubim, Kokama do material de ensino e aprendizagem da Língua Kokama FORMABIAP, gentilmente cedida para o fortalecimento da língua e da cultura no Brasil em abril de 2015 em Zungarococha/Peru.



Arara



Itsiwatsu



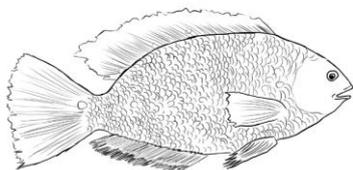
Ipira



Yawati



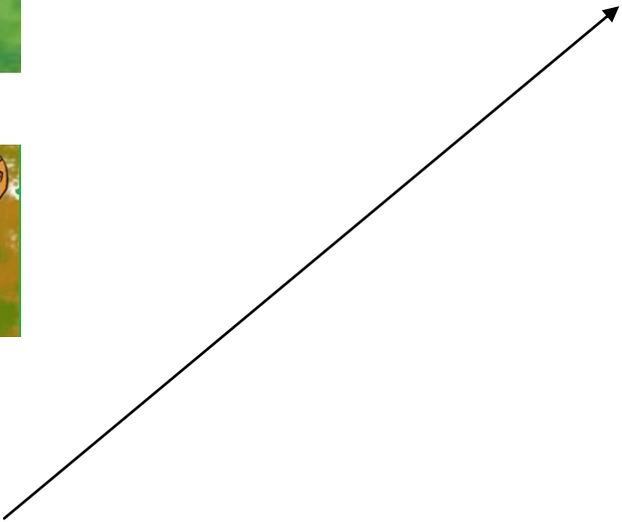
Miara



Kapiwara



Yawara iwirati



3. Chikari ajan kuatiaran aitsemeka:

Tsa chira Panama Chota, tsa emete iruaka chungu wepe wata, tsa kakiri Nova Esperança ritamaka.

()-Ela é Panama Chota, tem 21 anos de idade e vive no povoado de Nova Esperança.

()- é Panama Chota, tem 31 anos de idade e vive no povoado de Nova Esperança.

()-Eu sou Panama Chota, tenho 41 anos e vivo na comunidade Nova Esperança.

4. Kumitsa mañawa wainanu yauki muritsu.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5. Upata ajan kumitanu watarin, ajan kumitsanupu:

ina	Miara	Eyui	ukuki
yapana	Yapichika	Wari	yachu

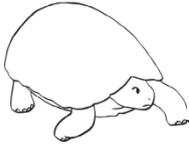
a) Wituriu emete

b) Kutse.....sukta upari..

c) Mararina.....campokuara.

d) Rutsapanara.

APÊNDICE B-PIDELKL2-II



Yapai tsawiti! Vamos responder!

Ta chira:.....

Ta emete.....wata.

Ta kakiri.....ritamaka.

Ikun Kuarachi:.....

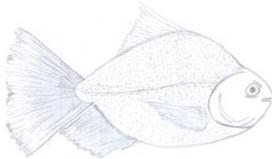
1. Kuatiara rana chirara:



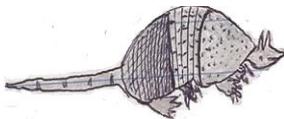
.....



.....



.....



.....



.....



.....

2. Ajan kumitsapu yauki, kumitsanu:

Ipira	panaramuki	Michira	Eyu	Ta
--------------	-------------------	----------------	------------	-----------

.....

3. Iyatira kuatiarara ajan ikuatupa yapetsui na amatsika ajan piataminu:



Ipira

Ajan ya chira ipira, emete ajan wepe ipira, yapuan tsunin ra kakiri unikuara ipatsu tsimakuara.

Ya eyu tsiwii reaiipira tsu.

Ajan ya chira Akaratsu.

Ya era eyumira yeai purepetamira.

Ini purepeta ura, upi mari ini purepetsen ya chipipu, tewe, atsukaru, kurutsene yeai chiru.

a) Maritipa ipira chiranu.

.....

b) Makatipa akaratsu kakiri.

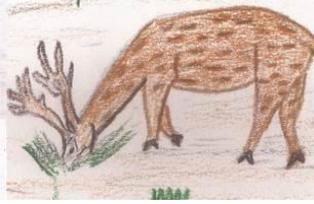
.....

c) Maritipa akaratsu eyu.

.....

Animaru

4. Yauki kuatiaran ajan animaru:



.....

.....

.....

.....

.....

.....

5. Na upata ikian kumitsakana ra kumitsapu tsanatupakuara:

- a) Taipira michira.
- b) Ini.....campukuara.
- c) Kutse.....kaitsuma irawan.
- d) Maniri.....ra iruamuki.
- e) Tana.....Brasiliakuara.

yumutsarika

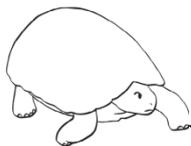
yawachima

kurata

yapana

eyu

APÊNDICE C-PIDELKL2-III



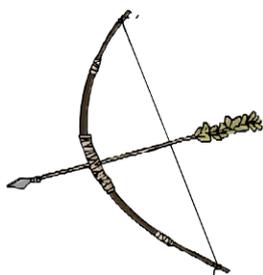
Yapai tsawiti! Vamos responder!

Tsa chira:.....

Tsa ritama chira:.....

Ikun Kuarachi:.....

1. Kuatiara rana chirara:



.....



.....



.....



.....



.....

2. Tsawiti Ikian piatakana:

a) **Maritipa ene eyu na ritamaka.**

.....

b) **Makatipa na kakiri.**

.....

c) **Maritipa ene kurata na ritamaka.**

.....

d) **Mañatipa ra chira na papa reai na mama.**

.....

e) **Maritipa awakana yauki na ritamaka.**

.....

f) **Awiritipa emete iruakana.**

.....

3. Ikiaka ene kuatiara pichka kumitsakana yaukikanapu:

Yatsuka	Yachu	Uwata	Utsu	kakiri
---------	-------	-------	------	--------

a).....

b).....

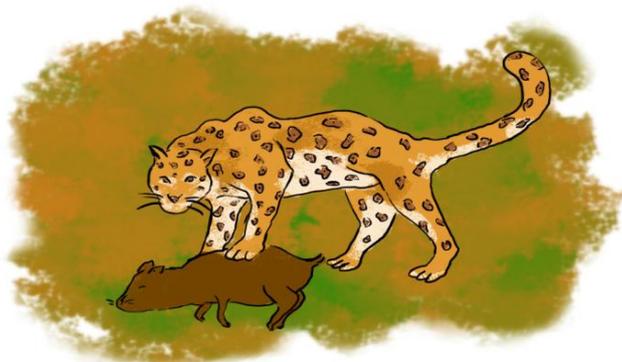
c).....

d).....

e).....

4. Iyatira kumitsata ikian kuatiaran rapetsui na tsawiti upinan piatakana:

Yawara iwirati



Ikian ra chira iwirati yawara animaru.

Emete yuru, ra chitsatsikana, ra pitakana, ra tsuwi, ra nami, reai ra yaki.

Ra eyu tsu reay ra kakiri iwiratikuara

. Ikian animaru uyarun.

a) Maritipa yawara emete petseka.

.....

.....

.....

b) Makatipa yawara kakiri.

.....

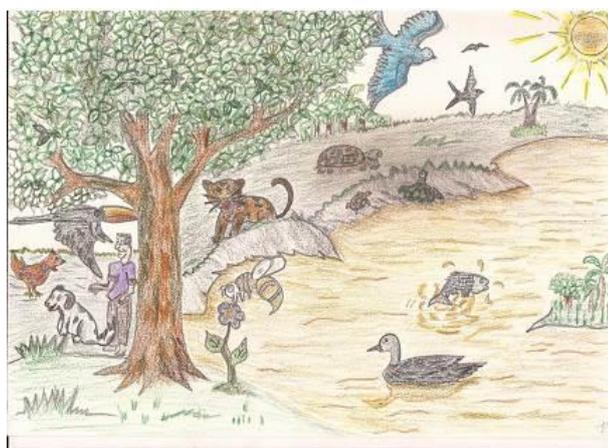
.....

c) Maritipa yawara eyu.

.....

.....

5) Yauki kuatiaran ikian tsanata:



.....

**APÊNDICE D-DVD – PROPOSTA DE UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA
PARA VITALIZAÇÃO DA LÍNGUA KOKAMA: *TSETSU KOKAMA*/ESTRELA
KOKAMA**

**APÊNDICE E-CD-MATERIAIS DIDÁTICOS KOKAMA: COLETÂNEA YAWATI
TININ; HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E TA/ETSE KUMITSA KOKAMA**